

«Sexy, inteligente e muito divertido – não consegui parar de sorrir!»

Carley Fortune, autora bestseller de *Vem ter Comigo ao Lago*

NEGÓCIOS ou Prazer



RACHEL LYNN SOLOMON

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES DE FALA COM O EX

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

«Sexy, inteligente e muito divertido – não consegui parar de sorrir!»

Carley Fortune, autora bestseller de *Vem ter Comigo ao Lago*

NEGÓCIOS ou Prazer



RACHEL LYNN SOLOMON

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES DE FALA COM O EX

elogios a *faça chuva ou faça sol*

«Aquela sensação que tem quando se aconchega no sofá, num sábado chuvoso, com um ótimo livro numa mão e um revigorante chocolate quente na outra: é esta a sensação que tem quando lê *Faça Chuva ou Faça Sol*.»

— Jasmine Guillory, autora *bestseller* do *New York Times* de *While We Were Dating*

«Uma tempestade *sexy* de livro.»

— Sophie Cousens, autora *bestseller* do *New York Times* de *This Time Next Year*

«Um romance encantador. Perfeito para dias chuvosos e dias ensolarados e qualquer outro dia.»

— Helen Hoang, autora *bestseller* do *New York Times* de *A Fórmula do Amor*

«Rachel Lynn Solomon criou uma história mágica que celebra a esperança, a resiliência e o amor. A minha previsão: leia-o e ficará nas nuvens.»

— Ali Hazelwood, autora *bestseller* do *New York Times* de *A Teoria do Amor*

«Uma história de amor terna, hilariante e sincera que lerá de uma só vez!»

— Tessa Bailey, autora *bestseller* do *New York Times* de *Aconteceu Naquele Verão*

«O retrato realista [de Solomon] das lutas internas que acompanham os altos e baixos do otimismo e da depressão, e como isso afeta o sexo e os relacionamentos, é importante.»

— *BuzzFeed*

«Engraçado, cativante e encantador.»

— USA Today

«Charme sincero, personagens memoráveis, momentos quentes... esta comédia romântica tem de tudo.»

— Women's World

«*Faça Chuva ou Faça Sol* é a leitura perfeita, independentemente das tempestades que esteja a enfrentar.»

— The Nerd Daily

elogios a *fala com o ex*

«Um livro muito engraçado... As comédias românticas precisam de lágrimas, tal como a massa de pão precisa de sal, e aqui a mistura atinge um equilíbrio perfeito entre doce e salgado.»

— *New York Times Book Review*

«*Fala com o Ex* é um livro sagaz, picante e doce.»

— Shondaland

«Mais do que supera a expectativa.»

— PopSugar

«*Fala com o Ex* é tantas coisas: uma comédia romântica cheia de brincadeiras e gargalhadas, uma meditação sobre como o luto molda as nossas vidas e o nosso amor, uma ode às alegrias da rádio pública e do *podcasting* e, em geral, um romance requintado.»

— *Entertainment Weekly*

«Uma comédia romântica brilhante, arguta e deliciosamente feminista. *Fala com o Ex* acabou de entrar na minha lista de recomendações para sempre.»

— Christina Lauren, dupla de autoras *bestseller* do *New York Times* de *Um Lado Mais Selvagem*

«Com uma atenção nítida e afetuosa aos pormenores, Rachel Lynn Solomon dá vida às suas páginas, tão familiares que pode mergulhar de cabeça.»

— Rosie Danan, autora de *The Roommate*

Obstetrische Geburtshilfe • Das menschl. Geburtshilfshandb.

Online-Info unter www.springer.de

NEGÓCIOS ou Prazer



RACHEL LYNN SOLOMON

INTRODUZIDA POR RITA TAVARES, FOLHA COM 128

RACHEL LYN SLOMON

NEGÓCIOS
OU
PRAZER

Tradução
Silvina Castro

Quarta-Feira

Ficha Técnica

Título: Negócios ou Prazer
Título original: Business or Pleasure
Autor: Rachel Lynn Solomon
Tradução: Salomé Castro
Revisão: Domingas Carvalho
ISBN: 9789895810260

QUINTA ESSÊNCIA
uma chancela da empresa LeYa, S.A.
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

© 2023, Rachel Lynn Solomon
Direitos de tradução assegurados por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna
Agencia Literaria, SL.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.leya.com

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e episódios resultam da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou falecidas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou locais é pura coincidência.

elogios a *faça chuva ou faça sol*

elogios a *fala com o ex*

Ficha Técnica

capítulo 1

capítulo 2

capítulo 3

capítulo 4

capítulo 5

capítulo 6

capítulo 7

capítulo 8

capítulo 9

capítulo 10

capítulo 11

capítulo 12

capítulo 13

capítulo 14

capítulo 15

capítulo 16

capítulo 17

capítulo 18

capítulo 19

capítulo 20

capítulo 21

capítulo 22

capítulo 23

capítulo 24

capítulo 25

capítulo 26

capítulo 27

capítulo 28

capítulo 29

epílogo

agradecimentos

TRABALHO OU PRAZER

questões para discussão

Para quem demorou algum tempo a descobrir
e para quem ainda está a descobrir – nunca é tarde demais.

Tenho procurado em todos os lugares errados
Tenho tentado demasiados rostos
Só há um caminho a seguir
Este é o caminho de regresso a casa
– «Maps» de Lesley Roy

capítulo

1

—Este livro foi um verdadeiro trabalho vindo do fundo do coração – diz a mulher sentada atrás de uma mesa repleta de livros de capa dura, que ostentam o seu rosto sem maquilhagem, encolhido a meio de um grito, enquanto tenta beber de uma mangueira de jardim. – Nem acredito que é algo que finalmente posso ter nas minhas mãos! E a capa também não está má.

O público ri na deixa certa. Na última fila, quase consigo sentir Noemie encolher-se ao meu lado.

– Já fiz tigelas de cereais que foram um maior *trabalho vindo do fundo do coração* do que o esforço que ela pôs naquele livro – sussurra Noemie.

Ela não está errada – experienciei isso em primeira mão. Ainda assim, dou uma cotovelada à minha prima.

– Tem respeito.

– Eu tenho. Para com os cereais.

Pressiono os lábios para não reagir e concentro-me no palco, onde Maddy DeMarco comanda a sala com uma confiança calorosa e ensaiada, que roça a manipulação emocional. A livraria está repleta com apenas uma fração dos seus 1,6 milhões de seguidores no Instagram: a maioria mulheres, brancas, vestidas com linho sustentável que compraram usando o seu código de desconto madsavings10. No início, pensei que fosse um culto e, para ser totalmente sincera, ainda não tenho a certeza. O seu tipo de positividade açucarada já não funciona comigo – sempre que preciso de amor-próprio, é mais provável que ele assuma a forma de algo portátil e movido a bateria. Ao que Maddy dedicou tragicamente poucas (leia-se: zero) publicações nas redes sociais.

Ela construiu a sua carreira com base em afirmações vazias e lugares-comuns. Neste caso, o livro intitula-se *Beba Água: Um Guia Para o Autocuidado, a Autodescoberta e Manter a Sede*.

– As pessoas perguntam frequentemente como transformei uma publicação viral numa marca de estilo de vida – diz Maddy, cruzando uma perna vestida de linho sobre a outra. O seu ondulado natural brilha com

perfeição com um óleo caro que, envergonha-me admitir, experimentei antes de cortar o meu cabelo loiro-acinzentado bem curtinho no ano passado. – E a resposta é simples: não durmo. – Isto rende mais algumas gargalhadas. E um gemido abafado de Noemie. – Não, tenho de ser sincera convosco. Eu era uma daquelas pessoas que nunca tem as suas merdas organizadas... Esperem, posso dizer isto? Há crianças aqui? – Ela finge observar a plateia antes de prosseguir. – Eu ficava tão stressada que literalmente me esquecia de beber água! Só quando fiquei tão desidratada que acabei no hospital é que percebi que tinha parado de fazer as coisas só por mim. Refiro-me a coisas *básicas*, do tipo que nos mantêm a funcionar. Como beber água. E eu soube que algo tinha de mudar.

Escrevi três capítulos do livro dela sobre aquela visita ao hospital, escrutinando o seu Instagram para me certificar de que estava a captar a sua voz. A cada quatro comentários revelava o êxtase sobre como era igual a toda a gente – alguém que vende decorações de parede que dizem viver *girlboss*.

Durante todo o processo de escrita tentei acreditar nessa acessibilidade de Maddy: quando ela insistiu em comunicar comigo apenas através da sua equipa, quando essa equipa me enviou fotos de anotações que rabiscou em guardanapos biodegradáveis, quando ela disse que a escrita precisava de ser *um pouco mais mundana*. Eu queria tanto gostar dela, queria acreditar que as suas publicações inspiravam as pessoas a viverem vidas melhores e mais neutras em carbono. Porque a questão é que, antes do livro, eu gostava dela. Havia algo aspiracional e autêntico nela que me levou a clicar em «seguir» há alguns anos, muito antes das decorações de parede e dos constantes #anúncios que enchem o seu *feed* hoje em dia.

Ghostwriting não é um trabalho glamoroso e, mesmo que nada neste produto final grite *Chandler Cohen*, fiquei estranhamente animada com a ideia de finalmente conhecer Maddy – porque uma parte de mim ainda é um pouco fascinada. O livro foi lançado há alguns dias e obriguei-me a esperar para comprar um exemplar quando o lançamento fosse em Seattle, convencida de que a sua assinatura na página de rosto consolidaria a nossa colaboração. Nem sequer abri a caixa de livros de capa dura que apareceu à minha porta na semana passada.

Nos meus sonhos mais loucos, pergunto-me se Maddy me pedirá também para autografar um exemplar para ela. Uma piada privada entre nós. E, de alguma forma, isso compensaria tudo o que tive de reescrever à última hora e os danos irreversíveis que a ansiedade causou às minhas cutículas.

Capítulo 6: Aproveite o Seu Otimista Interior. Talvez o livro tenha realmente causado impacto.

Maddy levanta um braço no ar.

– Peço que levante a mão quem já publicou uma foto sua a sorrir quando estava tão a milhas de se sentir feliz que carregar em «publicar» quase soou como uma mentira? – Quase todas as mãos se levantam. – Não há vergonha

nisso. Já o fiz muitas vezes. Mas não foram as fotos do meu rosto sorridente que me permitiram conectar-me com tantos de vocês: foram as fotos das minhas rugas. As minhas carrancas. Até as minhas lágrimas. – Ela tira o telemóvel do bolso das calças e navega pelo próprio *feed*. – Na próxima vez que publicarem algo, pensem em como isso representa o vosso eu autêntico. E, então, simplesmente não cliquem em publicar. Tirem uma nova foto. Escrevam uma nova legenda. Deixem a vossa beleza interior falar.

– Então ela vai adorar o meu resumo deste evento – diz Noemie.

Uma mulher à nossa frente vira-se, colocando um dedo sobre os lábios. Noemie fica em silêncio e arregala-lhe uns olhos inocentes.

– Vais fazer com que nos expulsem – comento. – E depois o que vou dizer à minha editora?

– Podes dizer-lhe que estou a viver a minha verdade e a falar do coração. Não é disso que trata o capítulo doze? – Infelizmente sim.

Depois de mais meia hora de lugares-comuns de Maddy sobre as nossas vidas *online* e *offline*, infundidas com nada menos do que quatro referências a marcas que a patrocinam, ela recebe um sinal da sua assistente e bate as palmas uma vez.

– Receio que tenhamos ficado sem tempo! Mal posso esperar por vos autografar estas belezas, mas antes disso... quero que todos façam algo por mim. – Um sorriso atrevido espalha-se-lhe pelo rosto. – Se enfiarem a mão debaixo das cadeiras, encontrarão a vossa própria garrafa de água.

Surge uma onda de ávida energia elétrica entre aqueles que não tinham notado as garrafas de água e as descobrem pela primeira vez.

– Agora quero que abram esse bebé... – Maddy abre a sua garrafa de água, erguendo-a bem alto num brinde à sua plateia. Eu bato a minha garrafa de plástico reciclado na de Noemie, erguendo exageradamente as sobrancelhas. – E bebam um grande e delicioso gole.

* * *

– Isto não te incomoda – pergunta Noemie na fila de autógrafos, passando a mão pela capa lustrosa do livro –, não veres o teu nome nele?

Incomodava. No início. Mas agora há uma sensação de desapego que acompanha o lançamento de um livro. Como *ghostwriter* de celebridades, não sou contratada para ser coautor de ninguém – é suposto escrever do ponto de vista deles. *Tornar-me* eles. A minha primeira autora, uma concorrente de *The Bachelor* que largou o tipo de forma infame, em plena televisão nacional, depois de ele a pedir em casamento, foi encantadora, e ainda envia e-mails a perguntar como estou. Mas rapidamente aprendi que essa não era a norma. Porque depois veio Maddy, e o livro que acabei de terminar para um *personal trainer* famoso no TikTok, com a sua própria linha de batidos de proteína, que realmente estica a definição de literatura.

Talvez haja alguma satisfação em agarrar essas centenas de páginas, que produzi em velocidade recorde, e dar uma conclusão tangível a todas aquelas madrugadas e planos cancelados. E, no entanto, também posso divorciar-me completamente deste livro de uma forma que seja ótima ou terrível para a minha saúde mental. Talvez ambos.

– O livro não é meu – digo simplesmente, bebendo outro gole da minha garrafa de água da marca Maddy DeMarco. É uma água estranhamente boa, e não tenho a certeza se quero saber porquê.

A fila de autógrafos avança, com pessoas a pedirem a Maddy para posar para fotos antes de irem pagar à caixa. Não posso culpar nenhuma delas por adorá-la da forma como adoram. Querem acreditar que mudar o seu estilo de vida pode mudar as suas vidas – afinal, funcionou para ela.

– Obrigada por esperares comigo – digo, e os olhos de Noemie suavizam por trás dos óculos de armação tartaruga, com a sua capa de cinismo a rachar por um momento. – Eu sei que esta não é a tua noite de sexta-feira ideal.

– Considerando que passei a última sexta-feira a explicar a um cliente por que não podíamos garantir-lhe uma reportagem de capa na *Time*, isto é definitivamente uma melhoria! – Ela ainda está vestida com a sua melhor roupa profissional de relações públicas: calças afuniladas, blusa sem mangas com margaridas estampadas e um blazer pendurado no braço. E cabelo comprido e escuro, completamente esticado, porque ela não é a Noemie se tiver um único cabelo rebelde. Enquanto isso, de calças de bombazina, *T-shirt* desbotada das Sleater-Kinney e um casaco de ganga preto demasiado quente para o início de setembro, é provável que eu pareça alguém que não vê o Sol desde 1996. Nada de vitamina D para mim, obrigada.

– Nesse ponto não posso discutir contigo. – Raspo uma mancha de verniz prateado, um sinal que a minha prima vai logo perceber. – E, ei, quanto mais tempo ficarmos aqui, mais tempo poderei fingir que todos os outros não estão na festa de inauguração da casa do Wyatt.

Noemie faz uma careta daquela forma familiar. Nunca tenho a certeza se aprendi com ela ou se foi ao contrário. Noemie Cohen-Laurent é a minha única prima e a minha amiga mais próxima. Crescemos na mesma rua, frequentámos as mesmas escolas e, agora, até moramos na mesma casa, embora ela seja a proprietária e eu lhe pague uma renda mensal com grande desconto.

Ambas estudámos jornalismo, ingénuas sonhadoras de que iríamos mudar o mundo, contar as histórias que ninguém mais contava. A economia empurrou-nos em direções distintas e, antes de nos formarmos, Noemie já tinha sido contratada em tempo integral pela empresa de relações públicas onde fez o seu estágio curricular.

– Suponho que isso significa que decidiste não ir – diz ela.

– Eu não posso ir. Podes ir se quiseres, mas...

Noemie interrompe-me com um rápido aceno de cabeça.

– Solidariedade. O Wyatt Torres está morto para mim.

Os meus ombros descontraem de alívio. Não queria que sentisse que tinha de escolher um lado, mesmo que não houvesse risco de ela escolher o dele. Ainda assim, é a única que sabe o que aconteceu entre nós há algumas semanas: uma noite incrível, após anos de espera, que achei ser mútua, dada a forma desesperada como as mãos dele percorriam o meu corpo enquanto caíamos na cama. Ajudei-o a desfazer as malas no seu novo apartamento, e estávamos exaustos e embriagados e parecíamos *encaixar*, com os nossos corpos a completarem-se de maneira natural e sem esforço. O cabelo escuro de Wyatt a cair sobre a minha barriga, com a pele bronzeada a tremer onde lhe tocava. A maneira como cravou as unhas nas minhas costas, como se não suportasse deixar-me ir.

Mas, então, veio a mensagem: *Podemos falar?* E a confissão, durante a referida conversa, de que não estava à procura de uma relação no momento. E eu era uma *rapariga de relações*, disse ele, com toda a aversão normalmente reservada àquela pessoa que responde a todos os contactos em CC num e-mail. Ele valorizava muito a nossa amizade e não queria que nenhum de nós se magoasse.

Por isso, fingi que não estava magoada.

– Mas teríamos ficado bem juntos – digo baixinho, forçando os meus pés para a frente na fila.

Noemie coloca uma mão gentil no meu ombro.

– Eu sei. Sinto muito. Logo à noite vamos divertir-nos, prometo. Vamos voltar para casa e encomendar comida indiana em excesso, porque sei como adoras poder comer sobras cinco dias depois. E, mais tarde, podemos ver pessoas na Netflix a tomarem decisões imobiliárias erradas com companheiros com quem, garantidamente, não deveriam estar.

Finalmente, é a nossa vez; um dos livreiros acena para que avancemos. O sorriso de Maddy não esmoreceu; um feito impressionante depois de todas aquelas fotos.

– Olá! – digo, empurrando o meu livro para a frente com a mão trémula; o que é apenas um pouco embaraçoso. Escrevi páginas e mais páginas a fingir ser esta mulher, e agora que ela está um metro à minha frente, mal consigo falar. Alguém me tire o meu diploma em Comunicação.

– Olá! – diz ela, alegremente. – A quem devo dedicar?

– Chandler. Chandler Cohen.

Ela fecha um olho com força, como se tentasse lembrar-se. A qualquer momento fará clique. Vamos rir da resposta dela aos *trolls* da internet no capítulo quatro e revirar os olhos a todas as coisas que ela costumava fazer para agradar, documentadas em pormenor no capítulo dezasseis.

– Como se escreve?

– Oh, hum – gaguejo, com cada letra do alfabeto a fugir da minha mente de uma só vez. – Chandler... Cohen? – Maddy lança-me um olhar vazio e expectante.

Não. Não é possível, certo? Que ela nem se lembre do meu nome depois

de todo este processo? Todas as suas demandas?

– Não conhece a Chandler... – Noemie começa a falar, mas eu silencio-a com uma cotovelada nas costelas.

É certo que comuniquei sobretudo com a equipa de Maddy, mas o meu nome estava nos contratos. Nos rascunhos. Nas intermináveis cadeias de e-mails. Escrevi-lhe esta porra de livro, e ela não faz ideia de quem sou.

Devia murmurar a soletração, mas a minha visão fica turva quando ela passa a sua caneta magenta na página de rosto, acrescentando um marcador e devolvendo-me o livro como uma profissional experiente.

– Obrigada – digo, enquanto Maddy nos afasta com um sorriso radiante.

Quando estamos em segurança no corredor dos livros ilustrados, o mais distante do palco, solto um suspiro longo e trémulo. Não faz mal. Isto não faz mal. Obviamente, ela não iria pedir-me para autografar o nosso livro.

O livro *dela*.

Porque esse é o objetivo de um fantasma: é suposto ninguém me ver.

– Devias ter-lhe dito quem és – diz Noemie, com uma mão a segurar a sua carteira *Kate Spade* acolchoada e a outra a segurar a garrafa de água. – Eu teria feito isso se não me tivesses atacado violentamente.

– Isso apenas tornaria tudo mais embaraçoso. – Aperto o livro com força contra o peito porque, se não o fizer, posso atirá-lo pela loja. – Talvez ela não seja muito boa com nomes. Ela conhece muitas pessoas. Tenho a certeza de que está... muito ocupada a ser *girlboss*.

– Certo. – A postura de Noemie ainda é rígida. – Bem, ainda assim vou deixar de segui-la. – E, para provar isso, ela pega no telemóvel, mas outra coisa chama a sua atenção. – Merda, é trabalho. O rascunho errado de um comunicado de imprensa foi divulgado e o cliente está *furioso*. Talvez eu precise... – Ela para, com os dedos a voarem sobre o ecrã.

De vez em quando, dou-me conta de que há apenas dois anos entre nós, embora a vida de Noemie seja totalmente diferente da minha. Quando o *The Catch* me demitiu há cinco anos e acabou por falir, incapaz de acompanhar o *BuzzFeed*, o *Vice* e o *HuffPost*, ela estava a comprar uma casa. Quando eu tentava vender artigos *freelance* sobre novos músicos locais e a evolução do centro de Seattle, ela lidava com clientes importantes e reservava uma quantia mensal respeitável para investimento. Ela tem vinte e nove anos contra os meus trinta e um, mas é quase chocante como é muito melhor na vida adulta.

Apenas dois anos, mas, às vezes, parece que nunca vou conseguir alcançá-la.

– Vai – digo, tocando-lhe com o livro. – Eu compreendo.

Se lhe dissesse que precisava dela, provavelmente encontraria uma maneira de fazer as duas coisas: confortar-me e salvar o seu cliente. Mas, na maioria das vezes, quando o trabalho e qualquer outra coisa lutam pela atenção de Noemie, o trabalho vence.

– Só se tiveres a certeza – diz ela. – Queres voltar para casa, encomendar comida e guardar-me algumas chamuças para quando eu terminar?

– Na verdade, talvez não vá já para casa.

Ela lança-me um olhar demorado, como se estivesse preocupada por haver algo que não lhe estou a contar. É o mesmo olhar que me lançou quando soube que o *The Catch* cortou no pessoal. O meu antigo emprego de sonho a forçar-me a encontrar um novo sonho.

– Nome, estou *bem* – digo com tanta ênfase que parece mais ameaçador do que tranquilizador.

Ela dá-me um abraço apertado.

– Tenho muito orgulho em ti – diz. – Caso não te tenha dito isto antes. – Mas tinha dito quando entreguei o manuscrito e as minhas revisões e, depois, no dia do lançamento do livro, quando tivera de ir para o trabalho mais cedo, mas tinha uma caixa de *donuts* e *bagels* à minha espera quando acordei. – Escreveste e publicaste um *livro*. Dois, aliás, com outro a caminho. Não deixes que ela te tire isso.

Não tenho a certeza se consigo expressar em palavras quanto a amo neste momento, por isso apenas a abraço em resposta e espero que ela saiba. Claramente, hoje não sou a melhor com palavras.

Uma coisa ótima nesta livraria é que tem um bar, e odeio que, no caminho para lá, tenha visões de Maddy sentada ao meu lado. Eu oferecer-me-ia para lhe pagar uma bebida e, depois, diria algo que só alguém intimamente familiarizado com *Beba* Água saberia. Ela suspiraria, pediria desculpas e falaria sobre como está feliz com o livro. Confirmaria que todos aqueles meses não representam apenas um pagamento – eles foram *importantes*.

Porém, na verdade, isto não tem realmente a ver com Maddy DeMarco.

É toda a autoestima emaranhada nos lençóis da cama de Wyatt, nos pagamentos que nem sempre chegam a tempo, no belo quarto da bonita casa da minha prima que eu nunca seria capaz de pagar sozinha. São as batidas persistentes no fundo da minha mente que soam suspeitamente como um relógio, perguntando-me se escolhi a carreira errada e se é tarde demais para recomeçar. E se eu ao menos soubesse como.

É que sempre que tento seguir em frente, algo está à espera para me arrastar de volta.

Os dois empregados estão imersos no que parece ser uma conversa muito séria, por isso tenho de pigarrear para chamar a atenção deles. Peço uma sidra forte, que é doce demais, e, antes de colocar o livro de Maddy na bolsa, abro-o na página de rosto.

Se eu não estivesse já na margem da sarjeta, isto afundar-me-ia ainda mais.

Para Chandler Cone, escrito em tinta magenta. Bebe!

EMERALD CITY COMIC CON

**8 a 10 DE SETEMBRO,
WASHINGTON STATE CONVENTION CENTER**

Conheça Finn Walsh, mais conhecido como Oliver Huxley de *The Nocturnals*! Temos o prazer de receber, uma vez mais, o *nerd* favorito de todos na ECCC. Onde pode encontrá-lo neste fim de semana:

PAINEL:

Todos os Heróis Precisam Deles: Ajudantes, Amigos
e Companheiros
Sexta-feira, 8 de setembro, 18 h, sala 3B

SESSÃO DE AUTÓGRAFOS:

Sábado, 9 de setembro, 16 h, salão C

AUTÓGRAFOS: 75\$ • FOTOGRAFIA: 125\$

capítulo

2

À partida, pretendo fazer exatamente o que a dedicatória me diz: ficar fortemente embriagada; o que provavelmente não é o que Maddy quis dizer e também pode não ser possível com esta sidra demasiado doce. Fecho o livro traidor, deixando escapar um suspiro que chama a atenção do homem que está sentado não muito longe de mim.

Encontro o seu olhar e faço uma expressão de desculpas, mas, em vez da carranca de julgamento de que estou à espera, ele acena em direção à minha garrafa de sidra.

– O que estamos a comemorar?

– A desintegração da minha autoestima, patrocinada pelo meu completo erro de carreira. E o funeral de um relacionamento que terminou antes de começar. – Levanto a garrafa e bebo um gole, tentando não estremecer. – É um velório, na verdade. Tenho um lugar na primeira fila para ver ambas as coisas implodirem. Espetacularmente. – Ou, pelo menos, a Chandler Cone tem.

– Esses não são bilhetes fáceis de conseguir. – Ele mantém as mãos juntas e, depois, inclina a cabeça como se estivesse a prestar homenagem. – Meus queridos, estamos aqui reunidos hoje para...

Apesar de tudo, começo a rir.

– Acho que é isso que se diz num casamento. Ou no início de uma música do Prince.

– Ah, merda, tens razão. – A sua boca curva-se num sorriso. – Boa música, no entanto.

– Grande música.

Da maneira mais discreta possível, observo mais de perto este estranho. Não creio que estivesse na sessão de autógrafos, mas, novamente, a sala estava lotada. Ele parece mais velho do que eu, embora provavelmente não muito – cabelo ruivo, mais curto nas laterais e mais solto na parte superior, um pouco grisalho nas têmporas, o que descubro, neste momento, ser algo que considero muito atraente. Está de calças de ganga escuras e uma camisa preta

casual, com uma das mangas desabotoada no pulso, como se se tivesse distraído ao vesti-la, ou talvez tivesse tido um longo dia e o botão simplesmente tenha desistido.

– Mas lamento muito – diz ele. – Sobre o teu trabalho e o teu relacionamento.

Eu aceno.

– Obrigada, mas vou ficar bem. Acho. – *Espero.*

Eu poderia facilmente virar-me e dizer-lhe para ter uma boa noite. Beber a minha bebida em silêncio e arrastar-me até casa, para encomendar comida, ver televisão inútil e chafurdar na lama. Nunca antes conversei com alguém num bar – normalmente estou muito ocupada a evitar contacto visual com outros humanos –, mas algo nele me impele a continuar a falar.

Porque, sendo completamente sincera, talvez o meu ego precise de um pequeno encorajamento esta noite.

– E tu? – digo, pegando na minha garrafa e apontando para o copo dele. – Estás a beber sozinho porque...

Quando paro, observo o seu rosto, apanhando um estremecimento de fração de segundo. É tão breve que não tenho a certeza se ele sabe que está a fazer isso – talvez eu até tenha imaginado. Mas, então, ele recompõe-se. Parece relaxar.

– O mesmo que tu. Medo existencial relacionado com a carreira. – Ele faz um gesto para a dupla de empregados, diminuindo o volume da sua voz. – Ia sair há vinte minutos, mas depois fiquei demasiado interessado na vida pessoal deles.

Ele bate um dedo nos lábios e eu esforço-me para ouvir o que os empregados estão a dizer.

«Aqueles porquinhos-da-índia não são responsabilidade minha. Se vais insistir em mantê-los no nosso apartamento, tens de limpar a *porcaria deles.*»

«Podes, pelo menos, chamá-los *pelos nomes.*»

«Recuso-me a chamar aquelas feras de *Ricardo e Judith.*»

«Tal como te recusaste a lavar a loiça depois daquela festa que deste na semana passada? Aquela de faz-o-teu-próprio-cachorro-quente?»

– Quero acusar-te de bisbilhotice, mas não posso culpar-te – digo. – Isto é entretenimento de qualidade.

– É, não é? Agora não me posso ir embora até saber como termina. – Então, ele levanta uma sobranceira, olhando para a garrafa de água que eu estupidamente pousei ao meu lado. – Há alguma razão para que a tua garrafa de água diga... «Viver Rir Girlboss»? – Ele levanta as mãos. – Não estou a julgar, estou apenas curioso.

– Ah, isto? Faço parte de um esquema em pirâmide baseado em hidratação. Estou muito empenhada. Vão fazer um documentário a qualquer momento.

Sem perder o ritmo, calmamente, ele coloca o copo de novo no bar. Passa os olhos pelo bar. Quando fala novamente, é num sussurro.

– É preciso ligar a alguém para te vir buscar?
– Receio que seja tarde demais. – Dou uma sacudida na garrafa de água.
– Mas, se te conseguir vender mil destas coisas, talvez consiga escapar com pena mínima de prisão.

– A questão é – diz ele, batendo alguns dedos no bar –, provavelmente eu poderia encontrar uma utilidade para trezentas. Talvez quatrocentas. Mas não sei o que faria com o resto.

– Terias de encontrar outras pessoas a quem vendê-las. Eu poderia passar-te contactos, dar-te toda a formação necessária para te tornares o teu próprio patrão.

– Não vou cair nessa. – Ele está a sorrir-me, e os seus dentes são de um branco reluzente. Quanto mais o observo, mais giro me parece. Está tudo nos pormenores: uma camada de pelos faciais avermelhados, o calor dos seus olhos cor de avelã, as sardas espiralando pelos nós dos dedos, subindo até ao pulso esquerdo, onde a camisa está desabotoada e a pele nua aparece. E a maneira como olha para mim pode ser melhor do que me senti o dia todo. A semana toda. O mês inteiro desde Wyatt.

– Chamo-me Drew – diz ele. – Entendo perfeitamente se não puderes dizer-me o teu nome. Por razões legais. Com o documentário e tudo mais.

Tento e não consigo conter outro sorriso. Céus, ele é encantador.

– Chandler – digo. – Eu estava na sessão de autógrafos ali. – Arrasto o livro, como se a introdução precisasse de algum fragmento adicional de verdade. – O que fazes? Quando não estás a tentar resgatar mulheres de um esquema em pirâmide que bebem em bares de livrarias?

– Quero dizer, caramba, isto é praticamente um trabalho a tempo integral. – Depois, ele bebe outro gole da sua bebida antes de juntar os dedos.
– Trabalho em vendas. Não é muito interessante, infelizmente.

– Discordo. Isso depende inteiramente do que vendes. Por exemplo, pequenas galochas para cães? Fascinante, e tenho de ver as fotos imediatamente.

– Vendas de tecnologia. – Ele elabora com um pequeno suspiro que o faz parecer ansioso por mudar de assunto. O que é justo... vendas de tecnologia não me parece a carreira mais entusiasmante. – E tu?

Eis a grande questão.

– Sou escritora. Jornalista, acho, mas há algum tempo que não escrevo nada de que me orgulhe. – Bebo um gole da minha sidra, lembro-me de que é muito doce, faço uma careta. – A máquina capitalista realmente vendeu-nos mentiras sobre tornarmo-nos adultos. Tinha a impressão de que cada um de nós deveria florescer e tornar-se uma pessoa perfeitamente bem ajustada e impressionantemente realizada. Foi isso que nos contaram durante toda a escola, certo? Que poderíamos ser o que quiséssemos. Que éramos especiais. Mas agora estou apenas... – *A escrever livros sem o meu nome neles. A lutar para pagar a minha renda reduzida. A chafurdar na lama.* – Ser uma *millennial* na casa dos trinta é uma viagem e tanto – remato.

– Vou beber a isso.

Ele bebe um longo gole antes de pousar o copo vazio e, em seguida, põe a mão sobre a mesa, com o dedo indicador a traçar a fibra da madeira. Como se estivesse a considerar cuidadosamente o que dizer a seguir. Uma lâmpada fraca ilumina o redemoinho de sardas ao longo das suas bochechas, descendo pelo pescoço, enfiadas na cavidade da garganta. Não é o tom exato do cabelo dele, reparo – algumas mais escuras, outras mais claras. Toda uma bela constelação.

– Devo começar por dizer que normalmente não faço isto, mas... Queres sair daqui, Chandler? – Ao dizer isto, ele estremece. – Uau. Isto soa muito mal. Juro, estou apenas a perguntar se estás interessada em sair daqui e ir a um lugar diferente. Um que tenha mais comida, porque estou um tanto faminto e os *totchos* da ementa não parecem muito apetitosos.

Eu poderia dizer-lhe que tenho planos. Que os *totchos* parecem realmente fantásticos e que, desde que me sentei, estou a pensar pedir um cesto. No entanto...

Drew disse que a frase soou mal, o que percebo, mas talvez eu não esteja pronta para voltar para casa de Noemie e sentir pena de mim mesma. Isto não é algo que eu faria e, ainda assim, neste momento, parece exatamente o motivo para dizer sim. Poderia dispensar a minha sidra meio vazia e ficar bêbada apenas com a atenção dele.

Agarro na minha bolsa, deixando alguns dólares no bar.

– Vamos sair daqui.

* * *

Estamos numa missão, eu e Drew: encontrar a fatia de piza perfeita a uma hora tardia. O primeiro restaurante que tentámos estava fechado e o segundo só servia pizzas inteiras, e agora estamos a caminho de um lugar que juro que fica por aqui algures...

– Ali! – Aponto para uma placa verde que pisca aberto na esquina, com o delicioso aroma a puxar-nos para mais perto.

São quase dez da noite e o bairro de Capitol Hill ainda está a acordar. Até agora, na nossa caminhada, descobri que Drew mora no sul da Califórnia e está na cidade a trabalho. Esteve em Seattle algumas vezes, mas nunca teve a oportunidade de realmente explorar, por isso estabeleci como objetivo não oficial mostrar-lhe o máximo que conseguir.

Não consigo recordar a última vez que saí numa sexta-feira à noite e, de repente, parece tão cheia de possibilidades que fico um pouco zozza. Tanto que, quando tropeço na soleira da pizaria, Drew estabiliza-me com a mão na parte inferior das costas, com aquela onda quente de contacto a ir direta para a minha cabeça.

– Estou aliviado por ti – diz ele, enquanto tomamos o nosso lugar na fila.

– Estava prestes a ficar muito dececionado com Seattle.

O espaço é gerido por dois *punk rockers* já com alguma idade e no sistema de som está a tocar Mudhoney. Respeito sempre um estabelecimento de Seattle que presta homenagem à longa história de excelentes bandas do Noroeste. Podemos não ter muitas pizarias que vendam em fatias, mas conhecemos a nossa música. Aqueles que ocupam o interior estão em distintas etapas da sua noite: um trio de raparigas com maquilhagem impecável e macacões a combinar, um casal no que parece ser um primeiro encontro, e um grupo de universitários que parecem completamente bêbados, com um chocante número de garrafas vazias a cobrir a sua mesa.

Drew faz um gesto para que eu vá primeiro, por isso peço uma fatia com *pepperoni* mais ou menos do tamanho de um sinal de cedência de passagem, enquanto ele pede uma vegetariana. Um tipo com uma tatuagem no pescoço, que acho poder ser o velho estádio Kingdome, olha para a piza por um momento antes de escolher a maior fatia, cheia de pimentos verdes, cogumelos, azeitonas e alcachofras.

Quando o funcionário nos dá copos de plástico para o refrigerante que pedimos, Drew passa um momento a inspecionar os copos antes de enchê-los com *Sprite*.

– Só a garantir que estão limpos – diz ele, com um sorriso tímido. Faz sentido; a higiene desta espelunca é, na melhor das hipóteses, questionável.

Não há cadeiras, apenas mesas altas com frascos de parmesão ralado e pimenta vermelha. Começo a devorar a minha piza imediatamente, sentindo-me um pouco bárbara quando Drew opta pelo método mais elegante de faca e garfo.

– Céus, *tão boa*. O *pepperoni* deles é do outro mundo! Queres provar? Só não contes aos meus pais judeus.

– Oh... sou vegetariano – diz, sem parecer nem um pouco ofendido. Ele mastiga e depois corta outro pequeno triângulo, enfiando-o cuidadosamente na boca. – Há cerca de dezoito anos. E judeu também, na verdade.

Fico a olhar para ele por alguns segundos, porque quais as probabilidades de encontrar um desconhecido judeu desta forma?

– Não brinques. Acho que a única coisa que fiz durante dezoito anos foi conseguir funcionar com um nível consistentemente médio de ansiedade – digo. – O que te fez decidir tornares-te vegetariano?

– É *cliché* dizer que adoro animais? – pergunta Drew. Tenho um vislumbre dele a segurar um cordeiro, um leitão, um cabrito. – Se não, é porque fiquei traumatizado com *The Jungle* no secundário. Não consegui voltar a olhar para um hambúrguer da mesma forma depois disso.

– Se tiveres tempo, experimenta o Pear Bistro. É um restaurante vegano no centro da cidade que está sempre lotado. Comida cara, mas incrível.

– Um segundo, vou tomar nota. – Ele pega no telemóvel, digita e coloca-o de novo no bolso. Bebe um gole de refrigerante. – Então, conversas com estranhos em bares, ouves Prince e, misteriosamente, tens na tua posse um

livro de autoajuda escrito por uma *influencer*. O que mais devo saber sobre ti?

– Duvido muito que ela tenha escrito isto. – Talvez o tenha dito de forma precipitada, por isso arranco um pedaço da crosta, mergulho-a no molho da piza, tentando agir com indiferença. – Parto sempre do princípio que alguém remotamente famoso tenha, sabes, um *ghostwriter* ou algo assim. Mas, em termos de curiosidades... – Lanço o meu olhar mais sério e preparo a minha única curiosidade, aquela que passei grande parte da minha vida a guardar para jogos de duas verdades e uma mentira, apenas para ficar profundamente desapontada com quão poucas oportunidades há para isso fora da América corporativa. – Tenho somente sete anos.

Ele apenas olha para mim, com um sulco a aparecer entre as sobrancelhas.

– Eu... não tenho uma resposta espirituosa para isso. Apenas preocupação e confusão.

– Nasci a vinte e nove de fevereiro – digo. – Tenho trinta e um anos, mas, tecnicamente, só comemorei sete vezes o meu dia de aniversário. Celebro mais um no ano que vem, o que é sempre emocionante. E sou do signo Peixes, por isso adoro drama.

– Nunca conheci um... *saltador*? Há um nome para vocês?

– Na verdade *saltador* funciona, mas se fosse *salteador* era mais emocionante! – Aponto a minha crosta de piza para ele. – É a tua vez. Curiosidade, por favor.

– Humm. Não sei se consigo vencer a tua, mas tenho um conhecimento enciclopédico de *O Senhor dos Anéis*. E não apenas dos livros ou dos filmes... tipo, na verdade, estudei as línguas élficas em criança – diz ele. – Como podes imaginar, isso tornou-me muito popular nas festas.

– Devia ter tornado! Diz algo em élfico!

A sua boca curva-se para cima.

– Não fazes ideia de quantas vezes fiquei acordado à noite, à espera de que, um dia, uma bela rapariga me pedisse isso. – Então, ele transforma o seu rosto numa expressão mais serena. – *Vandë omentaina* – diz, com um sorriso.

– Tecnicamente, o élfico é uma família linguística, com múltiplos idiomas e dialetos criados não apenas por Tolkien, mas também por fãs. Eu disse «prazer em conhecer-te» em quenya, que era originalmente a língua dos Altos Elfos, que deixaram a Terra Média para viverem no Extremo Oeste, nas Terras Imortais.

– Caramba! – Agito as minhas pestanas enquanto me inclino sobre a mesa. – És... um grande *nerd*.

O gemido e o guardanapo enrolado que ele lança na minha direção valem cem por cento a pena.

A sineta na porta toca quando outro grupo entra, e levo um momento para perceber por que razão estão todos disfarçados – Yoshi, Mulher Maravilha e algo que não reconheço – porque, neste bairro, nunca se sabe. Mas há uma daquelas convenções de BD no centro da cidade neste fim de

semana, e acho que vieram de lá.

Do outro lado da mesa, Drew retrai-se, parecendo relaxar apenas quando o grupo leva a piza e segue caminho. Vergonha alheia, talvez? Trauma de infância relacionado com *Mario Kart*? Seja o que for, ele não oferece uma explicação e eu não peço nenhuma.

– És jornalista – diz ele, espetando um pimento verde com o garfo. – Estudaste isso na faculdade?

Aceno afirmativamente.

– Ninguém está livre de fazer más escolhas! Os jornais começaram a decair por todo o país, e desde o início ficou claro que nenhum de nós conseguiria encontrar emprego num jornal local que trabalhasse numa área específica, em parte porque alguns desses jornais não existiriam, ou seriam apenas *online* e também porque era cada vez menos comum trabalhar numa área específica. Tivemos de aprender a fazer tudo: fotografia, vídeo, programação básica. Depois, especializei-me em estudos de género e sexualidade.

Com isto, Drew tosse um pouco e depois engole.

– *A sério?* – diz ele, com uma pancada suave no peito. Mais tosse. – Isso é... intrigante.

Reviro os olhos.

– Nunca posso contar a ninguém sem receber uma resposta completamente pervertida. Tipo: «Quais são as aplicações práticas disso?» ou «Ei, queres mostrar-me o que aprendeste?». Claro, posso dar-te o meu livro do primeiro ano sobre tratamento de dados. Garantidamente, deixa qualquer um com tesão.

Drew ri, mas não me escapa a forma com as suas bochechas ficam rosadas. Mesmo quando tenta parecer calmo, o rosto denuncia-o.

– Não é algo que ouves todos os dias. O que te fez escolher isso? E que tipo de aplicações práticas tem?

Numa espécie de gemido, inclino-me e toco suavemente com os dedos na sua manga. E aí está... uma fração de segundo de contacto pele com manga, mas com consequências mortais. Ele olha para o local onde toquei; o seu rubor aprofunda-se, o que faz o meu coração saltar na minha traqueia. Imediatamente, quero tocar-lhe novamente e, com base no descer das suas pestanas, ele talvez queira a mesma coisa.

– Um horrível programa de educação sexual voltado para a abstinência no secundário – respondo, voltando a concentrar-me na pergunta dele, porque é algo que me toca particularmente. Um programa que não me preparou adequadamente para o que aconteceu no meu segundo ano de faculdade, mas não estamos a falar sobre isso agora. E, como ele não mora aqui, provavelmente nunca falaremos sobre isso. – Ou, pelo menos, também por isso. Nunca tive a oportunidade de aprender sobre sexualidade em nenhum outro lugar que não fosse a internet, e mal conhecia a minha própria anatomia. Parecia algo que eu poderia usar além do contexto académico. – Sinto-me a

ficar nervosa, especialmente com a maneira como ele me observa, por isso devolvo-lhe a pergunta. – E tu estudaste... gestão?

– Eu não terminei a faculdade.

– Oh, desculpa, eu não devia ter partido do princípio – digo, tropeçando nas palavras. Mas ele levanta a mão.

– Não, não, está tudo bem. Sempre tive vontade de voltar, mas trabalhava desde o secundário, o que me levou a uma oportunidade de tempo integral que não podia deixar passar. E depois isso nunca aconteceu.

– Não há vergonha nisso. – Dou outra trinca na piza. Não consigo decidir se ele está a ser propositadamente vago sobre o seu trabalho ou se é realmente tão aborrecido que não suporta falar dele, exceto em termos genéricos. – Se viajas a trabalho, deves ser bom no que fazes. Bem-sucedido.

– Bem-sucedido... – repete ele, direcionando essa palavra para a crosta do seu prato, que está a cortar com a faca. – Como se mede isso?

– Ah, então estamos a passar para a parte filosófica da noite? – Olho ao redor do restaurante, perguntando-me como cheguei aqui, a contar os meus problemas profissionais a um estranho judeu vegetariano que trabalha em vendas. É incrível como é fácil falar com ele, este tipo que eu não conhecia há apenas uma hora e meia. – Acho que pensei que seria... hum, mais bem-sucedida – digo, desvalorizando isso com uma risada vazia. – Então é isto. Não é que eu queira ser famosa nem nada. Só quero criar algo de que possa orgulhar-me. Sabes?

– Sim – diz ele calmamente, com os seus olhos pesados nos meus, e as rugas suaves em ambos os lados a fazê-lo parecer cansado pela primeira vez em toda a noite.

Terminamos a nossa piza e continuamos a vaguear. Como sua autoproclamada guia turística, aprofundo-me na tradição de Seattle, apontando a estátua de Jimi Hendrix no cruzamento da Broadway com a Pine, o cinema que costumava ser um templo maçónico.

A certa altura, ele estende o telemóvel e chama-me para mais perto para poder ver o que está no ecrã.

– Pesquisei «meus queridos» no Google. Também se pode dizer isso num funeral.

Exagero um gemido.

– Odeio estar errada.

– Um churro melhoraria isso? – pergunta, apontando para uma rulote no próximo quarteirão, e eu animo-me instantaneamente.

Levamos os nossos churros para um banco no Cal Anderson Park, que mesmo tão tarde está cheio de pessoas a fazerem piqueniques, a beberem, a dançarem ao som de música a tocar em telemóveis e mini alto-falantes.

– Fico feliz que os porquinhos-da-índia dos empregados do bar tenham sido agentes do caos – digo. – Ou talvez não nos tivéssemos conhecido.

– Deus abençoe o *Ricardo* e a *Judith*. – Drew tira o churro do papel para dar uma trinca. Enquanto faz isso, as suas calças de ganga roçam as minhas,

com as nossas ancas a tocarem-se ligeiramente. Os meus pulmões inspiram e, quando finalmente solto o ar, consigo sentir o calor dele não apenas ao longo da minha coxa, mas nas pontas dos dedos dos pés, na parte de trás do meu pescoço. Ele é uns quinze centímetros mais alto que eu, mas durante toda a noite carregou a sua altura com um tipo de graça silenciosa à qual não estou habituada. Não tem má postura, mas não se sobrepõe àqueles de nós que enfrentam desafios verticais.

Podíamos sentar-nos de forma espaçada, se quiséssemos; pois o banco é grande o suficiente.

Rapidamente fica evidente que nenhum de nós quer isso.

Tudo isto é surreal. Não sinto vontade de verificar a hora no meu telemóvel ou traçar uma rota de fuga, como faria se estivesse num encontro que se tornasse demasiado íntimo. Quando tenho um prazo a cumprir, fico altamente focada, mas enviei uma revisão final do livro do *personal trainer* na semana passada e agora estou à espera que a minha agente me envie para outro grande trabalho, navegando em *sites* de empregos, sentada naquele estranho vazio do que vem a seguir. Esta é a primeira vez desde aquele erro com Wyatt que me sinto em casa na minha própria pele. Talvez desde antes disso, para ser sincera.

– Seattle está a conquistar-me – diz Drew. – Talvez me sinta um pouco triste por partir amanhã.

Quando ele diz isso, sinto uma pontada inexplicável no peito. Claro que vai embora, ele só está aqui numa viagem de negócios.

– Não consigo imaginar-me a morar noutro lugar. – Dou uma trinca açucarada no churro. – Sentes-te assim em relação ao sul da Califórnia?

– Los Angeles – especifica, e talvez esteja a perceber que também pode abrir-se um pouco mais. – É estranho... É uma cidade onde todos se preocupam com quem és e quem conheces, e ainda assim é tão grande que é fácil permanecer anónimo. Isso faz-me sentir como se estivesse a viver sob um microscópio e como se fosse uma pequena partícula no universo ao mesmo tempo. – Depois, ele encolhe os ombros. – Mas, tu sabes, o clima... E a comida mexicana. Não tenho a certeza se conseguiria abdicar do sol ou dos burritos.

– É justo. – E então, quando ele se move para pegar num dos guardanapos que tinha enfiado no bolso das calças de ganga: – A propósito, só uma das tuas mangas está abotoada – digo, estendendo a mão e tocando levemente no pulso com a manga. – Não tenho a certeza se foi uma escolha de moda intencional ou...

Estou ciente de que estou a fazer-me a ele descaradamente, pontuando quase todas as minhas frases com um risinho. Esta versão de mim mesma... não a odeio. É despreocupada e descontraída, dois adjetivos que nunca associei a mim. É *divertida*.

Ele olha para baixo.

– Provavelmente já está assim há horas, hã?

– Eu resolvo. – Inclino-me enquanto ele estende os braços, alinhando no jogo, e agora o meu joelho está também pressionado contra o dele. – Queres os dois punhos para cima ou para baixo? – Faço a pergunta esperando uma resposta concreta. *Para cima* dar-me-ia mais motivos para lhe tocar.

– Para cima, por favor – diz ele, corando novamente.

A sua pele está quente, a respiração regular. Levo o meu tempo, certificando-me de que as suas mangas tenham o mesmo comprimento, com cada dobra a revelar mais sardas. Quando o meu polegar roça a parte inferior do seu antebraço, ele contorce-se, mas não se afasta. Quando volto a fazê-lo, não é um acidente e os seus olhos fixam-se nos meus com uma intensidade constante.

Não pensei que arregaçar as mangas da camisa de um homem pudesse ser erótico, mas aqui estamos. O meu coração está a martelar contra as minhas costelas e, tão perto, posso ver o comprimento das suas pestanas. Aquelas rugas ao redor dos olhos, o cabelo grisalho. Pergunto-me como ele se sente, se está a lutar contra isto ou se está tranquilo, ou se é algo que nunca o incomodou. Sinto o seu perfume, algo amadeirado, que poderia ser o que sobra da colónia que usou na sua conferência de vendas ou algo puramente *dele*.

É realmente adorável, este homem. E, de repente, parece injusto eu ter apenas uma noite com ele. O misterioso Drew.

– Obrigado – diz, com um novo tipo de voz. Mais áspero. Mais rico.

A minha garganta fica seca e, quando enfio a mão na bolsa para pegar na minha garrafa de água embebedadora, os meus dedos roçam o topo do livro de Maddy.

Luto contra uma gargalhada enquanto o retiro.

– Eu... eu acidentalmente roubei isto – digo. – Devia ter pagado depois de autografado, mas fui ao bar e esqueci-me. Temos de voltar.

– Estive este tempo todo a conviver com uma criminosa? – diz, mas a expressão no seu rosto é de pura diversão.

– Eu poderia facilmente culpar-te! – Bato, gentilmente, com o livro no seu peito, e ele aperta o coração, fingindo que o magoei. – Se não tivesses sido tão charmoso, talvez eu não andasse na borgia contigo e não me esquecesse de pagar.

Como se tivesse sido convocada, uma covinha aparece numa bochecha.

– Achas que sou charmoso?

– Acho que és cúmplice de um pequeno furto – digo enquanto nos levantamos. – E também acho que sou a primeira pessoa a usar a palavra *borga* para descrever uma conversa casual. Mas até gosto?

– O meu charme afetou-te.

Não nos tínhamos aventurado muito longe da livraria, apenas uns cinco quarteirões. Mas agora, quando caminhamos, estou mais consciente do corpo de Drew do que antes. A maneira como abranda o passo para me acompanhar, o seu braço a roçar o meu.

Claro que, quando chegamos lá, está fechada: luzes apagadas, estacionamento vazio. Algo que eu não fiz, na minha névoa alimentada pelo churro e pela luxúria, foi refletir.

– Merda – digo depois de, ainda assim, tentar abrir a porta. – Eu podia simplesmente enfiar algum dinheiro por baixo da porta? – Abro a carteira, percebendo que usei o resto do meu dinheiro no churro. Drew leva a mão ao bolso, mas eu abano a cabeça. – Ou, mais logicamente, volto amanhã, digolhes que roubei inadvertidamente um *bestseller* e espero não ser banida para sempre.

Com um suspiro, meto o livro de novo na bolsa. Mais problemas do que vale a pena, esta coisa.

Esta parte do bairro é mais tranquila, com os sons da vida noturna a ecoarem ao longe. Encosto-me à parede da livraria, mesmo ao lado de um autocolante com alguns versos esparsos de poesia, apenas embriagada de adrenalina e por estar acordada até tarde com um belo desconhecido.

Alguém que parece não conseguir tirar os olhos de mim.

– Gosto disto – diz ele, tocando na lateral do meu nariz, onde ele está perfurado. – Combina contigo. Desde quando o tens?

– Desde os dezassete anos. Ou, sabes, quatro e um quarto. A minha prima encontrou um lugar onde não pediam identificação e ficou eternamente ressentida porque o dela infetou e teve de retirá-lo, e o meu não.

Discutir argolas de nariz não é, de maneira alguma, um precursor de qualquer coisa remotamente romântica, e, ainda assim, da forma que ele olha para mim, pensar-se-ia que eu acabei de dizer que não estou a usar cuecas.

– Fica-te muito bem – diz e o elogio cai na zona inferior da minha barriga. É revigorante, alguém fazer-te saber claramente que está interessado em ti, em vez de todo o não-ata-nem-desata com Wyatt. Os anos de análise excessiva, cada roçar de manga contra manga a precisar de um interrogatório mental de uma hora.

– A ti também – deixo escapar e tento rir disso. – Foi um reflexo estranho. Não tens *piercing* no nariz. Nem tenho a certeza do que estava a tentar dizer. Que és giro, talvez? Quero dizer... não costumo fazer isto, andar pela cidade com tipos que podem ou não ser giros...

– Chandler – diz ele, com aquele sorriso a brincar nos seus lábios enquanto se aproxima. Gosto do som do meu nome na voz dele. E a maneira como o seu olhar continua a cair na minha boca... também gosto disso, embora provavelmente não tanto quanto gostaria que a sua barba raspasse no meu rosto. Pescoço. Ancas. – Não te preocupes.

E, então, como se quisesse dizer-me quanto não me devia preocupar, ele coloca a mão no meu rosto, com os dedos a roçarem a minha orelha e a deslizarem pelo meu cabelo curto. Quase involuntariamente, fecho os olhos. Ele está tão, tão perto, mas preciso dele mais perto.

– Eu também não costumo fazer isto – sussurro, repetindo o que se tornou uma espécie de refrão para nós esta noite.

– Então, fico feliz que tenhas aberto uma exceção para mim.

Abro os olhos para encontrar determinação crua nos dele. Uma inspiração profunda e estou a alcançar o seu colarinho e a puxar a sua boca até à minha. O beijo não é doce, gentil ou educado – é instantaneamente áspero, com os seus lábios a moverem-se contra os meus de uma forma que parece urgente. Desesperada. Um gemido fica preso na minha garganta, um que ele ecoa quando deslizo a minha língua contra a dele, agarrando os seus ombros. É uma sensação elétrica e inebriante beijar este tipo contra a parede de tijolos do lado de fora de uma livraria, com as suas mãos a descerem até às minhas ancas, firmando-me para que possa beijar-me com mais força. Encostada à parede. Omoplatas cravadas nos tijolos. Sinto-me dopada, embriagada, completamente viciada. Desconectada da realidade.

Há algo em ser anónima com ele que me faz fazer coisas que normalmente não faria – nem em público, nem com alguém que mal conheço. Raspo as minhas unhas ao longo das suas costas, sem me importar quando ele beija o meu pescoço e solto um gemido. É quase pornográfico o som que faço e, pela maneira como ele se endurece contra mim, não tenho dúvidas sobre como se sente a respeito disso.

Quando nos separamos para respirar o ar noturno, as suas bochechas estão ainda mais escarlate, o seu cabelo desgrenhado, e tudo que quero é ver onde mais posso fazê-lo corar.

A sua boca desce até à minha clavícula, afastando o meu casaco e a *T-shirt* das Sleater-Kinney.

– Céus – murmura contra a minha pele. – É ridículo quanto me atraís.

– Tu também me atraís – digo, com esta declaração inocente justaposta à maneira nada inocente com que arqueio as minhas ancas nas suas calças de ganga, soltando um gemido baixo. – Onde estás hospedado? – A rua ainda está deserta, mas imagino que não ficará por muito tempo. O bairro de Capitol Hill nunca fica.

Há aquele sorriso outra vez, enquanto passa a mão pelo cabelo despenteado.

– Não muito longe daqui, na verdade. No Paramount.

– Boa escolha. Com os quartos, os elevadores e toda a... importância suprema inerente ao nome.

– Já lá estiveste?

Abano a cabeça, estendendo a mão para arregaçar a sua manga que começou a cair.

– Talvez me pudesses fazer uma visita guiada?

Estou apenas parcialmente consciente do que pergunto quando a questão sai dos meus lábios, carregada de sugestões. E, uma vez dita, eu sei, da mesma forma que não tenho certezas de nada há algum tempo, que é isto que quero.

Esta noite.

Ele.

– Parece-me justo, já que tens sido uma ótima guia – diz sem tirar os olhos dos meus. Feroz e convidativo, as suas pupilas são do preto mais profundo. – Mas devo mencionar que só conheço um quarto. Posso mostrar-te o corredor. Os armários. A cadeira da escrivãzinha. – Uma contração da sua boca. – Ou qualquer outra peça de mobiliário em que estejas interessada.

– Adoro mobília. – Beijo-o com mais peso desta vez e o coração a bater num novo ritmo frenético. – Mostra o caminho.

capítulo

3

Eu nunca tive um caso de uma noite. Talvez haja alguma verdade no que Wyatt disse sobre eu ser uma *rapariga de relações*, mas acho que a afirmação mais precisa é que sou simplesmente uma *rapariga ansiosa*. Já li demasiadas histórias de assassinatos para ir para a casa de um estranho.

Portanto, é uma surpresa – uma excelente surpresa – que, assim que entramos na rua onde fica o hotel, paremos numa farmácia para comprar preservativos. Antes de finalizarmos a compra, acrescento um frasquinho de lubrificante. Não há pudores nem constrangimento, apenas a certeza de *mais* quando a sua mão encontra a minha, conduzindo-me pelas portas giratórias do hotel e por um corredor ricamente decorado até ao elevador.

– Sabes – digo, enquanto Drew carrega no botão que marca 14 –, só porque não existe o número treze não significa que não estejas tecnicamente no décimo terceiro andar.

– E ainda assim não me sinto muito azarado.

O elevador para. Entra uma família; um homem, uma mulher e duas crianças que parecem ter acabado de sair da piscina, com os cabelos a pingar e toalhas enroladas nos ombros trémulos.

– Boa noite – diz-nos a mulher enquanto entram, empurrando-se para um canto para caberem todos, e eu ofereço um sorriso às crianças. Não costumo estar confortável em lugares apertados, mas não odeio a maneira como Drew passa a ponta do dedo pela minha coluna e depois desce.

– Boa noite – retribui Drew, com a voz perfeitamente sólida.

Não acredito que estou a fazer isto. É um impulso elétrico de adrenalina que me faz apertar as coxas com a pressão que começa a aumentar ali. Vou fazer sexo com um homem que acabei de conhecer, cujo sobrenome não sei, que não persegui no Instagram nem pedi a Noemie para dar uma vista de olhos no LinkedIn (porque ela tem uma daquelas contas que não mostra quando viste o perfil de alguém), e depois cada um segue o seu caminho.

Sem números de telemóvel. Sem amarras.

– Tenham uma boa noite – diz Drew à família quando o elevador abre no

décimo quarto andar.

Sinto as pernas bambas quando saímos para o corredor, como se a leve pressão do seu dedo ao longo da minha coluna fosse o que me mantém de pé. Ele para em frente ao quarto 1412, com uma madeixa de cabelo a cair sobre a sua testa enquanto luta com a chave, como se os seus nervos estivessem a atrapalhar, o que o torna ainda mais querido aos meus olhos. Ocorre-me que possa ser uma encenação e, nesse caso, estou absolutamente a cair nela, mas, neste momento, não consigo importar-me. Tudo o que quero é a pele dele na minha enquanto apagamos o mundo lá fora. Uma noite suada e indulgente e um adeus educado na manhã seguinte.

A porta mal é fechada antes que ele me prenda contra ela, com a boca na minha garganta. Nada de educado nisto. Ele é doce como mel, com aquele toque de colónia e algo mais, que me deixa zonga quando arrasto as minhas mãos pelas suas costas e respiro fundo. A minha pele está a zumbir, a queimar, *viva*.

Só quando recua para tirar os sapatos, colocando a mão no bolso para atirar um crachá de conferência sobre a mesa, é que dou uma vista de olhos ao quarto. Ele manteve-o limpo, ou talvez os funcionários do hotel já o tenham arrumado. A sua mala está aberta num daqueles suportes de bagagem, com o roupeiro a revelar outra camisa e um blazer.

Mas a minha mente consegue concentrar-se nisso por apenas uma fração de segundo antes que ele me cubra novamente, libertando-me do meu casaco de ganga, que cai numa pilha escura no chão. Atiro o saco de preservativos para algures próximo dele. Talvez porque esteja muito ansiosa, vou primeiro pela fivela do cinto. Um riso escapa dos seus lábios quando o arranco da sua cintura com um floreio. Os nossos beijos ficam mais profundos. Mais duros. Tem um calor sólido enquanto passa as mãos pelas laterais do meu corpo, curvando-se sobre as minhas ancas e traseiro generosos. Eu devolvo tudo. Um golpe contra a protuberância nas suas calças de ganga. Uma mão a espalmar os bolsos traseiros. Um empurrão para que, desta vez, eu possa colocá-lo contra a porta, e sentir o gosto do seu queixo, pescoço, garganta, com os dedos a trabalharem para desapertarem os botões do seu colarinho.

Então, ele puxa-me para a frente num movimento que nos impulsiona para trás, para trás, para trás... até que a minha perna bate em metal duro e frio.

O suporte de bagagem.

– *Merda* – sibilo, agarrando a barriga da minha perna enquanto tento recuperar o equilíbrio.

Ele segura-me, com os olhos arregalados e o rosto maravilhosamente corado.

– Estás bem?

– Iap. Estou bem. – Aquela pontada de dor não tem hipótese contra a minha libido. Podia estar a mancar e ainda precisaria dele em cima de mim. – E também devia dizer... – A minha ansiedade intervém, lembrando-me de que

nunca fiz isto antes. – Fiz o teste há algumas semanas e o resultado foi negativo.

– Eu também. Desculpa, devia ter dito algo antes... não conheço toda a etiqueta para isto. – Há uma timidez na maneira como ele diz isto.

– Está tudo bem – digo, agarrando-o novamente para acabar de lhe despir a camisa.

Ele fecha os olhos; deixa-me assumir o controlo.

– Quando estavas a fazer aquilo no banco... eu estava tão excitado.

Atiro a camisa e beijo o seu peito nu, arrastando-o para a cama comigo. Fico demasiado distraída ao tocar-lhe para conseguir ver algo além de clarões da sua aparência: a curva suave da sua barriga, a pele pontilhada de sardas. Uma madeixa de cabelo avermelhado a desaparecer nos seus *boxers*.

– Não vou mentir, eu também estava.

Quando tiro a *T-shirt*, ele passa alguns momentos a examinar os meus seios, soltando-os do sutiã que tirei do fundo da gaveta esta manhã. A minha barriga também tem uma curva suave, estrias rosadas em volta das ancas e da cintura, abaixo dos braços e ao longo dos seios. Achei que ficaria constrangida com alguém que conheci há apenas algumas horas, mas a maneira como ele olha para mim deixa pouco espaço para isso.

– O teu corpo é simplesmente... – Ele para com uma respiração irregular, traçando um polegar reverente pelas alças do meu sutiã. Ao longo do algodão fino, onde os meus mamilos estão tensos e desesperados pelo seu toque. – Gostaria de poder dizer àquele *nerd* de Tolkien que, um dia, a sua sorte vai realmente mudar.

– Estás a pensar em *O Senhor dos Anéis* agora? – digo com uma risada, mas não posso negar o encorajamento que ele está a dar à minha confiança já inflada. Quando imaginei ligações casuais, pensei que seriam só suor e corpos a girar. Não sabia que podiam ter sentido de humor.

As suas pestanas ficam a meio mastro e o sorriso torna-se perverso.

– Já não. – Ele volta a sua atenção para o meu sutiã, passando um braço por trás. – Coisinha esquiva, não é? – diz, com os dedos a mexerem no tecido, e levo um segundo para perceber que ele está à procura do fecho.

– Oh... é um sutiã *bralette* – digo. – Eu posso ajudar...

– Não, não, eu consigo.

Mas ele parece não entender o que estou a dizer.

– Não... não há fecho. – Eu mexo-me para tirar o sutiã. Quando ele o puxa, sinto um forte puxão no pescoço e...

– Au...

– Oh, merda...

– Acho que o teu relógio está preso no meu colar – digo, enquanto a bracelete se crava na minha pele, fazendo-me soltar um suspiro trémulo. Estou nua da cintura para cima, com os meus seios a balançar enquanto tentamos desembaraçar-nos. Esquerda. Direita. Debaixo. Através. Estou a tentar evitar que o colar interrompa o meu suprimento de ar, tentando não

rir... porque, de qualquer ângulo, estas acrobacias devem parecer hilárias.

– Merda, merda, merda, desculpa – diz Drew quando o seu relógio rouba uma madeixa do meu cabelo.

– Este quarto está amaldiçoado – murmuro, colocando a mão nos meus seios para impedi-los de saltar com tanto entusiasmo.

Depois de ele soltar o braço e pousar o relógio em segurança na mesa de cabeceira, esfrego a garganta, perguntando-me quantos azares posso suportar numa noite e se se trata do universo a tentar enviar-me um sinal.

– Chega de azares – diz Drew. – Tem de ser tranquilo a partir daqui.

– Por favor. – Puxo as suas calças de ganga, erguendo as sobranceiras para ele quando este ato termina sem ninguém ser mutilado. Ele faz o mesmo comigo e... sucesso. – Maldição quebrada?

– Diria que sim.

Puxo-o para cima de mim, com o seu peito nu a encontrar o meu, o peso dele a permitir-me relaxar. Num instante, estamos de volta aos trilhos e o alívio é instantâneo. Ele enterra o rosto entre os meus seios, provocando um mamilo com o polegar e enviando uma onda de prazer direto para o meu núcleo. Arqueio as costas, com a minha mão a vagar para a frente dos seus *boxers* azul-marinho, tensos com o seu desejo. O som que ele emite quando agarro o seu pau através do tecido é uma obra de arte. Um pequeno gemido perfeito, um impulso de ancas. Um aperto das suas mãos nos meus seios.

Justamente quando começo a pensar que poderia ficar a noite toda assim, ele levanta-se e começa a beijar a minha barriga. Há uma impaciência nele agora... ele não se demora. E talvez eu consiga entender isso, mesmo que os preliminares sempre tenham sido a minha parte favorita. Ele põe os polegares em cada lado das minhas cuecas e faz uma pausa, levantando uma sobranceira e esperando o meu aceno antes de deslizá-las para baixo. Depois, a sua mão sobe lentamente por uma coxa, com tudo em mim tenso, na antecipação de que ele me separe com dois dedos.

Oh. Sim. Suspiro com o seu toque, passando os meus braços em volta do seu pescoço e agarrando madeixas do seu cabelo. E então... *sim?*

A sua técnica não é exatamente má... só lhe falta subtilidade. Ele bombeia um dedo para dentro e para fora. Dentro e fora. E é isso. Nenhuma variação. Certamente está apenas a aquecer. Recuso-me a acreditar que pense que a chave para o prazer de uma mulher é tratar o corpo dela como um daqueles brinquedos que prendem os dedos dos quais ele simplesmente... não consegue... escapar.

A cama range quando ele se mexe para ir buscar os preservativos. Ele coloca-os na mesa de cabeceira e segura o pequeno frasco de lubrificante, fazendo uma pergunta silenciosa. *Sim.*

Mas então ele esguicha...

Demasiado.

Mesmo demasiado.

Pinga entre as minhas pernas para a cama por baixo de mim, com o meu

traseiro numa poça escorregadia que cheira a morango e baunilha.

– Saiu um pouco mais rápido do que eu pensava, desculpa – diz timidamente, pegando em alguns lenços de papel e fazendo o possível para limpar.

Deus abençoe o homem, ele é persistente. Mesmo que não tenha acertado na quantidade, o lubrificante deixa tudo melhor, liso, quente e sensível.

– Ela gosta disto? – pergunta.

– Ela?

Um sorriso enquanto usa a outra mão para apontar entre as minhas pernas. Demoro mais do que deveria para processar o que ele está a dizer... e então dou-me conta.

Ele está a falar da minha vagina. Como se fôssemos duas entidades separadas.

– Hum-hum – é tudo o que consigo dizer.

É um alívio quando ele baixa a cabeça, e tento o meu melhor para me concentrar no que a sua língua está a fazer em vez de na zona molhada de edredão debaixo de mim.

A princípio, acho que é uma piada – que ele não pode ser tão inepto. Mas não, ele está empenhado no que está a fazer lá em baixo, e preocupa-me que, se abrir a boca para lhe dar alguma orientação, eu desate a rir. Porque ele está realmente empoleirado ali na borda da cama, a lamber o meu osso púbico como se fosse um gelado.

– Estás a ir muito bem – diz ele. Bem a... ficar aqui deitada? E então, enquanto ele continua a trabalhar a língua no mesmo local: – Ah, sim. Aqui?

Duas coisas ficam instantaneamente claras para mim. Primeiro, que este homem não faz ideia onde está o clitóris. Segundo, não é o quarto que está amaldiçoado... é *Drew*.

Drew, que corou quando arregacei as mangas. Que falava uma das línguas élficas de uma forma estranhamente encantadora. Que me beijou como se mal pudesse esperar para tirar a minha roupa, mas que não compreende o sexo oral. Uma noite como esta não deveria vir com instruções. Pelo menos, acho que não.

– Podes... um pouco mais abaixo? – consegui dizer finalmente.

Ele obedece, voltando para os dedos, o que é melhor no sentido de que consigo sentir *alguma coisa*.

– Sabes tão bem – diz ele. – Tão quente. Tão *pronta*. Adoro quão quente e pronta estás.

Nas partes da minha mente que não se encolhem de embaraço, lembro-me que a Little Caesars vende pizzas chamadas Hot-N-Ready^[1], facto que não me deixa mais excitada.

A sua ereção pressiona os *boxers*. Gentilmente, empurro o meu peito para que possamos virar-nos. Ele está *extremamente* Hot-N-Ready, e um benefício adicional de todo este lubrificante é que, quando deslizo a minha mão para

dentro dos seus *boxers* e envolvo os meus dedos em torno dele, a sua cabeça cai para trás contra a almofada, com todas as suas sardas a darem a impressão de uma inocência *sexy* e obscena. Céus. A forma como ele fecha os olhos, expondo o seu pescoço elegante... Não odeio a vista. De maneira nenhuma. E, caramba..., apesar de todos os nossos contratempos até agora, ainda quero que isto seja bom. Esta noite deveria tirar-me da rotina, lembrar-me de que posso ser selvagem e despreocupada. Ainda não estou pronta para desistir.

– Preciso de ti – digo ao seu ouvido, perguntando-me se há mais verdade nestas palavras do que gostaria de admitir. O seu gemido e murmúrio, *por favor*, levam-me mais perto do orgasmo do que estive a noite toda.

Com os meus resquícios de esperança, agarro na caixa de preservativos. Ele levanta as sobrancelhas maliciosamente enquanto pega num e, antes que eu lhe possa dizer para não fazer isso, afunda os dentes nele. Quando o tira da boca, franze a testa para a embalagem rasgada. Um Casanova, ele não é.

Pego noutro e abro-o eu desta vez, dando-lhe alguns puxões fortes antes de o desenrolar nele. Os seus olhos fecham-se enquanto solta um murmúrio baixo, empurrando-me de volta para a cama com o seu pau posicionado na minha entrada.

– *Foooooda-se* – exala enquanto se empurra para dentro de mim. – Foda-se. Sim. Foda-se. *Sim*. – Ele pontua cada frase com um movimento de ancas.

Tento acertar o meu ritmo com os seus golpes, mas ele vai tão rápido que não consigo acompanhar. Quando tento tocar onde os nossos corpos estão unidos, numa tentativa hesitante de me fazer vir, ele interpreta isso como se eu estivesse a tentar chegar à sua mão.

– *Oooh*, aí está – ofega ele enquanto entrelaça os nossos dedos. – Aí está.

Ritmicamente, parece uma versão porno da música *rap Whoomp! (There It Is)* – que, se não é a música menos *sexy* do mundo, está seguramente no *top cinco*.

– Oh, por amor de Deus – digo em voz alta, porque não consigo conter-me mais.

No entanto, ele interpreta isso como um grito de êxtase e começa a bombear com mais força.

– Estou quase lá – diz ele. – Conseguimos fazer isto. Consegues chegar lá, *baby*?

Baby. Como se ele estivesse tão perdido no momento que eu poderia ser absolutamente qualquer pessoa para ele.

Naquela fração de segundo antes de ele cair, decido que tenho de fingir. Subtilmente, claro. Algumas respirações instáveis, um cerrar de dentes e um gemido antes de ele cair em cima de mim com um som áspero e gutural.

Ele rola para o lado, com o peito a arfar e o rosto corado.

– Isto... foi incrível – balbucia.

Eu apenas pestanejo para o teto, atordoada demais para processar como este tipo giro acabou por ser um desastre na cama.

Após breves instantes, ele vira-se para mim e põe a mão na minha anca. De repente, sinto-me muito exposta. Puxo os lençóis até aos seios, mas o que eu realmente adoraria era enterrar-me debaixo da cama. Talvez cavar uma sepultura em frente ao hotel. morreu em busca de um orgasmo impossível, escreverão na minha lápide. Que a sua memória seja uma bênção.

– Foi bom para ti? – pergunta.

– Hum-hum – digo, perguntando-me quão óbvio seria se eu confirmasse as horas no meu telemóvel, que está algures em terra de ninguém entre a cama e a porta. Já deve passar das duas da manhã.

Deixo os meus olhos fecharem-se, virando o meu corpo para o dele e soltando um suspiro de contentamento. E, como resultado, sinto-me um pouco cretina. Se estivéssemos realmente juntos, eu seria sincera com ele. Mas em poucas horas nunca mais o verei, um facto que agora parece o mais belo lampejo de alívio. Quase não sei nada sobre ele – talvez seja um defensor da terra plana ou não acredite em vacinas – e não preciso de saber.

Talvez este seja um sinal do universo. Casos de uma noite: claramente não é o tipo de coisa de Chandler Cohen.

Rapariga de relações, provoca a voz de Wyatt.

– Só tenho de estar na conferência amanhã à tarde. Talvez pudéssemos dormir até mais tarde? Pedir serviço de quarto? – A sua boca levanta-se enquanto a sua mão dança ao longo da minha anca. – Repetir?

Estou exausta demais para inventar uma desculpa.

– Sem dúvida.

Drew boceja para o seu ombro.

– Estou muito feliz por te teres sentado naquele bar. – É a última coisa que diz antes de adormecer, com o peito a subir e descer com respiração constante.

Não posso ficar aqui. Se acordarmos de manhã e ele perguntar como é que «ela» dormiu, vou perder o controlo. Foi uma má ideia, uma péssima ideia, e a única esperança que tenho de autopreservação é fugir.

Agora.

O mais delicadamente que consigo, afasto os lençóis e balanço as pernas para fora da cama, fazendo uma careta com a dor que atinge a barriga da minha perna. Fizemos uma grande desarrumação e as minhas roupas estão espalhadas pelo chão. Ando na ponta dos pés pelo quarto antes de encontrar o meu telemóvel debaixo da *T-shirt* e usar a luz do ecrã para recolher o resto das minhas roupas.

Está tudo bem, digo a mim mesma enquanto visto as calças. *Vou rir disto amanhã. Provavelmente.*

Por fim, chego à porta, abrindo-a e fechando-a com um clique silencioso, e trancando as minhas más decisões lá dentro.

APÓS 4 TEMPORADAS, AS LUZES APAGAM PARA *THE NOCTURNALS*

POR TASHA KIM, *THE HOLLYWOOD REPORTER*

LOS ANGELES – Ao anunciar ontem a sua programação de outono, o TBA Studios chocou muitos dos seus dedicados fãs: *The Nocturnals*, uma série que acompanha os dramas de um lobisomem em idade universitária, Caleb Rhodes, e do seu grupo eclético de amigos a navegarem pela vida, pelo amor e pelo sobrenatural, não foi renovada para uma quinta temporada.

Os fãs acederam imediatamente ao Twitter e uma petição para repor a série reuniu mais de dez mil assinaturas em menos de um dia. A série, que obteve uma audiência escassa mas consistente para o TBA, ganhou um culto de seguidores desde a sua estreia em 2008. As festas que os fãs apelidam de *all-nighters* são comuns para as estreias e finais de temporada, e as suas estrelas são uma constante nas convenções de fãs em todo o país.

«Não será fácil dizer adeus a estes personagens», disse o criador Zach Brayer, que admitiu que ainda estava a recuperar da notícia. «Mas estamos muito gratos aos fãs que ficaram connosco durante tanto tempo. Isso é o máximo que qualquer produtor pode pedir.»

The Nocturnals destacou-se entre uma série de programas direcionados para o público adolescente, sobretudo porque os personagens principais começam o primeiro episódio já na faculdade.

«A faculdade matou tantos programas», disse Marion Welsh, responsável de programação de séries do TBA. «Assim que separas os personagens que conhecestes durante o secundário, a série perde um pouco do que te cativou logo à partida. Era isso que adorávamos em *The Nocturnals*: eles estavam a fazer algo diferente.»

Brayer diz que se prepararam para a possibilidade de cancelamento e que, quando o final da quarta temporada – agora o final da série – for para o ar, dentro de duas semanas, espera que seja satisfatório para os telespectadores. «Conseguimos terminar da maneira que queríamos, com estes personagens a formarem-se e a partirem para o mundo, que eles agora sabem que é cheio de perigos e mistério, mas também de amor e esperança. E esse foi realmente o ponto crucial do programa: que a esperança conquistaria sempre tudo.»

capítulo

4

O som da máquina de café expresso de última geração de Noemie acorda-me cedo demais, um zumbido e um rangido que mais parece uma tempestade de categoria 5 do que um prelúdio de café.

Quando a minha almofada não faz nada para abafar isso, solto um gemido e, lentamente, saio de debaixo dos cobertores, virando-me para verificar o meu telemóvel.

Senti a tua falta ontem à noite.

Com um sobressalto, levanto-me na cama, perguntando como diabo Drew conseguiu o meu número. Devo ter sido descuidada e deixado algo para trás, ou talvez ele tenha um lado sinistro e tenha conseguido rastrear-me. Oh, Deus... *não posso* voltar a vê-lo.

O meu coração volta a acelerar com um ritmo novo e menos pânico quando pisco os olhos turvos e vejo o nome: Wyatt Torres.

Senti a tua falta ontem à noite. Apenas uma frase e ele consegue levar-me de volta àquela noite de algumas semanas atrás, com beijos desesperados, lençóis retorcidos e a entrada direta para o número um na minha lista de arrependimentos. Uma lista que parece continuar a crescer.

Caio de novo na almofada, navegando nas suas redes sociais em busca de fotos da inauguração da casa. Lá está ele, com alguns dos nossos outros amigos da faculdade, a posar em frente a uma impressionante tábua de charcutaria. Parece uma festa adequada e elegante *pra caralho*, destinada a pessoas que ganham bem, sem uma bola de pingue-pongue ou copo de plástico à vista. Wyatt, com o seu trabalho como jornalista no *Tacoma News Tribune*. Alyssa, uma jornalista de investigação de uma estação de TV local. Josh, o único jornalista de um jornal bissemanal, cobrindo tudo, desde reuniões do conselho municipal até jogos de futebol americano do secundário.

Na faculdade brincávamos sempre que mal podíamos esperar para chegar à idade em que poderíamos dar festas *adultas*, daquelas com canapés,

guardanapos e vinho que não tivesse sido comprado por dois dólares no Trader Joe's. Seríamos todos jornalistas premiados, partilhando anedotas sobre as nossas últimas histórias e gabando-nos de quem seria o primeiro a conseguir fazer uma primeira página. Se ao menos soubéssemos que uma primeira página digital era um pouco menos emocionante.

É fácil esquecer que, mesmo antes disso, eu queria escrever os meus próprios livros, sem perceber que era impraticável pensar que seria uma das sortudas que conseguiria sobreviver apenas disso. Em criança escrevia constantemente, compilando livrinhos com capas rabiscadas ao acaso. Os mistérios eram os meus favoritos; adorava a emoção de poder enganar o leitor (no caso, os meus pais ou Noemie), largando o que tenho a certeza de que eram pistas falsas muito óbvias e levando-os a uma conclusão que eles juravam nunca terem imaginado. Pensando bem, podiam estar a mentir para proteger a minha frágil autoestima pré-adolescente. Ser capaz de criar o caos e depois encerrar tudo acalmava o meu cérebro ansioso, e havia algo intrinsecamente satisfatório em encadear frases, a ponto de eu poder ouvir o seu ritmo na minha cabeça antes de as escrever. Nada supera a alegria, pura e absoluta, de encontrar exatamente a palavra certa para dar o significado exato a uma coisa.

Isso foi há muito tempo, quando podias dizer aos adultos que querias ser escritora quando crescesses e eles sorriam e diziam como eras criativa, como eras inteligente! Mas depois cresces. Ficas mais perto da idade em que uma escola imprime, num pedaço de papel, aquilo com que te comprometeste nos últimos quatro anos da tua vida. *Tens de ser um pouco mais realista*, disseram os orientadores. *Alguém ganha dinheiro a fazer isso?* – perguntaram os teus pais, preocupados. Então, comesas a dizer *jornalista*, porque isso também é escrever, só que não podes inventar nada. E eles começaram a sorrir-te outra vez, contando-te sobre todos os artigos interessantes que leram recentemente.

Às vezes, nos fins de semana, quando estou entre prazos, abro a pasta, protegida por senha nas profundezas do meu computador, Meus Documentos / Pessoal / Outros / Diversos, apenas o tempo suficiente para ler o que escrevi na última vez que estive entre prazos. Talvez mude uma ou duas palavras, mas não faço progressos além disso há meses. Anos.

De alguma forma, olhando ao redor do meu quarto, com o seu edredão da Anthropologie, comprado com desconto, velas queimadas até virarem tocos e uma pilha de romances policiais que li dezenas de vezes, mas que mantenho por perto para me sentir confortável, não me sinto tão tranquila quanto esperava estar nesta fase da minha vida. Ainda nem tenho a certeza se estou a pagar os meus impostos corretamente.

Tiro os lençóis de cima de mim, notando o hematoma violeta a florescer na barriga da minha perna. Uma bela recordação da noite passada. Quando cheguei a casa, depois de uma viagem de Uber com um motorista demasiado tagarela – verifico o meu telemóvel novamente –, cinco horas atrás, peguei no primeiro pijama e meias limpos que vi. Quase nunca durmo sem os pés

cobertos, exceto nos dois dias do ano em que a temperatura chega aos vinte graus. Tornou-se uma espécie de piada na minha família o facto de eu pedir meias em todos os aniversários ou festividades, sempre, a sério. Adoro usá-las, estou sempre com frio e as provocações ocasionais valem totalmente a pena.

Não consigo pensar em nada suficientemente charmoso ou espirituoso para enviar uma mensagem a Wyatt, mas tenho uma mensagem da minha mãe desta manhã... Uma foto um pouco desfocada do livro de Maddy com a legenda: *Ainda n sei quem ela é ms fizeste ótimo trabalho! que sede!!* E depois uma série de *emojis* de gotas de água. Não tenho coragem de lhe dizer o que eles realmente significam.

Demoro sempre um momento a decifrar as mensagens dos meus pais. Eles são um pouco velhos e, embora eu tenha ensinado o meu pai, cinco vezes, a anexar algo a um e-mail, eles continuam a tentar, e eu adoro-os por isso. A esta mensagem, pelo menos, é fácil de responder, por isso envio um agradecimento à minha mãe e visto um roupão, seguindo o aroma que vem lá de baixo do café-do-mês que Noemie recebe graças a uma das suas subscrições.

O meu quarto, uma casa de banho e um quarto de hóspedes ficam no andar de cima, e pago uma renda comicamente baixa em comparação com a maioria dos apartamentos em Seattle. Este pitoresco bairro de Ballard, com as suas casas pintadas em cores vivas e quintais paisagísticos, poderia muito bem ter uma placa a dizer: deve ganhar bem para se mudar para cá. Sempre que tento dizer à minha prima que devia pagar mais, ela recusa a ideia. «Gosto de te ter aqui», insiste, como se o simples facto da minha presença valesse algumas centenas de dólares por mês.

– Bom dia! – canta Noemie na cozinha. – Acabei de abrir um saco novo. Do Maine.

Ponham algo numa caixa de subscrição e a minha prima perderá a cabeça com isso. Ao longo dos anos subscreveu produtos que vão do prático ao bizarro: papel higiénico, máscaras faciais, molhos picantes artesanais e até uma caixa que envia pistas mensais para resolver um mistério. Num Hanukkah, ela ofereceu-me uma assinatura de meias-do-mês, e continua a ser o melhor presente que já recebi.

Moro aqui há três anos e nunca deixo de me surpreender como ela cumpre os horários aos fins de semana. Ela está em modo sábado chique, com uma camisola curta e *leggings*, cabelo escuro preso num rabo-de-cavalo, com óculos de tartaruga, a beber café numa caneca que um dos seus colegas publicitários lhe comprou e que diz *life's a pitch*^[2], a folhear o *Seattle Times* porque nos recusamos a deixar que tenha o mesmo destino do *Post-Intelligencer*.

Há uma frigideira de ovos mexidos no fogão, salpicados com pimentos vermelhos, cebolas e brócolos, pão de forma ao lado da torradeira – uma rosa-claro pela qual me apaixonei na secção de saldos da Target e que continua a

ser a minha única contribuição para a coleção de eletrodomésticos da casa. Pego na minha caneca favorita, aquela que tem uma máquina de escrever *vintage*, e encho-a até à borda.

Noemie vira a página para a secção de artes e cultura quando me sento ao lado dela.

– Não precisavas de fazer o pequeno-almoço – digo, salpicando os meus ovos mexidos com um pouco de molho picante de julho, que é feito com chili e figo-da-índia.

– Era o mínimo que podia fazer. As luzes estavam apagadas quando cheguei a casa, por isso imaginei que tivesses chegado antes.

– Está tudo bem no trabalho?

Ela encolhe os ombros, sem encontrar os meus olhos.

– Talvez.

– Nome, não podes deixar que te tratem assim. Mereces ter uma vida fora do trabalho.

– Não é o meu *trabalho para sempre* – tranquiliza-me ela, como se uma carreira fosse algo que pudesse ser permanente. – Assim que terminar esta campanha, estarei fora de lá. Juro. Tenho procurado outros empregos de relações públicas.

Não consigo contar quantas vezes ela disse isto antes. Mesmo com a casa, o salário fixo e as subscrições, Noemie tem pouco tempo para amigos ou passatempos. Afastar-se do jornalismo talvez tenha sido a escolha certa financeiramente; empregos publicitários são mais estáveis e mais bem pagos, mas isso causou estragos no resto da sua vida. Muitas das festividades com a nossa família foram interrompidas porque ela tinha um cliente que precisava de algo naquele momento. Às vezes, acho que ela fez a coisa certa ao deixar o jornalismo naquele momento, antes de se aventurar na indústria e isso arrasar a sua autoestima. Outras vezes, pergunto-me se ela acelerou a sua vida quando poderia ter sido mais feliz desacelerando.

Noemie bebe um gole de café, claramente ansiosa para mudar de assunto.

– A que horas chegaste a casa?

– Eu não cheguei propriamente antes de ti. – Ponho os ovos no prato, pensando se quero partilhar. É um processo de pensamento inútil... acabarei por lhe contar tudo. – Eu, hum... estive com alguém.

Ela quase deixa cair a caneca, com o líquido a transbordar pelas laterais.

– Oh, meu Deus. Com *quem*?

– Um tipo que conheci no bar da livraria.

– Preciso de mais do que isso – diz ela. – A minha vida social limita-se a flirtar unilateralmente com o empregado do bar no *hall* do meu escritório. Tenho de viver indiretamente através de ti.

– Bem... – Decido começar com os aspetos positivos. – No início foi ótimo. Estávamos vibrantes, ele era engraçado e meio *nerd* de uma maneira superfofa. E, conheces-me... assim que deteto o menor indício de perversão,

estou fora.

– Tens um excelente detetor de perversos!

– Obrigada. – Uma dentada na torrada e continuo. – Ele está na cidade, vindo de Los Angeles, para uma conferência. Entrámos numa conversa amigável sobre como Seattle não tem pizarias boas à fatia...

– Verdade...

– ... e tentámos encontrar uma. Então, comemos uma, conversámos um pouco, namoriscámos um pouco... – O meu rosto aquece quando me lembro da forma como ele olhou para mim enquanto eu arregaçava as mangas. É ridículo quanto *me atraís*. – Oh, e então percebi que me esqueci de pagar o livro da Maddy. A propósito, ainda tenho de lá voltar para pagar. Não quero isso na minha consciência. – Como se fosse uma resposta pavloviana, pego no meu copo com água. – Depois, fomos para o hotel dele. Chegados a esse ponto, começámos a ter... – Baixo a cabeça sobre a mesa feita de madeira recuperada, fazendo uma pausa para um efeito dramático. – O pior sexo da minha vida.

Desta vez, a minha prima deixa cair o garfo no prato com um som agudo.

– Não, não, não... o quê? Não pensei que isso ia parar aí.

– Acredita em mim, eu também não. Era a Lei de Murphy do sexo... tudo o que podia correr mal, correu. O relógio dele ficou preso no meu colar, o lubrificante foi espalhado por todo o lado, e depois ele simplesmente... martelou até ao fim.

– E suponho que tenhas ficado um pouco insatisfeita?

Aceno afirmativamente.

– Acho que nem um mapa o teria salvado. O coitado não tinha noção – digo. – Se namorássemos, eu teria tentado ajudá-lo um pouco mais, mas parecia tão estranho dar instruções a alguém que eu não conhecia.

Ocorre-me novamente que eu poderia ter dito alguma coisa. Podia ter-lhe dito: *Ei, ainda não cheguei lá* e ter-lhe mostrado como me levar até lá. Sinto-me confortável a dar instruções na cama, mas não posso deixar de pensar que não teria valido a pena para uma noite só. Além disso, aprendi que nem todos querem ser treinados. Alguns ex-namorados consideraram isso um insulto, embora com aqueles que estavam abertos a isso, tenhamos conseguido ter relacionamentos bons e comunicativos depois de algumas dificuldades iniciais. Mas isso, definitivamente, não era toda a gente, e eu não estava com vontade de acalmar egos ontem à noite.

Imagino-o a acordar esta manhã, a estender a mão para o outro lado da cama apenas para encontrá-la vazia. Uma leve pontada de culpa instala-se no meu estômago.

Mas eu teria ido embora no final do dia, de qualquer maneira.

Noemie levanta-se e enche a sua caneca, depois bebe um gole enquanto se encosta ao balcão da cozinha, parecendo pensativa.

– Gostava de perguntar como é que a educação sexual pode ter falhado

dessa forma com tantos homens, mas eu também só soube onde estava o meu clitóris aos vinte e cinco anos. Por isso, garantidamente também falhou comigo.

Isso eu sei, porque quando ela me contou, há alguns anos, fiquei muito feliz em recomendar-lhe um vibrador para iniciantes e uma lista dos meus *influencers* favoritos para sexo positivo. E não foi a primeira vez – outras amigas perguntaram a mesma coisa. Desde o primeiro curso de introdução que fiz para a minha licenciatura, tem sido completamente natural falar sobre isso. Sem vergonha ou constrangimento. Ou talvez sempre tenha sido natural, mas a sociedade tentou convencer-me do contrário.

– Ele parecia achar que o meu estava localizado nos meus rins.

– Desculpa. Estou a esforçar-me tanto para não rir.

– E eu estou a tentar apagar isto da minha memória, obrigada – digo, mas também não consigo deixar de rir. Certamente, quanto maior a distância temporal, mais engraçado será.

Noemie volta para a mesa da cozinha e põe a mão no meu ombro.

– Tenho exatamente aquilo de que precisas.

* * *

– Isto é totalmente desumano – digo. Pulo para a direita, para a esquerda, atiro os braços para cima e depois para baixo. Acima de nós, luzes verdes e roxas piscam ao ritmo da música *techno dance*. – És... és... masoquista.

– Prefiro o termo «especialista em aeróbica». – Noemie salta no trampolim ao meu lado, com o seu rabo-de-cavalo escuro a balançar de um lado para o outro. A sua forma é perfeita quando se lança numa série de dez saltos de tesoura. Já consigo sentir-me a ficar para trás, com os músculos a protestar.

– Joelhos para cima e para a frente! – grita o instrutor na dianteira da sala. – Lindo! Duplicar a velocidade!

Forço as minhas pernas a irem mais rápido, lutando para recuperar o fôlego. Durante o seu raro tempo livre de fim de semana, Noemie adora experimentar as últimas tendências de exercícios e, como resultado, arrastou-me para aulas de barre, pilates aéreo e, agora, Trampolim XXX – a sério, é este o nome da aula! E, quando ela me mandou uma mensagem com o link, enquanto me vestia, fiquei muito preocupada com aquilo em que estava prestes a clicar. Somos vinte num quarto escuro, a suar em cima de minitrampolins, enquanto luzes de néon piscam lá no alto. É uma sobrecarga sensorial, e talvez essa seja a tática deles: distrair-nos do facto de que estamos a exercitar-nos às cegas e com uma música terrível.

A música muda, o instrutor salta-salta-salta ao som de um *remix* de Jennifer Lopez.

– Encontra aquela batida, pressiona os calcanhares para baixo. Faz isso

pela J.Lo!

O trampolim treme por baixo de mim enquanto tento manter o equilíbrio.

– Pelo menos não estás a pensar na noite passada, certo? – diz Noemie.

– Chiu, estou a tentar não dececionar a J.Lo.

No meu trampolim, salto cada vez mais, até que a música termina e o instrutor aplaude-nos a todos batendo palmas.

– Fantástico trabalho, gentinha! – grita o instrutor e eu viro-me para Noemie e digo: *Gentinha?* Ela apenas abafa o riso enquanto nos dirigimos ao balneário do ginásio, pegando em algumas toalhas para nos secarmos. – Encontramo-nos na próxima semana!

– Como te sentes? – pergunta Noemie, lançando-me um sorriso enquanto abre o armário.

Limpo o rosto com uma toalha, reajustando alguns dos travessões que coloquei ao acaso no cabelo para evitar que voasse para todo o lado.

– Incrível, e odeio-te por isso.

Irritantemente, o treino no trampolim clareou o meu cérebro mais do que... bem, mais do que eu esperava que o caso de uma noite fizesse. Drew era um pontinho na minha cronologia sexual. E tenho a certeza de que poderei ver Wyatt novamente em breve, sem querer rastejar para dentro de um buraco e abraçar a escuridão como o meu único e verdadeiro deus.

Embora, no fundo, uma pequena parte de mim se preocupe que algo esteja mal comigo para que Wyatt não quisesse um relacionamento. No mês passado tive dois casos de uma noite – o primeiro porque pensei que estava a levar a algo mais, e o segundo porque queria sentir-me bem, desejada, bonita. Coisas que pensei que poderia sentir com Wyatt, que já me conhecia.

Wyatt Torres: olhos gentis, cabelo incrível, a fonte da minha agonia. Conhecemo-nos no primeiro ano do curso de Jornalismo e, embora eu sempre o tenha achado giro, havia tantas histórias de terror sobre separações no nosso grupo que temi agir. Então, convenci-me de que estava feliz por ser amiga dele e, na maior parte do tempo, estava. Morávamos no mesmo dormitório, frequentávamos as mesmas aulas, conseguimos estágio na mesma revista, mas nunca fomos concorrentes. Uma vitória para um de nós era uma vitória para ambos, para o futuro do próprio jornalismo! Wyatt não era exigente sobre onde queria trabalhar; iria para qualquer lugar que o quisesse. Por isso, candidatámo-nos às mesmas bolsas. Fomos rejeitados pelas mesmas bolsas. Então, numa brilhante explosão de esperança jornalística, fomos contratados pelo *The Catch*, um ano depois de nos formarmos. A revista *online* cobria tudo, desde política até cultura *pop*, encontrando o seu ritmo no tipo de tópicos que começaram a aparecer no início de 2010. Era nova e divertida, e parecia muito *atual*, embora não fosse um jornalismo inovador. Há anos que era uma leitora ávida e conseguir lá um emprego, trabalhar ao lado de nomes que lia nas assinaturas, era como conhecer uma celebridade.

Tínhamos todas essas experiências partilhadas e parecia fazer sentido

partilhar o resto das nossas vidas. Antes de nos vermos nus e estragarmos tudo.

Abro o cacifo, à procura do meu telemóvel. Três chamadas perdidas da minha agente, que geralmente faz o possível para não trabalhar aos fins de semana, e algumas mensagens com níveis crescentes de urgência. *Chandler, olá, estás livre? Eu sei que é sábado, mas preciso de falar contigo. Liga-me de volta o mais rápido possível!*

– O que foi? – pergunta Noemie, amarrando novamente o rabo-de-cavalo.

– É a Stella. – Agarro no meu saco o mais rápido possível, com o telemóvel na mão. – Espero por ti lá fora?

Stella Rosenberg é uma das principais agentes de não ficção do país. É mãe de gémeos, na casa dos quarenta, mora em Brooklyn, pés bem assentes na terra com os seus clientes e é um verdadeiro tubarão quando é preciso, e ainda não consigo acreditar que trabalhamos juntas. Embora nunca tenha estado com ela presencialmente, devo-lhe tudo por transformar os meus artigos *freelance* em algo que se assemelha a uma carreira.

Depois de ser despedida, vendi alguns artigos por tostões enquanto o mundo do jornalismo pegava fogo. Candidatei-me a tantos empregos que, quando recebi o e-mail de Stella, tive de ir confirmar a que emprego se referia. *Procuro amostras de escrita para um livro de ghostwriting. É necessária a máxima discrição.* Honestamente, parecia que podia tratar-se de um esquema. Tive de assinar um acordo de confidencialidade antes de saber o nome para quem ia escrever.

A princípio, o facto de ter conseguido encontrar algo usando o meu diploma de jornalismo – tecnicamente, comunicação com especialização em jornalismo – pareceu um bom sinal. *Ghostwriting* envolvia pesquisa, entrevistas, prazos, todas as coisas nas quais eu tinha muita experiência. Os meus pais sempre me disseram que um diploma universitário era um ponto de partida, que não importava necessariamente o que eu estudasse, porque as minhas competências seriam transferíveis. Mas eu não queria transferi-las para lugar nenhum. Eu queria escrever.

Não é que eu não esteja grata pelo trabalho; estou tremendamente. Talvez fosse ter feito trinta anos no ano passado que me fez reavaliar a minha carreira, mas adoraria ter algo em que pudesse colocar o meu nome. E talvez esse algo seja um livro ou talvez não, mas tem de haver algum tipo de história que eu seja a pessoa certa para contar.

Stella atende ao primeiro toque.

– Graças a Deus que te apanhei – diz ela. Ao fundo, ouço cães a ladrar e crianças a balbuciar. – Desculpa, estou no parque. É um jardim zoológico aos fins de semana.

Encosto-me à parede do lado de fora do ginásio.

– Sem problema. O que se passa?

– Então, sabes que temos pensado em ti para alguns novos projetos. –

Outra coisa sobre Stella: ela não perde tempo. É direta, sem gentilezas. – Há um ator que acabou de vender um livro de memórias e cuja equipa está à procura de um *ghostwriter*. E eles adoraram a tua escrita.

– Um ator – repito com alguma apreensão. E, *OK*, talvez um pouco de entusiasmo. – Quem é?

– Finnegan Walsh – diz ela. – Lola, sabes que tens de pedir permissão antes de fazeres festas a um cão! Os meus filhos comeram demasiado açúcar ao pequeno-almoço. De qualquer forma, ele estava numa série sobre lobisomens que terminou há cerca de dez anos. Quatro temporadas. Fãs realmente devotos.

O nome não me é familiar. Por outro lado, não me lembro da última vez que tive TV por cabo, e usei a conta da Netflix dos meus pais na faculdade, por isso, se não for uma *sitcom* do início dos anos 2000 ou um original da Netflix, provavelmente não vi.

– Sei que disseste que querias fazer algo um pouco mais sério desta vez – continua Stella –, mas acho que isto pode ser muito emocionante. Ele tem um grande culto de seguidores, especialmente entre *millennials* e a geração Z. E a equipa quer que vocês os dois trabalhem juntos nisso... Não será outra Maddy DeMarco. – Ela pragueja baixinho. – Juro por Deus, eles tiveram sorte de teres sido tão santa em relação a isso.

Não posso negar que a ideia é apelativa.

– *Okay*, então qual é o próximo passo? – pergunto. – Eles querem falar comigo?

– Essa é a melhor parte. Ele está na cidade para a Emerald City Comic Con até ao final do dia e ele e o seu agente querem encontrar-se contigo para almoçar. É por isso que pareço tão frenética: estarão no restaurante à uma e meia.

Almoço? São quase demasiadas coisas para processar ao mesmo tempo. Verifico a hora no meu telemóvel: já é uma e dez.

E estou a usar roupas de ginástica, ainda a pingar suor do Trampolim XXX.

– Eu... eu acho que consigo.

– Excelente – diz ela, contente, no momento em que há uma comoção ao fundo, antes de me dar o nome do restaurante. – Diz-lhes que estás lá para te encontrares com Joe. É o agente dele. E liga-me depois para me contares como correu. Obrigada, Chandler!

E com isso ela desliga.

Fico a olhar para o meu telemóvel por alguns instantes. Tenho o cérebro a zumbir enquanto Noemie se aproxima, com o seu saco de ginástica pendurado num braço.

– Podes levar-me ao centro para que eu possa conhecer alguém chamado Finnegan Walsh?

Noemie pisca-me os seus grandes olhos escuros.

– Com licença, apaguei por um momento. O que disseste?

– Finnegan... Walsh? É um ator?

– Claro que é um ator – diz ela. – Finn Walsh, de *The Nocturnals*, a série mais formativa da minha adolescência? Só tentei fazer com que a visses uma centena de vezes. – Ela abre o fecho do saco e desenterra as chaves. – Caramba. Vais *escrever* um livro com o Finn Walsh?

– Talvez – digo, e explico a chamada. E tenho de almoçar com ele dentro de quinze minutos.

No nosso caminho para o centro da cidade, Noemie faz o possível para me pôr a par do maior drama adolescente paranormal de 2008, enquanto eu tiro as minhas *leggings* no banco de trás do carro dela. Em circunstâncias normais, eu passaria horas a pesquisar um potencial novo autor, mas desta vez terei de contar com a minha prima. E ela talvez seja melhor do que a Wikipédia.

Quando chegamos à autoestrada, sei o seguinte sobre Finnegan Walsh:

Ele entrara na série televisiva *The Nocturnals*, de 2008 a 2012, sobre lobisomens jeitosos em contexto universitário (mas ele nem interpretara um dos lobisomens). Oliver Huxley era um estudante de biologia a tentar encontrar uma cura para a lobisomem por quem tinha uma paixoneta e, explica Noemie, ele era-lhe adoravelmente devotado, mesmo quando ela o afastara porque pensava que ele nunca poderia amar um monstro como ela. Como resultado, ele está no topo da lista dos *nerds* mais *sexy* de Noemie, prensado entre Adam Brody e Joseph Gordon-Levitt.

Durante as filmagens, manteve um perfil relativamente discreto, ou seja, sem escândalos ou controvérsias («que saibamos», diz Noemie). Desde que *The Nocturnals* saiu do ar, fez algumas comédias românticas de baixo orçamento e, mais recentemente, alguns filmes de Natal da Hallmark, incluindo um de há alguns anos chamado *Ms. Mistletoe*, que Noemie sem ironia admite que viu e adorou.

Ela abre o porta-luvas e entrega-me uma lata de champô seco enquanto o carro dá uma guinada.

– Toma. Põe isto. E deve haver algumas sabrinhas naquele saco da Whole Foods.

– Sê sincera comigo. Estás a gerir uma loja Ann Taylor na parte de trás do teu carro?

Um olhar para o espelho.

– Não critiques a Ann Taylor. Ela ajudou-me a ultrapassar muitos momentos difíceis.

Noemie e eu não vestimos o mesmo tamanho. A sua blusa axadrezada a preto e branco estica-se sobre o meu peito, mas, com um casaco de malha, não há problema. Um pouco de champô seco no meu cabelo e estou pronta para ir.

– Tens a certeza de que estou apresentável? – pergunto, puxando a saia quando ela estaciona numa zona de carga no centro da cidade. Mostra o meu hematoma, mas é melhor do que as *leggings* encardidas que usei no ginásio. – As minhas mamas não ficam demasiado grandes com isto?

Noemie avalia-me e ajeita-me uma madeixa teimosa de cabelo no lugar.

– Estás com um ar de profissional *sexy*. Eu contratava-te para escreveres um livro para os fãs de lobisomens cheios de tesão.

Um abraço rápido e uma promessa de lhe contar tudo e ela vai embora.

O meu coração ruge-me nos ouvidos. Nunca conheci pessoalmente um autor desta forma, não no que essencialmente parece ser uma situação de entrevista com dois estranhos que descobri há menos de meia hora. Foi tudo tratado apressadamente, o que faz com que a minha ansiedade esteja nos píncaros. Normalmente, eu precisaria de pelo menos uma semana para me preparar para algo assim – praticar questões, praticar respostas, experimentar uma dúzia de roupas antes de escolher aquela que eu menos odiava. Sempre foi mais fácil deixar a minha escrita falar.

Eles adoraram as tuas amostras, dissera Stella. Só tenho de ser normal. Agarro-me a isso quando entro no Pear Bistro, curiosamente o mesmo restaurante vegano que recomendei a Drew ontem, ainda que agora não seja o momento de pensar nisso. Espero ter aprendido o suficiente com o monólogo de Noemie sobre Finnegan Walsh para sobreviver a esta reunião. *The Nocturnals. Lucky Us*, uma comédia romântica lançada diretamente para DVD sobre duas pessoas com bilhetes de lotaria premiados que têm de dividir o seu *jackpot*. *Ms. Mistletoe*.

Quando digo ao anfitrião o nome do agente, ele oferece-me um sorriso de lábios fechados e diz:

– Por aqui.

Só quando a mesa aparece é que começo a perguntar-me se desmaiei durante o Trampolim XXX e agora estou presa num pesadelo.

Porque, sentado à mesa, ao lado de um homem de meia-idade de fato cinzento, encontra-se alguém demasiado familiar. Ele está a olhar para o telemóvel, mas o cabelo ruivo, as sardas, a postura confiante dos seus ombros... tenho a certeza de que é ele.

O tipo que tropeçou no meu corpo e me encharcou com lubrificante de morango.

O tipo de cujo quarto eu fugi há apenas nove horas... porque era suposto não voltar a vê-lo.

^[2] Tradução livre: A vida é uma apresentação. (*N. T.*)

THE NOCTURNALS

Temporada 1, episódio 7: «Revelações»

INT. BIBLIOTECA DE OAKHURST - NOITE

ALICE CHEN entra e vê OLIVER HUXLEY na sua mesa habitual, com a cabeça inclinada sobre um livro. Ela caminha em direção a ele, com os ombros erguidos, pronta para lhe dizer o que pensa.

ALICE

Tens de parar de andar com a Meg, para o teu próprio bem. Podes pensar que ela é uma rapariga normal, mas...

HUX

Nenhum de nós é normal. Na verdade, sempre considereei o normal algo muito aborrecido. Prefiro ser invulgar.

ALICE

Há o invulgar e depois há *isto*. E ela não quereria que eu te contasse *isto*.

HUX

Se estás a meter-te comigo, Alice, não tem graça. Já aturo o suficiente disso ao Caleb, e não é exatamente a minha maneira favorita de passar o tempo.

ALICE

Estou a falar a sério. Ela não é apenas uma experiência que podes testar vezes sem conta, até obteres os resultados que queres. Ela é a minha melhor amiga.

HUX

Eu sei isso. E tens de acreditar que me preocupo com ela.

ALICE

Eu... eu acredito. Céus, vou arrepender-me
disto...

*Alice caminha até ao fundo da sala, olha pela janela
e respira fundo.*

Naquela noite em que vocês estavam no
refeitório e, de repente, ela teve de sair a
correr? E não tiveste notícias dela por dois
dias?

HUX

Achei que ela estava atrasada para a aula.
Uma aula noturna, disse ela mais tarde, com
muitos trabalhos de casa.

ALICE

Ou quando as roupas dela estavam cobertas de
pelos e lhe perguntaste se ela tinha um cão e
ela não conseguiu dar-te uma resposta direta?
Ou quando ela ficou doente durante a lua
cheia? Ou aqueles arranhões no pescoço?

HUX

Tem de haver uma explicação racional para...

ALICE

Ela é um lobisomem, Hux.

HUX

E como diabo sabes isso?

Alice vira-se, com os olhos a brilharem.

ALICE

Porque eu também sou.

capítulo

5

Isto deve ser uma confusão. Um erro. A mesa errada. Mas o seu agente está a levantar-se e a dirigir-me um sorriso caloroso.

– Chandler Cohen? – pergunta e, um tanto mecanicamente, assinto.

Drew/Finnegan finalmente olha para cima e, quando o seu olhar encontra o meu, ele verte um dos famosos sumos do restaurante na sua camisa, desafortunadamente branca. Algo com beterraba ao que parece.

– Cuidado! – exclama o seu agente, fazendo sinal a um empregado. – Pode trazer mais guardanapos?

Eu simplesmente fico ali, paralisada, com a saia de Noemie muito apertada em volta das minhas ancas e a camisa também muito apertada em volta dos meus seios, e aquele hematoma muito perceptível e, meu Deus, *porquê*. E *como*. E *fooooooda-se*.

Finnegan/Drew está pálido, sem saber se se deve concentrar na mancha fúcsia que se espalha na camisa ou no súbito aparecimento do caso de uma noite que não estava lá quando ele acordou esta manhã. Parece contentar-se com ambos e nenhum deles, boquiaberto, enquanto passa um guardanapo cinco centímetros à esquerda de onde a mancha começa.

– Lamento – balbucio, imaginando se daria má imagem a Stella se me virasse e fugisse. – A sua camisa, eu...

– Não tem culpa – diz Finnegan para a mancha. É um tipo de voz diferente daquela que usou comigo ontem à noite. Profissional. Distante.

O empregado chega com outro copo de água e uma pilha de guardanapos de pano, que Finnegan usa para atacar a sua camisa com novo entusiasmo. O seu agente puxa uma cadeira para mim e eu praticamente caio nela, dobrando as pernas para esconder o hematoma.

Lentamente, as peças juntam-se. Ele mora em Los Angeles. Estava aqui para uma conferência – devia ser a Emerald City Comic Con. A maneira como falou sobre a sua carreira, de forma vaga... deve ter ficado preocupado que eu o reconhecesse. Daí o nome falso. E, quando aquele grupo fantasiado apareceu, vindo da *comic con*, ele agiu de forma estranha, não foi?

– Bem! Que forma de quebrar o gelo – comenta o seu agente a rir. Ele estende-me a mão. – Joe Kowalczyk.

– Chandler. E você deve ser o Finnegan. – Coloco uma ênfase distinta no seu nome.

– Finn – diz ele e, quando se liberta da mancha por tempo suficiente para um aperto de mão, os seus olhos brilham com desconfiança. Como se talvez eu tivesse planeado isto. As suas sardas ficam ainda mais pronunciadas à luz do dia. À noite, ele parecia ter um ar de mistério, mas à uma e meia, com o sol de setembro a entrar pelas janelas e a deixar o seu cabelo ruivo-dourado, ele parece ser exatamente um tipo de Hollywood. Maços do rosto definidas, poros microscópicos, um *aftershave*-provavelmente-mais-carro-do-que-toda-a-tua-roupa».

Esta não é a primeira vez que toco nele, claro, e é muito menos íntima do que qualquer coisa que fizemos naquele quarto de hotel. O aperto de mão deve ser superficial. Estranho, talvez. E, no entanto, de alguma forma, a maneira como os seus dedos deslizam contra os meus, com o polegar a esfregar brevemente o meu pulso – tão levemente que eu não pensaria nada se não nos tivéssemos conhecido antes –, consegue acender muita mais eletricidade do que qualquer coisa que fizemos na noite passada.

A noite passada. A maneira como me beijou contra a porta do quarto do hotel antes de tudo correr mal. A maneira como eu gemi na sua boca e...

... e fingi um orgasmo.

Não posso trabalhar neste livro.

Joe abre a sua ementa.

– Obrigado por reservar um tempo para se encontrar connosco tão em cima da hora – diz ele. – Normalmente, teríamos combinado uma videochamada antes de a levar para Los Angeles, mas como mora aqui, parecia um pouco coisa do destino.

Finn continua a esfregar a camisa. Não consigo olhar para ele, porque, quando o fizer, vou imaginar o tipo que perguntou: *Ela gosta disto?* a protagonizar um filme intitulado *Ms. Mistletoe*, e serei forçada a questionar se é sobre alguém que, literalmente, tem o sobrenome Mistletoe ou se há algum tipo de concurso temático de Natal em que a mulher com mais espírito natalício conquista o coração de Finnegan. E, então, não vou conseguir parar de rir. E, se começar a rir, vou abrir um botão na blusa *Ann Taylor* com rendas de Noemie e presentear Joe e Finn com um espetáculo do sutiã desportivo amarelo-néon de cinco dólares da *Ross Dress for Less* que uso por baixo.

Faço o meu melhor para corresponder ao sorriso de Joe. Poderia muito bem deixar Finn o mais desconfortável possível.

– Eu não poderia estar mais de acordo.

Finn começa a tossir. Violentemente.

– Primeiro o almoço e depois os negócios – diz Joe. – E Chandler... é por minha conta.

Embora Joe e Finn peçam hambúrgueres *portobello*, o item mais caro do

menu, não consigo pedir nada além da sopa do dia, que por 17 dólares é um dos pratos mais baratos. O meu lugar não é aqui, nem com as minhas roupas emprestadas, nem com a história que tenho com Finn. Este não é o meu mundo.

Depois de fazermos o pedido, Joe cruza as mãos à sua frente. Com o seu fato imaculado e cabelo grisalho penteado para trás, está um pouco polido demais para um fim de semana em Seattle.

– Não tenho a certeza se a sua agente lhe disse, mas apaixonámo-nos pela sua escrita.

– Ela pode tê-lo mencionado, mas eu nunca recusaria um elogio.

Joe ri.

– Então permita-me dizer novamente: tem um estilo autêntico e identificável que achamos que seria perfeito para o livro do Finn. Tem uma forma de captar até os detalhes mais quotidianos e fazê-los parecer significativos.

Finn pontua as palavras de Joe com um leve movimento do queixo.

Pego na minha água, esperando que isso acalme o rubor nas minhas faces.

– Eu é que agradeço. É uma honra ouvir isso.

Joe parece bastante gentil, mas a pouca experiência que tive com celebridades ensinou-me que, muitas vezes, elas não são quem aparentam ser. Sabendo que Finn é ator, eu não deveria surpreender-me por ele ter dado um nome falso ou por me ter encantado tão facilmente, mesmo não estando entre os mais populares e mais bem pagos atores de Hollywood. Na verdade, é um alívio nunca o ter visto em nada. Ficaria demasiado impressionada para formar uma frase.

Agora que estou sentada à sua frente durante o dia, há nele algo vagamente familiar, mas também pode ser simplesmente porque, agora que sei que ele é famoso, o meu cérebro está a fazer horas extra para se lembrar de alguma coisa em que o tenha visto.

– Queremos alguém jovem o suficiente para agradar aos *millennials* que cresceram com o Finn em *The Nocturnals*, mas com experiência suficiente para lidar com um projeto desta magnitude. Tem sido um desafio encontrar um escritor com essa combinação única de competências. O seu segundo livro acabou de ser lançado?

Concordo com a cabeça, perguntando-me para onde atirei o livro de Maddy depois de chegar a casa ontem à noite.

– E acabei de entregar o meu próximo para revisão.

– Excelente – diz Joe. – Todos os seus editores falaram muito bem de si.

Estou prestes a atingir a quota de elogios.

– O que deseja exatamente que este livro de memórias alcance? – pergunto, já não sendo fisiologicamente capaz de falar de mim. – Quero dizer, obviamente, quer que venda bem. Mas que tipo de perspetiva procura para o Dr... para a história de Finn?

– Ótimas perguntas. Há um lado de cada ator que o público nunca vê, claro. Não queremos que este seja um livro típico de memórias. Talvez os capítulos não sejam cronológicos ou se trate de uma série de vinhetas ou anedotas... algo assim. Algum tipo de estrutura única. Essencialmente, sabemos que o Finn tem uma história para contar, e esta é a nossa oportunidade de o reposicionar, ao mesmo tempo que capitalizamos o que o tornou popular em primeiro lugar.

Estranho que o seu agente responda a isto em vez dele. Olho para Finn, esperando que ele acrescente alguma coisa, já que toda a discussão depende de um livro que é, bem, sobre ele.

Mas ele apenas acena com a cabeça, finalmente parecendo desistir da mancha de sumo e acrescentando um último guardanapo à pilha à sua esquerda.

– O Joe disse praticamente tudo.

OK, então.

A nossa comida chega e eu mergulho na minha sopa de caril e abóbora como se ela fosse uma tábua de salvação, a tentar não estimar o custo por colherada. Não me passa despercebido que Finn faz com os utensílios a mesma coisa que fez na pizaria. Inspecciona-os de maneira sub-reptícia, como se não quisesse que ninguém o apanhasse a fazer isso. Em seguida, corta cuidadosamente um pedaço de pão e *portobello* com faca e garfo. Enquanto isso, Joe pega no seu hambúrguer e dá uma grande trinca, já familiarizado com os hábitos de Finn ou indiferente a eles.

– Vamos conversar sobre logística – diz Joe, mergulhando uma batata-doce frita no molho de aioli sem ovo. – Fizemos acordos com a editora para acomodar a agenda do Finn, por isso você vai acompanhá-lo por todo o país enquanto ele participa em várias convenções com as quais já está comprometido.

– Oh... estou a ver. A minha agente não mencionou isso. Eu... realmente não viajo muito. – Esta parece ser a maneira mais profissional de dizer que não posso pagar.

Joe tranquiliza-me de imediato.

– Os hotéis, os voos, tudo está incluído, além do que acho que considerará uma hospedagem bastante razoável. E falei com a sua agente e ficaríamos felizes em negociar um aumento de trinta por cento sobre o que recebeu pelo seu último livro.

Engasgo-me com uma semente de romã, tentando e falhando em agir como se fosse normal receber este tipo de oferta – se é que é mesmo uma oferta. Eu odeio quão apelativo isto parece depois da porcaria que foi com Maddy. Mesmo com o livro do *personal trainer* Bronson, estávamos com uma agenda tão acelerada que as nossas chamadas e reuniões nunca deixavam muito espaço para a escrita respirar. Nunca fiz nada assim: conhecer um assunto num nível tão profundo antes de escrever sobre ele.

Tento imaginar isso... eu sentada num canto com o meu bloco de notas

enquanto pessoas vestidas como criaturas de outro mundo posam para fotos com Finn.

Depois, sacudo a ideia da cabeça e atiro-a para fora do restaurante, diretamente para um caixote de reciclagem no exterior. Simplesmente não é aceitável que o meu próximo projeto seja escrever um livro de memórias sobre o meu caso fracassado de uma noite. Eu riria se não estivesse tão perto de entrar em combustão espontânea de puro constrangimento por tudo isto.

– Contamos que o trabalho dure até ao reencontro – continua Joe.

– Reencontro? – repito, esperando não ter perdido nada.

– Para *The Nocturnals* – diz Finn. É a primeira vez que ele fala diretamente comigo em pelo menos dez minutos. Com essa menção à série, ele parece voltar a si, endireitando-se na cadeira enquanto continua a cortar pedaços do seu hambúrguer. – Ainda não anunciaram oficialmente, mas todos nós assinámos. Um especial para marcar dez anos desde que o final foi para o ar. Será gravado no início de dezembro.

– A minha prima vai ficar nas nuvens. Ela é uma grande fã.

Joe sorri novamente.

– E então pode acabar de escrever sozinha... claro, com a contribuição do Finn e da editora, mas essa parte pode ser feita sobretudo remotamente. Terá todo o acesso a ele que precisar.

Oh, eu já tive bastante.

O meu corpo traidor aquece. Tudo isto é demais e o fato de trabalho casual da Noemie está quase a sufocar-me. Morte por folhos de renda. Puxo a gola da blusa. Cruzo e descruzo as pernas, mostrando acidentalmente o meu hematoma.

– Isso parece doloroso – diz Finn. E posso ver nos seus olhos: a oportunidade de obter controlo sobre a situação. – Como fez isso?

Faço o possível para lhe lançar um olhar furioso enquanto afundo a minha colher na tigela de sopa, com o laranja brilhante a espalhar-se pela lateral.

Um telemóvel toca e Joe retira-o do bolso.

– Dão-me licença? Tenho de atender. É o Blake – diz, revirando os olhos, e eu murmuro, *Achas graça?* a Finn, cuja boca apenas se contorce ligeiramente em resposta.

Assim que Joe sai todas as perguntas e confusões sobre Finn vêm à tona. O meu aperto aumenta na colher. Porque não estou apenas confusa... estou *furiosa*. Furiosa por ele me ter mentido, furiosa por estar sentada aqui como uma idiota com a minha deliciosa sopa de abóbora enquanto o seu agente me provoca com um trabalho incrível que eu decididamente não posso aceitar. A minha decisão foi tomada assim que o vi aqui sentado.

– Deste-me um nome falso. – Sabe-se lá porquê, esta é a primeira coisa que me sai.

Quase com muita calma, Finn mexe numa batata frita com o garfo.

– Normalmente não é a minha frase de abertura. «Prazer em conhecer-te,

entrei numa série de televisão sobre lobisomens há dez anos. Está um bom dia de sol, não achas?»

– Disseste que estavas aqui a «negócios». – Com os dedos, faço as aspas mais agressivas de sempre. – E que trabalhavas em *vendas de tecnologia*! – Quando uma mulher na mesa ao nosso lado olha para nós, baixo a voz. – Aposto que nem és fã de *O Senhor dos Anéis*.

– Essa é verdade. Ouviste-me a falar quenya. – Ele cruza os braços sobre o peito; depois lembra-se da mancha e reconsidera. – E estou aqui a negócios. Ganho dinheiro com vendas de autógrafos e fotos, por isso... – O seu olhar percorre a sala, e então, vendo todos imersos nas suas refeições e o seu agente ainda do lado de fora: – Além disso, se bem me lembro, foste tu quem se escapuliu do meu quarto esta manhã. Se alguém aqui tem o direito de estar chateado, acho que sou eu.

E ainda assim ele está tão sereno, aparentemente tão despreocupado agora que o choque inicial passou, que isso me deixa ainda mais irritada.

– Não importa – sibilo. Não desejo litigar quem tem o direito de ficar mais ofendido e, definitivamente, não desejo falar sobre o motivo da minha saída. – Eu não vou fazer isto.

Ele pestaneja. Uma madeixa de cabelo cai sobre uma sobrancelha de uma forma que tenho a certeza que faria as suas fãs dos anos 2000, incluindo Noemie, perderem a cabeça. Pena que não posso levá-lo a sério quando a maldita aterraba inunda a frente da sua camisa.

– É assim e pronto? Nem vais considerar?

– Já ouvi o suficiente. É um conflito de interesses. – Aperto os lábios, esperando parecer decidida. Resoluta. – Eu percebo que talvez não estejas habituado a não conseguir o que desejas, mas aqui está. Podes encontrar outra pessoa para escrever o que tenho a certeza que é a fascinante história da tua vida. Mal posso esperar para o encontrar numa caixa de pechinchas na Goodwill daqui a dois anos.

O insulto atinge-o da forma que quero. Finn recua por um momento, com as sobrancelhas a juntarem-se para formar uma pequena ruga ofendida. Não vou permitir-me sentir pena dele. Posso não ter visto a série dele, mas tenho a certeza de que ganha o suficiente com *merchandising* e repetições para financiar um estilo de vida muito mais luxuoso do que o meu. E agora ele está a fazer o que qualquer tipo branco entediado de certa idade tenta fazer: escrever um livro sobre si mesmo.

Enquanto digo isto, penso na minha conta bancária e em como o meu adiantamento mais recente mal pagou um dos meus cartões de crédito. Como adoro morar com Noemie, mas como seria incrível ter uma casa só minha. Joe dissera que eu receberia muito mais generosamente do que no passado. Esse dinheiro dar-me-ia espaço para decidir o que vem a seguir. Liberdade para descobrir o que devo, exatamente, passar a minha vida a fazer.

Embora – *oh, céus* – eu tenha dito a Finn que a minha carreira era um erro. Se se lembra, não deve ter interesse em tocar no assunto.

Então, algo mais me ocorre.

– Não sabias quem eu era quando me sentei no bar, certo? Pensaste que podias procurar-me e... – *Seduzir-me* é como eu ia terminar a frase, mas o olhar horrorizado no rosto de Finn impede-me.

– *Não* – diz com firmeza. – Lemos todas as amostras e currículos às cegas para evitar preconceitos. Li um pouco daquele livro da concorrente do *The Bachelor* e alguns capítulos do livro da Maddy DeMarco no início desta semana. Não fazia ideia de quem tu eras.

Levemente tranquilizador.

Soltei um gemido, passando a colher pelo que restava da sopa.

– Não acredito que isto está a acontecer. Não devíamos ver-nos novamente.

Então, a sua voz torna-se suave, como se tivesse percebido que eu realmente me oponho a aceitar o trabalho. Ou talvez seja genuíno... sei lá.

– Podes, pelo menos, ouvir-me?

A expressão no seu rosto é tão dolorosa que eu desisto.

– *Okay*. Diz lá. Defende o teu caso. Explica-me por que motivo este livro é tão importante.

Finn coloca de lado os seus talheres, juntando as mãos enquanto espera para encontrar as palavras certas. Ontem, ele também fez isto, deu tempo à boca para alcançar o cérebro.

– As convenções são a maior parte do que faço atualmente. Sento-me numa mesa para que as pessoas possam pagar duzentos dólares por um autógrafo e uma fotografia. Sento-me em painéis a falar sobre como me estreei há quase quinze anos, como se nada do que fiz desde então pudesse, mesmo remotamente, ser comparado. Porque não pode. E eu adoro os fãs da série, de verdade, mas não foi isto que pensei que faria com a minha carreira quando estava apenas a começar.

Não posso negar que isso me parece vagamente familiar.

– Não posso continuar a fazer o circuito para sempre – continua. – Hollywood ainda pensa que sou aquele tipo apaixonado que anseia pela sua namorada lobisomem. Quero que este livro signifique alguma coisa; que tenha pelo menos uma fração do significado que *The Nocturnals* teve para alguns dos nossos fãs. Acho mesmo que poderia fazer isso. Se tiver o autor certo. – Não me preocupo em salientar que Finn é tecnicamente o autor. Eu seria apenas aquela que segura a caneta. – Há coisas que quero no livro sobre as quais nunca falei antes. E eu simplesmente... adoraria que este livro pudesse ajudar alguém que estivesse numa situação semelhante. – Encolhe os ombros, envergonhado. – Desculpa, consegues entender por que não posso discutir os pormenores sem um acordo de confidencialidade.

O caráter vago é *levemente* intrigante, mas...

– Lamento por ti. A sério. – Se não conseguir convencê-lo com a estranheza de nós trabalharmos juntos, usarei a lógica. – Mas não vi um único episódio. O que provavelmente é bastante óbvio, já que não te reconheci.

– Não importa. Pesquisas. E... eu gosto disso. – O seu olhar pousa em mim com uma determinação renovada, com a sua voz ainda mais suave. – Gosto que não venhas com noções preconcebidas sobre quem sou.

Quando se inclina para a frente, tenho de lutar contra a vontade de levar a mão ao coração para evitar que ele acelere. Há uma seriedade nele, que ontem parecia atraente e agora quase intimidante. Há quase vinte e quatro horas éramos estranhos. Agora, se acreditarmos em Finn, talvez eu tenha o poder de alterar a trajetória da sua carreira.

E ele pode ser capaz de fazer o mesmo com a minha.

– Eu não quero rastejar. Mas farei isso se for preciso, Chandler. – A maneira como ele diz o meu nome... tento ignorar a sensação. Como isso me lembra a voz dele a falar ontem à noite. Ele faz isto profissionalmente. É tudo uma atuação e há uma clara possibilidade de tudo isto ser uma performance. Não posso deixar-me levar só porque ele está a seguir um guião de *por favor, tem pena de mim*. – Eu não queria que este processo fosse uma dor de cabeça para todos. Eu mesmo escreveria o livro, mas todas as minhas tentativas para escrever sequer um parágrafo foram um completo desastre. Tivemos alguns outros telefonemas, outras reuniões. Outros escritores. Ninguém se encaixa perfeitamente. O que Joe disse anteriormente... nós recusámos pessoas. E outros, bem... – Ele cerra os dentes e olha para a mesa. – Posso não ter sido a pessoa mais fácil com quem trabalhar. Ocasionalmente.

– Chocante.

– A editora não está exatamente entusiasmada com isto.

Eu solto uma gargalhada.

– Então sou a tua última escolha, é o que estás a dizer.

– Nem pensar. – A sua voz é sólida. – Estavas na nossa lista desde o início. A editora só queria experimentar alguns nomes maiores primeiro.

– Nomes maiores na área do *ghostwriting*.

Ele faz um meio-sorriso ao ouvir isto, como se percebesse a ironia.

– Pessoas que escreveram mais livros – esclarece. – Por isso, não. Não és a minha última escolha, Chandler. Mas podes ser a minha última esperança.

Oh.

Afinal, não odeio ver um homem rastejar.

Quando recebi a chamada de Stella, parti do princípio que ele fosse um ator que não trabalhasse regularmente e quase desconhecido, desesperado por esticar os seus quinze minutos de fama. E, no entanto, isso não é o que estou a sentir.

De alguma forma, começo a acreditar que ele pode realmente ser genuíno.

– E o elefante enorme na sala?

A sua expressão permanece serena.

– Consigo esquecer isso, se tu conseguires.

Isso paira entre nós por um momento, até que sou a primeira a quebrar o contacto visual. *Esquecer isso*. Ele faz tudo parecer tão fácil, como se eu fosse

apenas mais uma numa longa fila de mulheres que partilharam a sua cama e partiram insatisfeitas.

Ainda estamos em silêncio quando Joe reaparece, rindo sozinho enquanto mete o telemóvel de novo no bolso.

– Desculpem por isto – diz, parecendo não notar a mudança entre mim e Finn. Ele abre mais um sorriso, pega numa batata frita e volta a sua atenção para mim. – Percebemos que este é um grande pedido, especialmente com todas as viagens. Queremos apenas fazer com que este livro se destaque nos escaparates lotados. E, se alinhar, achamos que tem melhor oportunidade de causar impacto.

O olhar de Finn encontra o meu novamente; olhos castanhos de alguma forma calorosos e inescrutáveis. E, então, como se se lembrasse de cada palavra que eu dissera na noite passada, ele acrescenta: «Por nós os dois.»

capítulo

6

—Fica comigo. Por favor – diz Oliver Huxley, no ecrã, à bonita rapariga de cabelos negros nos seus braços. – Só uma vez. Só esta noite.

Meg Lawson liberta-se do seu aperto, com a luz da Lua a brilhar na lágrima que escorre pelo seu rosto enquanto se afasta dele. Estão numa floresta, com neve a cair em redor.

– Não posso. Eu quero, Hux, acredita, é tudo que quero. Penso nisso constantemente, tu e eu a adormecermos juntos. Acordarmos juntos. Mas a lua cheia... nunca valorizei muito o que eu quero.

– Que se dane a lua cheia, Meg! – Hux parece quase sem fôlego. O seu cabelo está despenteado, os óculos tortos e flocos de neve pontilham o seu casaco cor de carvão. – Eu não me importo se tiveres presas e pelos amanhã. Não me importo se te tornares uma fera perigosa e aterrorizante, e não me importo se estiveres demasiado perdida dentro de ti mesma para te lembrares de quem eu sou.

Ela olha para ele e mostra-lhe um sorriso triste e melancólico.

– Mas eu importo-me – diz ela, suavemente.

Levanto os olhos do meu portátil, onde estou a rever o contrato e o itinerário. Phoenix, Memphis, Pittsburgh e uma dúzia de cidades pelo meio, todos lugares onde nunca estive. Eu não fazia ideia de que havia tantas convenções – sabia sobre Emerald City e San Diego, mas há pelo menos uma a acontecer todos os fins de semana em alguma parte do país.

– Nome – digo do outro lado do sofá, com o máximo de respeito que consigo reunir –, começo a achar que esta série é... má.

– Isso é porque estás a ver tudo fora de ordem. – Ela pausa o YouTube uma fração de segundo antes de Meg, com lágrimas nos olhos, beijar Finn, dez anos mais novo, num vídeo intitulado *Melhores Momentos Mexley, 4/10*. – Isto só acontece a meio da terceira temporada. Eu sei que o Caleb era o personagem principal ou algo assim, mas o Hux e a Meg são apenas... bem, para mim, eles estabeleceram um padrão *alto* para um futuro romance. Eu não queria ninguém que não tentasse lutar contra uma corporação sobrenatural

maligna por mim.

– Não acredito que não sabia quanto adoravas isto. – Eu estava vagamente ciente de que ela era fã de uma série de lobisomens, mas talvez a nossa diferença de idade de dois anos me tenha feito considerar isso um tanto infantil.

– Acho que era um prazer secreto naquela época, mas agora estou tipo, foda-se. Sou fã, com muito orgulho. – Ela aponta de novo para o ecrã. – Eles também namoraram na vida real. O Finn e a Hallie.

Isso eu já sei pela minha pesquisa. Finn disse que gostou do facto de eu não ter noções preconcebidas sobre a sua vida e trabalho, mas odeio a ideia de começar isto sem saber nada. E, bem, não faltam informações sobre Finnegan Walsh por aí, desde entrevistas a mexericos, até uma sessão de fotos nos bastidores da *Entertainment Weekly*, que ele fez com uma dúzia de cachorrinhos, e que até ficou fofa.

Descobri que ele tem trinta e quatro anos, é natural de Reno e começou a carreira numa comédia familiar intitulada *Dad in Training*, que foi cancelada a meio da primeira temporada. Por essa altura, ele já tinha sido selecionado para *The Nocturnals*. Namorou com Hallie Hendricks durante alguns anos, começando na segunda temporada e até depois de o programa sair do ar. Fiquei a olhar para as fotos dos dois juntos por um pouco mais de tempo do que gostaria de admitir, os eventos na passadeira vermelha onde eles pareciam quase desumanos na sua atratividade, as fotos dos *paparazzi* no *The Coffee Bean* ou a caminharem no Runyon Canyon. Uma nos Teen Choice Awards com Hallie a vestir uma blusa que dizia cuidado, eu mordo. Finn usava óculos naquela época, até na passadeira vermelha, iguais aos que usava na série.

É bizarro conciliar os blogues de mexericos com a pessoa que conheci na vida real. Em duas circunstâncias muito diferentes.

No final, o meu pensamento sobre isso durou apenas o resto do fim de semana. Estou numa rotina profissional: isto está claro. Posso estar a escrever outro livro sem o meu nome, mas este trabalho é suficientemente diferente para agitar as coisas. Viajar com Finn será algo novo, imprevisível, fora da minha zona de conforto. Mesmo que eu adore estar confortável – ou pelo menos habituei-me a isso – preciso de uma mudança. Não consigo continuar a ficar debruçada sobre o meu portátil, imóvel durante horas à medida que vou escrevendo parágrafo após parágrafo exaustivo. Além disso, a realista que há em mim não conseguia recusar o dinheiro, e a idealista não conseguia parar de pensar no que Finn tinha dito. *Não foi isto que pensei que faria com a minha carreira*. Se ele acredita que podemos manter as coisas estritamente profissionais, esquecer aqueles malditos minutos no seu quarto de hotel, então eu também acredito.

Menos de uma hora depois de dizer a Stella que eu alinhava, fui colocada numa cadeia de e-mails com todos, e Finn enviou-me um e-mail separadamente.

Fico feliz em ter-te a bordo, Chandler. Acho que escreveremos um excelente livro juntos.

Cumprimentos,
Finn

Cordial. Sucinto. Havia uma distância medida, quase passivo-agressiva, no *Cumprimentos, Finn*.

Não contei a Noemie que Finn fora o meu caso de uma noite, o que parece estranho quando o vemos beijar Hallie Hendricks repetidas vezes. Talvez eu esteja a levar a sério o que ele disse no sábado: *Consigo esquecer isso, se tu conseguires*. E talvez eu não queira arruinar a imagem que ela tem dele, especialmente agora que conheço a profundidade da sua adoração.

Porque provavelmente há um limite ético aqui, e se o ultrapassarmos antes mesmo de começarmos a trabalhar juntos, bem...

Noemie cruza as pernas no sofá e tira um fiapo das suas calças.

– Sabes que nunca ficámos separadas tanto tempo, certo?

É verdade. Posso contar pelos dedos de uma mão o número de vezes que estivemos separadas por um período de tempo significativo: as férias que tirei com todos os nossos quatro pais, que coincidiram com uma semana de acampamento de férias para ela, quando estávamos no ensino básico, e eu recusei-me a divertir-me porque, se todos os outros estavam em pares, parecia injusto que eu não tivesse a minha companheira. Depois, houve o verão na faculdade em que as suas mães, a tia Sarah e a tia Vivi, a levaram para a Europa durante duas semanas e, embora eu quisesse ir, o meu estágio na revista *Seattle Met* pareceu mais importante. Por isso, contentei-me em transcrever entrevistas e entusiasmar-me com as fotos dela, sem saber se o que estava a sentir era inveja, solidão ou ambos.

Mais uma vez, sinto-me um pouco mal por lhe esconder a verdade.

– Já estou com saudades tuas – digo, falando a sério. Morar com ela há alguns anos não apenas salvou a minha saúde mental... é um conforto de que precisava mais do que gostaria de admitir. Tem sido, literalmente, como voltar para casa. – E cuidarás dos meus pais?

Noemie sabe como me preocupo.

– Vou convidá-los para um jantar saudável e com baixo teor de colesterol todos os domingos à noite. Será discreto, mas elegante.

– Perfeito, obrigada. E... – Paro, coçando o verniz lilás que apliquei há alguns dias. Se não pintar as minhas unhas, transformo-as em tocos mutilados por força da ansiedade. – E se o trabalho ficar terrível e precisares de conversar, sabes que estou a apenas alguns toques de distância. Mesmo quando estiver no Minnesota ou no Tennessee.

Ela acena com a cabeça, mas percebo como quebra o contacto visual. Uma deflexão clássica de Noemie. Com um movimento rápido, ela desliga a televisão e salta do sofá.

– Vou pôr as miniquiches no forno.

– E eu, provavelmente, devia acabar de fazer as malas. A menos que queiras ajuda?

Esta noite ela vai oferecer-me uma festa casual de «boa-sorte-Chandler», antes de eu sair amanhã cedo. Há uma semana, a minha vida era totalmente normal e agora estou prestes a passar a maior parte do meu tempo com uma celebridade. Às vezes, fico entusiasmada e, outras vezes, apavorada e, geralmente, com vontade de vomitar.

Noemie acena-me.

– Nem pensar. Esta é a *tua* festa. Ela semicerra os olhos para mim. – Na verdade, não queres fazer as malas, não é?

– Não sei como fazer as malas para algo assim! – Finjo choramingar. – Como fazer as malas para dez cidades e, pelo menos, quatro climas diferentes?

– Por camadas?

Reviro os olhos e subo as escadas. A minha mala, aquela preta velha que pedi emprestada à minha mãe porque, aos trinta e um anos, ainda não tenho a minha própria mala de viagem, está aberta e a transbordar no meio do quarto. Como, certa vez, a minha mãe leu um artigo sobre como a bagagem preta tem maior probabilidade de ser roubada, ela está coberta com uma série de autocolantes *hippies* desbotados e a descascar: entra na onda e liberta a tua mente, símbolos de paz e flores retro. Eu não estava a mentir quando disse a Joe que não viajei muito. Os meus pais e tias sempre gostaram mais de viagens pela costa do Oregon do que de avião, e Noemie e eu éramos felizes desde que estivéssemos juntas. Por várias vezes quase fui influenciada por aquelas malas elegantes do Instagram, aquelas que vêm em cores como brisa-marinha e ouro-rosa, mas nunca tive para onde levar uma e sempre me pareceu um luxo. Algo que poderia pagar um dia, quando tanto o meu estatuto de vida como o meu salário o merecessem. O meu trabalho sempre esteve aqui, tal como todas as pessoas que amo.

Não houve necessidade de ir a nenhum outro lugar.

Ponho os meus auriculares e ouço Bikini Kill enquanto faço as malas – porque até o meu gosto musical está preso ao Noroeste.

* * *

Uma hora passa num borrão de camisolas e *T-shirts* e muitos pares de meias, além de um hidratante incrível da subscrição de maquilhagem de Noemie. Lanço o último livro da minha coleção favorita, sobre uma loja de *bagels* e um funcionário que se tornou detetive amador, e só quando procuro o meu casaco de ganga é que percebo que devo tê-lo deixado no quarto de hotel de Finn. Estava perfeitamente gasto e macio como manteiga, e agora devo reservar um momento para lamentar.

– Quantos vibradores são demais? – grito a Noemie, tirando um auricular. Quando não obtenho resposta, coloco um deles de novo na gaveta. – Se tive de perguntar é porque são demais?

– Uhh... Chandler? O Wyatt está aqui! – diz Noemie, subindo as escadas a correr, e deixo cair o meu vibrador LELO em cima de um monte de roupas.

– Por favor, diz-me que ele não me ouviu gritar sobre o meu pequeno exército de dispositivos de autoprazer?

– Oh, ele garantidamente ouviu. – Uma Noemie frenética aparece à minha porta, metade do cabelo alisado e a outra metade uma massa caótica de cachos.

Sim, eu convidei-o. Sim, provavelmente foi estúpido. Mas se for a última vez que o vejo em alguns meses, quero um encerramento... seja ele qual for.

Ao sair do meu quarto, olho para o meu reflexo no espelho e visto rapidamente o vestido/*T-shirt* preto que tencionava usar na festa, fazendo uma careta ao ver o estado do meu cabelo e tentando pentear com os dedos as curtas madeixas loiras para as pôr no lugar.

Wyatt está na cozinha, brandindo um recipiente e gritando:

– Trouxe húmus! – Como se já não tivéssemos três frascos abertos no frigorífico. – Ei – diz ele quando me vê, cumprimentando-me com um movimento do queixo, mas sem nunca estabelecer contacto visual. – Obrigado por me convidares.

Não adoro a forma como o meu estômago se revira quando o vejo, com o seu cabelo preto desgrenhado que cai até aos ombros, e lábios carnudos, que agora estão intimamente familiarizados com o meu corpo. Passei tantos anos a sonhar com ele – este tipo que era tão apaixonado por jornalismo como eu. Ou, pelo menos, como eu pensava que era. Ele até foi despedido do *The Catch* ao mesmo tempo que eu, e depois conseguiu um cobiçado emprego de repórter no *Tacoma News Tribune*. Achei que essa dispensa partilhada nos aproximaria. E acho que acabou por acontecer, antes do que aconteceu em agosto nos afastasse.

Não posso negar que esse é um dos atrativos de fugir da cidade. Em vez de enfrentar esta confusão estranha, simplesmente colocarei alguns milhares de quilómetros entre nós.

Quando regressar, já não estarei presa a ele.

– Sim, não, claro. – Forço uma risada enquanto Wyatt coça o cotovelo. *Sim, não*: o mantra dos cronicamente ansiosos. Ver também: *não, pois*. – É bom ver-te.

Noemie expulsa-nos da cozinha, por isso seguimos para a sala de estar, onde Wyatt finge estar profundamente fascinado pela parede com fotografias acima do sofá e eu passo muito tempo a seleccionar cenouras e talos de aipo da travessa sobre a mesa de centro.

Parece que a noite em que dormimos juntos aconteceu há meses, tal a

distância que criou entre nós. Eu estava tão convencida de que éramos uma boa combinação. No segundo ano, quando houve um surto de piolhos no meu piso, mas ele prometera fazer-me um teste de preparação para a nossa aula de Ética Jornalística – eu confundia processos judiciais –, disse-me que não se importava, que viria ao meu quarto para me ajudar de qualquer maneira. Claro, também acabou infestado. Não há nada que una tanto duas pessoas como tirar lêndeas do cabelo num centro de tratamento chamado Piolhos Aos Molhos, e talvez isso não devesse ter-me feito gostar mais dele, ouvi-lo contar piadas enquanto dávamos o nosso melhor para não arranhar o nosso escalpe, mas de alguma forma aconteceu. Ele era altruísta e inteligente, e eu sonhava com tornarmo-nos o próximo poderoso casal do jornalismo. Um Ephron e Bernstein da era moderna. Exceto a traição.

Ele conhece o meu passado, todo o meu passado, e nunca me julgou por isso. Quando fiz um aborto no primeiro ano, ele deixou uma almofada térmica e um cartão de oferta de comida no meu apartamento. Nunca tive de lhe explicar isso, como quero fazer em novos relacionamentos, o que significa não me preocupar com o momento certo. Porque, embora seja uma escolha que estou feliz por ter feito, isso não me deixa menos nervosa em contar a alguém pela primeira vez.

Parte de mim sempre teve medo de não encontrar alguém que me conhecesse tão bem como Wyatt. Alguém que aceita cada pedaço de mim.

Wyatt vira-se para mim agora, brincando com um biscoito de lentilhas.

– Estamos bem, certo? – pergunta. – Quero dizer, pediste-me para vir, por isso acho que não me odeias completamente? – Ele continua com um olhar suplicante de olhos arregalados, que uma parte traidora de mim ainda acha adorável.

Mergulho uma fatia de pepino no húmus *sriracha*.

– Como poderia odiar a única pessoa que não reclama quando quero fazer uma maratona de *Crime, Disse Ela?* – Ele solta uma risada, mas não consigo fazer o mesmo. – Estamos bem. – Uma mentira. – Acho que estou apenas... – Confusa. Envergonhada. Desesperada por respostas. – Estou apenas a processar – remato, perguntando-me se alguma vez tive coluna vertebral quando se trata de Wyatt ou se isto é novo para mim.

Ele solta um visível suspiro de alívio.

– Ótimo. Porque me sentiria uma merda se soubesse que estás com raiva de mim. Somos amigos há muito tempo para que algo assim se interponha entre nós.

Ótimo. Ainda bem que esclarecemos tudo.

Mesmo assim, não consigo deixar de me perguntar: se somos tão bons amigos, eu não merecia uma explicação melhor que a que ele me deu? Eu adoraria ter alguma confirmação de que o tipo por quem passei toda a minha vida adulta a ansiar não se revelou, de facto, um valente filho da mãe.

– Então, qual é a cena com esse tipo, Finn Walsh? – pergunta, enquanto eu mastigo muito alto uma cenoura.

Noemie anda pela sala, equilibrando algumas bandejas.

– Brie assado, tomate recheado com queijo feta e miniquiches. – Ela coloca tudo na mesa de centro ao lado de um trio de velas. – Acho que o tema é queijo!

– Não consigo imaginar uma despedida melhor – digo, pegando num pedaço de queijo brie antes de me recostar na minha poltrona verde-azulada favorita. Aquela que ficará vazia nos próximos meses.

– Estavas a perguntar sobre o Finn Walsh? – questiona Noemie, virando-se para Wyatt. – Porque eu poderia dar uma TED Talk inteira sobre ele, se quiseses.

Ela começa a fazer exatamente isso e fico grata pela sua interferência. Fico ainda mais grata quando a campanha toca.

– Desculpa o atraso – diz a minha mãe, tirando alguns dos seus longos cabelos grisalhos de um ombro. É um espetáculo digno de ser visto, e ela recebe constantes elogios por isso. – O pai teve de acabar as palavras cruzadas de hoje.

– E eu sabia que a Chandler respeitaria isso. – O meu pai puxa-me para um abraço de um braço só, uma novidade desde que começou a andar com bengala. Tento não pensar em como o seu corpo está um pouco menor a cada vez que o abraço.

Só quando vejo os meus pais através dos olhos de outras pessoas é que percebo quantos anos eles têm. A maioria dos meus amigos ainda não viu o meu pai com a bengala, e observo os olhos de Wyatt arregalarem-se por uma fração de segundo enquanto me esforço para pegar nos seus casacos e deixá-los mais confortáveis. Mesmo quando eles me dizem repetidamente que conseguem.

Os meus pais ainda moram na casa onde cresci, um bangaló aconchegante no norte de Seattle. Eram namorados no secundário, de espírito livre, que passaram os seus vinte e trintas a viajar pelo mundo, o que é parte da razão pela qual não viajei muito com eles – porque já o tinham feito bastante sozinhos. Eles tinham quarenta e poucos anos quando nasci e agora estão a aproximar-se dos oitenta. Habituei-me às pessoas a perguntarem *É a tua avó?* quando a minha mãe me ia buscar à escola, ou o choque com a autorização de estacionamento para deficientes no nosso carro, quando o meu pai fez uma cirurgia ao joelho que o deixou internado durante meses. Mesmo em criança, eu passava muito tempo em casa de Noemie, porque as mães dela conseguiam fazer coisas para as quais os meus pais não tinham energia.

Não posso negar que fazer esta viagem me deixa preocupada com eles.

– Há quanto tempo, Lev, Linda – diz-lhes Wyatt, a sorrir. – Agora é uma festa!

– Sabes sempre como levantar o ego de um velhote. – O meu pai dá uma palmadinha no ombro de Wyatt, provocando uma pontada desconfortável no meu coração. Outra coisa que sempre gostei nele: é ótimo com os meus pais, e eles também o adoram. Ele era bem-vindo em todos os jantares de aniversário

durante os meus vinte – trazendo-me sempre uma grande vela em forma de número com a minha idade «real» – e em todos os feriados judaicos. A minha família nunca foi ao templo regularmente, mas passamos a Páscoa com um enorme seder^[3] festivo. No ano passado, a minha mãe até partilhou com ele a receita da sopa de bolas de matza da avó.

Para, peço a mim mesma, porque nada disto me ajuda a seguir em frente.

A minha mãe enfia a mão no saco de lona do Trader Joe.

– Trouxemos-te alguns daqueles fritos de milho de que gostas – diz-me ela. – Para o caso de teres fome.

– Não vou ficar fora assim tanto tempo. – Aceito os *snacks* de milho de qualquer maneira, porque os adoro. – E tenho quase a certeza de que há lojas Trader Joe em quase todos os estados. Preocupa-me que a Noemie vos tenha feito crer que estava a livrar-se de mim para sempre.

O meu pai pergunta se posso acompanhá-lo ao pátio e eu agarro o seu braço para ter a certeza de que ele não tropeça no degrau solto da varanda. Ele levanta a mão, fazendo-me saber pela nongentésima vez que está bem.

Quando ele tira um charro, escondo um sorriso. Os meus pais já conheciam a marijuana mesmo antes de ser legalizada em Washington. Agora, usam-na sobretudo para fins medicinais, mas ainda há algo de divertido em ver o meu pai de setenta e poucos anos, com os seus óculos fundo de garrafa e cabelo totalmente branco a ficar pedrado.

Abano a cabeça quando ele me oferece um.

– Voo cedo. Não vou acordar se fumar.

Um aceno de cabeça, uma baforada; aquele cheiro familiar a terra.

– Agora – diz o meu pai enquanto nos sentamos num par de cadeiras de vime no pátio –, sei que tens idade suficiente para te cuidares nesta viagem...

– Estamos a falar sobre sexo? Porque talvez seja um pouco tarde para isso.

O meu pai ergue as sobrancelhas.

– Não és a única nesta família que se preocupa, sabes. – Outra baforada.

– Tenho de admitir, acabámos por ver a série dele há alguns anos. Achei interessante e, no final do terceiro episódio, ficamos agarrados.

Eu fico apenas a olhar.

– Quanto é que viram?

– Tudo – diz, a rir. – Estou a dizer-te... era viciante. Claro, percebemos que ele provavelmente é muito diferente na vida real do que era na TV. Mas nunca se sabe com esses tipos de Hollywood. Esse Hux... ele é um jovem decente?

– O Finn – corrijo gentilmente, ainda a processar que os meus pais soubessem quem ele era antes de mim. – Bem, além das orgias semanais, não parece estar associado a escândalos. – Abano a cabeça. – Pai, eu vou ficar bem. É apenas parte do trabalho.

– E queres fazer este trabalho?

Não é uma pergunta combativa – ele só quer saber.

– Adoro escrever – digo simplesmente, porque independentemente do que esteja a acontecer no meu mundo, isso ainda é verdade. – E eu nunca fiz nada assim antes. É uma boa oportunidade.

A minha mãe abre a porta de correr.

– A Noemie foi buscar o jogo Cartas Contra a Humanidade – diz ela. – Achei que não iam querer perder.

– Nunca! – diz o meu pai. – Espero que nenhum de vocês se importe de perder.

E *isto*, apercebo-me quando voltamos para dentro e começamos a jogar, e a minha mãe se ri com uma mão sobre a boca e o meu pai se esforça por ser o mais grosseiro possível, não vai ser fácil de deixar. Wyatt vai para casa mais cedo e as mães de Noemie passam por cá com mais um saco de fritos de milho, e percebo que todas as pessoas que mais amo estão nesta casa agora. Foi isso que me manteve aqui todos estes anos, nesta minha pequena comunidade. Não sei como vou viver sem ela até dezembro.

Noemie passa o braço em volta das minhas costas e apoia a cabeça no meu ombro. A minha prima, que parece ter-se consolidado na idade adulta, enquanto eu não consigo manter o equilíbrio. Tento imaginá-la a voltar para casa depois dos seus intermináveis dias de trabalho, para uma casa tranquila, e sou atingida por uma pontada de solidão.

Mas talvez esta viagem seja boa para as duas.

Se eu pensar nisso vezes suficientes, talvez comece a acreditar.

^[3] Seder: jantar cerimonial judaico realizado na primeira noite ou nas primeiras duas noites da Páscoa. (N. T.)

NÚMERO DESCONHECIDO

11h07

Olá, Chandler. Acredito que chegaste em segurança?

NÚMERO DESCONHECIDO

11h09

Sou o Finn Walsh, caso ainda não tenhas registado o meu número de telemóvel. Não que haja qualquer pressão ou qualquer suposição de que farás isso. Eu só queria que soubesses. Que este é o meu número. Assim não ficas aí sentada a perguntar-te quem é.

NÚMERO DESCONHECIDO

11h12

[mensagem apagada]

NÚMERO DESCONHECIDO

11h14

Bem-vinda a Portland?

capítulo

7

portland, oregon

Olho para as mensagens de Finn, enquanto o avião circula na pista, e gravo o número dele. O voo de Seattle para Portland foi tão curto que mal tive possibilidade de terminar o primeiro episódio de *The Nocturnals*, que apresenta a pequena cidade universitária de Nova Inglaterra, onde coisas assustadoras começam a acontecer no primeiro dia de aulas – porque, mal sabe a maioria dos alunos, pelo menos um caloiro é um lobisomem, e uma batalha secular entre o bem e o mal está a acontecer ali mesmo. O personagem de Finn tem apenas algumas falas; vemo-lo na biblioteca, porque não há maneira mais segura de estabelecer que ele é um *nerd* do que adormecer a meio de um livro. Quando acorda após o encerramento da biblioteca, sente um calafrio repentino. Uma sensação de desconforto. Porém, nada ao seu redor parece estar errado... até que ele decide sair para a noite e os telespectadores veem rastros de pegadas atrás dele pelo corredor empoeirado da biblioteca. Seguem-se os créditos.

O Finn, no meu telemóvel, parece estar a esforçar-se para ser profissional. O que, em teoria, não me deveria importar – é claramente um esforço concertado. Decidi, ontem à noite, entre não conseguir dormir por causa da ansiedade de voar e não conseguir dormir por causa da ansiedade do novo emprego, que esta viagem não tem de ser desconfortável. Foi-me dada uma oportunidade rara e francamente incrível. E farei tudo o que puder para aproveitá-la de todas as maneiras que não consegui com o livro de Maddy.

Este estado de espírito dura até eu fazer o *check-in* no hotel e abrir a porta do meu quarto. Não que eu estivesse à espera de acomodações exuberantes ou algo assim, mas quase não há espaço para andar em volta da cama, não há cortina de chuveiro na casa de banho e a única tomada elétrica

livre do quarto está, inexplicavelmente, localizada dentro do armário.

Mantém-te positiva, peço a mim mesma, desligando um candeeiro para poder carregar o meu telemóvel.

Estarei aqui apenas algumas noites, por isso desfaço a minha bagagem de mão, mas deixo a minha mala maior intocada. Depois, visto uma *T-shirt vintage* da Harley Quinn que encontrei numa loja de artigos usados há anos e que só vesti para dormir porque é um pouco grande, mas hoje parece perfeita. Enfio-a nas calças de ganga de cintura subida e acrescento um blazer de algodão, que troco por uma camisa de flanela de tamanho grande, que troco outra vez pelo blazer antes de me deitar na cama e me forçar a respirar.

Nestas convenções devo tornar-me essencialmente a sombra de Finn, seguindo-o do painel para a sessão de autógrafos e vice-versa. Observando como ele interage com os fãs. Conhecer-lo – não apenas a sua personalidade, mas a sua voz, os seus maneirismos e peculiaridades e frases favoritas, tudo isso me ajudará a incorporá-lo quando começar a escrever. Ele teve um encontro com fãs hoje cedo, por isso só o vou ver no seu painel desta tarde. Em teoria, hoje é suposto ser um dia de pouco stresse.

Embora eu tenha algumas páginas cheias de pesquisas e *links* que compilei ao longo da semana, não começarei o esboço do livro até que tenhamos a oportunidade de discutir o que ele tem em mente. Alguns dos meus autores tinham ideias claras de formato e estrutura narrativa, ou já tinham trabalhado num esboço com um editor, o que Finn não fez. Ele garantiu-me que este livro é importante para ele. Tenho de acreditar que ele terá alguma ideia do que quer alcançar.

Apesar de ter ajudas de custo suficientes para um Uber e de me terem pedido para o usar, não consigo justificá-lo para a caminhada de doze minutos até ao centro de convenções. A Rose City Comic Con é menor do que a ECCC, mas este facto não me prepara para o caos quando entro – ou para o *stormtrooper* que quase me atropela. Depois da partilha de desculpas, paro por alguns momentos, olhando em redor e absorvendo tudo. É um redemoinho de cores e ruídos, uma sobrecarga sensorial extrema. As capas balançam enquanto os participantes se amontoam sobre os mapas e os *stands*, esperando na fila para comprar *merchandising* e banda desenhada. E em todo o lado, *em todo o lado*, as pessoas estão a posar para fotografias. As sessões de autógrafos das celebridades são num local diferente, mas aqui fora, no átrio, uma *drag queen* Viúva Negra reuniu uma enorme multidão, juntamente com um trio de Chewbaccas cor de algodão-doce e pelo menos dois cães vestidos com fantasias do *Star Trek*, um deles com orelhas à Spock. Há personagens de *animé* e de videojogos e até um homem com o corpo todo pintado de prateado e a usar um fato de banho minúsculo.

Há um tipo único de energia aqui, que consigo sentir de imediato. Todos têm uma paixão clara por aquilo de que são fãs, seja Marvel, *Doctor Who* ou *The Nocturnals*. E isso faz-me desejar, por muito mais tempo do que gostaria de admitir, gostar assim tanto de alguma coisa. Costumava ser a escrita, e,

mais especificamente, o jornalismo, e agora esse espaço no meu coração que criei há anos está tão vazio como um documento Word em branco.

Vou até à área reservada à imprensa e trago as minhas credenciais, enfiando o cordão no pescoço e sentindo-me como uma profissional experiente, até perceber que não faço ideia de para onde devo ir.

– Desculpe, sabe onde fica a sala E? – pergunto a um Dalek.

Este aponta na direção oposta, para uma escada rolante.

– Mesmo ali em baixo. Se for para o painel das duas horas, é melhor chegar cedo. Qualquer coisa com o elenco de *The Nocturnals* enche depressa.

– E depois, enquanto manobra o seu fato metálico no meio da multidão: – *Exterminate!*

Acontece que não estava errado. Chego ao auditório a faltarem cinco minutos e mal consigo um lugar na última fila. Um silêncio cai sobre a multidão quando uma moderadora com cabelo curto lilás e uma *T-shirt* de Rose City aproxima-se do microfone.

– Boa tarde, Portland! – grita ela. Aplausos irrompem da plateia. Ela diz a todos para guardarem as suas perguntas para depois do painel, juntamente com algumas regras gerais de etiqueta: são permitidas fotos, mas sem flash, qualquer pessoa que perturbe a ordem será convidada a sair.

– E, agora, deem as calorosas boas-vindas, ao modo de Rose City, aos nossos membros do painel! Vocês conhecem-no, adoram-no, rabiscaram o nome dele nos vossos diários de adolescente – é Finn Walsh!

A forma como o público reage... não estou mesmo nada preparada. Finn aparece no palco com calças de ganga escuras, um cardigã verde-escuro e uma *T-shirt* estampada com uma coleção de símbolos que não conheço, e com um brilho nos olhos enquanto acena calorosamente para a multidão. Eles *berram* em resposta; algumas pessoas até se levantam. A rapariga ao meu lado pode até estar... a chorar? Ele comporta-se de maneira diferente daquela primeira noite em Seattle, e até mesmo do dia seguinte à hora do almoço. Há quase um *swagger* nele, uma confiança em que apenas centenas de fãs a gritarem podem acreditar. Ele está mais alto ou é por eu estar mais longe? O seu rosto está barbeado, as luzes reluzentes do teto brilham no seu cabelo ruivo enquanto ele se senta numa cadeira de veludo rosa, esticando as suas longas pernas.

Posso ter visto aqueles cliques do romance Mexley e um episódio inteiro de *The Nocturnals*, mas este é Finn a representar mesmo à minha frente, ou pelo menos a uma dúzia de metros de distância. E ele é bom.

O moderador apresenta os outros dois convidados: Lizzy Woo, que interpretou uma agente do governo numa adaptação televisiva sobre um super-herói, mas que eu conheço melhor como uma empregada de bar apaixonada numa comédia romântica pela qual Noemie e eu éramos obcecadas há alguns anos, e Jermaine Simmons, de uma série sobre sereias da HBO, da qual vimos uma temporada antes de ficarmos frustradas com quão pouco *sexy* era. «É a HBO», disse Noemie. «Porque é que ninguém se está a

despir?»

Até este ponto, nunca me considerei alguém que ficaria particularmente impressionada. Fiquei um pouco intimidada por Maddy, principalmente por causa de quão mínimas eram as nossas interações, mas a minha concorrente do *The Bachelor*, Amber Yanofky, que passou a ser conhecida profissionalmente por Amber Y depois de ter sido uma entre um número recorde de Ambers na sua temporada, fez-me sentir imediatamente à vontade. E, no entanto, aqui, a ver Lizzy e Jermaine, fico impressionada com o facto de eles serem seres humanos simplesmente lindos. Quase de forma sobrenatural, o que é uma coisa interessante, dado que o painel é sobre o poder duradouro do sobrenatural na cultura *pop*.

Finn, Lizzy e Jermaine são todos charmosos, arrancando inúmeras gargalhadas ao público. Abro um bloco de notas com um padrão florido, parte de um conjunto da Rifle Paper Co. que Noemie me deu no meu aniversário no ano passado e que ainda não usei porque é lindo demais. Como esta viagem é uma questão de correr riscos, pareceu-me certo trazê-lo. Enquanto tamborilo a caneta a condizer nas páginas, não consigo deixar de me perguntar porque é que este tipo quer escrever um livro de memórias que, tecnicamente, nem sequer está a escrever. A razão pela qual ele foi tão enigmático durante o almoço.

Claro que todos querem acreditar que são especiais o suficiente, que adquiriram experiência de vida suficiente para preencher um livro. Presumem que a sua história imensamente profunda vai esgotar imediatamente nas livrarias. Pela minha experiência, isso simplesmente não é verdade. A editora tinha muitas esperanças em *Não Pergunte Porquê: E Outras Coisas que Estou Cansada de Dizer*, de Amber. Imprimiram demasiados exemplares, milhares dos quais acabaram na reciclagem.

– Qual é a tua história? – murmuro para mim mesma, enquanto olho para a página em branco.

Quando o painel termina, depois de uma sessão de perguntas e respostas, esforço-me por chegar ao palco, onde Finn desapareceu através de uma cortina vermelha.

– Olá, desculpe... sou da imprensa? – Ergo o meu crachá.

Um homem com *T-shirt* de segurança inclina-se para examinar o meu crachá.

– Avance – diz ele.

Nos bastidores, Finn está encostado a uma mesa de bebidas com Jermaine e Lizzy, a beber um longo gole de uma garrafa de água. Os três estão a meio de uma conversa quando me aproximo, oferecendo um aceno estranho. Por um momento horrível, quando Finn vira o seu olhar para mim, temo que ele não me reconheça.

Mas, então, a sua boca curva-se para cima e ele chama-me, e os meus ombros libertam um pouquinho da tensão que mantiveram durante todo o dia.

– Chandler – diz. Caloroso. Amigável. – Estava com medo que não

tivesses conseguido vir. Eu não te vi.

– Não tenho a certeza se teria sido muito fácil identificares-me na última fila.

Finn franze a testa.

– Tinhas um lugar reservado à frente. Não precisavas de esconder-te atrás.

– Oh, desculpa – digo, com o meu rosto a aquecer. Primeiro dia e já estou a cometer erros. – Não sabia.

Ele muda de assunto.

– Jermaine, Lizzy, esta é a Chandler Cohen.

– É um prazer – diz Jermaine com o seu elegante sotaque britânico.

Lizzy acena enquanto pega num *muffin* de mirtilo com as suas unhas cravejadas de brilhantes.

– Olá, meu Deus, tenho a certeza de que estás sempre a ouvir isto, mas adorei *Arbor Day*. – Eu esperava poder continuar a ser uma pessoa funcional diante de celebridades, mas aqui estou, com as palavras presas na garganta.

Ao meu lado, Finn talvez esteja a abafar uma gargalhada.

Lizzy sorri.

– Na verdade, não! Muito obrigada. – Depois, ela revira os olhos. – A maioria das pessoas aqui só me quer perguntar como é que o meu fato de *Renegades* se manteve no lugar durante as filmagens.

Jermaine usa um garfo minúsculo para mergulhar uma pedaço de pimento vermelho no molho *ranch*.

– Os fãs podem ser implacáveis – concorda ele, de boca cheia. – Não imaginas quantas perguntas me fazem sobre a anatomia das sereias.

Decido não mencionar Noemie e as discussões filosóficas que tivemos sobre esse mesmo assunto.

– Tenho uma sessão de autógrafos daqui a cinco minutos – diz Lizzy, sacudindo o seu elegante cabelo preto. – Ótimo painel... vemo-nos em Memphis?

– Eu não, mas estarei em Pittsburgh – diz Jermaine.

– Eu estarei em ambos – diz Finn, acompanhando isso com um dramático encolher de ombros do tipo «é-esta-a-minha-vida».

Jermaine ri.

– Simplesmente não consegues largar o circuito de convenções, hã?

Finn lança-me um olhar que não consigo interpretar.

– Não – diz. – Este é o meu trabalho.

* * *

– Eu provavelmente devia ter mencionado isto antes... – digo a Finn durante o jantar, depois de um empregado entregar dois *wraps* de faláfel polvilhados com queijo feta e a pingar tzatziki. Estamos num restaurante mediterrânico no

bairro de Hawthorne, em Portland, um lugar repleto de butikues charmosas e restaurantes modernos. Longe o suficiente da loucura da *comic con* para dar a Finn algum descanso. – Mas esta foi, na verdade, a minha primeira *comic con*.

Finn apenas pestaneja.

– Estás a falar a sério? Nem estiveste na de *Emerald City*? – Quando abano a cabeça, ele pergunta: – Qual foi a tua parte favorita?

– Eu... só fui ao teu painel. Fiquei um pouco perdida e quase não consegui chegar a tempo.

É necessária alguma ginástica mental para processar o facto de que estamos sentados calmamente, um em frente ao outro, depois de os nossos primeiro e segundo encontros terem sido tão diferentes. Sobretudo depois de o ver em ação apenas há apenas algumas horas, animado e enérgico... e agora ver a sua energia diminuir, a tal ponto que «Drew-o-meu-caso-de-uma-noite» parece uma pessoa completamente diferente. O que, de certa forma, ele é. As mangas do cardigã estão puxadas até aos cotovelos e a sua postura é mais relaxada, mas ainda não tenho a certeza se isto é Finn *realmente* relaxado ou se é apenas mais uma representação.

A sua sessão de autógrafos e fotos só será amanhã, por isso este deve ser o melhor momento para o conhecer. A possibilidade de preencher todas as lacunas da Wikipédia e do IMDb, e conhecer o verdadeiro Finnegan Walsh, seja ele quem for.

Ele parece quase desapontado comigo.

– Há muito mais do que aquilo – diz ele, escavando um pedaço de faláfel com o garfo. – Vem mais cedo amanhã, se puderes. Vai dar uma vista de olhos aos *stands* de arte. Eu sei que não és fã de *The Nocturnals* – diz isto com uma torcedela irónica na boca –, mas deve haver algo de que realmente gostes.

Eu mordo o meu *wrap*.

– Adoro bandas *punk* feministas dos anos noventa?

– Acredites ou não, também há muitos produtos relacionados com música. – Ele oferece-me um sorriso tranquilizador. Mesmo na penumbra do restaurante, consegue ser a pessoa mais adorável que já vi de perto, e pergunto-me se algum dia vou habituar-me a isto. – Vamos encontrar algo para ti. Uma lembrança.

– Oh... *Okay*. Claro. Obrigada. – De alguma forma, tenho dificuldade em imaginar isso: Finn e eu a passearmos pelo recinto da *comic con*, a escolher uma lembrança. Seria assediado. Certamente, ele dissera *nós* em sentido figurado

Um silêncio instala-se. Não há nenhuma conversa fácil desde a noite em que éramos estranhos, como se agora ambos estivéssemos a usar máscaras. Sou salva de mais constrangimento por duas raparigas em idade universitária, vestidas com *T-shirts* de Mexley feitas em casa, que param em frente à nossa mesa.

– Hux? Oliver Huxley? – diz uma delas e a outra dá-lhe uma cotovelada.

– Oh, meu Deus, desculpe. Finn! Olá! Estivemos no seu painel hoje. Foi *fantástico*.

– Podemos tirar uma foto? – pergunta a outra rapariga. – Quero dizer... eu sei que na convenção tem de se pagar, mas estava um pouco fora da nossa margem. – Ela cora. – Mas nunca num milhão de anos pensámos que o encontraríamos assim!

– Desculpe, desculpe, provavelmente não devíamos perguntar...

Mas Finn já está de pé.

– Claro, fico feliz. A propósito, adoro as vossas *T-shirts*.

Eu levanto-me num salto, desesperada por me sentir útil.

– Eu tiro!

E, enquanto tiro uma foto de Hux, também conhecido como Finn, também conhecido como realeza da Rose City Comic Con, com estas raparigas amorosas, pergunto-me se estou um pouco fora de mim.

Esta não é lá muito a minha cena, e até admiti isto a Finn. Talvez ele ficasse melhor com alguém que acompanhasse, pelo menos, metade do que ele dissera sobre *The Nocturnals* no seu painel.

Alguém que não dormiu com ele há uma semana e meia.

Acalma-te, peço a mim mesma, desejando que a ansiedade não me domine. *Ele escolheu-te. Mais ou menos.*

Assim que as raparigas vão embora, decido assumir o controlo.

– Então. Este livro – digo, mergulhando uma batata frita no *ketchup* de harissa. – Pode ser-me útil ter uma ideia de como imaginas a estrutura. Há outras memórias de celebridades de que gostaste, alguma coisa que possa ter uma *vibe* semelhante?

Ele reflete por um momento.

– Gostei muito do livro da Ali Wong.

– Ah, sim, porque também gostavas de formatar este livro como cartas para as tuas filhas sobre a vida enquanto comediante asiático-americano?

– Provavelmente não deveria. E as memórias da Judy Greer? – pergunta. E eu confirmo que li e adorei. – Vim a ouvir o audiolivro no avião. Para pesquisa – acrescenta ele com uma piscadela. – Adoro a ideia de fazer uma série de histórias interligadas, não necessariamente por ordem cronológica. Sabes, não apenas... eu nasci, fui para a escola, comecei a representar.

Concordo com ele, anotando isso e tentando não pensar em como aquela piscadela de olho me causou um estranho arrepio.

– Podemos garantidamente fazer isso. Talvez pudéssemos até usar citações dos teus papéis anteriores como ponto de partida para cada capítulo?

– Sim! – Ele recosta-se na cadeira, satisfeito. – Tinha a sensação de que serias exatamente o que eu precisava.

Tento não corar com o duplo sentido destas palavras porque é *nisto*, aqui mesmo, que eu sou boa. A razão pela qual estou aqui.

Quando já estamos a meio do nosso jantar, ambos nos sentimos satisfeitos com a estrutura, com Finn a apontar alguns tópicos a que podemos

dedicar capítulos, tanto pessoais como profissionais. A sua audição para *The Nocturnals*. A sua primeira festa em Hollywood, onde cometeu o erro de perguntar a um ator muito famoso: *E quem és tu?* Uma tentativa falhada de preparar um peru-tofu que quase incendiou a sua casa, que incluirá uma discussão mais profunda sobre o seu vegetarianismo. Não há segredos obscuros, mas eu também não os esperava ainda – é apenas a nossa primeira conversa sobre o livro.

Embora devesse estar no meu elemento, não consigo esquecer o facto de que, há apenas uma semana, ele me estava a beijar em frente a uma livraria.

– Isso não seria demais? – pergunta ele, depois de eu mencionar que, provavelmente, deveria ver o máximo possível do seu trabalho, incluindo toda a série *The Nocturnals*. – Não quero puxar demasiado por ti.

Silenciosamente, eu explodi em chamas. É um crime que ele não esteja a ver a insinuação.

E é então que percebo que não posso continuar a reagir assim a ele.

Porque mesmo que Finn se comporte de forma altamente profissional, a história entre nós é um pedaço de algodão na minha garganta, um punho apertado em volta dos meus pulmões. Cada vez que os seus olhos encontram os meus, uma corrente elétrica sobe pela minha coluna e lembro-me de como ele me pressionou contra a porta. Como os seus dedos frenéticos procuravam e procuravam e procuravam.

Apesar de todos os erros, ele conhece-me intimamente, de uma forma que apenas algumas outras pessoas conhecem. E, agora, ele está bem à minha frente, a fingir que não.

Se eu não conseguir superar esta ansiedade, não serei capaz de escrever o livro.

– Tudo bem? – pergunta. – Pareces um pouco inquieta.

Eu pestanejo de volta à realidade.

– Eu sinto que... talvez precisemos de conversar sobre aquilo que dissemos que não iríamos conversar? – Odeio a maneira como a minha voz se eleva no final, mas sigo em frente. – Sei que dissemos que íamos esquecer isso, mas só quero ter a certeza de que não será um problema. Que estamos ambos na mesma página. – Um risinho nervoso escapa-me. – Literalmente, acho.

Não estou preparada para toda a força do seu olhar – olhos castanhos intensamente focados enquanto me estuda. Maças do rosto mais afiadas do que qualquer uma das espadas que vi hoje na *comic con*. Presumo que Finn use lentes de contacto, mas não é de admirar que o tenham feito usar óculos em *The Nocturnals* – caso contrário, Caleb Rhodes, o protagonista lobisomem interpretado pelo ex-galã adolescente Ethan Underwood, poderia ter tido alguma competição pelo *status* de protagonista. Se o meu rosto está a aquecer, é só porque a noite de sexta-feira está em *loop* na minha cabeça. A forma como ele absorveu o meu corpo. O peso dele em cima de mim. Todo aquele lubrificante e *uuuh*, aí está.

– Não vejo por que razão isso deve afetar a nossa relação de trabalho – diz ele, por fim. – O que é uma noite de sexo alucinante entre colegas de trabalho?

Uma azeitona kalamata aloja-se na minha traqueia enquanto me perco num ataque de tosse. Na pressa de pegar no meu copo de água, derrubo-o, fazendo com que cubos de gelo escorreguem pela mesa. A água fria inunda o prato de Finn, transformando o seu faláfel numa confusão triste e encharcada.

Se é assim que Finn e eu vamos lidar com o nosso passado, seremos banidos de todos os restaurantes desta *tournee*.

Uma empregada aparece em algum momento no meio do meu quinquagésimo pedido de desculpas, prometendo a Finn que lhe trará um novo prato o mais rápido possível, mesmo quando ele garante que está tudo bem, e eu considero incinerar-me.

Quando finalmente recupero a compostura, ocorre-me que tenho a oportunidade de encerrar novamente esta conversa. Deixar ir tudo.

Em vez disso, cometo um erro impensado e fatal. Uma bala de prata direta à minha jugular.

– Alucinante – repito. – Achaste mesmo isso?

As sobrançelas de Finn juntam-se em confusão.

– Não achaste alucinante?

– Temos de parar de dizer a palavra «alucinante».

– Estou a falar a sério, Chandler – diz ele, com aquela seriedade estampada no rosto. Trinta segundos antes, ele não queria falar sobre isso, mas agora o seu interesse foi despertado. – Foi por isso... foi por isso que te foste embora? Fiquei a pensar nisso o dia todo, mesmo depois de me encontrar contigo e com o Joe para almoçar. – A sua voz está nivelada. Calmo, mas preocupado. Depois, leva a mão à garganta e engole em seco. – Se fiz algo que te ofendeu ou, Deus me livre, *magoou*...

– Não me magoaste – digo rapidamente, interrompendo-o. *Foda-se, foda-se, foda-se*. O calor toma conta do meu rosto e olho para o meu prato. Queria apenas limpar o ar entre nós. Não queria a *verdade*. – Eu... lamento ter saído sem dizer nada. Nunca fiz isso antes, como sabes, e simplesmente não sabia como agir, acho.

Agora esta conversa está a aproximar-se perigosamente da verdade e, embora eu não tenha muita experiência com atores, tenho a sensação de que dizer a alguém que não é muito bom na cama pode desencadear uma reação para a qual não estou totalmente preparada.

No mínimo, é o suficiente para me expulsar desta tarefa. Colocada na lista negra de *ghostwriters*.

Uma empregada regressa com um novo *wrap*, extra tzatziki. Finn mal olha para ele, em vez disso passa os olhos pelo restaurante para ter a certeza de que ninguém está a prestar-nos atenção. Em seguida, pergunta com uma voz baixa e irregular:

– Então não foi... não foi bom para ti?

Uma dúzia de mentiras estão na ponta da minha língua, mas não consigo escolher nenhuma.

O meu silêncio denuncia-me.

– Porra. – Ele recosta-se, passando a mão pelo rosto, ao longo da barba avermelhada que começou a reaparecer. – Foi assim tão mau?

– Não, não, não – apresso-me a dizer. O restaurante não está cheio, mas de repente tenho a certeza de que todos aqui sabem do que estamos a falar. Um letreiro de néon a declarar: esta mera mortal dormiu com um ator adorado e teve a ousadia de insinuar que ele foi menos do que divino.

– Mas tu parecias... – Finn para, com as peças a começarem a encaixar-se. Os meus suspiros forçados. O meu orgasmo simulado. A fuga. Olho para as minhas unhas, com o verniz laranja-torrado que apliquei na noite anterior à minha partida, apenas para ter algo para manter a ansiedade sob controlo. «É assim que eu morro», penso: «A confessar a Finnegan Walsh, enquanto como faláfel, que ele não foi espantoso na cama.»

– Acho que podíamos chamar-lhe representação.

Ele tem a coragem de parecer genuinamente surpreendido.

– Não sei se isso já me aconteceu antes.

– Certo. Porque a maioria das mulheres se dissolve em êxtase no instante em que lhes tocas?

Uma contração da sua boca.

– Admito que, às vezes, pode levar até três instantes. – Apesar da piada, posso vê-lo murchar bem à minha frente, com as faces a ficarem vermelhas e a postura flácida. Este não é o Finnegan Walsh do painel... não tenho a certeza de quem é esta versão. – Lamento muito, Chandler. Eu poderia ter feito algo diferente. Podias ter-me dito.

Como se fosse assim tão simples.

– Tentei. – O rubor de Finn aprofunda-se. – Olha... isso não é nada de mais – digo, desesperada por salvar a situação. – As pessoas fazem mau sexo constantemente. Foi uma coisa estranha e única, e fica completamente entre nós. – Agora que estamos a discutir o assunto, não tenho a certeza se vejo uma saída. Mas muita coisa correu mal naquela noite, sem relação com a falta de habilidade de Finn na cama. Por isso, decido focar-me nisso. – Talvez tivéssemos ficado condenados no momento em que bati com a perna naquele suporte de bagagens.

Por algum milagre, ele alinha.

– Quase garantidamente no momento em que não consegui tirar-te o sutiã. – Ele solta uma risada autodepreciativa, que me faz perceber que não há problema em participar. Em ambos rirmos disso. – *Okay*. Uau! Acho que não estava no meu melhor ou algo assim. Porque agora estou a relembrar tudo e... foi algo desastroso, não foi?

– Garantidamente foi. E tenho o hematoma para provar isso. – Subo as minhas calças de ganga para lhe mostrar a mancha violeta na barriga da minha perna.

Ele bate na testa com a mão.

– Céus, lamento imenso. Não foi culpa tua. Tu foste... tu foste incrível.
– Os seus olhos encontram os meus enquanto diz isso, firmes e sem pestanejar, emoldurados por pestanas incrivelmente longas. – A sério.

Tenho de desviar o olhar, pressionando a mão no meu copo de água fria e depois nas minhas faces, voltando-me ligeiramente para que ele não me visse corar. Tenho um vislumbre dele antes de nos beijarmos, antes de voltarmos para a livraria. A maneira fácil como conversámos, namoriscámos e abordámos as nossas vulnerabilidades de uma forma que nunca fiz nem com as pessoas que me são mais próximas.

Nunca me dei bem com alguém tão instantaneamente.

– Então... estamos bem? – digo. E ele acena com a cabeça.

– Ainda bem que mencionaste isto – diz ele. – Agora, podemos seguir em frente e concentrar-nos no livro.

– Ótimo. – Pontuo a palavra com a primeira respiração completa que me permiti durante toda a noite.

– Ótimo – ecoa ele.

Mas, apesar de dizer que está tudo bem, ele mantém a nossa conversa sobre o livro a um nível superficial durante o resto do jantar, recordando o painel de hoje com ombros caídos e riso forçado. Toda aquela confiança que tinha na convenção... acabei com isso numa única conversa.

Porque acho que ele pode estar *envergonhado*.

– Estou exausto – diz ele, quando a empregada aparece com a conta. – Acho que vou regressar ao hotel e descansar para amanhã. Queres partilhar um Uber ou tens outros planos?

– Oh... – Paro, tentando processar a mudança repentina de tom. – Oh, não. Eu posso voltar.

Eu não conseguia simplesmente rir e esquecer o assunto, como decidimos fazer em Seattle. Talvez ele esteja a mostrar-se corajoso, mas é um homem branco que teve um nível modesto de fama... o seu ego está por certo irrevogavelmente abalado. Porque eu sou uma completa idiota.

Durante a nossa viagem carregada de conversa fiada de regresso ao hotel – «olha, a lua», «uau»... – isso atinge-me com uma clareza nítida e dolorosa.

Ele vai despedir-me.

DESTAQUES DE FIM DE SEMANA

Finn Walsh, o *nerd* mais *sexy* da TV, comemorou o seu vigésimo primeiro aniversário no The Spot, em Hermosa Beach, com o seu par amoroso no ecrã e namorada fora do ecrã, Hallie Hendricks.

Quando questionado sobre os seus planos para este aniversário marcante, Walsh disse-nos que provavelmente não estaria fora de casa até tarde.

– Nada muito selvagem – disse ele, sorrindo para Hendricks. – Prefiro ficar aconchegado no sofá a ver um filme com a minha pessoa favorita.

Hendricks, deslumbrante num vestido verde-escuro com alças, beijou-o na face.

– Ele é bom demais para este mundo, não é?

Os dois têm sido inseparáveis desde que a segunda temporada foi para o ar, raramente sendo vistos em público um sem o outro. Quando questionado se poderia haver um casamento no horizonte, Walsh riu.

– Não, somos muito jovens para isso – disse ele. – Neste momento, estamos apenas a divertir-nos.

capítulo

8

portland, oregon

The Nocturnals mudou a minha vida. *Tu* mudaste a minha vida. Já vi a série inteira nove vezes e tenho todos os DVD originais. E, na verdade, formei-me em Biologia por tua causa. – A *T-shirt* da rapariga diz «prefiro ser invulgar», o que, pelo que consigo entender, se tornou uma espécie de lema da série. Hux disse isso pela primeira vez na primeira temporada, e mais tarde repetiu-o a Meg quando ela insistiu que ele encontrasse outra pessoa para que pudesse ter a oportunidade de um relacionamento normal.

Finn sorri, colocando a sua assinatura na foto enquanto um membro da equipa recolhe os 125 dólares da rapariga.

– Fico honrado – diz ele, com seriedade. – Muito obrigado. Tens uma temporada favorita?

– A terceira, definitivamente – diz ela. – Quando tu e a Meg ficaram presos naquela tempestade de neve, e ela teve de vos proteger daquela matilha rival de lobos... eu revejo essa cena pelo menos uma vez por mês.

– Nessa cena devo ter sentido o maior frio de toda a minha vida. – Ele devolve o autógrafo e levanta-se para tirar a foto. – No entanto, valeu cem por cento a pena!

– Obrigada, obrigada, obrigada – diz ela, guinchando enquanto ele posa ao seu lado, em frente ao cenário da Rose City Comic Con.

Estou sentada atrás da mesa de Finn, com o bloco no colo. Tudo o que escrevi até agora é terrivelmente banal. *Adora conversar com os fãs. Sorri para todos. Gostou de filmar a terceira temporada.* A qualquer momento, vai aparecer alguém para me tirar o diploma de Jornalismo.

O nível de fama de Finn claramente não é do tipo de ser constantemente reconhecido na rua – isso não aconteceu connosco em Seattle. Fiquei

surpreendida por ele ter escolhido um lugar tão público para jantar ontem à noite, mas, além das raparigas que pararam na nossa mesa, ninguém parecia estar a olhar para ele. Ainda assim, aqui, ele é um deus. Os disfarces, as *T-shirts* com citações da série ou imagens do casal Mexley, os fãs que começaram a chorar, ou de repente ficaram tímidos ao conhecê-lo... nunca vi nada parecido.

Ainda estou um pouco impressionada com a coisa toda e tenho de me perguntar se isto vai passar. Quanto tempo levou Finn a habituar-se a isto, ou isto sempre lhe pareceu normal.

Para minha completa surpresa, ele ainda não me despediu. Mas há algo estranho nele hoje, ou pelo que consigo perceber atendendo a que conheço o tipo há uma semana. A conversa da noite passada manteve-me acordada, juntamente com o sonoro zumbido do sistema de ar condicionado no meu quarto. No início, preocupava-me poder sentir-me sozinha no hotel, mas a minha ansiedade não deixou muito espaço para mais nada.

Como correu o teu primeiro dia?! – Noemie mandou-me a mensagem e não tive coragem de lhe dizer que poderia também ser o meu último dia. Nada de Wyatt, tão comprometido com a nossa amizade... Um e-mail da minha agente, algumas mensagens dos meus pais. Finn é tão fixe quanto na televisão? 🐱 – o meu pai quer saber. *tas a comer suficiente?* – pergunta a minha mãe. – *n esqueças chips milho* 🍌❤️

Não quero decepcionar nenhum deles.

A certa altura, quando estou a regressar da casa de banho enquanto a sessão de autógrafos termina, o meu casaco de ganga está pendurado na cadeira. Aquele que deixara no quarto de hotel de Finn em Seattle.

Lanço-lhe um olhar questionador.

– Chandler – diz ele, colocando a mão nas costas da minha cadeira. É a primeira vez que ele faz contacto visual comigo o dia todo. – Queres ir dar um passeio?

* * *

Acabamos na orla marítima de Portland, uma faixa de passeio arborizado que abraça o rio Willamette. É fim da tarde, o Sol está baixo no céu e as folhas de outono cruzam-se no alto. Dentro de um mês estarão todas no chão.

– Adoro o Noroeste – diz ele. – Há uma rivalidade, certo? Entre Portland e Seattle?

– Acho que sim... – A pergunta apanha-me desprevenida. Puxo o meu casaco de ganga recém-recuperado com mais força sobre o meu peito. – Entre algumas das suas equipas desportivas, e talvez algumas pessoas tenham um certo complexo de superioridade em relação à cidade em que vivem. Mas ambos têm ótima comida, natureza, cenas musicais...

– Gostas de música do Noroeste. – É uma afirmação, não uma pergunta.

– Tinha aquela *T-shirt* das Sleater-Kinney quando nos conhecemos.

– És fã?

Ele encolhe os ombros. Hoje veste uma camisa de flanela de xadrez azul e ténis cinzentos sem marca, do tipo que parece ter sido projetado por um algoritmo.

– Ouvi falar delas, mas nunca as ouvi.

– Tens de ouvir *All Hands on the Bad One*. Provavelmente o meu álbum favorito de todos os tempos. Encontrei-o num cesto de pechinchas em Olympia, e talvez esteja a ser tendenciosa porque foi o primeiro álbum delas que ouvi, mas foi tão *especial*. – Então faço uma pausa. Este não é o momento, mas não posso deixar de ser poética quando envolve Sleater-Kinney.

– Adoro como aqui as pessoas são específicas sobre a sua música.

– É o lugar perfeito para se ser um snobe musical. – Se ele vai prolongar isto, fazer-me sofrer, prefiro que arranque o penso de uma vez. Esta conversa fiada é insuportável quando sei o que há do outro lado.

O meu quarto no andar de cima, na casa da minha prima. Uma conta bancária deprimente. Um futuro com um gigante ponto de interrogação.

Uma mulher passa empurrando um carrinho; uma jovem mãe de Portland com cabelo curto e dois braços cheios de tatuagens. O seu olhar permanece em Finn, antes de desviá-lo abruptamente, envergonhada por ser apanhada a olhar ou convencendo-se de que ele não é quem ela pensa que é. Talvez o procure no Google mais tarde e se pergunte se realmente o viu.

– Não é que eu não goste de discutir os méritos de várias cidades do Noroeste – digo. – Mas se vais despedir-me, podias simplesmente acabar logo com isso?

Finn para de andar.

– Despedir-te? Porque faria isso? – Ele olha em redor, certificando-se de que estamos sozinhos, e pergunto-me se isso é algo que ele se habituou a fazer ao longo dos anos. Se simplesmente está habituado a não ter privacidade, mesmo com o seu relativo baixo grau de fama. Porém, na época em que a série começou, deve ter sido implacável.

Percebo que estou profundamente curiosa para ouvir o que ele tem a dizer sobre isso.

– A questão é... – diz ele, em voz baixa – na verdade, estou feliz por me contares a verdade.

Estou demasiado atordoada para responder, certa de que ouvi mal.

– Quero dizer, estou completamente envergonhado! Ontem à noite queria rastejar para dentro de um buraco? Sim, absolutamente. Mas a honestidade foi... não sei. Refrescante.

Uh.

Isto não é nada do que eu esperava.

– Podemos realmente esquecer isso – digo, ainda sem saber como lidar com aquilo. – Como dissemos, foi apenas uma coisa de uma vez entre

semicologas de trabalho e eu não queria aborrecer-te...

– Não estou aborrecido – diz ele calmamente. Ele solta um longo suspiro. – Depois de voltar ao meu quarto, fiz algo de que não me orgulho. Eu... liguei a uma das minhas ex-namoradas.

– Não preciso de ouvir os detalhes gráficos da tua chamada.

Os seus olhos arregalam-se.

– Liguei-lhe para *conversar* – responde, parecendo horrorizado. – Ainda somos próximos, conversamos regularmente. Então, engoli qualquer resquício de orgulho que me restava e perguntei-lhe sobre isso. Como tinha sido quando estávamos juntos. E a Hallie – ele interrompe-se com uma tosse – também nunca foi cem por cento feliz nesse aspeto.

Estou sem palavras. Ele ligou à ex-namorada, Hallie Hendricks, que interpretou o seu par amoroso em *The Nocturnals*, para perguntar se a satisfazia na cama.

E ela disse-lhe *não*.

– São... são apenas duas pessoas – digo, sem saber porque é que ele está a partilhar isto comigo. Cruzamos mais uma fronteira. – Além de que ela é atriz. Provavelmente fez parecer, hum, mais realista do que a maioria.

– Posso ter mandado mensagens a algumas outras também. – Ele esfrega a nuca, envergonhado. – Também pode ter havido álcool envolvido. Não foi o meu melhor momento, lamento dizer. E, bem, só piorou. – Ele move os olhos do passeio para mim, com aquele rubor de volta às faces. – O consenso parece ser que não importa qual tenha sido a minha parceira, nunca fui capaz de o tornar... alucinante. – Deve ser intencional, a forma como ele usa a palavra de destaque de ontem. Depois, solta uma risada vazia e incrédula. – Céus, não acredito que estou a dizer isto em voz alta.

Eu teria assumido que os homens ficariam agressivos com este tipo de golpe no seu ego, mas Finn parece mais perplexo do que qualquer outra coisa.

– Não vou contar a ninguém – digo com firmeza. – Ou colocar no livro.

Isso só o faz rir mais, o que se transforma num lamento brincalhão.

– Já estou a ver: *Como Fazer a Sua Namorada Uivar de Tanto Rir... Na Cama*.

– *Bestseller* instantâneo.

Mais lamentos, e desta vez é mais fácil rir – não dele, mas do absurdo de toda a situação.

– Lamento muito – diz ele, passando a mão pelo rosto, recompondo-se. – Eu não queria arrastar-te de novo para isto. Estou apenas... estou realmente grato. Que tenhas sido sincera comigo. Isto é bizarro?

– Não tens de agradecer? – digo, combinando com o seu tom questionador. – Não é algo em que a maioria das pessoas seja instantaneamente boa. É preciso prática. E de cada vez que tens um novo parceiro, tens de aprender um conjunto totalmente novo de... bem, tudo.

– Certo. – Ele fica quieto por um momento, observando um barco na água. – Posso arrepender-me disto..., mas achas que podes dar-me alguns

detalhes? – Depois, ele faz uma careta, como se imediatamente se arrependesse da pergunta. – Só se estiveres confortável com isso.

Eu reflito. Suponho que já estamos envolvidos nisto, e se ajudar a próxima rapariga com quem ele estiver...

– Bem... – começo, perguntando-me quão detalhada devo ser. – Já sabes que não... cheguei lá. A coisa toda pareceu um pouco apressada, acho? Depois, houve a poça de lubrificante onde eu estava deitada durante a maior parte do tempo. E a conversa porca podia ter sido melhorada. – A careta de Finn aprofunda-se. – Além disso, acho que nenhum de nós estava a prestar atenção ao que o outro gosta.

– Tu estavas – diz ele suavemente, colocando ênfase em *tu*. – Eu percebi.

O meu rosto aquece quando me lembro de como as suas pálpebras se fecharam quando passei a minha mão em torno dele. *Por favor*, disse ele.

– A Hallie disse algo semelhante – continua, puxando-me de volta à realidade enquanto tira o telemóvel do bolso das calças de ganga. – Na verdade, acredito que as palavras exatas dela foram: «Às vezes, parecia que estavas a tentar encontrar algo que tinhas perdido na minha vagina. Só busca e nenhum resgate.» E depois... bem, esta é um tanto engraçada. Outra ex respondeu com um *emoji* de boca fechada. Seguido pelo *emoji* do macaco a cobrir o rosto.

– Então, o que estás a dizer é que tive uma boa noite contigo.

Ele mantém os braços abertos, perto de atirar o telemóvel ao rio Willamette.

– Não sei! Não faço ideia do que estou a fazer!

Um tipo que passa por nós de bicicleta levanta o punho.

– Nenhum de nós sabe, mano – diz ele. E Finn retribui, levantando o punho sem convicção.

– Não és um caso perdido – digo a Finn, quando o ciclista está fora do alcance da voz e voltamos a estar relativamente sozinhos. – Eu também tenho muitos constrangimentos no meu passado. E o facto de não estares a falar sobre a tua masculinidade frágil e ferida é uma grande vantagem.

– Quero que as minhas parceiras se divirtam. Ou, pelo menos, que possamos falar sinceramente sobre por que alguém não está a divertir-se.

E é ridículo, não é, a maneira como estas palavras ficam no fundo da minha barriga depois de ter partilhado com ele um momento, decididamente, não muito bom.

– Esse é um bom ponto de partida. – Inclino-me contra o corrimão, pousando os meus braços neste. – As mulheres podem ser... um pouco mais difíceis de agradar, e nem sempre é fácil expressar isso. Não há nenhum botão que possas pressionar e *voilà*, orgasmo instantâneo.

Vejo-o engolir em seco enquanto baixa a cabeça, aproximando-se. O vento enrola o seu cabelo na testa e abre a gola da camisa de flanela.

– Como faço isso, então? – pergunta, passando a mão sobre o corrimão

ao meu lado. A sua voz está apenas um pouco acima de um sussurro e, embora o seu corpo esteja a pelo menos trinta centímetros do meu, parece que ele está a falar-me ao ouvido. Posso praticamente sentir as vibrações ao longo da minha pele. – Como é que eu faria para te vires?

A minha garganta fica seca instantaneamente. Nem toda a água do Willamette conseguiria reidratar-me neste momento.

– Isso parece o oposto do que estávamos a dizer ontem à noite. – Tento rir, mas não há ar suficiente nos meus pulmões. Talvez nem em todo o estado de Oregon.

– Quero aprender. – Ele retoca uma madeixa rebelde de cabelo de volta no lugar, mas não está à altura do vento. – Fiquei acordado metade da noite a pesquisar no Google, mas começou a ficar tudo confuso após algum tempo. E estou com um pouco de medo da publicidade direcionada que agora vou receber.

Soltei um suspiro profundo e trémulo, com o meu coração a ficar selvagem no peito. Porque talvez a coisa mais assustadora nesta conversa seja que eu *quero* explicar-lhe. A emoção que percorre a minha coluna vertebral é algo estranho e delicioso, impossível de ignorar. Talvez seja o facto de já nos termos visto nus que torna mais fácil conversar sobre isto. Talvez seja porque comecei este passeio a pensar que estava prestes a ser despedida, e qualquer outro resultado me faz sentir como se tivesse enganado a morte.

Seja o que for, corro direta na sua direção.

– Hipoteticamente... seria bom começares devagar. – A minha voz assume uma rouquidão que parece totalmente deslocada num ambiente público e, quando começo a falar mais baixo, Finn aproxima-se. – Quanto mais excitada ela fica, maior a probabilidade de atingir o orgasmo. É crucial passar tempo a aumentar essa tensão, descobrindo o que ela gosta. Pergunta-lhe. Ela pode preferir as tuas mãos ou a tua boca. Ela pode ter uma maneira específica de gostar de ser tocada. Ou, melhor ainda, pede-lhe que te mostre.

Quando lhe digo isto, a sua boca abre-se, acompanhada por um leve falha na respiração. Quase me escapa, mas esse leve indício mostra-me que esta conversa é tão emocionante para ele como para mim, enviando um choque direto ao meu âmagio.

– Fizeste isso? – questiona. – Mostraste a alguém?

– Sim – digo tão calmamente quanto posso. – A masturbação nem sempre tem de ser um ato a solo. E tu?

Ele nega com a cabeça, com aquela maldita madeixa de cabelo cair-lhe sobre a testa.

– Normalmente sou bastante rápido.

– Eu percebi. – Isso rendeu-me uma leve cotovelada no ombro. – Tens de ouvir. A comunicação é provavelmente a parte mais importante disto, mais importante do que o físico. – Embora eu não odiasse o seu cotovelo físico a tocar no meu ombro físico novamente. – Não podes esperar que o que funciona para uma pessoa funcione para todas.

– Não estou a perguntar sobre toda a gente. – O seu olhar cola-se no meu. – Estou a perguntar sobre ti.

Jesus. Tenho de quebrar o contacto visual ou vou incinerar.

– Gosto quando alguém está claramente a prestar atenção ao meu corpo – digo, arrastando as pontas dos dedos ao longo do corrimão e depois voltando. Os seus olhos seguem-nos. – À minha respiração. Aos meus ínfimos movimentos. As áreas onde posso estar mais contida e as áreas onde me abro.

Um aceno de cabeça. Outro passo mais perto, alguns centímetros a separarem o seu peito do meu.

– E adoro quando se torna óbvio que ele está a gostar do que me está a fazer. Quando aproximar-me do clímax também o aproxima a ele... há algo incrivelmente *sexy* nisso. – A minha pulsação está a rugir nos meus ouvidos, mais alto do que a correnteza do rio. – Não me importo se demorar um pouco e quero saber se a outra pessoa também não se importa. Porque quanto mais demora, mais desesperada fico por isso, mais o meu corpo implora por isso... melhor é a sensação quando, finalmente, ultrapasso o limite.

Agora estou a imaginar: desta vez nós os dois num quarto de hotel diferente, a mão dele entre as minhas coxas enquanto eu descrevo exatamente o que quero que ele faça comigo. Eu prolongaria, faria durar o maior tempo possível para que ele pudesse extrair cada gota de prazer do meu corpo.

Observo a ascensão e queda do seu peito, sem saber como chegámos aqui. Também as minhas inspirações são mais nítidas e pesadas.

– Caramba – respira ele. No corrimão, a sua mão está prestes a tocar a minha. Não tenho a certeza do que aconteceria se nos tocássemos agora. Se cruzássemos uma linha que começou a vacilar na noite em que nos conhecemos. – Quem me dera...

Ele interrompe-se e não me atrevo a dizer nada. Eu faria coisas imperdoáveis para saber o que há do outro lado dessa frase.

Em vez de terminar, ele endireita a postura, baixa a mão e dá alguns passos para trás. Posso respirar um pouco mais facilmente, mas não melhor.

– Não sei porque é tão fácil falar contigo sobre isto, mas é – continua ele, encostando as costas à grade, com uma distância saudável entre nós. – Talvez porque foste a primeira pessoa a dizer algo. Acho que confio na tua opinião.

– O quê, achas que devíamos voltar para a cama para que eu possa dar-te algumas dicas?

Na minha cabeça, parece exatamente a piada que é. Uma piada jovial no meio da conversa mais estranha. E, ainda assim, no momento em que as palavras saem da minha boca, sinto algo mudar entre nós.

Uma inclinação da terra no seu eixo. Uma rotação lenta da sua cabeça na minha direção. Um pestanejar, completamente intrigado.

A maneira como esta piada não parece ter sido assimilada é perceptível quando ele diz:

– Farias isso?

O meu coração estremece no peito. Ambas as perguntas permanecem no passeio conosco como se fossem coisas vivas e respiráveis. Todas as respostas racionais estão à espera na ponta da minha língua. *Claro que não, é ridículo, porque é que o faríamos?*

Da forma que ele está a olhar para mim, também já não tenho a certeza se eu estava a brincar. Porque, quando ele não terminou, há um minuto: *Céus, quem me dera...* podia jurar que estava prestes a dizer que desejava ter outra oportunidade.

Comigo.

– Tipo... dar-te aulas de sexo? – pergunto, certa de que parecerá ridículo quando as palavras saírem da minha boca.

Ele retribui com um encolher de ombros, suave e envergonhado.

– Não sei – responde, com um riso áspero preso na sua voz. – Talvez seja disso que eu preciso.

Já não estou presa à realidade. Tropeçámos num mundo de fantasia no centro de convenções, habitado por robôs, demónios e piadas que, de alguma forma, não são piadas.

– Eu... talvez tenhamos bebido demais, ou estejamos a apanhar muito sol, ou... – Fecho os olhos para o céu, embora esteja a tremer um pouco.

– Chandler. Estou completamente sóbrio. E mal faz quinze graus.

Tento respirar fundo. Talvez eu possa convencê-lo com lógica. Talvez possa atirar-me ao rio. Qualquer uma das duas parece uma maneira realista de encerrar esta conversa.

– Achas realmente que estou qualificada para algo assim? Para... para te ajudar a melhorares na cama?

– És alguém que dormiu comigo, e foi mau. Quero ser capaz de fazer com que isto seja bom para ti. – Ele aclara a garganta. – E, no futuro, hipoteticamente, outras *tu*.

Quinze graus devem ser os novos trinta, porque estou a arder em febre.

– Eu percebi isso.

– E, bem... – Um leve trejeito da sua boca. – Especializaste-te em sexualidade humana.

Oh, meu Deus. Eu disse-lhe isso. Porque, como foi estabelecido recentemente, sou uma grande idiota.

Mais uma vez, penso naquela noite há uma semana, mas não na maneira como terminou: na excitação quando ele passou o dedo pela minha coluna enquanto esperávamos o elevador, ou quando nos beijámos pela primeira vez no parque de estacionamento. O seu gemido no meu ouvido, quanto ele não tinha vergonha do que sentia por mim. Houve uma faísca no início – claro, uma faísca que desapareceu, mas estava lá.

É ridículo quanto *me atraís*.

Não creio que fosse isso que os meus professores tinham em mente quando falaram sobre como poderíamos aplicar os nossos estudos fora da sala de aula. Talvez eu pudesse apenas recomendar alguns *podcasts* e direcioná-lo

para alguns vídeos com sexo positivo, do tipo dos que usei várias vezes para conseguir vir-me, procurando aqueles onde parecesse que as mulheres estavam realmente a curtir. Porque eles estão por aí – são apenas mais difíceis de encontrar.

O facto de alguns desses vídeos estarem agora a passar pela minha mente faz-me sentir necessidade de apertar as coxas, especialmente com Finn parado ali, parecendo tão sério sobre esta ideia profundamente ultrajante.

– Estamos aqui para escrever um livro – digo. E fizemos pouco progresso até agora.

Ele dá alguns passos para trás e é incrível como ainda consigo senti-lo ao meu lado. No elevador. Contra a porta do quarto do hotel.

Como é que eu faria para te vires?

– Não vou pressionar-te. – As suas palavras são gentis. – Se não queres, eu entendo a cem por cento. Diz-me isso agora e nunca mais tocarei no assunto. Juro.

Engulo em seco, pronta para lhe dizer que é uma má ideia a todos os níveis. Antiético em cerca de cem maneiras, dane-se a aplicação prática do meu curso.

E, no entanto...

Aqui está ele, este homem lindo com quem ficarei presa pelos próximos meses. É uma oportunidade de ouro, realmente. Devo estar perturbada, visto que ainda me sinto tão atraída pela pessoa responsável pelo pior sexo da minha vida. Mas talvez não seja algo que precise de continuar a afastar.

Talvez eu pudesse abraçar a ideia.

Os últimos anos foram um estudo de exposição, um monte de experiências que não me levaram a lugar nenhum. A minha vida tem sido o meu portátil e eu a afundar nas areias movediças de Seattle, com pausas ocasionais para amigos e familiares. Cancelei encontros e perdi oportunidades porque estava demasiado acorrentada a um trabalho que não me amaria de volta. A ideia, bizarramente atraente, de ajudar Finn na cama seria *divertida*, algo que me neguei repetidas vezes porque não tinha dinheiro ou energia ou estava obcecada por Wyatt.

Escolhi estudar a sexualidade humana porque estava fascinada por ela: história, política, expectativas sociais e culturais. No nível físico básico, adoro o que o meu corpo pode fazer e adoro perder-me noutra pessoa. Antes de dormir com Wyatt, já não me envolvia com ninguém há alguns anos, e talvez fosse por isso que me senti tão fantástica. Porque me obriguei a parar de pensar e cedi a uma década de angústia, mesmo que isso tivesse resultados desastrosos.

Penso na pessoa que eu era na noite em que conheci Finn, em quanto amava aquela versão despreocupada de mim mesma. Estava convencida de que não era eu. Mas talvez possa ser.

Durante toda a minha vida fui o tipo de pessoa para quem «viver o momento» simplesmente não existia.

Bem, aqui está o meu momento.

– Acho que posso dar-te algumas dicas – digo. Talvez seja a coisa mais estúpida que alguma vez fiz, mas pelo menos terei feito alguma coisa. Se isto me ajudar a esquecer Wyatt, será um benefício adicional.

Além disso, cumprirei um *mitzvah* pela próxima mulher que ele tiver na sua cama. Um *mitzvah* duplo se for no *shabat*.

O choque de Finn está gravado na curva suave da sua boca e nas rugas nos cantos dos olhos. Ele recupera rapidamente, endireitando-se e passando a mão pelos cabelos.

– Bem. Hum. Isso é... uau. *Okay*. Não foi aqui que pensei que esta conversa iria dar.

– Nem eu – digo, rindo. – Não faço ideia do que acontece agora.

– Devíamos... devíamos dar um aperto de mãos? – Ele estende a mão, mas retira-a imediatamente. – Não, isso parece estranho. – Coça a nuca. É semelhante ao que Hux faz numa cena dele e Meg numa festa no campus, que Noemie me mostrou, pouco antes de ele lhe dizer que nunca viu ninguém tão bonito como ela e que pode morrer se ela não dançar com ele. Só que na vida real é ainda mais fofo, porque pode ser real.

– Talvez um abraço? – Sugiro, porque neste momento um abraço parece inocente. Algo que se partilharia com um amigo ou um colaborador-e-experimentador-sexual profissional.

As suas feições relaxam enquanto os seus braços se abrem. No instante em que o meu peito encontra o dele, algo se solta dentro de mim. Alívio, expectativa ou satisfação, não tenho a certeza. Talvez seja apenas uma reação ao cheiro dele, aquela bela mistura de terra e especiarias. Amarro as minhas mãos atrás do seu pescoço, saboreando o calor da sua pele contra as pontas dos meus dedos. *Estás tão fodida*, diz-me a parte prática do meu cérebro, a parte que decido ignorar. A sua expiração ecoa através de mim enquanto as suas mãos se acomodam na parte inferior das minhas costas, com o polegar a provocar arrepios na minha coluna.

Qualquer que fosse a fronteira semiprofissional que ainda tínhamos hoje, ela oficialmente já não existe.

JUST MY TYPE

INT. ESCRITÓRIO FONTE DE LETRAS - DIA

EMMA está na sala de conferências com CHARLIE. Ela olha para ele, perplexa, enquanto Charlie permanece calmo e lúcido.

EMMA

Eu não entendo. Todos estes *designs*, todas essas fontes incríveis... e ainda não queres a promoção?

CHARLIE

Ele caminha em direção a ela, pegando na sua mão. Ambas as mãos estão cobertas de tinta.

Porque nunca foi sobre a promoção, Emma. Não entendes? Cada escolha de fonte, cada glifo, cada haste, cada serifa... tudo isso foi para ti.

capítulo

9

phoenix, arizona

Espero que o arrependimento me atinja com força na manhã seguinte, uma chuva torrencial de *que porra é esta e nem pensar e isto é um absurdo*. E, no entanto, quando Finn chama um carro e me ajuda com a mala, fazendo-me um meio-sorriso enquanto me acomodo no banco de trás, isso não acontece.

Não é o que acontece quando passamos pela segurança do aeroporto e me atrapalho com o meu saco de recipientes de 100 ml, com um frasco de champô derramado por toda a parte e rendendo-me um encontro cara a cara com a Segurança Aeroportuária.

Não é o que acontece quando o nosso voo se atrasa duas horas e Finn me convida para a área de espera do aeroporto, onde deixa cair um tomate-cereja enquanto passa pelo *buffet* das saladas, fazendo com que a mulher ao seu lado tropece e caia de cara numa taça de espinafres, o que provoca a nossa retirada imediata.

Não é o que acontece quando o nosso motorista da Uber nos deixa na charmosa casa num subúrbio de Phoenix, onde passaremos os próximos dias até à Canyon Con, a maior convenção de BD e cultura *pop* do Arizona.

E então, quando finalmente estamos sozinhos depois de seis horas de viagem, realmente *sozinhos* pela primeira vez desde aquele quarto de hotel em Seattle, ainda não tenho a certeza se me arrependo. Sinto-me muito estranha, isso é certo, mas não arrependida.

Se o sorriso tenso no rosto de Finn servir de indicação, ele sente o mesmo. É completamente injusto que, depois da viagem de carro, da espera no aeroporto e do voo, ele pareça desganhado, com as mangas da camisa amarrotadas e os olhos um pouco cansados, o que só acentua as suas longas pestanas castanhas. Em contraste, a minha franja começou a colar-se à testa

assim que aterrámos no Arizona, como se protestasse imediatamente contra o clima.

– Então, uh – diz Finn, olhando em redor. – Vou desfazer as malas.

Pouso a minha mochila no chão.

– Certo. Eu também.

O Airbnb é um apartamento minimalista de duas camas, duas casas de banho, cozinha partilhada e placas em todos os espaços que dizem: proibido animais de estimação, convidados e festas. Era mais barato colocarem-nos aqui do que voarmos de novo para casa e depois ir para a *comic con*. Curiosamente, este trabalho é o cenário perfeito para o plano que traçámos em Portland. Bem, tão «perfeito» quanto pode ser concordar em ficar com um ator para ajudá-lo a aprimorar as suas competências sexuais. Já estamos a viajar juntos, a partilhar hotéis. Todos a quem reportar estão em Nova Iorque ou Los Angeles.

Ontem à noite, antes de adormecer, imaginei uma dúzia de maneiras diferentes de dizer a Finn que a minha sugestão era uma piada que nunca deveria ter ido tão longe como foi, e que devíamos à nossa carreira e a este livro manter as nossas mãos para nós próprios. Então, quando isso não me pareceu apelativo, revirei a ética repetidamente na minha cabeça. É verdade que Ética Jornalística não foi a minha disciplina mais forte na faculdade, independentemente de quanto Wyatt me tenha ajudado a estudar – ou talvez eu me distraísse facilmente. Mas isto não pode ser pior do que o que aconteceu naquela estação de rádio de Seattle há alguns anos, quando dois apresentadores fingiram que tinham uma relação por causa do seu *podcast* de namoro.

E ei, acabou tudo bem. O chefe sexista deles acabou por ser demitido, e ouvi boatos de que os dois acabaram de se casar.

Não que o que eu tenha com Finn esteja a tender para essa direção – apenas que estas coisas nem sempre acabam em cinzas. Todos podemos sair ilesos, com Finn mais hábil na arte do prazer e eu a permitir-me alguma diversão pela primeira vez em anos.

Ainda assim, talvez eu me demore a desfazer as malas, tomar banho e, até, ler um capítulo do mistério da loja de *bagels* antes de vestir *leggings* e uma camisola mais quente porque o ar condicionado está a fazer uns barulhos estranhos. Passo pela mais longa rotina de cuidados com a pele que o meu rosto já viu e, em seguida, uso um pouco de *spray* de sal no cabelo. Mando uma mensagem a Noemie com um lembrete para verificar como estão os meus pais, e ela responde imediatamente com um *emoji* de polegar para cima.

Estamos a meio da tarde quando entro na cozinha, onde Finn está a colocar o que parecem ser todos os pratos e talheres na máquina de lavar loiça.

– O que estás a fazer?

Finn vira-se, tão assustado que deixa cair um prato.

– Merda, desculpa. Não queria assustar-te.

– Não, não. Não tem mal. Está tudo bem. – Ele pega no prato intacto, apresentando-mo com um floreio e o rosto pálido. – Só... a certificar-me de que está tudo limpo. Nunca se sabe.

No silêncio, o barulho do ar condicionado poderia muito bem ser o de uma frota de helicópteros sobre as nossas cabeças. Começo a achar que aquilo é mais do que um simples desejo de comer em pratos limpos, mas não vou comentar. Se houver algo que Finn queira partilhar comigo, algo que ele queira colocar no livro, então dir-me-á quando estiver pronto. Pelo menos espero que sim.

Com base na forma como ele rapidamente volta para a máquina de lavar loiça, protegendo o rosto de mim, não tenho a certeza se está pronto.

– Não é nada de mais – apressa-se a dizer. – Precisas de algo? Posso lavar à mão para ti, ou...

– Não – digo, segurando a minha garrafa *Nalgene*. – Lava à vontade. Eu só vinha buscar um pouco de água. E talvez verificar o ar condicionado, embora não tenha a certeza se conseguiria diagnosticar o que se passa com ele.

Ele termina, colocando uma cápsula na máquina. O zumbido da máquina preenche o espaço, criando uma harmonia estranhamente reconfortante a par com o ar condicionado.

– Se estiveres pronto para... – começo. No mesmo exato momento ele diz:

– Eu estava a pensar sobre...

Ambos nos retraímos. Ele gesticula para que eu fale e forço-me a respirar fundo.

– Eu só ia dizer, se já te acomodaste, talvez pudéssemos começar no meu quarto?

As suas sobrancelhas saltam até à linha do cabelo.

– Para... trabalhar no livro?

O livro. Obviamente.

– Não, uh, podemos fazer isso aqui, claro – digo, com o rosto em chamas.

Finn tem uma chamada agendada com o seu agente, que termina quase ao mesmo tempo que a máquina da loiça, por isso arrumo tudo. Ainda está frio em casa e tive de acrescentar outro par de meias.

Quando a campainha toca, Finn passa por mim para atender.

– Pedi alguns mantimentos – explica ele.

– Oh. Obrigada.

Ele traz os sacos até ao balcão da cozinha; tropeçamos um no outro.

– Pensei que podia preparar algo, se estiveres com fome. Se não te importares em comer vegetariano. – Ele tem de falar alto para ser ouvido acima do som do ar condicionado.

– Não me importo! – grito em resposta.

Nesse momento, a casa emite um estrépito final quando o ar

condicionado avaria.

* * *

Pegamos em algumas ventoinhas que estavam nos armários, abrimos todas as janelas antes de percebermos que o ar lá fora está muito quente e depois fechamo-las novamente. Debates sobre sair de casa antes de percebermos que estamos nos subúrbios e os primeiros cinco Ubers que tentamos arranjar recusarem a viagem. Então decidimos aguentar.

Vesti uns calções e uma camisola de alças e, mesmo com o cabelo curto, ainda estou a limpar o suor da nuca. Finn veste uma *T-shirt* cinzenta e calções de ginástica, com uma tigela de fruta fresca à minha espera no balcão. Enquanto cozinha, faço-lhe perguntas básicas, daquelas que são fáceis de responder entre o cortar das cebolas.

Ele conta-me sobre a sua carreira antes de *The Nocturnals*, porque a sua audição está amplamente documentada *online*. Reza a história que um Finn de dezanove anos começou a falar sobre a Terra Média numa chamada porque um dos produtores perguntou se ele se identificava com o sentimento de ser um excluído, tal como Hux no início da série. Finn divagou sem parar sobre Elfos, Orcs e Hobbits, sem saber porque é que isso era relevante e, quando fez uma pausa para respirar, teve a certeza de que estragara tudo. Mas acertara na muche: ele parecia tão perfeitamente Oliver Huxley que não puderam deixar de o escolher. Em todas as entrevistas, foi isso que disseram que os levava a tomar a decisão.

– Eu cresci em Reno – diz ele, salteando o *tempeh* numa frigideira. – O que já sabes. Fui até Los Angeles para fazer audições e, no início, fui selecionado para alguns anúncios. Depois, interpretei um dos filhos do Bob Gaffney numa comédia que foi cancelada durante a primeira temporada, mas foi o que me abriu as portas para a audição com o Zach. – Bob Gaffney: uma espécie de comediante de *stand-up*, cujas piadas de baixo calão lhe renderam três programas de televisão, todos com ele a interpretar uma versão de si próprio. Vi alguns episódios de *Dad in Training*, a série em que Finn entrava, e mal conseguia passar cinco segundos sem ouvir uma piada má.

– Não era uma viagem curta.

Finn encolhe os ombros.

– Oito horas, dez se houver trânsito.

– O que fez valer a pena para ti?

– Tive uma infância... simples – diz ele, parecendo estar a escolher as palavras com cuidado. Ele mexe os vegetais. – Tradicional. Ou pelo menos o meu pai era, o que não combinava com a forma como me sentia em relação ao mundo, e a minha mãe só queria manter a paz. Ele saiu de casa quando eu tinha dezasseis anos e enviou os papéis do divórcio à minha mãe pelo correio. Todas as zangas entre eles... de uma forma estranha, foi assim que comecei a

representar. Acabei por entrar numa disciplina opcional de teatro na escola secundária, no início a pensar que ia detestar, mas fiquei *obcecado*. Parecia que eu podia escapar para um mundo diferente, tornar-me outra pessoa durante algum tempo. E melhor ainda se essa outra pessoa não fosse humana ou vivesse num planeta diferente.

– Consigo entender isso – digo suavemente. Tento imaginar o adolescente Finn a perder-se no teatro porque a realidade da sua vida em casa era demasiado sombria.

– Foi por isso que me apaixonei por *O Senhor dos Anéis* quando era criança. Só que eu não podia viver exatamente na Terra Média, por mais que quisesse, mas poderia atuar e, de repente, isso era tudo o que queria fazer. Portanto, viajei entre Reno e Los Angeles durante algum tempo e, quando fiz dezoito anos, mudei-me para lá sozinho. – E sorri-me com um sorriso algo tonto. – E, depois, tornei-me ridícula e repugnantemente famoso. Não conseguia sequer ir ver o meu correio sem ser atacado por *paparazzi*.

Eu sorrio, mas o que estou a tentar descobrir como perguntar – sem realmente perguntar – é se ele ainda anseia por aquele momento alto de quando *The Nocturnals* estava no ar, se anseia voltar a ser relevante.

E se isso é uma coisa assim tão má de se querer.

Quando nos sentamos para comer, toda a casa tem um aroma maravilhoso.

– Isto é delicioso – digo entre trincas. – Nunca comi *tempeh* assim. – Ele marinou e levou ao forno, com molho de amendoim, e serviu com salada de *courgette* e cenoura.

– Ah, pensaste que eu era apenas um daqueles tipos de Hollywood com um *chef* particular? – diz ele. – Bem, primeiro, eu provavelmente não poderia pagar a um. E, segundo, gosto de cozinhar. É relaxante. O meu pai não se tornou vegetariano, por isso tive de aprender a cozinhar para mim desde muito cedo. E... é mais fácil quando posso controlar tudo.

Estou profundamente curiosa sobre a família dele, mas não parece ser o momento certo para perguntar.

– Posso desenrascar-me, mas não sei cozinhar – digo. – Aposto que nunca adivinharias o que consigo fazer com uma tortilha e um saco de queijo ralado.

Finn corta um pedaço de *tempeh*. Mesmo com cerca de mil ventoinhas, as suas patilhas estão húmidas, o decote da sua *T-shirt* cinzenta está um pouco mais escuro do que o resto do tecido.

– Posso ensinar-te algumas coisas básicas. Se quiseres. Já estás a fazer tanto por mim. – Então, os seus olhos arregalam-se. – Não que isto precise de ser transacional. A menos que seja isso que *tu* queres...

Sinto-me tentada a não interromper, e deixá-lo apenas continuar a balbuciar enquanto as suas faces ficam com um belo tom rosado. É o primeiro reconhecimento real do nosso acordo durante todo o dia, e é quase um alívio que ele seja o primeiro a tocar no assunto.

– Acho que ainda estou a decidir o que quero.

Ele mastiga devagar. Pensativamente.

– Estás a pensar em desistir? – pergunta. – Porque está tudo bem se assim for. Está absolutamente tudo bem.

– Não. Tu estás?

O seu olhar cai para a minha boca.

– Nem um pouco.

Quando o calor inunda as minhas bochechas, não tenho a certeza se é a falta de ar condicionado ou algo totalmente diferente.

Ocorre-me que ainda mal nos conhecemos – e que estou a ser paga para conhecê-lo, e não o contrário. Dou uma trinca na salada, o vinagre frio pouco faz para combater o aumento da temperatura corporal.

– Talvez fosse menos estranho se falássemos primeiro sobre logística?

– Nada mais *sexy* do que logística. – Quando levanto as sobrancelhas, ele recua, apontando com o garfo. – Desculpa. Por favor, continua.

– Ninguém pode descobrir – digo, enquanto ele acena com a cabeça vigorosamente. Se realmente quisermos fazer isto, preciso de ter a certeza de que ambos sabemos o que esperar. E isso significa estabelecer tudo antecipadamente. – O livro tem de ser a prioridade, claro. E tenho a certeza de que terminaremos antes disso, mas, quando a viagem terminar, nós também terminaremos. Seguimos caminhos separados e nunca revelaremos a ninguém.

– Giro o meu garfo no molho de amendoim mais que o necessário. – A proteção não é negociável. E consentimento, obviamente.

– Não tenho contra-argumentos.

– Se um de nós quiser cancelar tudo, por qualquer motivo, pode – continuo. – E não vai acontecer todas as noites. Na verdade, provavelmente seria melhor se isso não acontecesse, já que o livro tem de ser a nossa prioridade. Se um de nós não quiser, pronto... não precisa de argumentar ou dar desculpas.

– Francamente, não tenho a certeza se conseguiria apresentar-me todas as noites ao serviço – diz ele. – Por isso, é um alívio. – Depois acrescenta: – Devemos ser capazes de sentir que podemos dizer alguma coisa. Se um de nós se sentir desconfortável.

– Uma palavra de segurança? – pergunto. E ele acena com a cabeça, olhando para o prato.

– Que tal «*tempeh*»?

Abro um sorriso.

– Claro. *Tempeh*, é isso. E devíamos dormir cada um no seu quarto. Só para evitar que isto se torne... complicado. – Não tenho a certeza se é a palavra certa até que ela sai da minha boca. Se eu realmente sou uma *rapariga de relações*, fazer sexo e acordar com alguém com quem não estou num relacionamento é provavelmente o tipo de coisa que confundiria o meu coração, fazendo-me ficar excessivamente apegada. Então, simplesmente evitarei que isso aconteça.

Finn parece pensativo, como se não tivesse pensado nisso.

– Tudo bem – diz. – Faz sentido.

Olho para as minhas mãos, mexendo no verniz, o laranja-torrado do qual sobram apenas algumas manchas teimosas. É apenas sexo casual. As pessoas fazem-no constantemente. Eu fiz isso com esta exata pessoa.

– Mais uma coisa – digo. – Fiz uma espécie de esboço. Para as aulas. No avião.

– Enquanto eu via *Ted Lasso*?

Pressiono os meus lábios, assentindo com a cabeça.

– Eu sei que dissemos que seriam apenas «algumas dicas», mas pensei que isto poderia tornar as coisas mais fáceis, e estamos a fazer o mesmo com o livro de memórias, por isso...

Ele sorri.

– Isso é incrível. Estou impressionado e intrigado.

Eu deslizo pelo meu telemóvel antes de lho passar.

– É um trabalho em progresso. Podemos ajustá-lo com base no que dejas trabalhar ou no que achamos que precisa de mais atenção.

Tudo faz sentido em termos lógicos – pelo menos, é o que acho. Começaremos com beijos e, em seguida, adicionaremos gradualmente várias formas de preliminares, com secções em numeração romana dedicadas especificamente a tópicos como sexo oral e conversa porca. Um plano de aula sexual.

– Isto é... – começa Finn, olhando para ele.

O pânico instala-se. Exagerei; clássico da Chandler Cohen: pensar demais.

– ... extremamente minucioso – finaliza. – Uau! Estou algo emocionado.

Expiro lentamente. Em parte, isto parecia uma forma de amenizar qualquer ansiedade persistente. Acima de tudo, porém, parecia natural. Sou uma escritora – todos os meus produtos acabados começam com um esboço, e qualquer bom livro precisa de uma construção adequada. Não se pode saltar imediatamente para o clímax, e Finn precisa especialmente de algum tempo com os primeiros capítulos.

– Vou mandar-te – digo. – Também tem alguns *links* para esquemas e uma lista de *podcasts* e influenciadores sexuais de que eu realmente gosto... e, antes que perguntes, sim, isso existe. E pensei que, a cada parte, poderíamos ter uma parte teórica e uma parte prática. – É possível que eu esteja a fazer com que pareça muito estruturado. – Quero dizer, se isto não te parecer excessivamente formal. Assim, podemos conversar sobre tudo e realmente habituar-nos a isso.

Finn não protesta. Ele apenas olha para o telemóvel e depois para mim, com a boca curvando-se para cima.

– Não pensei que pudesse ficar tão excitado com um Google Doc.

Decidimos encontrar-nos no meu quarto dentro de meia hora, depois de termos arrumado as coisas do jantar e de eu ter passado aproximadamente sete

minutos a escovar os dentes. Não tenho a certeza de como alguém se prepara para um encontro marcado com uma ex-estrela de TV, mas a higiene oral parece um bom ponto de partida.

De certa forma, é uma oportunidade de reescrever a nossa história. Se alguma vez sentir que estou a bater no fundo, lembro a mim mesma que tenho este perfil virado para a orientação. Posso viver o momento por completo... desde que tenha um plano alternativo.

Porque, se puder fazer isto, poderei voltar para Seattle com a cabeça erguida e os ombros relaxados. Serei uma Mulher Evoluída, sem medo de arriscar e deixar a minha zona de conforto para trás.

Uma batida na porta interrompe a minha conversa mental.

Respirando fundo, abro e sou imediatamente atingida pelo aroma da loção *aftershave* de Finn, amadeirada e quente, com um toque de especiarias. Ele vestiu uma *T-shirt* azul-marinho, tem as faces sardentas tingidas de rosa e o cabelo molhado do banho. Instantaneamente, sinto-me menos limpa, passando a mão pelo cabelo e torcendo para não suar através da camada extra de desodorizante.

– Olá! – diz, num tom pelo menos cem vezes mais robusto do que o meu.

– Olá. Bem-vindo a este lado da casa. Infelizmente, está tão quente como as outras divisões.

– Não me importo.

Um meio-sorriso enquanto me segue até à cama, onde ficamos sentados em silêncio por uns bons dez segundos.

Até que eu começo a rir.

– Desculpa. Eu juro, não és tu.

– Não temos de fazer isto – diz ele. – A sério. Se não quiseres...

Antes que eu possa pensar demais, antes que o meu cérebro leve a melhor sobre mim, inclino-me e beijo-o. Da forma mais destemida possível, tal como fiz naquela primeira noite.

É verdade, ele não beija mal. Parece desajeitado apenas nos primeiros segundos, mas depois empenha-se e aprofunda o beijo. A menta fresca da sua pasta de dentes, o calor da sua boca quando se abre contra a minha. Há uma familiaridade nisto, estamos a reencontrar-nos.

Ele é o primeiro a recuar, com uma força que me deixa um pouco sem fôlego.

– Como correu? – pergunta, sorrindo um pouco.

– Nada mal. – O quarto gira e tenho de piscar algumas vezes para me recompor.

Na próxima vez que a sua boca encontra a pestanejar, as suas mãos começam a vagar. Uma delas vai até à minha cintura, curvando-se até ao meu traseiro, enquanto a outra sobe em direção aos meus seios. Tal como da primeira vez, ele está demasiado ansioso pelo próximo passo. Não é exatamente desagradável... apenas cedo para mim.

Gentilmente, baixo a minha mão e deslizo a dele de volta para a minha cintura. Ele entende a mensagem, tirando a outra mão do meu peito e colocando-a no seu colo. Mas consigo perceber que ele não faz ideia do que fazer com elas.

– Podes tocar-me – digo gentilmente, percebendo, apenas quando as palavras saem, como estou desesperada por isso. – Mas vamos deixar certas partes do corpo fora dos limites.

– Eu sinto que serão todas divertidas.

Sorrio-lhe.

– Quando estou com alguém, não quero sentir-me apenas uma coleção de partes do corpo. E podes descobrir que a tua parceira realmente gosta de ser tocada em zonas que não conhecias – digo. – Esta é a parte mais importante. Tens de seguir as dicas que ela te dá. Isto... – faço um gesto entre nós – não funciona se não estivermos a comunicar.

Ele faz uma careta.

– Estavas a tentar. Naquela primeira noite. E percebo a ideia. Só que nem sempre é a coisa mais fácil de fazer no momento.

– Mas vale sempre a pena – digo-lhe. – Provavelmente direi isto centenas de vezes, mas a espera aumenta a tensão. Raramente estou pronta para apostar tudo imediatamente, não importa quão atraída esteja pela pessoa.

Ele assente com a cabeça enquanto absorve tudo.

– Tudo bem – diz ele, com uma prontidão entusiasmada que, de alguma forma, consegue causar-me um arrepio na coluna quando pronuncia a sua próxima frase: – Vou descobrir do que gostas.

Ele inclina-se para a frente, mas em vez de me beijar, o que espero que faça, ele pressiona a boca na minha testa.

– Que tal?

– Fofo. Muito fofo.

Um beijo na minha bochecha.

– Isto?

– Vais tentar todas as zonas...

Paro quando os seus lábios deslizam ao longo do meu pescoço, com um polegar a traçar a concha da minha orelha, soltando uma respiração superficial. *Oh*. Agora o arrepio é um tremor total, e posso senti-lo a sorrir contra a minha pele antes de colocar o lóbulo da minha orelha na sua boca, sacudindo a língua no brinco de ouro que raramente tiro.

Em seguida, ele faz algo que eu não esperava, embora comece a pensar que, com Finn, eu devia abandonar completamente as minhas expectativas – ele raspa os dentes ao longo da borda da minha orelha, enviando uma onda de prazer pela minha coluna e direta ao meu âmago.

E eu *gemo*, porra.

– Bem – sussurra ao meu ouvido, pouco antes de fazer isso outra vez –, isto é uma boa surpresa.

Agarro-me a ele, tentando aproximar-me, ao mesmo tempo querendo

que ele continue e, de alguma forma, inexplicavelmente, desejando que ele tente outra coisa, porque é quase bom demais. Não há constrangimento, apenas o calor e o cheiro dele e uma sensação adorável e confusa de leveza.

Devagar, felizmente, ele explora um pouco mais, dando-me uma oportunidade de recuperar o fôlego. Ele passa as pontas dos dedos para cima e para baixo na minha coluna, pelas omoplatas, mantendo tudo por cima da minha *T-shirt*. Quando acidentalmente roça o meu traseiro, ele sussurra «desculpa» e volta a sua atenção para as minhas costas. Fecho os olhos e inclino-me no seu toque. Já há muito tempo que ninguém me explora assim: zero urgência, apenas uma curiosidade silenciosa enquanto descobre o que eu gosto.

Os seus olhos voltam-se para os meus ao mesmo tempo que agarra uma das minhas mãos. Ele leva-a à boca, dando um beijo na parte interna do meu pulso. Depois no outro. Os seus movimentos são tão delicados, segundos prolongados pontuados por uma estranha ternura que, de alguma forma, consegue roubar-me o fôlego.

– És... realmente ótimo a seguir instruções – digo, porque é verdade. Talvez Finn aprenda rápido e terminemos isto antes de eu acabar de escrever o livro.

– Tive um realizador que disse isso uma ou duas vezes. – Ele reajusta-se na cama, curvando-se para passar a boca pelos meus joelhos nus.

– Ahhh – digo, rindo, tentando puxá-los para cima da cama.

– Cócegas?

– Não.

Por fim, ele regressa à minha boca enquanto me reposiciono em cima dele, com as pernas de cada lado das suas ancas. Os seus calções não contribuem exatamente nada para esconder a sua excitação, e a primeira vez que me empurro contra ele, juro que foi por acidente.

– Tudo bem? – pergunta, como se estivesse preocupado por ter sido ele quem iniciou tudo. Ele passa a mão pelas minhas costas, traçando a alça da minha blusa.

Não estava no plano de hoje, mas...

Movo as suas mãos para as minhas ancas, dizendo-lhe *sim* com outro movimento para a frente; a fricção arranca um gemido da minha garganta que ele encontra com um dos seus. Deus abençoe os calções de ginástica.

Alternamos o controlo; às vezes, ele guia-me e, às vezes, eu assumo a liderança, esfregando a sua ereção até que ele me aperta cada vez mais forte, com uma mão na minha nuca e a outra na parte inferior das minhas costas. Toda a minha roupa está húmida e suada, mas nenhum de nós se importa.

– Vês? – Ofego. – Vês como podemos divertir-nos sem tirar a roupa?

Pela expressão de satisfação no seu rosto, cabelo torto e faces coradas, é óbvio que ele também está a gostar.

– A forma como gemeste quando eu estava dentro de ti – diz ele, com a boca na minha clavícula. – Em Seattle. Mal posso esperar por fazer-te gemer

de verdade.

Uma dor instala-se no meu estômago. Estou prestes a dizer-lhe que talvez não precisemos daquela aula de conversa porca, e não consigo deixar de me perguntar o que poderia ter acontecido se ele tivesse feito estas coisas naquela primeira noite em que estivemos juntos.

Exceto que não estamos a reescrever.

Estamos a praticar.

– Isto provavelmente está bom por hoje – digo, com a rapidez dessa constatação a trazer-me de volta à realidade. Porque não é comigo que Finn está... sou apenas a substituta de uma futura mulher misteriosa. À espera que alguém real assuma o papel.

Finn para imediatamente quando me afasto dele.

– Sim? – diz.

– Acho que já percebeste isto. Nota máxima. Onze em dez.

O seu olhar permanece em mim, mas eu concentro-me na subida e descida do seu peito e, quando até isso faz a minha pele aquecer, arrasto os olhos para o edredão branco e liso. Pestanejo para afastar as estrelas nos limites da minha visão, tentando não pensar em como mais um minuto a esfregar-me contra ele, e eu provavelmente teria desmoronado.

– Obrigado – diz. – Se isto não for estranho de se dizer!

– Tudo isto é estranho – comento. – Mas... de nada.

Mais alguns segundos tensos de silêncio.

– Talvez vá correr – diz ele, por fim. – Acho que arrefeceu o suficiente.

Depois de ele sair, fico ali deitada por alguns momentos, minutos, à espera que a minha respiração volte ao normal. Ao longe, ouço o ar condicionado ligar novamente, mas o meu corpo recusa-se a arrefecer.

A primeira lição foi muito mais emocionante do que pensei que seria. Não há dúvida de que me sinto atraída por ele, já que fui com ele para o hotel naquela primeira noite. Talvez devêssemos ter continuado, terminado tudo num dia para que pudéssemos concentrar-nos no verdadeiro motivo pelo qual estamos presos neste Airbnb nos arredores de Phoenix, Arizona.

Mas estamos aqui para trabalhar.

Por isso, abro *The Nocturnals* no meu portátil e começo a ver o episódio dois.

REENCONTRO DE *THE NOCTURNALS* MARCADO PARA DEZEMBRO

Entertainment Weekly

Os lobisomens estão de volta.

Depois de dez anos, *The Nocturnals*, a série favorita dos fãs do TBA Studios, regressará para um especial de reencontro de duas horas a filmar em estúdio, em frente a um público. Todos os membros do elenco principal foram confirmados: Ethan Underwood, Juliana Guo, Finn Walsh, Hallie Hendricks, Bree Espinoza e Cooper Jones.

Para obter uma lista dos dez melhores episódios de *The Nocturnals*, [clique aqui](#).

– É uma sensação ótima – disse Underwood, que interpretou Caleb Rhodes na série, no *set* do seu novo filme, *Deathrace*.

– Mal posso esperar por ter toda a malta junta novamente.

O reencontro estará disponível em *streaming* a partir de 10 de dezembro às 21 h. Horário do Pacífico.

capítulo

10

st. paul, minnesota

O inferno é a retirada de bagagem e o ciclo interminável e vertiginoso de malas que não inclui a tua. Ou, mais especificamente, da tua mãe.

– Não está aqui – digo a Finn. – Já vi aquela embrulhada em fita adesiva circular pelo menos vinte vezes. A minha não está.

– Tem de estar aqui. – Ele franze a testa, enfiando o telemóvel no bolso. O anúncio do reencontro tornou-se público esta manhã e as suas redes sociais estão um caos. Ele deu algumas entrevistas no Airbnb esta manhã antes de partirmos para o aeroporto. – Tem todos aqueles autocolantes, certo? Os *hippies*?

Eu concordo. A minha voz falha quando aponto para o ecrã acima do tapete rolante.

– Diz que estão prestes a descarregar as malas para o próximo voo.

Finn deve ser capaz de perceber que estou quase a entrar em pânico, porque, quando fala novamente, a sua voz está equilibrada. Suavizante.

– Vamos resolver isto. Já me aconteceu dezenas de vezes e a companhia aérea conseguiu sempre encontrá-la. Quase todas as malas acabam por ser devolvidas aos seus proprietários.

Não tenho a certeza se ele está certo e não adoro o *quase todas*, mas, pelo menos, não tenho de lidar com isto sozinha. Primeiro, verificamos os outros tapetes para ver se a minha mala de alguma forma foi parar lá – não temos sorte! Em seguida, seguimos até ao balcão da companhia aérea, onde apresento o meu *ticket* de bagagem e uma mulher, vestida com um fato azul-claro, consulta no seu computador.

– Hum – diz ela, digitando. – Diz que saiu de Phoenix, mas ainda não estou a vê-la aparecer no nosso sistema aqui. Pode ter sido um erro de

digitalização... – Uma folha de papel é empurrada na minha direção. – Terá de preencher este relatório.

Rabisco os detalhes da mala.

A mulher oferece-me um sorriso tenso.

– Iremos ligar-lhe. A maioria das bagagens atrasada chega nas vinte e quatro horas seguintes. Esperamos que isso não a impeça de aproveitar a sua visita às Twin Cities!

– Há alguma forma de ajudá-la entretanto? – pergunta Finn.

– Sim, claro. – Ela passa-me um *kit* de produtos de higiene pessoal com o logótipo da companhia aérea estampado e pacotes de sabonete, champô e pasta de dentes dentro.

– Obrigada. Muito obrigada – digo, agarrando o *kit* como se fosse um salva-vidas.

Felizmente, mantive os meus equipamentos eletrónicos na bagagem de mão, mas há imensas coisas valiosas naquela mala perdida, como todas as minhas *T-shirts* favoritas e muitas meias e produtos de cabelo extra e aquele hidratante que odeio admitir que adoro tanto. E... Oh, céus, o meu vibrador também está lá.

Sei que não devia ser tão apegada emocionalmente a *T-shirts*, mas não consigo afastar a sensação de que algo está errado, mesmo quando Finn me leva até às lojas do aeroporto para encontrar roupas novas.

É assim que acabo a preparar-me para a Supercon, uma convenção inteiramente dedicada ao paranormal, com maquilhagem de lobisomem aplicada apressadamente e uma camisola que diz que alguém no minnesota me ama. Porque depois de todo o caos da minha bagagem perdida, Finn tem a ousadia de me dizer que posso sentir-me deslocada se não estiver vestida para a ocasião. Pelo menos, teve a decência de parecer envergonhado ao fazer isso.

– Não tenho a certeza disto – digo a Noemie no FaceTime, depois de fazer o *check-in* no hotel. Inclino o rosto para um lado e depois para o outro, dando-lhe uma visão completa da tinta barata e das orelhas que encontrei numa loja de pechinchas a alguns quarteirões do hotel. – Pareço aquele antigo filtro de cachorro do Snapchat.

– Estás *adorável*. – Noemie está com o telemóvel pousado algures e, ao fundo, ela vasculha a cozinha. – Mais fofa do que a Meg, até. Por favor, diz-me que viste esse episódio?

– Ontem – respondo. E admito que foi bom: o episódio de Halloween da primeira temporada, onde Meg se veste de lobisomem como uma piada privada, já que apenas algumas pessoas sabem que ela realmente é um.

– Uh, eu gostava de poder ver a série contigo. Sinto a tua falta.

É estranho conversar com ela e não partilhar tudo o que está a acontecer com Finn. O resto do nosso tempo em Phoenix decorreu sem incidentes. Aquela única sessão de amassos deve ter-nos relaxado, mesmo que eu tenha corado pelo menos três vezes mais do que o normal na manhã seguinte. Fizemos um progresso mínimo no livro, focando-nos no básico da sua

carreira. Ainda assim, não fiz nenhuma outra insinuação e ele também não. Parece estar claramente a dar-me as rédeas, o que agradeço.

– A propósito, aquela nova caixa do «assassino mistério» chegou pelo correio – diz Noemie. – Queres que espere até chegares para abri-lo?

– Sabes que esse é o meu favorito. Sim, por favor, se tiveres força de vontade.

Um sorriso.

– Darei o meu melhor.

Depois de desligarmos, encontro Finn na entrada. Quando me vê, ele abre um sorriso, iluminando o seu rosto de uma forma pura e genuína que não tenho a certeza se já vi nele.

– Chandler Cohen – diz ele –, estás fantástica. Mesmo com a *T-shirt* do Minnesota.

Apesar do elogio, levo a mão ao rosto. De repente, percebo que estou vestida como a personagem interpretada por Hallie Hendricks, ex-namorada de Finn. Não quero que ele pense que estou a fazer isto porque estou a desempenhar um papel semelhante – porque tudo com a Hallie era real. O que Finn e eu estamos a fazer não é.

Se subestimei os fãs de *The Nocturnals* antes, nada se compara a esta tarde, o que me ajuda a distrair da ansiedade da minha mala perdida. Finn mal consegue mover-se pelos corredores sem ser cercado.

Nos bastidores apresenta-me Zach Brayer, o criador da série, e Bree Espinoza, que interpretou Sofia, introduzida na segunda temporada como um segundo par amoroso de Caleb, o ex-rufia que atormentava Hux, mas que se tornou um bom amigo.

O restante elenco está ocupado com entrevistas noutros locais. Ethan Underwood era Caleb, o protagonista indiscutível da série. Juliana Guo: Alice Chen, uma rapariga teimosa e popular que não aturava merdas. Cooper Jones: o cómico Wesley Sinclair, um amigo de Caleb. E Hallie Hendricks, claro. Estarão juntos na Big Apple Con, em Nova Iorque, em novembro, que as suas equipas planearam para uma exposição máxima.

– Parece que estamos realmente a fazer isto, hã? – diz Bree nos bastidores. Ela é alta, morena, com dentes brancos e reluzentes, e um bonito vestido de algodão. Se Alice era a *bad girl* de Caleb, Sofia era a querida e inocente, aquela trazida especificamente para competir com Alice. Porque não é uma série adolescente se as jovens mulheres não forem colocadas umas contra as outras. O clube de fãs Calice, às vezes chamado de Callous^[4], por causa de quão cruéis Caleb e Alice conseguem ser – tanto com outras pessoas como entre si –, é mais forte do que Caleb/Sofia, e pergunto-me se é simplesmente porque a sua combinação de nomes é mais cativante.

– Acho que sim – diz Finn, bebendo água de uma garrafa. – Estás a lidar bem com tudo?

Bree encolhe os ombros.

– As minhas redes sociais são um pesadelo, mas isso não é novidade.

Embora eu esteja farta de todo o ódio pela Sofia. – Ela abana a cabeça. – Engraçado como foi o Caleb quem traiu a Alice e *eu* é que recebo ameaças de morte por me meter entre eles. Ainda. Todos estes anos depois.

– Céus – digo. – Isso é uma merda.

– Odeio dizer que estou habituada, mas... – Ela para com um aceno de mão.

Bree e Zach começam a conversar sobre um novo episódio piloto no qual estão a trabalhar. Por alguma razão, eu esperava que Zach fosse algum veterano experiente da indústria, mas ele é apenas alguns anos mais velho que Finn, vestido com um casaco de lona e calças de ganga escuras, com vários dias de barba por fazer.

Um membro da equipa aproxima-se de nós.

– Parece que nos falta um moderador para este painel – diz ele. – Acidentalmente, sobrepôs marcações. Mas não se preocupem, estamos a procurar uma nova pessoa.

Zach aponta para mim.

– Então e ela? O que vai estar a fazer durante o painel?

Eu empalideço, com os olhos a arregalarem-se enquanto olho para Finn.

Um sulco aparece entre as suas sobrancelhas.

– Ela não está aqui para trabalhar na convenção. Ela é jornalista. – A maneira como ele diz isso faz com que pareça uma carreira muito mais séria do que realmente é. Faz-me querer viver de acordo com isso.

– Perfeito. Ela tem experiência em entrevistas.

Finn prende o meu olhar.

– Podes dizer não, Chandler.

Lembro-me dele na cama há alguns dias. A doçura na maneira como beijou a minha testa, a minha bochecha, a parte interna do meu pulso. Mesmo que fosse falso, mesmo que eu nunca tenha a certeza de qual a versão de Finn que é a verdadeira, há um pouco dessa doçura nele agora. Ele está a cuidar de mim e, embora isso não seja algo que eu alguma vez desejei num tipo, é uma gentileza.

– Se não tiverem mais ninguém... – Certamente não será tão mau assim. Não gosto de falar para grandes plateias, mas nenhuma dessas pessoas está aqui para me ver. – Eu posso fazê-lo... só não vi a série completa.

– Não há problema – diz Bree. – As perguntas são todas pré-escritas. Provavelmente, não conseguirás fazer-nos calar a boca.

Neste momento, fico profundamente grata pela minha maquilhagem de lobisomem, até porque ela atua como mais uma camada entre mim e o público.

– *Okay* – digo, convencida de que vou acabar por me arrepender. – Eu faço-o.

É preciso aproximadamente o tempo de subir ao palco para que o arrependimento se faça sentir.

O colaborador da convenção repassou o que eu tinha de fazer, o que acabou por ser um pouco mais complicado do que ler perguntas numa folha de papel. Tenho de controlar o tempo, estar atenta a deixas, fazer a transição para as perguntas do público.

Semicerro os olhos para as luzes, com o estômago a pairar algures próximo à minha garganta.

– Hum. Olá. – O público parece ficar mais impaciente a cada segundo. – Quão entusiasmados estão com o reencontro de *The Nocturnals*, hã?

A sala explode em aplausos.

As minhas mãos tremem na folha de papel. A minha primeira tarefa é fácil: apresentar todos, o que faço enquanto toca o tema de *The Nocturnals*, um instrumental *punk-rock* fantasmagórico.

Depois, todos nos sentamos nas cadeiras de couro preto no palco.

As perguntas começam bastante básicas.

– O que mais esperam do reencontro? – pergunto.

– Ver quanto as entradas do cabelo do Ethan recuaram, definitivamente – diz Bree, e isso arranca muitas gargalhadas. – Não, mal posso esperar por estarmos todos juntos novamente. Participar nesta série foi a coisa mais divertida que já fiz na minha carreira, e sentimo-nos muito sortudos por fazer parte.

Finn cruza as pernas e leva o microfone até ao rosto.

– Exatamente. Estávamos a correr um risco, porque a maioria das séries para adolescentes acontecia no secundário. Como *The Nocturnals* foi centrado na faculdade, sinto sempre que conseguimos ser um pouco mais sombrio, ir um pouco mais fundo, enquanto explorávamos temas que pareciam universais. Mesmo quando lutávamos contra criaturas malignas.

– Como o aumento das propinas – acrescenta Zach, arrancando outra gargalhada geral.

Olho para a folha de perguntas, com o coração a bater forte quando leio uma que não faço a menor ideia de como pronunciar. *Como foi lutar contra a Liga Loup-Garou na terceira temporada?*

Soam risos dispersos da plateia enquanto eu estrago tudo.

– É *loup-garou*! – grita alguém, corrigindo-me, e o meu rosto fica em chamas.

– Levei uma eternidade para acertar – diz Finn, com um breve contacto visual. Mesmo que diga isso apenas para me fazer sentir melhor, eu agradeço. – Sei que a liga era a favorita dos fãs em termos de vilões, e foi igualmente emocionante diante das câmaras. Estávamos a ler os guiões com apenas alguns episódios de antecedência, por isso não fazíamos ideia de como o enredo se iria desenrolar. E tenho quase a certeza de que distendi um músculo durante aquela cena de perseguição no episódio vinte e um.

Passámos por mais algumas perguntas até chegar a hora das perguntas

do público. A primeira pessoa que se aproxima do microfone está a usar uma máscara do Homem-Aranha que abafa a sua pergunta.

– Desculpe, pode repetir? – pede Zach.

– Eu estava a dizer – começa o tipo, tirando a máscara –, o que acham sobre...

O resto da sua pergunta perde-se no grito coletivo que o público solta, porque em frente ao microfone está ninguém menos do que Ethan Underwood, o próprio Caleb Rhodes. Finn, Bree e Zach estão boquiabertos – ninguém sabia que isto ia acontecer.

– Ethan! – diz Bree. – Não posso acreditar que estás aqui. E também espero que essa máscara te tenha impedido de ouvir o que eu disse sobre o teu cabelo.

Ethan abre um sorriso com covinhas. Há algo magnético nele, uma qualidade particular de protagonista, e ele sabe disso. Veste calças de ganga pretas e uma camisola creme que parece ser um tamanho abaixo, como se fosse feita para mostrar os seus bíceps. Ultimamente, protagonizou apenas filmes de ação medíocres que ganharam dinheiro suficiente para garantir o seu próximo papel em qualquer *franchise* de homens *versus* máquinas que venha a seguir. Tenho vergonha de admitir que vi alguns e que sabia o nome dele antes de saber o de Finn.

– Estas entradas do cabelo? – pergunta, agitando as pestanas para o público enquanto inclina a cabeça para baixo. – Fiz as pazes com o processo de envelhecimento. Eu *amadureci*.

– Vou acreditar quando vir – diz Finn, com uma estranha monotonia na voz.

Agora, Ethan está a subir ao palco, e um voluntário traz outra cadeira, enquanto Bree lhe oferece metade da dela e os dois se espremem ali juntos, para deleite do público.

– Acho que temos muitos fãs da Equipa Sofia aqui! – diz Ethan com uma risada.

Um músculo contrai-se no maxilar de Finn. Ele não gosta de Ethan; isso é perceptível.

O mesmo não pode ser dito sobre a multidão. Na primeira fila, uma rapariga começou a chorar.

– Hum... – Atrapalho-me com a minha folha de papel antes de me lembrar que passámos para as perguntas do público.

Ethan já está no controlo, apontando para a próxima pessoa que se aproxima do microfone, uma mulher com um casaco da Universidade de Oakhurst.

– Sim, olá, hum, uau – gagueja ela. – Não acredito que estás aqui!

– Há alguma pergunta algures aí? – pergunta Ethan. E, apesar de isso provocar alguns risos, algo nele me irrita. Algo como arrogância.

– Certo, desculpa! – A mulher respira fundo algumas vezes. – Esta é, na verdade, uma questão em duas partes. A primeira é que sei que alguns de

vocês fizeram testes, originalmente, para papéis diferentes. Se tivessem de interpretar outra personagem, quem gostariam de interpretar? E a segunda é: quem acham que seria mais adequado para interpretar o vosso papel?

Finn abre a boca para falar, mas é Ethan quem responde primeiro.

– Para mim, era o Caleb ou nada. Fizeram-me ler para o Hux, mas ele realmente não se parecia *comigo*, sabes? – Ele vira-se para Finn. – Mas leste para o Caleb também, certo? – pergunta. Finn assente.

– Não era a combinação certa – diz ele. – Identifiquei-me muito mais com o Hux.

– O que é que acham? – Ethan coloca a mão atrás da orelha. – Acham que poderíamos ter trocado de papéis? Teria sido uma série de sucesso?

Gargalhadas estrondosas enquanto o escarlate se espalha pelas faces de Finn.

Ethan responde às restantes perguntas do público, e estou intimidada demais para interrompê-lo. Só quando um voluntário aparece na frente do palco é que Ethan diz:

– Parece que estamos a ser corridos. Obrigado por me deixarem invadir o vosso painel e esperamos que todos assistam em dezembro!

Ainda consigo ouvir a multidão a gritar, mesmo quando estamos em segurança nos bastidores.

– Queres jantar e conversar mais sobre os teus papéis pós-*The Nocturnals*? – pergunto a Finn, depois de verificar com a companhia aérea uma atualização sobre a minha mala. Nada de novo. – Ou, se ainda estás a pensar em lobisomens, poderíamos apenas conversar sobre isso.

O rosto de Finn cai.

– Oh, tenho planos com a Bree e o Zach. E o Ethan, acho.

– Tudo bem, talvez seja bom para mim ver-te no teu ambiente. Provavelmente, poderia aprender muito ouvindo-te a conversar com eles.

Depois, ele lança-me um olhar estranho e dolorido.

– Não fui convidada, pois não... – Nem me preocupo em formular a frase como uma pergunta.

– É por causa do Ethan, na verdade. Ele já foi traído pela imprensa antes.

– Certo. *Okay*. Completamente *okay*! – Digo isto com muito entusiasmo e, depois de nos despedirmos, deixo que ele seja absorvido pela multidão de fãs uma vez mais.

Passei apenas uma semana com ele – não é como se me devesse alguma coisa. Naturalmente, não recebi um convite para jantar com os seus colegas de trabalho. Foi ridículo da minha parte pensar que iria automaticamente.

Não tenho a certeza de como explicar a dor no peito enquanto o vejo partir, ou talvez seja apenas um stresse mal direcionado por causa da minha mala desaparecida. Então, agarro no telemóvel.

Esta noite? Depois do teu jantar? – Mando-lhe mensagem.

Talvez ele não esteja com disposição ou esteja muito cansado. E tudo bem... criámos as regras por algum motivo.

Ainda assim, observo o seu rosto enquanto ele para no meio do corredor e lê a mensagem, com um leve lampejo de compreensão a passar pelos seus olhos. Um pouco de emoção percorre a minha coluna quando a sua resposta aparece no meu ecrã.

Esta noite.

^[4] Callous significa, em inglês, «insensível». (N. T.)

capítulo

11

st. paul, minnesota

Depois de uma noite de loucura com os seus colegas de elenco, Finn parece devidamente exausto: cabelos desgrehados, bochechas coradas, uma suave queda nos ombros. Pergunto-me se será como sair com amigos do secundário que não se veem há muito tempo, ou se há algo mais profundo que os une, depois de quatro anos sob o mesmo microscópio.

O quarto de hotel dele é uma imagem espelhada do meu. Móveis indefinidos, decoração minimalista, uma impressão em tela de um campo de trigo.

Ele pega numa garrafa de água da mesa de cabeceira, com a garganta a trabalhar enquanto engole.

– Sinto-me muito jovem para estar tão cansado às dez horas – diz ele, passando a mão pelos cabelos grisalhos nas têmporas. – Sobretudo porque estamos uma hora a mais que o Arizona.

– Não há mesmo nenhuma ordem para estas coisas, não é? – Tiro os sapatos e fecho a porta atrás de mim. – Estás sempre a ziguezaguear pelo país?

– Basicamente, sim.

– Deve ser um inferno para o teu ritmo circadiano.

– Às vezes, mas habituas-te.

Tento imaginar isso, passar a maior parte do ano a habituar-me a acordar num hotel diferente, numa cidade diferente, ir a um centro de convenções diferente e cumprimentar um grupo de fãs diferente, todos lá para me verem pela mesma razão.

Então, algo chama a minha atenção.

– A minha mala! – Corro até onde ela está apoiada numa poltrona,

praticamente a brilhar sob as luzes fortes do quarto do hotel... tanto quanto uma mala encardida com autocolantes *hippies* pode brilhar. – Oh, meu Deus, ela é tão linda. Ela sempre foi tão linda, com fechos, bolsos e tudo mais? Como é que...?

– Trouxeram-na há cerca de dez minutos – diz ele, tentando parecer casual. – Pedi ao meu agente para fazer umas chamadas. Acontece que um dos mandachuva da companhia aérea é grande fã de *The Nocturnals*.

Passo a mão pela mala.

– Não precisavas de fazer isso. Obrigada.

Ele acena.

– Tudo que fiz foi enviar algumas mensagens.

– Ainda assim. Entre isto e aquele casaco de ganga, começo a pensar que és o santo padroeiro das roupas desaparecidas.

Ele coça a nuca; o que notei que faz quando está ansioso.

– Só não quero que passes por momentos terríveis na viagem. – Quando diz isso, não olha nos meus olhos.

Podes dizer não, Chandler.

Claro que sente algum senso de responsabilidade, já que foi ele quem me implorou para escrever este livro. E, ainda assim, não consigo explicar por que a súbita suavidade na sua voz mexe com algo dentro de mim. Algo que me deixa ansiosa por mudar de assunto.

– Como correu o jantar? – pergunto. Também estou ciente de que a conversa fiada está a atrasar o inevitável. Claro, é apenas a segunda vez que fazemos isto, mas, em algum momento, estes encontros clandestinos devem começar a parecer mais naturais, menos «estou aqui para me contorcer contra ti por algumas horas num estado ainda indeterminado de nudez».

– O Ethan consegue ser um pouco excessivo – diz. – Ele insistiu numa mesa na parte da frente do restaurante, embora o resto de nós quisesse ficar incógnito. Então, naturalmente, aquilo foi tudo à volta do Ethan Underwood. – Um riso baixo para si mesmo, que indica que não acha nada engraçado. – Há algum tempo que não acontecia nada assim. Acho que não tinha saudades.

– Posso imaginar. – E eu tento, imaginando os quatro cercados por fãs apaixonados, Ethan a brilhar sob os holofotes como só um protagonista consegue. Mais uma vez, pergunto-me se Finn alguma vez quis isto para si.

– Por favor, diz-me que a tua noite foi um pouco menos autoindulgente?

Encolho os ombros.

– Conversei por videochamada com os meus pais e li um pouco. – E a primeira metade do adiantamento chegou à minha conta bancária, o que levou a uma fatia comemorativa de *cheesecake* via serviço de quarto.

– E como estão os teus pais?

Ergo as sobrancelhas, porque, de alguma forma, parece que está genuinamente interessado.

– Estão bem. Juro que eles começam cinco novos passatempos a cada ano, desde que se reformaram. A minha mãe acabou de entrar para um

campeonato de pinochle[s] e o meu pai começa a apreciar pássaros. E estão a sentir a minha falta, desesperadamente, claro, mas sobreviverão.

– Claro. – E oferece-me um meio-sorriso enquanto desabotoa o casaco de couro preto, dobrando-o nas costas de uma cadeira. Depois, é como se não tivesse a certeza do que fazer com o seu corpo. Olha para a cama antes de se levantar, cruzando uma perna sobre a outra. – Já agora, foste ótima hoje.

Exagero um gemido.

– Deste cabo da animação. Se é que ainda havia alguma depois de falarmos dos meus pais.

– Falo a sério! Não é fácil chegar lá e fazer aquilo, especialmente se não te tiveres preparado. E a Liga Loup-Garou, que era uma agência secreta francesa de caça a lobisomens desde a terceira temporada, é difícil de pronunciar.

– Tenho a sensação de que os fãs mais radicais de *The Nocturnals* podem pensar de forma diferente, mas, obrigada. – Aclaro a garganta, brincando com um botão do meu casaco de malha. – Então. A lição desta noite.

– Ah, sim. Vejo que chamaste a esta... – ele pega no telemóvel – «Preliminares intermediários: transforma um toque num formigueiro.»

– Estava a tentar ser criativa.

Os seus olhos enrugam nos cantos enquanto sorri.

– Estou muito orgulhoso de estar na aula intermediária.

Sorrio-lhe enquanto vou para a cama.

– Só porque estás a dormir com a professora. – Ele senta-se ao meu lado, triangulando o tornozelo no joelho. Depois, entrelaça os dedos; a imagem perfeita de um homem adulto à espera de esclarecimento sexual. Se está nervoso, é ótimo a escondê-lo. A próxima vez que eu fizer um pacto sexual educacional, não o farei com um ator. Ou, pelo menos, com um ator muito menos talentoso.

Porque isso é uma coisa que aprendi a ver *The Nocturnals* e *Lucky Us*, e até mesmo no filme de natal da Hallmark.

Finnegan Walsh é um *bom* ator.

É a maneira como conhece os seus parceiros de contracenar, a sua linguagem corporal sintonizada com todos. As subtilezas da sua expressão, como é capaz de transmitir alegria, tristeza ou medo numa única inclinação de cabeça ou curva de sobrancelhas. E os seus olhos, aqueles lindos olhos castanhos que a série escondia atrás dos óculos, sempre suaves, doces e curiosos. Consigo perceber agora porque é que os espectadores se apaixonaram por Hux.

– Antes de prosseguirmos – digo –, acho que deveríamos conversar sobre o clitóris.

Finn cora.

– Sim, hum... isso parece ser uma área problemática para mim.

– Não és o único. – Mantenho o meu tom leve, querendo que ele sinta

que este é um espaço seguro para falar. Para fazer perguntas. Porque é emocionante explicar-lhe isto, principalmente pela forma como ele ouve. Em qualquer outra circunstância, eu estaria a tropeçar nas minhas palavras, mas algo na presença dele faz com que isto pareça muito mais confortável do que deveria ser.

Tiro o meu portátil da bolsa, onde já tenho alguns esquemas à espera. No meu tempo livre, tenho feito algumas pesquisas – principalmente para relembrar coisas, com algumas informações novas, aqui e ali.

– A parte visível do clitóris fica no topo da vulva, exatamente onde os lábios internos se encontram. Há uma dobra de pele que o protege, chamada capuz do clitóris, que se retrai para expor mais quando alguém está excitado. Mas a maior parte do clitóris é, na verdade, interna. – Aponto isso num dos esquemas. – E é um pequeno pedaço incrível de anatomia. É a única parte do corpo destinada exclusivamente ao prazer.

Finn acena com a cabeça enquanto analisa tudo isto, com os olhos nos esquemas.

Em adolescente, sonhando com as minhas primeiras experiências sexuais, imaginei que alguém me iria tocar e então... *magia*. Mas a lacuna entre a expectativa e a realidade pode ser enorme. Os meus primeiros parceiros eram tão ignorantes como eu, e eu ainda não tinha a certeza de como vocalizar o que queria. Como lhes mostrar.

Nunca imaginei o que estou a fazer agora com Finn, mas quanto mais tempo ficamos aqui sentados, mais confiante me sinto.

– Isto pode ser chocante, dada a forma como a sociedade tratou historicamente os corpos das mulheres, mas a maior parte da investigação sobre o prazer das mulheres é bastante recente – digo. – Tipo... eu não fazia ideia de que, quando o sangue corre para o clitóris e este incha durante a excitação, ele essencialmente fica ereto.

– Parece-me familiar – diz, rindo, e não posso deixar de participar. Deve ser porque ele é ruivo que as suas faces ainda estão rosadas.

– Até agora tudo *okay*? – pergunto. E ele mostra-me um polegar levantado.

– Oh, sou simplesmente incapaz de discutir qualquer coisa remotamente *sexy* sem corar – explica ele. – Não acreditarias quanta maquilhagem tiveram de me colocar durante as minhas cenas com a Meg.

Isto também me faz corar, pensando na cena de sexo deles. Ainda não cheguei lá na série, mas fazia parte de uma daquelas compilações de Mexley, mostrando pouco, mas lindamente filmada, numa tenda na floresta, quando os dois estavam a acampar, no encalço de um centauro. *Flashes* do cabelo escuro dela, do ruivo flamejante dele, vislumbres da parte superior da coxa dela e das sardas na barriga dele.

Forço-me a pensar em algo menos *sexy* antes de perceber que estou literalmente a dar-lhe um sermão sobre o clitóris, um facto que me faz morder o interior da minha bochecha para não desatar a rir.

– Por causa da localização do clitóris, é difícil vir apenas pela penetração – continuo. – Não está dentro da vagina, e é por isso que a maioria das pessoas com clitóris precisa de alguma outra forma de estimulação.

Ele espera um longo momento antes de falar novamente.

– Estou a pensar em todas as cenas de sexo que já vi que fazem parecer exatamente o oposto.

– E isso seria algo chamado de *olhar masculino*. – Movo o meu dedo pelo ecrã. – Quererás levar o teu tempo. Talvez não vás direto ao clitóris. Começa com um dedo e varia a tua técnica: podes fazer círculos lentos ao redor dele, bater levemente, esfregar de um lado para o outro. Podes ir acelerando gradualmente, dependendo da reação que estiveres a obter. Confirma com ela, vê como ela se está a sentir. Depois, podes adicionar outro dedo. Ou a tua boca.

– É disso que gostas?

– Adoro ser provocada – admito, cruzando as pernas com um pouco mais de força.

Um engolir em seco.

– Registado!

– E o lubrificante quase sempre melhora. Toda a gente é diferente, mas geralmente queres ser gentil. É muito sensível e, às vezes, a estimulação direta pode ser um pouco intensa demais. – Ele aperta os lábios, com um músculo a contrair-se no seu maxilar. A minha respiração está a ficar mais rápida e nítida, especialmente quando percebo o modo como estou a acariciar o ecrã do meu portátil. – Não tem de ser uma corrida louca até à linha da meta. Já estive em algumas situações em que o tipo se vem, e então a noite termina para ele. Mesmo quando ainda não cheguei lá.

– Céus. Agora não sei bem porque é que estava tão focado em algo que tornaria tudo mais *curto*. – Ele reajusta-se na cama e só então percebo que os nossos joelhos estão a tocar-se. – Ela deve vir-se primeiro, então – diz ele. – Antes mesmo de fazermos sexo.

– Obviamente, gosto dessa ideia. Mas tenho a sensação de que quando dizes «sexo», o que realmente queres dizer é penetração. – Aceno com a mão pelo quarto. – Tudo o que fazemos aqui é sexo, pelo menos para mim. Não deveria haver apenas uma definição disso e a penetração nem sempre deveria ser o objetivo.

– Não, estás certa. Isso faz sentido – diz ele. – Então, não gostas disso? Hum... da penetração? – Ele passa a mão pelo rosto, envergonhado. – Vou só notar que foi o maior número de vezes que ouvi esta palavra numa única conversa.

Reprimo um sorriso.

– Eu gosto, mas não é realmente o principal evento para mim, da forma que pode ser para ti. Ou da forma que imagino que tenha sido no passado. – Ele lança-me um olhar culpado. – Não é como no porno, embora exista um ótimo porno feminista que eu ficaria feliz em mostrar-te. Ou, sinceramente,

até no cinema e na TV. Não podes simplesmente empurrar sem pensar até que ambas as pessoas se venham e, ainda assim, quase tudo que vês está a tentar ao máximo convencer-te disso. Há mais subtilidade nisto.

– Não que eu tire todas as minhas dicas sexuais da pornografia, eu só... bem, vê-se isso numa idade suficientemente madura, e algumas das coisas ficam connosco. Provavelmente foi daí que também veio a minha conversa porca. – Depois, ele olha para mim com uma nova vulnerabilidade. – E se eu fizer tudo isso e ainda assim não conseguir levá-la lá?

– Isso pode muito bem acontecer.

– Pensei que dirias algo como: «Garantidamente não, Finn; serás um virtuoso do sexo em pouco tempo.»

Atiro-lhe uma almofada.

– Tudo bem, se tal acontecer, isso não significa que o vosso relacionamento está condenado. Apenas tens de tentar outras coisas. Os brinquedos podem ser ótimos e o sexo não precisa de ser o destino todas as vezes, muito menos... a penetração. – Desta vez, tropeço na palavra, rindo. Não há razão para que não seja engraçado. O meu joelho caiu contra o dele, mas nenhum de nós se separa. – Há muitas paragens fantásticas ao longo do caminho... não há necessidade de ter pressa. Ou talvez essas não sejam paragens, mas sim o evento principal. Depende completamente do relacionamento. Mas a chave é a comunicação. Esta é a única maneira de saber se algo está a funcionar para alguém. Se uma pessoa está infeliz, a outra tem de saber.

Ele absorve tudo com um olhar focado.

– Gosto disso – diz ele, com a voz a cair para um registo mais grave. Agora, a sua mão cai no meu joelho, com o polegar a esfregar um círculo lento. – Na verdade, gosto de tudo isto. Acho que foi mais informativo do que qualquer aula de educação sexual que tive na escola.

– Fico feliz – digo –, porque acho que estamos prontos para a parte prática da aula.

Ponho a minha mão em cima da dele e parece natural inclinar-me para ele. Estou mais do que ansiosa por que ele me toque, o que é incentivado nos Preliminares Intermediários. Desta vez, quando nos beijamos, é suave no início. Exploratório. Finn passa a mão pela curva do meu queixo e, quando tremo, ele sorri e repete. Depois, inclina-se para pressionar a boca no meu ouvido, repetindo o que fez em Phoenix.

– Ainda é bom? – pergunta, mesmo quando estou a tremer contra ele.

Fecho os olhos, murmurando a minha concordância. É como se os nossos corpos estivessem ansiosos por continuar do ponto onde pararam, e o beijo já não parece suficiente. *Mais*, sinto-me a dizer-lhe, enquanto deslizo as minhas ancas contra as dele. *Mais*, concorda ele, persuadindo-me a ficar em cima dele enquanto os nossos beijos se tornam mais profundos. Urgentes.

É *divertido* fazer isto sem nenhuma expectativa e nenhum compromisso. Não estou preocupada com o que acontecerá amanhã de manhã ou se um de

nós quer mais do que o outro. Desligar o meu cérebro é mais fácil do que eu esperava.

Também há algo em tê-lo só para mim que contrasta fortemente com o Finn nos seus painéis. Sou a única que consegue ver este lado dele – por enquanto, pelo menos.

E, apesar de nada disto ser real, a saliência nas suas calças de ganga é imensamente gratificante.

Balanço contra ele, baixando-me para mexer no seu fecho e, assim que as suas calças de ganga estão no chão, ele ajuda-me a livrar-me das minhas. As nossas *T-shirts* caem em cima delas.

– Devagar – lembro-lhe, embora as minhas mãos errantes façam o contrário. – Provoca-me.

Ele responde com um grunhido enquanto se inclina para mexer no meu sutiã.

– Agora, sei como fazer isto – diz, puxando-o com um sorriso satisfeito. – Céus. As tuas mamas são *fenomenais*. Acho que não lhes dei atenção suficiente em Seattle e, por isso, lamento profundamente.

– Ah. Estás a aprender. – O meu riso transforma-se num gemido quando ele passa a língua contra um mamilo. – Mais disso. Por favor – digo, e ele é rápido a obedecer, provocando-me com os dentes. Ponho a mão no seu cabelo, com um calor a crescer na minha barriga.

Desta vez, ele não vai muito rápido. Lambe, chupa e morde suavemente até os meus mamilos ficarem duros e eu tremer debaixo dele. A sua mão desce e esfrega no osso da minha anca.

– Posso tocar-te? – diz ao meu ouvido, com os lábios a deslizar ao longo da minha pele... provocando outro arrepio, embora esteja quente em todos os lugares.

Concordo com a cabeça e ele solta um gemido baixo quando me segura através das cuecas.

– É evidente que estou a fazer algo certo – diz ele, com palavras ásperas como cascalho enquanto passa o dedo para a frente e para trás ao longo do tecido húmido. Quando o seu dedo desliza dentro das minhas cuecas, posso senti-lo hesitar, sem saber por onde começar.

– Aqui – digo, usando a mão para guiá-lo até que nós os dois encontremos aquele botão de nervos sensível. Roço-o com o toque mais leve. – Sentes isto?

– Eu... eu acho que sim. – Ele solta um suspiro forte. – Oh. Sim, sinto isso.

– Estás bem?

– Apenas quinze anos de inépcia a desmoronar ao meu redor.

Tiro as minhas cuecas para facilitar o acesso. Uma tensão concentrada corre das suas maçãs do rosto até ao seu queixo. O seu toque é gentil, exatamente da forma como eu disse para ser. Incerto, e há algo inegavelmente *sexy* nisso. Eu relaxo, deixando-o lentamente assumir o controlo.

– Gostas? – diz, quando a minha respiração acelera, e eu ofego um *sim*.

Mas, depois, ele desacelera demais e eu perco o ímpeto e tenho de engolir a frustração.

Isto deve durar pelo menos quinze minutos... chegando perto antes que o prazer desapareça.

– Desculpa... Não sei o que estou a fazer mal. – Ele passa a outra mão na testa.

– E se tentássemos outra coisa? – Estaríamos a desviar-nos do plano, mas pode ser necessário. – E se... e se eu te mostrasse como faço para me vir?

– A ideia já causa um novo tipo de pressão a crescer no meu núcleo, com a minha frequência cardíaca a acelerar. Não tinha planeado isto, mas, de repente, parece não apenas um orgasmo garantido, mas também uma oportunidade de ensino perfeita.

E gosto mesmo da imagem mental dele a observar-me.

Ele inclina a cabeça, curioso.

– Eu não me oporia a isso.

Bato no seu braço.

– Fantasia adolescente a tornar-se realidade?

– Talvez se estivesse vestida como Galadriel. – Ele olha ao redor do quarto. – Devo aumentar o termóstato? Ou descer? – pergunta. – Não quero que fiques com muito calor ou muito frio. Já que, hum, essa é a função de um termóstato. Para não ficares com frio. Nem com demasiado calor. – Ele passa a mão pelo cabelo. – Estou a ser muito estranho com isto? Porque posso garantir-te que vou gostar.

– Sim – digo, rindo, mesmo quando o calor sobe às minhas faces. – Mas é muito fofo.

Afundo de volta na cama, com a cabeça apoiada na almofada. A temperatura no quarto sobe pelo menos vinte graus enquanto a eletricidade corre nas minhas veias. Talvez eu devesse ter-lhe pedido para desligar o termóstato, afinal. Sim, ele viu-me nua, mas isso foi quando eu pensei que seria apenas por uma noite. Ele não estava a absorver todos os detalhes do meu corpo.

Soltei um suspiro trémulo e passei um dedo pela minha barriga. Abaixo do meu umbigo. Começo devagar, sem pressa para encontrar um ritmo, cada grama de consciência focada no calor sob a minha mão. O meu corpo está tenso, os joelhos ainda quase se tocam. A cada rotação do meu dedo, sinto as minhas pernas relaxarem.

As reações de Finn estimulam-me, banindo qualquer constrangimento persistente. Pestaneja quando deslizo a minha mão livre para cima, agarrando os meus seios. Um punho agarra os lençóis, com os nós dos dedos tensos, quando finalmente abro as pernas completamente, deixando cair os joelhos para o lado, na cama, com o coração a bater forte. Não pensei que ficaria tão excitada, simplesmente tendo-o ao meu lado. Não percebi quão intensas seriam as suas reações.

Deixo-me relaxar, alcançando a mesa lateral em busca de uma gota de lubrificante, o que, de alguma forma, é ainda melhor do que eu pensava, e, quando solto um gemido baixo, ele também o faz.

Desde que começámos, estou sintonizada com os seus menores movimentos, os seus sons mais suaves. Ele poderia inspirar parcialmente e cada célula do meu corpo sentiria. Mesmo que tire os olhos dele, ele está tão solidamente ali que não consigo esquecer que estou a ser observada. E não apenas a ver – a *estudar-me*, e Finn é um aluno esforçado. Sinto o som da sua respiração e a elevação do seu peito e, de alguma forma, até mesmo o calor físico dele a poucos metros de distância.

Deslizo um dedo para dentro, arrastando a humidade até ao meu clitóris. Ele engole em seco, com a maçã-de-adão a tremer na sua garganta.

– És mesmo *sexy* assim – diz ele. – Se é que posso dizer isto.

– Sim. *Céus*. – Observo a forma como os músculos do seu antebraço se contraem, a forma como ele mal pestaneja. A ideia de ele estar prestes a perder o controlo porque está a observar-me, forçando-se a conter-se... é indescritivelmente bom. As palavras saem antes que eu tenha a possibilidade de refletir: – Toca-te comigo?

O seu olhar prende o meu.

– Sim?

Estou a morrer de vontade, penso, mas não digo. Em vez disso, apenas aceno com a cabeça.

Ele vem para perto. Pragueja sob a sua respiração. Depois, põe uma das mãos na frente dos seus *boxers* e esfrega-se, soltando um gemido baixo assim que faz contacto, tirando os *boxers* como se não pudesse esperar mais.

Quando envolve o seu pénis com a mão, solta uma expiração irregular que soa como alívio. Um pouco da tensão diminui no seu rosto, no seu corpo, como se estivesse a conter-se desde que bati à sua porta. *Lindo*. Deixo o meu olhar vagar por ele, pelas batidas rítmicas do seu punho, pelos músculos tensos do seu pescoço e pelo triângulo de suor na cavidade da sua garganta. Os meus dedos movem-se mais rápido, com as omoplatas cravadas no colchão.

Um som estrangulado escapa da sua boca.

– Foda-se, já estou tão perto.

– Podes... – começo, querendo dizer-lhe que está tudo bem, que ele pode deixar-se levar.

– Não. Quero esperar por ti.

– Eu... estou quase lá.

Os seus movimentos ficam mais fortes. Um ranger de dentes.

Atiro o meu braço esquerdo sobre o rosto no momento em que sinto os meus músculos contraírem-se. Preciso desta libertação mais do que de ar. Estou a apenas alguns segundos de distância, tudo em mim firmemente enrolado e pronto para quebrar.

Então, ao mesmo tempo, ambos atingimos o clímax. O prazer passa por

mim, uma onda de néon brilhante, e eu grito enquanto um suspiro selvagem sai da sua garganta. Tudo o resto desaparece. Não há nada além do meu corpo e esta sensação pura e desesperada, com Finn a desmoronar ao meu lado, com a sua mão livre a apertar a minha coxa.

Respiramos juntos, ásperos e em recuperação, por pelo menos um minuto inteiro. Rostos corados. Pernas bambas.

Depois, ele vira-se para mim, com os olhos semicerrados enquanto roça a minha cintura com a ponta dos dedos.

– Porra! – diz ele, com um riso doce e incrédulo na sua voz. – Tenho feito tudo isto tão, tão errado.

^[5] Pinochle é um jogo de cartas. (*N. T.*)

Twitter

@clubefasnocturnals

É oficial: *The Nocturnals* NÃO será renovado para a quinta temporada. Deixem o vosso *feedback* abaixo e saibam que estamos tão destroçados como vocês. 🏠 🌑



@mexleypara5empre

existe uma petição algures? Não podemos deixar isto acontecer! Vejo desde os doze anos, literalmente cresci com o Hux e a Meg! #prefiroserinvulgar
#salvemthenocturnals

@maior_fa_caleb_rhodes

Eu entendo que eles disseram que vão encerrar com a formatura, mas eu tenho tantas perguntas. Caleb e Alice duram? O soro de controlo de Hux realmente funciona? E o que aconteceu com aquele javali no t3 ep17??????



#SalvemTheNocturnals

@calicecalicecalice

já estou com saudades deles wtfffff

@justicaparasofiaperez

Acabei de postar uma petição aqui. Por favor assinem!!! Eles não podem ignorar-nos, certo? 🙄 #justicapelasofia

capítulo

12

memphis, tennessee

—A imprensa está a morrer – disse-nos uma professora de Jornalismo no primeiro dia de aulas, e uma onda de sussurros ansiosos percorreu a sala mais rápido do que as inscrições para um estágio no *Seattle Times*.

– Não conseguirão formar-se, conseguir imediatamente um emprego num jornal local e trabalhar lá durante trinta e cinco anos até se reformarem.

Na verdade, foi exatamente isso que a professora tinha feito.

Uma mão levantou-se.

– Não entendi – disse um tipo a dois assentos de mim. – Está a dizer-nos para mudarmos de curso?

A professora abanou a cabeça.

– De maneira nenhuma – disse ela, com calma, mas com firmeza. – Só terão de trabalhar um pouco mais. Ser um pouco mais versáteis. Terão de inovar.

De alguma forma, tenho a sensação de que, quando ela disse isso, estava a pensar mais em aprender como usar o Photoshop e não em afinar planos de aulas de sexo para Finnegan Walsh.

Já estamos nesta viagem há duas semanas, e eu estou tão envolvida com as nossas atividades extracurriculares que quase negligencieei todo o motivo de estarmos aqui: escrever o livro de Finn. Claro, passei alguns dos nossos dias de folga em cafés, a tentar entender as anotações que fiz até agora, enquanto Finn ficava no seu quarto de hotel a ler o guião de uma comédia romântica de natal ou a fazer... seja lá o que for que ele faz nas horas vagas. Mas, assim que aterrarmos em Memphis para a convenção deste fim de semana, estou determinada a conseguir mais material.

Para garantir isso, estamos a trabalhar no lugar menos *sexy* que se possa

imaginar: uma sala de conferências num Hilton DoubleTree.

Portátil e bloco de notas abertos, gravador de voz ligado. Implacável.

– Ouvi um pouco de Sleater-Kinney ontem à noite – diz Finn do outro lado da mesa, antes mesmo que eu possa fazer a minha primeira pergunta. Ele pousa o telemóvel no meio da mesa e uma sequência familiar de acordes começa a tocar. A faixa que dá nome ao álbum *All Hands on the Bad One*, o meu álbum favorito. – Tens razão; elas são muito boas.

É tão inesperado que me assusta.

– Tu..., oh. Fixe – digo estupidamente, sem saber o que fazer com isto. Depois, aclaro a garganta. – Quero dizer, ainda bem. Fiquei muito feliz quando elas voltaram, mas simplesmente não são as mesmas sem a Janet Weiss.

– A baterista. Ela saiu em... dois mil e dezanove, acho eu?

Ergo-lhe uma sobrancelha.

– Alguém passou pela Wikipédia.

Ele apenas encolhe os ombros, batendo uma das canetas de oferta do hotel na mesa ao ritmo da batida.

– Disseste que as adoravas. Estava curioso.

Não tenho a certeza de como nomear a forma como reajo a isto, por isso decido ignorá-lo.

– Se estás a tentar distrair-me com riot grrrl^[6], pode realmente funcionar, por isso provavelmente devíamos concentrar-nos no livro.

Ele desliga a música.

– Estou pronto – diz ele, afastando o cabelo do rosto e endireitando imediatamente a postura. – Chuta!

Começamos com coisas ligeiras: os bastidores de *The Nocturnals*, pesquisa de personagens. Depois do que fizemos no Minnesota há alguns dias, estou aliviada por podermos voltar às nossas funções profissionais.

– Foste rotulado como *nerd* por algum tempo – digo. – Em *The Nocturnals*, claro, e em *Lucky Us* – onde interpretou um professor de Ciências do secundário que ainda morava com os seus pais – e em *Just My Type* – com o seu personagem *designer* de fontes que mal conseguia falar com o seu interesse amoroso sem começar a suar.

– Também houve um episódio piloto que falhou – diz ele. – Uma comédia sobre um grupo de contabilistas socialmente ineptos. Televisão fascinante. E o hilariante é que nem sequer se tratava do tipo de papel, mas sim de quem eu era. O Hux não era muito exagerado, embora para mim fosse Tolkien e mitologia em vez de ciência. – Então, ele fica envergonhado, tocando na pele sob os olhos. – O meu agente até me fez usar óculos sem graduação quando não estávamos a filmar, mesmo que eu não precisasse deles.

– Não. Estás a falar a sério?

Ele acena afirmativamente.

– Não achas ridículo? Eu estava muito grato por ter o trabalho.

Provavelmente, deveria ter ficado mais grato, agora que sei que a fonte estava prestes a secar.

– Talvez pudéssemos escrever um capítulo sobre isso – digo. – O estereótipo *nerd* e como Hollywood o degradou e hipersexualizou.

Não esperava que Finn tivesse uma reação tão forte, mas os seus olhos iluminaram-se instantaneamente.

– Sim! Adorei isso.

Os meus dedos voam pelo teclado enquanto falamos mais sobre a sua transição de Reno para Los Angeles, e ele conta-me sobre a primeira vez que foi reconhecido em público.

– Eu estava num supermercado Ralphs in the Valley, à espera na fila para comprar uma variedade absolutamente horrível de mantimentos – diz ele. – Pop-Tarts, aros de cebola Red Robin congelados, uma bandeja inteira de queijos sofisticados que eu ia comer sozinho... é o que acontece quando tens vinte anos e moras sozinho pela primeira vez. Duas raparigas, que deviam ser alguns anos mais novas do que eu, não conseguiam parar de olhar, e eu estava convencido de que estavam a julgar-me pelo que eu comprava, por isso continuei a tentar proteger a minha cesta delas. Só quando estávamos no estacionamento é que perguntaram se eu era o Finn Walsh, e eu fiquei tão chocado que me esqueci onde estacionara o meu carro. Andei atordoado durante quinze minutos, apenas a tentar encontrá-lo.

– Como te sentiste? – pergunto, sorrindo com a imagem mental. – Ao ser reconhecido e ao viver sozinho pela primeira vez.

– Surreal. Para ser sincero, ainda não estou habituado. E não apenas porque é menos frequente hoje em dia. Quando a série começou, eu tinha de ir incógnito a quase todos os lugares... óculos de sol, chapéu, tudo o mais. Agora não me preocupo com nada disso. Nas raras vezes em que isso acontece, estou sempre convencido de que um dos putos de *Stranger Things* está atrás de mim e é para quem eles estão realmente a olhar. – Isso bate certo com o que observei até agora. Ninguém parece reconhecê-lo, a menos que conheça aquele universo. – E acho que devo esclarecer: no início tive alguns colegas de quarto, mas eles trabalhavam em restaurantes à noite e faziam audições durante o dia, por isso quase nunca os via. No final da primeira temporada, mudei-me para o meu próprio apartamento. E adorei. Eu já era bastante autossuficiente há algum tempo, por isso, assim que tirei todos os Pop-Tarts do meu sistema, comecei a cozinhar com bastante regularidade. E voltava a Reno, para ver a minha mãe, sempre que podia.

O som do meu teclado continua a preencher o espaço entre nós.

– Adoraria ouvir mais sobre a tua família – comento, hesitante, porque não esqueci o que ele disse sobre o pai e o facto de que não mencionou voltar para vê-lo.

Mais algumas batidas da sua caneta na mesa.

– Vamos ver... já sabes que eles se divorciaram quando eu andava no secundário. A minha mãe fazia contabilidade num hospital, mas agora é

rabina.

Eu suspiro de surpresa.

– Estás a falar a sério? Isso é incrível. Podemos pôr isso no livro, certo? Por favor, não lhe digas que como carne de porco.

– Ela não te julgaria – responde ele. – E até vais conhecê-la dentro de algumas semanas. Passaremos algum tempo na minha antiga casa em Reno quando estivermos lá para a Biggest Little Comic Con.

– Parece uma mina de ouro, ou de informação, neste caso.

– Estou extremamente orgulhoso dela. Foi uma grande mudança de carreira e teve de voltar a estudar para isso, mas ela sempre quis fazê-lo e conseguiu.

– E como se sente ela em relação a *Miss Mistletoe*?

Ele ri, fingindo que me vai atirar a caneta.

– Era bom dinheiro! E, se olhares atentamente para a cena da véspera de Natal, até há uma menorá ao fundo.

– Uau, a representação.

Isso fá-lo rir ainda mais, com os olhos enrugados nos cantos.

– Quero isto no livro. Não apenas a triste menorá, embora seja uma ótima imagem para abrir um capítulo, mas a minha religião em geral.

Concordo com a cabeça, anotando isso.

– E o teu pai?

A sua boca forma uma linha severa.

– Não tenho a certeza de onde está atualmente. Ele tende a aparecer apenas quando quer algo de mim.

– Oh, lamento.

– Não lamentos – diz, ignorando isso. E tenho a sensação de que há muito mais nesta história. – É um alívio, na verdade, não precisar de preocupar-me se ele está feliz com o que estou a fazer ou se acha que é uma perda de tempo infantil, que foi o que me disse quando comecei a fazer audições. – Aperta os lábios. – Não concordávamos em nada, na verdade. Política, dinheiro, o que eu queria fazer da minha vida. Ele era uma pessoa amarga e infeliz, e parecia ter como missão garantir que todos ao seu redor sentissem o mesmo.

Fala mais sobre a mãe, contando-me uma história acerca de como ela convenceu a irmandade da sua sinagoga a vestirem-se como personagens de *The Nocturnals* durante o festejo de Purim. Naturalmente, exijo provas fotográficas.

– De alguma forma, tenho a sensação de que esse não é o motivo pelo qual quiseste escrever este livro – digo, devolvendo-lhe o telemóvel. Ele está tão perto de me contar que posso sentir... só preciso de dar-lhe um empurrãozinho.

Ele leva alguns momentos para considerar o que quer dizer, da forma que percebo que ele costuma fazer, antes de revelar algo mais profundo. E eu gosto disso – que ele precise de tempo para reunir as palavras certas. Muitos

de nós somos demasiado rápidos a disparar a primeira coisa que vem à mente.

– Durante todo o tempo em que estive em *The Nocturnals* – diz, finalmente –, a comunicação social especulou sobre com quem eu namorava. Com quem eu não namorava. Se eu seria tão querido e generoso na cama como o meu personagem. Queriam falar sobre como eu também era um cromo na vida real e, não era hilariante, o quanto eu sabia sobre Tolkien? Eu era o derradeiro tipo simpático, não era? Não seria eu o melhor namorado para todos esses leitores que não sabiam absolutamente nada sobre quem eu realmente era? As mulheres da série... era ainda pior para elas, estar sob aquele escrutínio. E era implacável como o caracas.

– Eu... eu não tinha pensado nisso dessa forma – admito. Não parece certo ficar a olhar para o ecrã do meu portátil enquanto ele fala com tanta franqueza, por isso empurro-o para o lado, deixando o meu gravador de voz tomar as rédeas.

A respiração de Finn fica mais rápida enquanto ganha força, com os antebraços apoiados na mesa, inclinando-se para ter a certeza de que o gravador está a captar cada palavra.

– E então adoravam dizer mal da série em si. Isso é o que Hollywood faz, certo? Com as coisas destinadas a adolescentes, como era o nosso caso, mesmo que nenhum de nós fosse adolescente. Sempre que eu dizia algo publicamente, tinha de pensar em todas as formas como aquilo poderia ser mal interpretado. Passava anos a pensar nas palavras certas, só para uma frase sem contexto ser usada num clipe de cinco segundos. Eu não podia dizer o que pensava. Eu não podia agir sem ser de acordo com o personagem, mesmo na minha vida normal, porque ninguém queria ver isso. Eles queriam Hux, não a mim. Este livro é a minha oportunidade de lhes mostrar quem eu realmente sou. Não é isso que todos nós queremos: poder falar, ou criar, e ter outras pessoas a ouvir?

Oh. Uau. Julguei-o mal.

– E depois tudo simplesmente... desapareceu. Adoro a série. Adoro os fãs – diz ele. – Mas alguns dos atores tinham quase trinta anos e interpretavam jovens de dezoito. É como se estivéssemos presos nesse tipo bizarro de adolescência prolongada, e o reencontro... – Ele para, pensando nas suas palavras novamente. – Eu não quero ser um nome conhecido, realmente não quero. Vi o que esse nível de fama faz com as pessoas. A Juliana... bem, provavelmente leste as histórias.

Eu li. *Paparazzi* a documentarem os seus vícios e o seu tempo na reabilitação, galerias de fotos a questionarem se ela é magra demais ou não o suficiente e por quanto tempo ficará sóbria desta vez antes de outra recaída. Tudo isso é horrível.

– E isso é só o que chega aos *sites* de mexericos – diz ele. – Pode ser brutal pra'caralho.

– Mas vale a pena? – pergunto. – Vale a pena toda essa treta?

Ele considera isso por um momento.

– Não sei se vale a pena toda esta treta ou se não tenho nenhum outro talento. Bem, talvez não tenha. Mas realmente não há nada igual. Consegues criar arte que é importante para outras pessoas, algo que lhes traz alegria, as inspira ou as ajuda a processar, ou algo que apenas lhes permite escapar do mundo real por algum tempo. Talvez encontrem alguma conexão com isso que nunca imaginaste... isso faz parte da magia. Quando estou em frente a uma câmara, não preciso de preocupar-me com nada, exceto tornar a performance o mais verosímil possível, e é um alívio incrível. E espero continuar a fazer isso enquanto puder, mesmo que não consiga papéis importantes. Mesmo que esses papéis não sejam de «prestígio». Talvez eu queira produzir ou realizar algum dia, mas por enquanto gosto da minha privacidade. O que mais me importa, na verdade, é a saúde mental.

Isto apanha-me desprevenida. Esperava que as suas razões para o livro estivessem de alguma forma ligadas a Hollywood, talvez o seu relacionamento com a família. Mas não posso dizer que isto não responde a algumas perguntas que ainda não fiz.

Ele olha para as mãos, entrelaçando os dedos.

– Tenho estado à espera do momento certo para te contar, pois quero que este seja o ponto central do livro, mas talvez não haja um momento certo e perfeito. – Ele abre um meio-sorriso e consigo notar que lhe exige muito esforço. – Vês? Estou a protelar quando o que quero fazer é simplesmente dizê-lo. *Okay*. – Respira fundo e depois fala: – Tenho TOC, transtorno obsessivo-compulsivo, severo.

– Achei que poderia ser algo assim – digo, o mais gentilmente que posso. A inspeção dos pratos. A maneira como opta pelo garfo e pela faca em vez de usar as mãos.

– Nem sempre é a coisa mais fácil de discutir – diz ele. – Tenho isto desde criança, e antes de começar a tomar a medicação, antes de conhecer o meu terapeuta atual, eu era uma desgraça. – Esfrega a nuca, com os olhos a percorrerem a sala antes de pousarem em mim. – A maioria das minhas obsessões gira em torno de germes, contaminação, mofo, principalmente relacionados com alimentos. Se algo estiver ligeiramente sujo, não posso estar perto. Ou, pelo menos, era assim que costumava ser. Não comia em restaurantes porque nunca tinha a certeza de quão limpa alguma coisa estava e preocupava-me ficar doente por causa disso. Deitava comida fora. Metia lençóis limpos de novo na máquina de lavar se cheirassem a alguma coisa. Isso fazia-me sentir uma merda porque estava a desperdiçar toda aquela água, o que só aumentou ainda mais a minha ansiedade. Escondi isso dos meus pais por muito tempo – continua ele. – Principalmente do meu pai. Levei anos de terapia para perceber quão emocionalmente abusivo ele era. Eu supunha que, porque ele nunca nos bateu, estava tudo bem, mas ele tinha uma opinião sobre tudo e, se não tivesses a mesma, isso acabaria numa zanga e gritos. Ele odiava desperdiçar comida, por isso se algo no frigorífico estivesse perto do prazo de validade ou tivesse um pouquinho de descoloração, o mais provável era...

porra, eu não sei. Algum conservante. Eu esperava até que ele sáísse de casa e escondia-o no fundo do balde do lixo e então, quando ele perguntasse mais tarde onde estava, diria que comi. Às vezes, eu até levava um monte de coisas para o depósito de lixo ao fundo da rua, só porque tinha medo que os meus pais descobrissem.

– Céus! – digo suavemente, porque odeio a ideia de um jovem Finn tão assustado, tão inseguro. O seu cérebro a trabalhar contra ele. – Isso não deve ter sido fácil. Lamento muito.

– Tornei-me bom nisso. – Um sorriso triste. – Claro que, às vezes, eu tinha de usar luvas e tomar banho a seguir. E, claro, os meus pais acabaram por descobrir o que eu fazia. O meu pai ficou furioso e acho que a minha mãe estava com demasiado medo dele para dizer qualquer outra coisa. E ele... ele apenas me disse para engolir isso, que eu estava a «agir como um louco» e «não te atrevas a deixar que alguém te veja a fazer isso». – Finn respira um pouco mais rápido agora, com um punho cerrado em cima da mesa. – Então, foi isso que eu fiz. As minhas compulsões transformaram-se e a maior parte do meu tempo livre era dedicada a descobrir como me sentir seguro e confortável sem que ninguém descobrisse. Se houvesse alguma coisa estranha num prato, eu dizia que não tinha fome. Descartava lençóis e cobertores velhos na escola e comprava novos com o meu dinheiro do Hanukkah. Eu queria *tanto* fazer o meu pai feliz... e isso significava não ser o filho marado que ele pensava que eu era.

– Finn. Garantemente *não* és marado – digo com firmeza, desejando poder fazer mais para tranquilizá-lo.

Ele abana a cabeça.

– Mas foi assim que me senti, na maior parte do tempo. Só tive uma relação a sério com a minha mãe depois de ele se ter ido embora... e ainda bem. Porém, o pior de tudo foi, na verdade, a última temporada de *The Nocturnals*, quando sabíamos que não iam renovar. Eu estava muito ansioso por conseguir o próximo trabalho porque toda a gente tinha coisas planeadas e eu não. Estava a colocar demasiada pressão sobre mim e tinha acabado de comprar uma casa pela qual não sabia se conseguiria continuar a pagar, e a única coisa que parecia que podia controlar era quão limpa ela estava. Ficava preso em ciclos horríveis, a esfregar a casa, a devolver pratos que tinha acabado de comprar porque jurava que a caixa tinha um cheiro estranho quando a abria, a lavar roupa constantemente porque nada parecia limpo o suficiente. E, então, a minha conta de energia disparou e isso só aumentou o stresse. Eu sabia que precisava de fazer algo, mas não sabia por onde começar. Só depois de o final ir para o ar é que comecei a procurar ajuda. Na verdade, foi a Hallie quem sugeriu isso.

– Isso é ótimo – digo, falando a sério. – Eu também fiz terapia. Para perturbação de ansiedade generalizada. Acho que provavelmente tive isto durante a maior parte da minha vida, mas só procurei acompanhamento aos vinte e poucos anos. Já não vou há alguns meses, embora talvez devesse. Mas

adoro a terapia, a sério.

Ele concorda.

– Então entendes.

– Não tudo, mas parte. – Depois, algo me ocorre. – E quanto ao sexo? Se não houver problema em perguntar... já que obviamente há, bem, muito toque envolvido.

– Também trabalhei muito nisso na terapia – diz ele. – O sexo oral foi um pouco difícil no início, mas há anos que não tenho problemas com ele.

– Se não te sentires confortável, não temos de fazê-lo...

– Não. Eu quero. Mesmo com alguma falta de competência... eu adoro fazer isso. – A sua voz é tão séria. Engulo em seco, perguntando-me se há realmente algo inerentemente excitante num Hilton DoubleTree que não levei em consideração. Eu sei que muitos homens gostam de fazer sexo oral numa mulher, mas ouvi-lo admitir tão casualmente...

Felizmente, ele muda de assunto antes que eu possa alongar-me.

– Foi por isso que não correu bem com os outros *ghostwriters* – diz ele.

– Não me senti totalmente à vontade com eles... não a ponto de poder abrir-me sobre isto. E estou muito melhor do que costumava ser. Consigo ir a restaurantes, embora nunca use as mãos para nada. Isso é algo em que tenho trabalhado ultimamente na terapia. Na medida do possível, tento evitar casas de banho públicas, mas não vou a correr comprar lençóis novos a cada dois meses, como costumava fazer. São sobretudo situações de baixo nível, gerenciáveis, mas, às vezes, situações de elevada ansiedade... exacerbam isso. – Então, ele ri. – E, para tua sorte, pareces estar por perto durante a maioria delas. Não é algo que eu conte a toda a gente – diz. – E tu?

– Às vezes. Depende de quão próximos somos. – Arrependo-me imediatamente das palavras, preocupada porque, ao dizer isto, indiquei que temos algum tipo de proximidade.

Mas ele está apenas a acenar com a cabeça.

– Não quero que continue a ser assim. Passei muita da minha vida a esconder-me, a mentir, a fingir. Quero que este livro seja divertido com histórias de bastidores sobre *The Nocturnals*, claro. Mas mais do que isso, quero falar sobre o estigma do TOC e da saúde mental em Hollywood. – A sua voz ganha confiança, os seus olhos encontram os meus com toda a paixão pelo que está a dizer. – Estou a planear investir todos os lucros do livro na criação de uma organização sem fins lucrativos para ajudar atores com desafios de saúde mental. Aspirantes a atores, atores consagrados... qualquer um. Não quero que ninguém sinta que o dinheiro ou o estigma o impede de obter a ajuda de que necessita.

Eu apenas fico a olhar para ele. Há uma timidez no seu rosto agora, substituindo a confiança de um momento atrás.

– O quê? – diz, com as sobrancelhas franzidas de preocupação. – Que olhar é esse? Achas que é uma má ideia?

– Não. De maneira nenhuma. – Pego no meu portátil novamente e digito

organização sem fins lucrativos a negrito. – Eu... acho que isso soa incrivelmente bem, Finn. A sério.

Um rubor tinge as suas faces.

– Ainda não falei muito sobre o assunto, para além da minha equipa e de alguns potenciais doadores, mas posso mostrar-te o plano de negócios, se quiseres.

– Mais Google Docs? Sim, por favor.

Um sorriso malicioso, mas percebo que ele está satisfeito. Consigo ver no seu rosto: este é algo que o orgulha.

– Não quero continuar a ser apenas aquele tipo da série de lobisomens – afirma, intensamente. – Fiz tudo o que pude para mudar isso, mas comecei a perceber que, a menos que algo grande aconteça, estou simplesmente... preso.

Preso.

– Conheço a sensação – digo baixinho, porque mesmo que não tenha experienciado isso, entendo o que é estar preso. – Talvez isto seja algo grande para nós os dois.

* * *

No momento em que me enrolo numa toalha e encontro Finn na piscina do hotel, onde ele sugeriu que fizéssemos uma pausa, já não tenho a certeza se estou a fazer isto a contragosto. De alguma forma, pensei em trazer um fato de banho no último minuto, um fato de banho preto que comprei há cinco anos, daquela forma sonhadora que as pessoas no Noroeste Pacífico compram fatos de banho e esperam pelo sol.

Finn já está lá, de calções de banho azul-escuros, esticando-se de lado como se estivesse a preparar-se para os duzentos metros de costas. Nunca o vi sem camisa sob iluminação decente. Ele não é musculado, o que eu já sabia. Mas, embora fosse magro em *The Nocturnals*, agora está um pouco mais largo. Sardas pontilham os seus ombros, a sua coluna, as suas ancas, em pequenos redemoinhos de cor.

– Estás a usar *meias*? – pergunta, incrédulo.

Olho para baixo, para o sítio onde enfiei os meus pés com meias nas minhas sandálias *Birkenstock*. E não são umas meias quaisquer: são o meu par favorito, com caras mal-humoradas por toda a parte.

– *Okay*, olha. Eu não queria que tivéssemos esta conversa tão cedo, talvez nunca. Mas estou sempre com frio e odeio a sensação de estar com os pés descalços. Não é que vá nadar com elas.

Finn abana a cabeça.

– Lamento, mas não entendo. Por que motivo estamos a escrever um livro sobre mim quando tu és claramente um alienígena disfarçado de humano? – Ele aproxima-se, olhando-me seriamente enquanto pousa a mão no meu ombro. – Estás aqui sozinha? Eles estão preocupados contigo no teu

planeta natal?

Tento bater-lhe com a minha toalha, mas ele sai a correr.

– Todos temos as nossas coisas estranhas, *okay*?

– Desde que não as calces depois, estamos bem.

– Não sou um monstro. – Ele não tem de saber do par extra no meu saco exatamente por esse motivo.

Dirige-se para a piscina, erguendo exageradamente as sobrancelhas para mim antes de mergulhar com confiança. Ele vem à tona com um sorriso, sacudindo água dos olhos e penteando o cabelo para trás.

– Deixa-me adivinhar, aprendeste a nadar para uma ousada cena de resgate subaquático em *The Nocturnals* – comento, enquanto os seus braços cortam a água. Não sou especialista, mas a sua forma parece perfeita.

Ele abana a cabeça.

– *Aquamarine 2: Rapaz Fora de Água*.

– Não sabia que esse filme tinha uma sequência.

– Sim, provavelmente não devia. Foi um fracasso comercial e pela crítica, mas as aulas de natação foram legítimas.

Pouso o telemóvel próximo à borda da piscina, verificando se há mensagens dos meus pais antes de mergulhar.

– Apenas para tua informação – grito para Finn, que agora se move ao estilo mariposa. – Não nado há provavelmente dez anos. – Aceno com a cabeça em direção ao sinal de que não há nadador-salvador de serviço.

– Para tua sorte, fiz vários cursos de reanimação. Não tenho a certeza de quanto me lembro, mas posso *fingir* que estou a salvar a tua vida. – Ele olha ao redor da piscina. – Nenhum destes hotéis tem personalidade, pois não? Quanto tempo mais temos em Memphis? Talvez pudéssemos sair um pouco amanhã. Explorar.

– Devíamos estar a trabalhar. Vamos ficar aqui mais dois dias e depois partimos para Denver na quinta-feira.

– Podemos fazer as duas coisas. – Ele nada ao meu lado, com gotas de água a cobrirem as suas sobrancelhas, colando-se às suas pestanas. – Estamos num lugar onde nunca estiveste. Não tens curiosidade? E ei, talvez isso estimule a nossa criatividade.

Porque esta viagem é também para sair da minha zona de conforto, eu cedo. E verifico o meu telemóvel mais uma vez.

– Está tudo bem? – pergunta.

– Ah, sim, desculpa. A minha mãe fez uma colonoscopia na semana passada, e eu estou apenas à espera de saber o resultado.

– Devo dizer que estou curioso sobre o tipo de pessoa que criou alguém que insiste em usar meias na piscina de um hotel.

– Eles são fantásticos. Meio *hippies*, fumam erva, e a minha mãe até teve uma fase em que acompanhou os Grateful Dead durante algum tempo, bem antes de eu nascer – digo. – Antes de se reformarem, o meu pai trabalhou como consultor de sustentabilidade para grandes empresas e a minha mãe era

professora de música no ensino básico. Mas eles são um pouco mais velhos. Talvez me preocupe demais com eles, de certeza que muito mais do que eles gostariam. Não consigo evitar.

– Quando dizes mais velhos...

Franzo os lábios, preparando-me para a reação dele.

– A chegar aos oitenta. Quando eu andava na escola, as outras crianças achavam sempre que eles eram meus avós. E agora que sou adulta, só ocasionalmente me ocorre que eles são muito, muito diferentes do que costumavam ser. E isso, às vezes, assusta-me. – A minha voz torna-se suave, com o zumbido dos filtros da piscina a preencher o espaço.

– Eu estaria a fazer a mesma coisa – diz ele. – Isso não deve ser fácil.

Há algo novo na sua voz, uma gentileza que me faz continuar a falar.

– É como se cada ano acrescentasse novas formas de me preocupar com eles. As temperaturas vão estar abaixo de zero? Então, fico preocupada com a possibilidade de eles saírem com o carro quando há gelo na estrada. Como está a visão deles, os seus reflexos? É seguro eles conduzirem? E... – Paro, perguntando-me se estou a contar-lhe demais. Sem dúvida, é mais do que contei a qualquer pessoa, exceto Noemie. – Mesmo que precisassem de ajuda, sinto que fariam tudo para me impedir de descobrir. Porque não quereriam incomodar-me.

Uma vez, não me contaram sobre uma biopsia de pele que o meu pai fez porque não queriam que eu ficasse ansiosa com isso. O que provavelmente foi a decisão certa, porque, quando a minha mãe deixou escapar na mensagem que os resultados felizmente tinham sido benignos, liguei-lhe cinco vezes seguidas, mas ela não atendeu. Quando finalmente me ligou de volta, não entendeu porque é que eu estava tão preocupada.

– São boas pessoas – diz ele. – Dá para perceber.

– Porque me toleram e às minhas tendências alienígenas?

– Não. Pela maneira como falas sobre eles. Há tantas histórias de terror sobre pais na indústria, pessoas que forçaram os filhos a crescer rápido demais. Acho que já há algum tempo que não ouço falar de alguém que realmente ama e se dá bem com os pais.

A mensagem da minha mãe finalmente aparece, dando aos meus ombros uma oportunidade de relaxar: tudo nrml 🤞 pai e eu vamos clbrar com 🍀 🍷

Empurro o meu telemóvel para longe da piscina, mas não muito longe.

– De qualquer forma, não precisas de toda uma história sobre os meus pais.

– E se eu quiser ouvir sobre o senhor e a senhora Cohen? – Ele manobra para flutuar de costas, dando-me um sorriso de gato Cheshire. – Vai ficar muito aborrecido se eu for o único a falar. Também quero saber coisas sobre ti.

Em seguida, ele sai a nadar, mandando um respingo na minha direção.

^[6] Riot grrrl é um movimento *punk* feminista *underground* que surgiu no início da década de 1990 em Olympia, Washington. (N. T.)

capítulo

13

memphis, tennessee

Memphis é uma cidade pela qual é fácil apaixonarmo-nos, o que me acontece quase instantaneamente. É rica em história e cultura, *viva*. O sol parece acompanhar-nos pelas ruas de prédios de tijolos, aquecendo os nossos pescoços e banhando tudo em tons âmbar.

Fazemos um *tour* pelo Sun Studio, onde Finn insiste em tirar-me uma foto a segurar o microfone que Elvis supostamente usou para gravar a sua primeira música. Reviro os olhos quando ele me mostra a foto. Estou a olhar para a câmara, parecendo demasiado séria: ombros erguidos, maxilar contraído, a minha mão livre em punho cerrado na anca.

– Futura arte para o teu álbum solo de revivalismo riot grrrl – diz, a sorrir.

A seguir, vamos ao Museu dos Direitos Civis e passeamos pela Beale Street, que me parece uma espécie de armadilha para turistas, com os seus letreiros de néon a piscarem e inúmeras lojas de recordações – mas, novamente, é exatamente isso que somos. Quando nos sentamos para um típico churrasco de Memphis – jaca para Finn –, ele está mais relaxado do que nunca. As suas sardas estão aquecidas pelo sol, os olhos brilham, e ele está casual, com calças de ganga desbotadas e uma *T-shirt* que diz corrida divertida a mordor⁷¹.

O restaurante é aconchegante, com mesas de madeira e paredes cobertas com cartazes *vintage* de estrelas da música *country*, Johnny Cash a tocar nas colunas... e tudo isso me faz sentir que também posso relaxar um pouco. Finn estava certo sobre aqueles hotéis parecerem sufocantes. Enviámos ontem um esboço às nossas equipas, por isso parece que merecemos este tempo para explorar. Agora, apenas aguardamos a aprovação deles antes de começarmos

a escrever.

Estendo a mão sobre a toalha axadrezada, tentando alcançar um frasco de molho barbecue.

– Achei que isto me parecia familiar. Uma vez, a minha prima recebeu isto numa caixa de subscrição de molho barbecue. – Quando Finn me lança um olhar interrogativo, eu elaboro. – Ela é um pouco obcecada por receber surpresas pelo correio todos os meses. Quase não importa o que sejam, desde que haja uma caixa para abrir. Ela adorou este... terei de ir buscar uma garrafa para ela antes de sairmos.

– Tu e a tua prima são próximas – reflete ele. – Falas muito dela.

Concordo com a cabeça.

– A Noemie e eu... crescemos juntas. Frequentámos as mesmas escolas, a mesma faculdade, até o mesmo curso, antes de ela escolher o caminho mais pragmático e financeiramente mais estável das relações públicas. E eu moro com ela. Poderíamos muito bem ser irmãs, sinceramente.

– Eu costumava querer um irmão. – Ele enfia um garfo na salada de repolho. – Mas pelo menos tive o Krishanu, e fomos bastante inseparáveis durante algum tempo. – Ele mencionou-o há alguns dias: Krishanu Pradhan, o seu melhor amigo de infância, que ainda mora em Reno e ensina Inglês no secundário. – Também o conhecerás dentro de algumas semanas.

– Mal posso esperar. Espero que ele tenha histórias embaraçosas.

– Muitas, provavelmente.

– O que faz Finnegan Walsh quando não está em filmagens ou em *tournées*? – pergunto. – Como é a vida real para ti?

– Esta é a minha vida real – diz ele, com naturalidade.

Eu abano a cabeça.

– Não, não, não. A vida real é quando estás em casa e não há mais ninguém por perto, e lambes o molho de um prato de esparguete, andas nu ou fazes chichi no chuveiro. É isso que os leitores querem.

– Eles querem que eu faça chichi no chuveiro?

– Metaforicamente, sim.

Finn demora um momento a considerar isso enquanto a música muda para Dolly Parton.

– É muito aborrecida, na verdade. Muita comida. Muita leitura. Às vezes, converso por videochamada com a minha mãe ou com o Krishanu. – Ele encolhe os ombros. – Fiz outro filme da Hallmark que será lançado em dezembro, mas queria focar-me no livro, por isso não tenho mais nada em desenvolvimento de momento. É engraçado: quando estou em casa, sinto falta de estar na estrada. E, claro, quando estou no circuito, tudo que quero é ir para casa.

Há um desgosto gravado nestas palavras, intencional ou não. Ambas as opções parecem profundamente solitárias: em casa sozinho ou na estrada cercado por pessoas que conhecem o seu personagem, mas não a ele.

– É exatamente por isso que aceitei este trabalho. – Dou uma dentada na

carne divina de porco desfiada. – Porque nunca saí de Seattle.

– Ah, então terias dito sim a qualquer um que te pedisse para escrever um livro para ele, se isso significasse segui-lo por todo o país. – Ele corta um pedaço de pão de milho e, agora que sei o motivo, faço o possível para não olhar. – Como começaste no *ghostwriting*?

– Foi um pouco por acaso, na verdade – digo, explicando o anúncio de emprego, o ter encontrado Stella, escrever o livro de Amber Y e os outros dois que não foram nada satisfatórios. Como, por causa do sigilo que cercava tudo, no início fiquei preocupada que alguém pudesse descobrir quem eu era e me metesse em problemas, de alguma forma. A minha ansiedade não me deixou expirar até estar a meio do meu segundo livro. Uma vez até encontrei um tópico no Reddit onde as pessoas estavam a tentar desmascarar a identidade do *ghostwriter* de Amber Y e passei uma hora a vasculhar as minhas redes sociais, apesar de ter a certeza de que nada me poderia levar ao livro dela. Não havia pedaços de papel ou cantos do ecrã do meu portátil onde alguém pudesse fazer zoom e encontrar um parágrafo de *Não Perguntes Porquê*. Ainda assim, até mesmo o facto de estar a olhar para o tópico dava a sensação de que estava a pairar o meu acordo de confidencialidade sobre uma trituratora de papel.

– Quando te conheci – diz ele, como se isso acabasse de lhe ocorrer –, disseste que estavas a passar por algum tipo de crise profissional. Este não é o emprego dos teus sonhos, suponho?

Eu tinha esperança de que ele tivesse esquecido isso.

– Naquela noite... bem, eu estava lá por causa da apresentação do livro de Maddy DeMarco, que acho que já conheces. Fui até ela para que assinasse o meu exemplar, disse o meu nome completo... e ela nem sabia quem eu era. – Olho para as minhas unhas, repintadas ontem à noite com um azul-claro que trouxe comigo, raspando no meu polegar enquanto me lembro de como o meu coração afundou até aos pés. – Foi por isso que estava tão miserável quando me conheceste.

Finn apenas pestaneja, tentando compreender.

– Escreveste-lhe aquele livro inteiro e ela não fazia ideia de quem tu eras?

– Eu mal falei com ela durante o processo de escrita. Em parte, foi por isso que eu disse sim, porque trabalharia diretamente contigo. – As minhas faces ficam quentes, embora ele deva saber que estou a falar em termos puramente profissionais.

– Devias ter dito alguma coisa. Fazê-la sentir uma merda por causa disso.

Eu encolho os ombros.

– Talvez. Eu só queria sair de lá. – Com isso, não posso deixar de rir. – E, por tua causa, acho que consegui. Em mais de uma maneira. – Coincidência, destino, uma piada cósmica... o que quer que tenha sido, neste momento estou radicalmente grata por isso. Este trabalho tem sido diferente

de todos os meus outros, e era exatamente disso que eu precisava. – Começo a pensar que não existe um emprego de sonho. Eu esperava começar com estes trabalhos mais leves – influenciadores, estrelas de *reality show*. E, depois, passar para algo mais profundo. Algo com um pouco mais de... interesse.

– Onde me enquadro nesse espectro? – Ele passa a ponta do dedo pela mesa. – Partiste do princípio que eu não seria interessante porque sou ator?

– Eu... não. – Não estou habituada a ser colocada em situações assim, e talvez isso devesse dar-me um pouco mais de empatia por ele. Estou plenamente consciente de que, nesta altura, ele deve ter o suficiente para pelo menos dois capítulos sobre mim. – Bem, talvez no início. Provavelmente, é preciso teres algum tipo de ego para te veres no ecrã, certo?

Finn encolhe os ombros.

– Claro, é sobre alimentar o ego para muitas pessoas, mas adoro atuar desde que era miúdo. Muitos de nós fazemos isto por puro amor à arte.

– Já me enganei antes – continuo. – Aquela estrela do *reality show* tinha muito mais a dizer do que inicialmente acreditei. Mas também me pergunto: quem é que decide o que é interessante e o que não é? Se calhar o que não me interessa a mim é importante para outra pessoa.

– E estás a tentar encontrar a minha profundidade oculta.

Quando os seus olhos se voltam para os meus, tenho um vislumbre de nós os dois na cama, no Minnesota, ombro com ombro. A garganta de Finn apontava para o teto, dizendo-me com aquela voz áspera que estava quase lá.

– Se vale de alguma coisa – diz ele, empurrando para o lado a sua cesta vermelha, vazia de comida. – Estás a fazer um trabalho fantástico. – Então, algo parece ocorrer-lhe. – Todo este *ghostwriting*... Nunca quiseste escrever o teu próprio livro?

O meu rosto inflama-se completamente e agarro no meu copo vazio de água, depois olho em redor ansiosamente, em busca do empregado.

– Oh. Quiseste.

– Quero dizer... Não é o que toda a gente quer? O grande romance americano e tudo isso? – Dou o meu melhor para me rir disso. Há muito, muito tempo que não o verbalizo a ninguém. Esse sonho morreu antes de eu lhe dar espaço suficiente para respirar, e já quase não é um passatempo. Na verdade, não abro esse documento desde que saímos de Seattle.

– Costumava querer – esclareço. – Mas já não. Agora... – Gesticulo ao nosso redor. – Faço coisas assim.

Ele deve ser capaz de perceber que não é algo que eu queira aprofundar, porque não insiste. Ainda assim, é quase como se aquilo de ontem, na piscina, fosse uma promessa. *Também quero saber coisas sobre ti.*

Só que comigo há limites.

E estas conversas não terminam com ambos a recebermos um ordenado.

– Há outra coisa em que tenho andado a pensar – diz Finn quando saímos para o meio da tarde brilhante, e ele coloca um par de óculos de sol. Uma hora depois, ainda parece que o cursor dele está a pairar sobre a pasta de arquivos no meu computador. Quando aceno com a cabeça, ele faz aquela habitual pausa para reunir as suas palavras, esfregando o queixo mal barbeado por um instante. – O que ganhas com isto? Com as «dicas» que me tens dado. – Essas palavras congelam-me no lugar, a meio do passeio. – Tenho pensado sobre isso e acho que não podes estar a fazer isto por pura bondade.

Eu gostaria de poder ver o seu rosto, especialmente porque o sol queima as minhas faces. É uma conversa muito mais fácil do que sobre a minha escrita.

– Acho que tive os meus motivos. Durante anos, estive apaixonada por um dos meus amigos mais próximos – começo e, estranhamente, não é muito difícil de admitir. – O Wyatt. Eu tinha uma paixoneta desde a faculdade, e isso nunca desapareceu por completo. Eu saía com outra pessoa, acabávamos e a paixoneta voltava com toda a força.

Finn acena com a cabeça; não interrompe.

– Algumas semanas antes de te conhecer... nós dormimos juntos. E eu tinha todas essas ilusões... claro, nessa altura não sabia que era isso, de que nos tornaríamos instantaneamente num casal perfeito. Eu gostava muito dele, fui paciente e parecia que tudo estava a encaixar-se. – Não é um segredo obscuro e, ainda assim, não é muito divertido de reviver. – Até ele me dizer que isso não iria acontecer. Que eu era uma *rapariga de relações* e ele não estava à procura de uma relação.

– Afinal, o que é que isso quer dizer? – pergunta Finn. – Uma *rapariga de relações*?

Penso na minha história de namoro. Justin, o meu namorado do secundário e a primeira pessoa com quem tive sexo, um ato que durou seis minutos no total. David, com quem namorei no segundo ano da faculdade, que me apoiou muito quando engravidei e decidi fazer o aborto. Só terminámos porque ele foi estudar um semestre para o estrangeiro e nenhum de nós queria namoro à distância. Depois houve Knox, o primeiro tipo com quem tive um orgasmo, o que me deixou mais ousada com o resto: meia dúzia de outros tipos ao longo dos meus vinte e tais, de meia dúzia de diferentes aplicações de namoro, relacionamentos que duravam de quatro a oito meses, até terminarem e eu voltar a ansiar por Wyatt.

– Acho que nunca fiz a cena casual. Até agora. – Raspo o meu polegar novamente, soltando uma pequena lasca azul. – De certa forma, ele tem razão. Parecia o pior insulto, vindo dele... de alguém que me conhecia muito bem e de quem eu gostava tanto. Eu era uma *rapariga de relações*... mas ele não queria ter uma relação comigo.

É a primeira vez que junto estas exatas palavras. Porque esta é a verdade, não é? Se ele quisesse ficar comigo, não teria importado que tipo de rapariga eu sou.

Olho de volta para Finn, com a intenção de ignorar tudo isto se ele achar que é demasiado trivial. Não sei bem porque é que essa é a minha primeira inclinação. Mas, quando ele volta a falar, a sua voz é séria.

– Não há nada de errado em ser uma pessoa de relações. Ou em não ser – diz Finn suavemente. – Eu fiz casual... no primeiro ano em que a série foi exibida. Não me orgulho de tudo. Ainda mais, imaginando quão terrível provavelmente foi aquele sexo. Mas eu era jovem, inexperiente e totalmente perdido. – Ele tenta um sorriso. – Talvez o meu entusiasmo tenha compensado.

Tenho de rir disso.

– Só namoraste no círculo de Hollywood?

Um aceno de cabeça.

– Descobri que ninguém mais parece realmente *entender* o setor – diz ele. – Claro, pode ser stressante, mas é mais fácil quando ambas as pessoas entendem esse tipo único de stress.

O que ele está a dizer faz todo o sentido, mas não consigo explicar por que motivo isso cai num lugar estranho no meu estômago.

– Ainda sentes algo por ele? Pelo Wyatt? – O tom de Finn é disfarçado de curiosidade cautelosa, como se achasse que não deveria importar-se com a resposta, mas ainda assim quisesse saber.

– Não tenho a certeza – digo sinceramente. É verdade que não penso nele há pelo menos uma semana, o que é uma constatação bem-vinda, e não estou constantemente a ver o telemóvel na expectativa de mensagens que não chegam. – Não é que eu ainda pense que podemos ser alguma coisa... eu sei que não podemos. Mas esses sentimentos não desapareceram exatamente da noite para o dia. E, bem, eu mentiria se dissesse que isso também não foi parte do motivo por que aceitei este trabalho.

– Desculpa. Lamento que não tenha corrido da forma que querias. – Parece genuíno, um tipo de simpatia que não estou habituada a ouvir de Finn. Ele põe os óculos escuros no topo da cabeça, e posso ver essa simpatia pintada no ângulo suave das suas sobrancelhas, na posição do seu maxilar. De repente, a maneira como olha para mim é demasiado focada, levando-me para fora desta cidade e de volta a um quarto de hotel.

Ainda não respondi à pergunta dele, mas estou a chegar lá.

– Depois, fui ao evento da Maddy e a minha carreira também parecia ir na direção errada. Como se eu não pudesse vencer em nada. E era mais ou menos onde eu estava quando me conheceste... não exatamente no fundo do poço, mas no ponto mais baixo de todos os tempos. Há muito que me concentrava na minha carreira e esta não estava a ir para onde eu queria. E a minha vida romântica estava completamente enredada no Wyatt. Então, acho que pensei, quando começámos a brincar sobre essas aulas, que talvez eu pudesse permitir-me divertir um pouco.

Os seus olhos não se afastaram dos meus.

– E tens? – pergunta. – Divertido?

A lembrança do Minnesota envia outra onda de calor pelo meu corpo. Minnesota e Phoenix, e talvez esta noite, sem prazo iminente e sem acordar cedo. Tenho a certeza de que não imagino a maneira como ele se aproxima de mim.

Pressiono os lábios, dando-lhe um aceno de cabeça.

– E acho que está prestes a ficar ainda melhor.

Porque estamos em frente a uma loja com butique erótica de Memphis escrito em letras rosa-néon.

– Porque será que tenho a sensação de que planeaste isto? – diz Finn a rir. – Deve estar algures naquele Google Doc. Em letras bem minúsculas.

Levanto as sobrancelhas enquanto ele reajusta o boné de basebol e põe os óculos escuros. Disfarçando-se.

– A sério? Estás preocupado que os funcionários de uma *sex shop* em Memphis, no Tennessee, reconheçam Oliver Huxley?

– Ei. Os nossos fãs são diversos e, esperançosamente, positivos em relação ao sexo.

– Não há vergonha nisto. – Tento tirar-lhe o boné, mas ele esquia-se. – Vamos.

A contragosto, ele tira o boné e os óculos escuros. Ainda assim, apanho-o a desviar os olhos quando entramos, fingindo concentrar-se nas exibições de brinquedos modelados a partir de partes da anatomia de estrelas porno. Finnegan Walsh, numa *sex shop*, com a sua *T-shirt* de *O Senhor dos Anéis*. As suas faces ficam rosadas daquela maneira adorável à medida que passamos pelos produtos mais picantes, pela secção BDSM^[8], pelas bonecas insufláveis. Enquanto isso, permito-me olhar para todos os lados, de olho em qualquer coisa que possamos usar nas nossas aulas, simplesmente porque é interessante. As melhores *sex shops* são espaços abertos e inclusivos, e demorei muito para entrar numa.

Pego num frasco de lubrificante de uma prateleira.

– É sempre bom ter.

– Hum-hum. – Finn aponta para outro expositor. Consigo vê-lo a relaxar lentamente. – Para que servem?

– Pinças vibratórias para mamilos? Está mais ou menos no nome.

– Ah. Ainda não cheguei aí. – Ele aponta para um tubo de lubrificante com efeito de aquecimento. – No entanto, eu poderia alinhar em algo assim.

Uma onda de sensações surge na minha barriga.

– Sim? Vamos comprá-lo.

Ele está a observar-me, com uma expressão interessante no rosto.

– Sentes-te tão confortável com isto – diz ele, parecendo quase impressionado enquanto passa a mão pelo cabelo. – Falar sobre todas estas coisas. Estar aqui.

– Acho que parte disto foi a escola – digo. – E o resto... acho que se pode dizer que pratiquei. Eu sabia que, se não pudesse sentir-me confortável com isto, não haveria como dizer a outra pessoa o que eu queria. – Sorrio-lhe

maliciosamente. – É fortalecedor dizer a um parceiro o que se deseja. E só porque é confortável não significa que não possa ser *sexy* também.

– Oh, agora sei perfeitamente disso.

Tive este pensamento ontem e hoje confirmei-o: tornámo-nos mais abertos um com o outro. Contra todas as probabilidades, Finn e eu podemos estar a tornar-nos mais do que parceiros sexuais ou *ghostwriter* e autor: podemos ser algo próximo de *amigos*.

Quando chegamos à prateleira de vibradores, passo alguns minutos a ver antes de pegar num massajador de clitóris não muito diferente de um que tenho em casa.

– Que tal isto?

– Estou... a olhar respeitosamente.

– Eu estava a pensar que podíamos usar isto juntos.

– E agora estou a olhar *muito* respeitosamente.

Seguimos para a caixa com o vibrador, o lubrificante e uma variedade de preservativos: aromatizados, com nervuras, ultrassensíveis. A mulher de meia-idade na caixa registadora dá-nos um caloroso «olá» enquanto começa a registar as coisas, depois larga o *scanner* enquanto faz contacto visual com Finn.

– Oh, meu Deus, Finn? Finn Walsh? – pergunta com um sotaque sulista bem-disposto. – Achei que os meus olhos estavam a pregar-me uma partida quando entrou, mas é você, não é?

A postura de Finn fica rígida ao meu lado. Ele olha para a porta, como se estivesse a pensar em quão rápido conseguiria chegar lá, mas parece perceber que não há hipótese de escapar.

Ele levanta a mão num aceno indiferente.

– Olá. Prazer em conhecê-la.

As suas mãos voam para a boca.

– Oh, meu Deus, é *mesmo* você! O meu nome é Tamara, sou a proprietária, seja bem-vindo! Posso ajudá-lo a encontrar alguma coisa? Ou...

– Ela estica o pescoço para ver o que estou a carregar. – Parece que a sua namorada já escolheu alguns dos nossos *bestsellers*!

– Ah, ela não é...

– Eu não sou...

Tamara pisca-nos o olho.

– Não se preocupem, não vou contar. – Então, ela solta outro suspiro. – Deve estar tão ocupado com o reencontro que está a chegar! Eu *gritei* quando ouvi a notícia, pregando um susto de morte ao meu marido.

– Estamos muito entusiasmados com isso.

Eu sorrio, adorando cada segundo.

– Posso tirar uma foto? Sempre quis ter uma daquelas paredes de celebridades, mas, bem, não temos assim tantas pessoas famosas por aqui como eu esperava. Você pode ser o primeiro!

– Que sorte – diz Finn com uma voz monótona. – Claro.

Uma Tamara entusiasmada pega no seu telemóvel.

– Eu vou matar-te – diz-me Finn com os dentes cerrados.

– Com o vibrador com saliências ou o chicote de couro?

– O que for mais lento e doloroso.

– Parece picante. – Toco-lhe com o cotovelo enquanto a dona da loja aponta o telemóvel para ele. – Agora *sorria*.

^[7] Mordor é uma terra no universo de *O Senhor dos Anéis*. (N. T.)

^[8] BDSM, sigla para Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão e Sadomasoquismo. (N. T.)

THE NOCTURNALS

Temporada 2, episódio 18: «Algo Perverso, Algo Selvagem»

INT. LABORATÓRIO DE BIOLOGIA DE OAKHURST - DIA

O PROFESSOR DONOVAN está sentado numa mesa de laboratório atrás de um microscópio, cercado por tubos de ensaio, provetas e raios X. CALEB RHODES inclina-se casualmente contra a mesa, enquanto OLIVER HUXLEY espera nervoso ao lado dele.

PROFESSOR DONOVAN

Como todas as minhas experiências mostraram, não há nada que possa alterar o seu ADN e apagar completamente a sua parte canina. É simplesmente um processo irreversível, lamento dizer.

CALEB

Isso é o que lhe tenho dito. Eu simplesmente não sou o melhor com todas as coisas científicas. E não me importo de ser um lobisomem. Na verdade, acho que sou até bom nisso?

Caleb tenta uivar, mas tem um ataque de tosse.

Bem. Na maior parte do tempo.

HUX

Não é para ele. É... para outra pessoa.

CALEB

Pelo menos perguntaste-lhe, Hux? Talvez devesses começar por aí, hã?

HUX

Bem, não. Mas achas que se ela tivesse uma

escolha, isto é realmente o que ela
escolheria?

CALEB

*Aproxima-se de Hux, apontando um dedo ao seu
peito.*

Temos superforça, supervelocidade e visão noturna.
Consigo ouvir conversas a acontecerem a um
quilómetro de distância. Posso curar-me se me ferir.
E não é para me gabar, é apenas um facto: somos mais
bonitos do que vocês. Cabelo mais brilhante, pele
perfeita, músculos maiores. Quem não gostaria disso?

HUX

Como é que sabes o que ela quer?

CALEB

Porque fui eu quem a transformou.

capítulo

14

memphis, tennessee

A energia entre nós é diferente à medida que o anoitecer cai. Cinética. A minha manga roça na de Finn pelo menos meia dúzia de vezes e, por mais alguns momentos, ele esquece-se de tirar a palma da mão quando ela pousa na parte inferior das minhas costas. Depois de uma caminhada até à beira-mar, pergunto se ele está pronto para voltar ao hotel e o seu sim sussurrado faz o meu coração entrar num novo ritmo. A noite está exceccionalmente quente para o final de setembro, com o ar húmido a encher os meus pulmões e a deixar-me um pouco instável. Sem álcool, apenas uma dose constante de luxúria direta para o meu cérebro.

Acendo as luzes do meu quarto e esvazio o saco da *sex shop* em cima da cama. O mais despreocupadamente possível, viro a capa do romance policial na minha mesa de cabeceira. Não tenho vergonha dele; *Tormento do Fermento* simplesmente não é um título muito *sexy*.

A nossa próxima lição deveria ser sexo oral, mas não há razão para não podermos apimentá-la. Outro desvio do meu plano, mas essencial.

Com base na forma como Finn está a olhar para o nosso *stock*, ele está a pensar a mesma coisa.

– Seria uma pena se não testássemos tudo isto – diz ele, virando um preservativo texturizado. – Certificar-nos de que tudo funciona.

– Eu não poderia concordar mais.

Ele pega no vibrador, abrindo a embalagem.

– Alguma coisa que eu deva saber antes de usar isto?

– Começa devagar – digo, embora já esteja ansiosa por sentir as mãos dele em mim. – Mas, de qualquer forma... sente-te à vontade para brincar com isso.

– Pretendo fazer isso. – Depois, ele pousa-o na mesa de cabeceira, voltando a sua atenção para mim. – Em breve – promete, sentando-se na cama e dando palmadinhas no lugar ao lado dele. É uma pequena orientação, mas o meu corpo vibra com a ideia de ele assumir o controlo e saber o que fazer.

– Gostei de hoje – continua, levantando a mão para a passar pelo meu cabelo. Os meus olhos fecham-se com a pressão suave dos seus dedos. A sua outra mão vem até ao meu queixo, traçando a sua curva antes de o seu polegar pousar no meu lábio inferior. – Obrigado. Por me teres feito a vontade. Talvez eu também tivesse esquecido que podia divertir-me.

– Isto não é divertido para ti? – Abro os lábios para sentir o gosto salgado da sua pele. Dou ao polegar dele umas pancadinhas com a minha língua antes de o meter na boca.

Ele geme enquanto me observa a chupar o polegar mais fundo, com o seu punho a apertar o meu cabelo.

– Acho que sabes exatamente como me sinto em relação a isto. – Com uma urgência ofegante, ele tira o polegar da minha boca e cobre os meus lábios com os dele. – Mas esta noite é sobre ti.

E eu estou demasiado excitada para argumentar.

Adoro vê-lo ganhar mais confiança. Tiramos as nossas roupas ainda mais rápido do que naquela primeira noite em Seattle; *T-shirts*, calças de ganga, cintos, roupa interior empilhados no chão. Descubro uma verruga entre as suas omoplatas, ligeiramente descentrada, antes de ele se pôr de lado, virado para mim, com um olhar lindo, intensamente determinado, enquanto percorre o meu corpo com o seu olhar.

Também adoro isso, a expressão faminta com que me acolhe. Por isso digo-lhe. Porque tudo é uma questão de comunicação.

– Sim? Porque eu poderia fazer isto a noite toda, se preferires – diz ele, com um sorriso preguiçoso a aparecer no seu rosto.

Abano a cabeça, a rir, mas quando ele passa a mão pela minha coxa e mais perto de onde eu o quero, a minha respiração fica parada nos pulmões.

Se esta fosse a nossa primeira vez, eu poderia ficar envergonhada com quão carente estou, evidenciado pela humidade que encontra quando o seu dedo desliza entre as minhas dobras. Eu poderia ficar viciada na maneira como ele reage aos sons do meu corpo. O som baixo da sua respiração. A pressão do seu rosto contra o meu pescoço.

Mas, no seu entusiasmo, ele vai um pouco rápido demais, cedo demais.

– Mais gentil – digo, tocando-lhe no braço com as pontas dos dedos. – Mais suave.

– Certo, certo, certo. Desculpa. – O seu toque torna-se leve, e eu fecho os olhos, agarro os seus ombros. Aí.

Na outra noite, ele estava claramente a prestar atenção, porque percebo que está a imitar os meus movimentos, girando o dedo num círculo agonizante. Ele está focado, à espera das minhas reações antes de mudar a sua velocidade ou pressão.

– Bom? – pergunta quando roça o meu clitóris e me faz estremecer. Concordo com a cabeça e digo *sim*, balançando as ancas para encorajá-lo. Ele faz isso uma e outra vez, com as mais breves provocações de prazer. Depois, pega no lubrificante com efeito de aquecimento, esfregando-o entre as pontas dos dedos antes de o colocar entre as minhas coxas. Grito quando ele faz contacto com a minha pele; todo aquele calor a aproximar-me cada vez mais.

– És incrível – murmura contra o meu peito, capturando um mamilo com a língua. Chupando levemente e depois com mais força, enquanto me preenche com um dedo. Depois de algumas bombadas, ele desliza para cima novamente, acariciando, esfregando, traçando e... *Jesus. Cristo*. Agarro-o com mais força porque é tudo muito bom, mesmo quando ele se atrapalha um pouco. Sobretudo quando ele ouve a minha respiração presa e começa a mover-se mais rápido.

Sobretudo quando ele estende a mão para agarrar no vibrador pousado na mesa de cabeceira.

Mas ele não o coloca imediatamente entre as minhas coxas. Em vez disso, liga o botão e oferece-me um sorriso malicioso. Ele inclina-se, baixando-o até à minha boca, segurando-o ali por alguns momentos. As vibrações que vibram através de mim são uma sensação agradável, embora façam um pouco de cócegas. Depois, ele continua até ao meu pescoço. O silicone pulsa pela minha pele em rajadas lentas e cada vez mais satisfatórias.

– Isso é... isso é muito bom – digo, e ele sorri como se soubesse quão bom seria.

Quando chega aos meus seios, provoca-os por alguns momentos antes de pressionar o vibrador com força contra um mamilo e depois contra o outro. As minhas costas arqueiam-se, todos os músculos do meu núcleo se contraem. *Mais abaixo. Por favor.*

Sinto leves cócegas quando ele move o vibrador ao longo da minha barriga, mas não é tão forte como a antecipação. O meu corpo deseja tanto o prazer dele, quer tremer e apertar-se contra ele antes de explodir.

As minhas ancas avançam, tentando o meu melhor para levá-lo um pouco mais para baixo. Ele vê exatamente o que estou a fazer, mas não morde o isco.

– Disseste para ir devagar – sussurra, puxando-o para cima, longe do único lugar onde o quero.

Um gemido escapa da minha garganta.

– Que se lixe a lentidão. Não me faças implorar.

Ele apenas ri, continuando a sua provocação. O meu estômago. Volta para os meus seios. Até ao meu umbigo. Adoro isto. Odeio isto. Quero esganá-lo e empurrar a sua cabeça entre as minhas coxas ao mesmo tempo.

– Talvez me agrade ouvir-te implorar – diz ele.

Finalmente, *finalmente*, ele faz uma pausa apenas para colocar lubrificante no vibrador e, quando ele o põe entre as minhas pernas, solto um suspiro de alívio. Seguido imediatamente por um gemido.

Ele aumenta um pouco a velocidade.

Uma torrente de obscenidades sai da minha boca enquanto ele alterna velocidade, pressão e localização. Tudo incrível.

– Não pares – digo quando ele encontra exatamente o lugar certo. – Céus... por favor...

– Nem pensar – apressa-se ele a tranquilizar-me, com a respiração a ficar mais rápida. Mais superficial.

Eu sinto-o, o calor a crescer na base da minha coluna. Vai acontecer desta vez, com ele... tenho a certeza. Enterro o punho nos lençóis. Ele parece ler a minha mente e aumenta a velocidade mais uma vez, até que nada exista, exceto o meu corpo e este sentimento, e a maneira como a sua testa franze com determinação enquanto ajusta o seu peso para poder apoiar-se em mim com mais força. Mais rápido. *Sim*.

Algo se abre dentro de mim, um gemido sai do meu peito. É uma libertação extraordinária, que me faz tremer, choramingar e agarrar o seu cabelo. Ele afrouxa o controlo do vibrador, enfrentando o rescaldo comigo.

Estou totalmente esgotada. Sem palavras. E talvez ele também não tenha a certeza do que dizer, porque a sua boca inclina-se para cima num sorriso preguiçoso e ele alcança o meu rosto novamente, como fizera antes. Desta vez, há quase uma reverência na maneira como ele segura o meu queixo, algo que tenho a certeza de que devo estar a imaginar. É natural sentirmo-nos mais próximo após o orgasmo. Ele pode ter feito uma mulher vir-se pela primeira vez... com uma ajudinha da Butique Erótica de Memphis.

– Chandler – diz, calmamente. Só que não chego a ouvir o que está do outro lado do meu nome. Ele pestaneja algumas vezes e estou perto o suficiente para ver o padrão de sardas nas suas pálpebras. Depois de semanas a ver Oliver Huxley, descubro que Finnegan Walsh ainda tem algumas expressões que não consigo ler.

Ele enfia um dedo sob o meu queixo, trazendo-me para mais perto. Quando as nossas bocas se encontram, fico surpreendida com a suavidade repentina na forma como me beija. A suavidade na maneira como roça os seus lábios nos meus, tão lentamente, antes de se afastar.

E, então, algures debaixo da nossa montanha de roupas um telemóvel toca.

É o de Finn.

Ele não faz nenhum movimento para atender.

– Deixam mensagem – diz ele. Ainda assim, isso separou-nos, com os meus lábios ainda a formigar com a lembrança dele.

O telemóvel para... apenas para o meu começar a tocar imediatamente a seguir.

– Eu devia... – digo e ele acena em concordância. Tropeço para fora da cama, remexendo nas nossas *T-shirts*, cintos e roupa interior. Tinha mesmo de enfiá-lo no bolso com tanta força? E é um crime que as calças de ganga femininas sejam feitas com bolsos onde cabe apenas um terço de um

telemóvel e...

– É a nossa editora – digo. Finn corre até à borda da cama, apressando-se a vestir os seus *boxers* enquanto ponho o telemóvel em alta-voz, vestindo a minha *T-shirt* ao contrário. Não posso atender uma chamada de negócios nua e, se ligaram para os dois, deve ser importante.

– Olá, Nina – digo quando atendo. E Finn grita um olá ao fundo.

– Oh, que bom, vocês estão juntos!

Pressiono os meus lábios. Com força.

– Hum-hum.

Finn reajustou-se na cama, sentando-se com uma perna meio enfiada nas calças e a outra dobrada debaixo dele.

– Desculpem ligar tão tarde – diz ela, alegremente. – Mas eu estava demasiado entusiasmada. Acabei de ler o esboço e adorei. Acho que estão exatamente no caminho certo.

A tensão diminui nos meus ombros quando Finn faz um sinal com o polegar levantado.

– Ficamos muito contentes por ouvir isso – digo.

– A Chandler tem feito horas extra. Longas horas. – Ele ergue-me as sobrancelhas. – Noite adentro.

Coloco o punho na boca enquanto lhe toco com o cotovelo.

– Considerem isto a vossa luz verde oficial – diz Nina. – Mal posso esperar por ler o manuscrito.

– Muito obrigada – digo e Finn faz o mesmo. – Vamos atirar-nos de cabeça.

Quando termino a chamada, o quarto fica em silêncio. Ocorre-me que não é tarde demais. Que poderíamos continuar.

– Devíamos dormir um pouco – digo em vez de chamá-lo para mais perto. – Para que possamos começar o manuscrito logo pela manhã.

– Certo. Claro. – Finn procura a sua *T-shirt*, com as bochechas a corarem quando repara no vibrador descartado. – Ótimo trabalho, a propósito. Tinha a sensação de que iríamos acertar em cheio. – Então, ele percebe o duplo sentido. Caretas. – Porque é que há tantas insinuações relacionadas com a escrita? – murmura e, quando rio disso, soa a vazio.

Ele só namora nos círculos de Hollywood, lembro a mim mesma, porque me parece que vale a pena lembrar. Se alguma vez me sentir a vacilar no lado errado da casualidade, basta-me repetir essa conversa. Não estou na indústria. Fim da história.

Ainda assim, não sei porquê, mas, enquanto o acompanho até à porta, sinto-me estranhamente grata pela interrupção.

Ou porque, quando já fizemos progressos substanciais em ambos os planos, não consigo parar de pensar naquela pressão suave dos seus lábios nos meus.

FINN WALSH:

A TUA DERRADEIRA PAIXONETA *NERD*

BuzzFeed

De alguma forma, continuamos a ver *The Nocturnals*, não pela frequente visão de Ethan Underwood, que interpreta o lobisomem alfa Caleb Rhodes, sem camisa, mas pelo doce, determinado e adoravelmente *geek* Oliver Huxley, também conhecido como Hux. E acontece que ele não é muito diferente do seu homólogo da vida real, Finn Walsh.

Como reza a história, Finn conseguiu o papel porque realmente falou em élfico durante a sua audição – sim, a língua inventada de *O Senhor dos Anéis*. Se isso não bastasse, sabemos de fonte segura que ele leu o manual de Biologia do seu personagem entre as gravações, e até consultou um cientista de verdade para se certificar de que Hux soaria o mais autêntico possível. Que fofo!

O que achas de Finn Walsh? Com óculos ou sem óculos? E com todo aquele cabelo ruivo, achas que ele fica corado em *todo o lado*?

capítulo

15

denver, colorado

O Finn está contigo? Acabei de receber uma chamada da equipa da comic con e ele devia ter aparecido há vinte minutos. Também não atende o telemóvel.

Franzo a testa para a mensagem de Joe Kowalczyk, agente de Finn. Estou no átrio do hotel, à espera que Finn desça para que possamos ir para o centro de convenções da Rocky Mountain Expo. Ele também não respondeu à mensagem que lhe enviei esta manhã, aquela sobre como, aparentemente, neste hotel, pequeno-almoço continental significa iogurte natural e uma banana verde. Parti do princípio que ele ignorou porque não era exatamente um comentário emocionante.

Apesar do meu medo debilitante de telefonemas, típico de *millennial*, ligo-lhe. Não atende.

Isto é estranho.

Quando fizemos o *check-in* ontem à noite, o quarto dele ficava do outro lado do corredor do meu. Ele parecia cansado, o que era justo, já que optámos por subir cinco lanços de escada até ao nosso piso. Uma troca razoável para não esperarmos atrás de uma família que ia entrar no elevador com as suas oito malas. Ele disse que iria dormir cedo e acho que não seria estranho se dormisse até tarde, mesmo sem querer. Embora a minha ansiedade me informe de que há uma série de acidentes que poderiam acontecer com ele sozinho num quarto de hotel, vários dos quais estão agora a passar na minha mente.

O elevador não é rápido o suficiente, por isso subo as escadas novamente.

Sem fôlego, primeiro bato suavemente à porta. Por certo, demasiado suavemente.

– Finn? – chamo, e depois espero. Nada. Certamente, ele está apenas na casa de banho. Ou ainda a dormir. Certamente não deitado no chão inconsciente. Não há necessidade de entrar em pânico. Só que o não-pânico eleva ainda mais a minha voz quando começo a bater à porta. – Finn, estás aí?

Devo estar a bater tão alto que não o ouço a vir à porta e, quando ela cede sob a minha mão, tropeço para a frente. Demoro alguns momentos para recuperar o equilíbrio enquanto levanto os meus olhos para os dele.

E ali está ele, com o rosto meio escondido pelo edredão que o envolve como uma espécie de feiticeiro triste.

– Só preciso de mais alguns minutos – diz antes de se virar e voltar para a cama. O quarto está uma confusão, com as suas malas a transbordarem no meio dele.

– Oh, estás doente – digo baixinho.

– Estou bem. Como disse, só preciso de mais alguns minutos. – Ele deixa escapar um arrepio de corpo inteiro. – Está frio aqui ou sou só eu?

Uma risada fica presa na minha garganta porque ele *não* está bem.

– Pois, não. Vamos cancelar. Devias descansar.

Ele olha para mim, com o cabelo revoltado e o rosto pálido. Parece realmente miserável. Estrelas: elas são como nós!

– Mas todas aquelas pessoas... elas estão a contar comigo. Assumi um compromisso.

– Elas vão entender – digo. – Estas coisas acontecem. Não me digas que nunca ficaste doente antes.

Da forma como olha para mim, pergunto-me se não terá sido mesmo assim. Ele e Noemie têm isso em comum.

– Volta para a cama. – Aponto para o emaranhado de lençóis. – Vou avisar a *comic con*.

Pego no cartão-chave na mesa de cabeceira antes de ir ao corredor mandar uma mensagem a Joe e ligar para o nosso contacto local, a dizer que Finn envia as suas desculpas, mas que está demasiado doente para comparecer hoje. Quando termino, volto para o quarto de Finn.

– Ei – digo, aproximando-me da cama. – Está tudo resolvido. Há alguma coisa que eu possa trazer-te? Quais são os teus sintomas?

– Mmm – diz, apertando o edredão com mais força em volta de si. – Dói. Tudo.

– Pode ser uma gripe. Vou descer e trazer algumas coisas, *okay*?

Finn abre a boca como se fosse protestar, mas percebe que isso exigirá muita energia e decide não o fazer.

– Se tem de ser.

Meia hora e cinquenta dólares depois, desempacoto as minhas coisas na

secretária do quarto do Finn.

– Roubaste o hotel? – pergunta.

Abro uma caixa de medicamentos e tiro a tampa de uma garrafa de água. Despejo nela um pacote néon de *Emergen-C*.

– Quanto mais cedo melhorares, mais cedo podemos regressar ao trabalho. Aquilo que estás tão chateado por perder.

– Certo. – Ele tira-me o medicamento e engole-o com outra pequena contração. – Provavelmente devias ir – diz ele. – Ver as vistas. Não quero deixar-te doente.

Eu aceno, sem dar importância.

– Tenho um sistema imunitário forte. Além disso, estivemos tão próximos que, se isso acontecer, provavelmente já me infetaste. – Não tenho a certeza se isso é cientificamente verdade, mas parece que é, e é o suficiente para fazer Finn parar de protestar.

Porque a questão é que a ideia de o deixar sozinho aqui enquanto eu explorava Denver nunca me ocorreu.

– Se tens a certeza... então acho que não odiaria a companhia. Obrigado. – É quase fofo o modo como ele se resigna a isso... um tipo de resignação forçada, como se esperasse que eu não fosse embora. – Poderíamos pelo menos trabalhar no livro, ou...

Deixo escapar uma gargalhada. Há dois dias comecei a rascunhar, reproduzindo as nossas conversas gravadas para encontrar o ritmo da voz dele. Não tenho a certeza se já cheguei lá, por isso passar mais tempo com ele só pode ser uma coisa boa. Para o livro.

– Finn. Não. Hoje estás de baixa médica e ponto final. Não podes simplesmente ver televisão parva como o comum dos mortais?

– Tu escolhes – diz ele enquanto agarro no comando e ligo a televisão. – Hoje em dia, sei demasiado para aproveitar a televisão.

– Bem... eu tenho visto uma série sobre lobisomens.

Um gemido.

– Que episódio?

– Acabei de chegar ao fim da primeira temporada.

Ele fica quieto por um momento. E depois:

– Esse é um episódio muito bom.

– Vamos vê-lo. Mas vou ficar à espera de comentários sobre os bastidores.

Olho para o espaço vazio na cama ao lado dele e depois para a poltrona do outro lado do quarto. Eu poderia arrastá-la, ou...

Finn está pelo menos lúcido o suficiente para supor o que estou a debater.

– Podes sentar-te aqui – diz ele, dando uma palmadinha na cama. – Se não te importares com os meus germes.

Com cuidado, acomodo-me ao lado dele, em cima dos cobertores, com as minhas calças de ganga de cintura alta e meias salpicadas de pequenos

limões. Depois, preparo a série e acomodo-me para a situação ridícula de ver *The Nocturnals* com uma das suas estrelas. Há algo estranhamente doméstico nisto, a tal ponto que quase consigo esquecer que a pessoa no ecrã é aquela que está na cama a tossir para um lenço de papel.

Quando o último episódio da primeira temporada termina numa batalha que coloca lobisomens contra os humanos que estão a tentar eliminá-los, e o primeiro episódio da segunda temporada é reproduzido automaticamente, ele não diz nada. Vemos Caleb, que acabou de confessar o seu amor por Alice, no final da primeira temporada, ser tentado pela nova rapariga, Sofia. E Hux, que está empatado numa amizade com Meg, consulta o tipo porreiro Wesley sobre como sair da *friend zone*, expressão cujo significado ele acabou de aprender.

– Em retrospectiva, foi um pouco problemático – diz Finn, enquanto Wesley diz a um Hux horrorizado que ele tem de agir, deixar a rapariga saber dos seus sentimentos e não aceitar um *não* como resposta. Estremecemos os dois com este último conselho. – Bem, talvez mais do que um pouco. Afinal de contas, estávamos no final dos anos 2000. E, graças a Deus, não lhe dei ouvidos.

Hux continua a atrapalhar-se com Meg, convidando-a para um encontro de estudo que acaba por correr mal: pilhas de livros derrubados, café derramado, os longos cabelos de Meg presos nas costas de uma cadeira. Até que é interrompido por uma rapariga de um clã de vampiros com quem Meg tem uma rivalidade de longa data. Meg não sabe, neste momento, que Hux tem conhecimento que ela é lobisomem e, quando ela salva Hux dos vampiros no final do episódio, os dois partilham um olhar demorado – *agora* ela sabe, e consegue comunicar alívio e ansiedade na cena final do episódio.

– Esta cena... tivemos de filmá-la cerca de trinta vezes porque a Hallie e eu não parávamos de rir – conta ele. – Apesar de ser, supostamente, um momento sério. Sinceramente, pensei que o Zach ia despedir-nos ali mesmo.

E tenho de admitir, com base em quão ansiosa estou por ver o que acontece a seguir, que fiquei um pouco envolvida com estas personagens.

* * *

Hux e Meg continuam a esconder os seus sentimentos até que mais dois episódios se passam e Finn adormece. Estremeço quando ouço uma batida na porta, mesmo estando à espera. O mais silenciosamente que posso, agarro na entrega e levo-a para a secretária.

– O que é isso? – pergunta um Finn grogue da cama.

– Desculpa, podes voltar a dormir – digo. – Sopa de bolinho de pão ázimo. Os meus pais costumavam fazer isto sempre que eu estava doente. A minha mãe jura que sim.

– Pediste sopa de bolas de matza?

– É vegetariana – garanto-lhe. – Sem caldo de galinha.

Não espero a reação dele, o sorriso lento que começa no canto da sua boca enquanto tenta reprimi-lo.

– És demasiado simpática comigo – diz ele, arqueando uma sobrancelha. – Por que razão estás a ser tão simpática comigo? Podias simplesmente ter-me deixado a definhar.

– Não haverá definhamento. – Retiro as tampas das caixas de sopa.

– Acho que já chega de mim – diz ele quando as trago. Faz um gesto para a televisão que está congelada na sua cara. – Não consigo aguentar muito disto.

Desligo-a e aconchego-me na cama novamente, levando a sopa à boca. É incrível que tenha um sabor tão reconfortante no Colorado como em Washington.

Por alguns minutos, ficamos sentados em relativo silêncio com as nossas bolas de matza. É meio da tarde e o sol frio de outubro espalha as nossas sombras pela cama. Isto é bom, passar tempo com ele assim. Certamente, vê-lo pálido e congestionado irá destruir tudo o que pensei ter sentido em Memphis, antes do telefonema da nossa editora interromper aquele beijo estranho.

– O que via a Chandler adolescente? – pergunta Finn, apontando a cabeça em direção à televisão.

– Hum. Os gostos da Chandler adolescente eram variados e um pouco anacrónicos. Passei por uma fase de Agatha Christie, que começou com os livros, claro, depois tive de ver todas as adaptações. Mas, para mim, nada poderia superar os livros.

– Não li nenhum – admite. – Contas-me sobre os teus favoritos?

E eu conto. Conto-lhe sobre Miss Marple e sobre Hercule Poirot, por quem tive uma paixoneta quando li sobre ele em criança. Conto-lhe sobre *No Início, Eram Dez...*, o meu favorito de Agatha Christie, tendo cuidado para não revelar nenhum ponto fulcral da trama. Muito lentamente, aproximámo-nos daquele documento no meu computador.

– Eu tentei imitá-la enquanto crescia – digo, porque essa verdade não parece ter sido arrancada do fundo do meu coração. – Escrever como ela, quero dizer.

– Sim? Chandler Cohen a matar pessoas fictícias? – Ele está a sorrir, com a cabeça apoiada no cotovelo enquanto se vira para mim. O seu cabelo está espetado atrás de onde estava pressionado contra a almofada. – Sabes que mais, estou a ver. É assim que eliminas toda a tua agressividade. Alguém te faz mal na vida real? Simplesmente mata-lo nas páginas.

– Não estás *completamente* errado – digo. É possível que uma vítima de afogamento numa das minhas primeiras tentativas pré-adolescentes, *Túmulo de Lágrimas*, tenha sido baseada numa rapariga que copiou um dos meus testes de matemática no quinto ano. – Nas mãos erradas, os meus diários pré-adolescentes por certo seriam muito preocupantes. Mas não sou grande fã de todo esse sangue e violência. Sabes o que é um romance policial?

– Um mistério que lêς junto à lareira com uma caneca de chocolate quente?

– Idealmente. Mas não, é um livro onde o mistério é resolvido por alguém que não é detetive profissional. Tudo se resolve no final e nenhuma das personagens principais morre. Isto foi bestial para a minha ansiedade. Não há violência nas páginas, nem sexo, na verdade, o que é uma chatice, e, geralmente, acontece numa pequena cidade ou vila pitoresca à beira-mar. E têm títulos fantásticos, como *The Quiche of Death*, onde um juiz de um concurso de culinária é envenenado, ou *Live and Let Chai*, sobre a dona de uma casa de chá incriminada pelo assassinato de um cliente. – Penso sobre isso por um momento. – Nem *todos* são trocadilhos com comida, mas muitos deles são.

Ele está apenas a observar-me, com uma expressão ilegível no rosto.

– O que foi?

– Há algum tempo que não te vejo iluminares-te assim – diz ele. – Gostas mesmo deles.

De repente, constrangida, viro ligeiramente a cabeça para o outro lado.

– Eles são reconfortantes, divertidos e absurdamente viciantes. Sabes sempre que o vilão será apanhado no final. Mas agora limito-me a lê-los.

– Por que motivo paraste de escrever? – pergunta. – Ficção, quero dizer.

Respirei fundo, porque tive a sensação de que isto estava por vir.

– Não parei, exatamente. Estou apenas numa longa pausa. – Junto os dedos, brinco com os cobertores, amasso a almofada. Tudo isto enquanto ele espera que eu continue. – É a mesma história de sempre, a mesma razão pela qual a maioria das pessoas deixa de fazer algo de que gosta: não era prático. Tentar ser publicado significaria deixar muita coisa ao acaso. Fazia mais sentido como passatempo, mas assim que decidi concentrar-me no jornalismo... esse passatempo desvaneceu-se. – Abano a cabeça, porque já o deixei de lado há muito tempo. – Mas tudo bem. Porque eu podia fazer o que gostava e continuar a receber um salário fixo.

Exceto que os pagamentos raramente são estáveis, e há muito tempo que estou presa a contar histórias de outras pessoas em vez das minhas.

– Além disso – continuo –, sinto que, nesta altura, sei demasiado sobre publicações, e tudo se resume a viver pelo menos um ano no futuro. Estamos sempre a olhar para o fim do jogo e não para o processo. Pode ser fácil esquecermo-nos de gostar de escrever.

Ao dizer isso, percebo que é verdade. Que costumava ser uma paixão, mas agora é simplesmente um trabalho.

O seu rosto cai.

– Não estás a gostar disto?

– Não, não, não – apresso-me a dizer. – Na verdade, é a primeira vez que gosto disto em alguns anos. – Quando as suas feições se suavizam, aquela sensação preocupante da nossa noite com o vibrador volta com força total. A maneira como ele colocou um dedo sob o meu queixo e me beijou tão

suavemente... naquele momento, foi quase fácil demais esquecer que o que estávamos a fazer não é real.

– Posso dizer sinceramente – começa ele, pousando a sua tigela de sopa na mesa de cabeceira e mexendo nos lençóis –, que esta é a maior diversão que já tive em *tournée*.

– Suponho que isso possa ter algo a ver com o que está a acontecer nos nossos quartos de hotel?

O Finn ri-se, com um som aberto e estridente que eu aprendi que é o seu verdadeiro riso. Não aquele que ele reserva para os painéis, aquele com bordas um pouco mais afiadas. Este é mais simples. Mais suave.

– Claro que não vou descartar isso. Mas talvez estivesse a falar de mim mesmo quando disse que não tenho saído muito ultimamente. Normalmente sou eu e o hotel, e talvez algum serviço de quarto, se me sentir aventureiro.

Os seus olhos começam a fechar-se, com as suas palavras mais arrastadas. A medicação está a fazer o seu trabalho.

– É assim que as coisas são – diz ele com um movimento descoordenado da mão. – E eu sei que este livro pode ser lançado e nada mudar, mas...

– Vai mudar – digo com firmeza, acreditando não apenas na qualidade da minha escrita, mas na história que ele tem para contar. Porque eu quero isso, verdadeiramente.

– Às vezes pergunto-me. Depois de todos estes anos, estarei a agarrar-me à visibilidade, como toda a gente. Estou apenas a fazê-lo de uma forma ligeiramente diferente. – Agora está a afundar-se de novo na almofada, já não consegue manter a cabeça erguida. – Será que alguém se vai interessar pela organização sem fins lucrativos? Porque... sou uma espécie de zé-ninguém.

– Isso é claramente falso. Passámos três horas a ver um zé-ninguém defender a Universidade de Oakhurst, que tem um número chocantemente alto de mortes de estudantes para uma escola tão pequena. – A minha tentativa de leviandade vale-me um pequeno movimento da boca dele. – Olha, já aprendi mais sobre TOC do que alguma vez pensei que aprenderia. Tens algo importante para dizer e, para muitas pessoas, esta vai ser a primeira vez que vão ler sobre o assunto. Para outras, talvez seja a primeira vez que alguém dá nomes a algo por que está a passar. E talvez isso seja o empurrão de que precisam para procurar ajuda: o conhecimento de que não estão sozinhos.

Ele balança a cabeça lentamente, absorvendo tudo.

– Obrigado. Por tudo isto – diz ele, estendendo a mão para dar uma palmadinha aleatória no meu braço, mas sem conseguir. – A sério. Provavelmente, eu agora nem seria eu mesmo se não fosse por ti.

A maneira como ele diz isto faz-me pensar se alguém já cuidou dele assim antes.

Se ele permitiu.

– Claro – digo, subitamente com a garganta seca.

A sua cabeça pende para um lado da almofada e fica claro que os medicamentos são mais fortes do que pensávamos.

– Chandler, Chandler, Chandler. Deve ser um inferno trabalhar comigo. Mal posso acreditar que me estás a aturar.

– É sobretudo pelo pagamento que vou receber.

Os seus olhos abrem-se mais e ele olha-me com força, com o peso do seu olhar a prender-me no lugar.

– Eu não devia meeeeeesmo contar-te isto, mas... eu conheço alguém que tem uma paixoneta por ti.

Ele diz isto a cantar, como se estivéssemos no recreio do quarto ano e ele estivesse a transmitir uma mensagem de um amigo.

– Ah, ah – digo. – Bem, não temos muitos amigos em comum, por isso...

– Sou eu – esclarece, erguendo o polegar e o indicador. – Foi apenas uma pequenina paixoneta quando nos conhecemos.

– Eu também. Foi por isso que fui para o teu quarto de hotel.

O seu sorriso aprofunda-se e ele abana o dedo para a frente e para trás.

– Depois disso – diz. – Não apenas naquela primeira vez. Um pouco em Portland também, e talvez também no Arizona. – Uma ruga no nariz. – Eu sei que é suposto sermos profissionais, mas talvez... talvez também neste momento.

Estico o pescoço para olhar para a secretária, esperando que ele não perceba como as minhas faces estão a aquecer.

– Quanto tomaste do medicamento?

– Estou a falar a sério, Chandler Cohen. – Ele aproxima-se de mim na cama, com pestanas longas, sardas e cabelo despenteado. Mesmo com os olhos a começarem a fechar, ainda é deslumbrante.

– Mas... mas *não* podes – digo, como se simplesmente negar isto tornasse tudo falso. *Não podes* e vamos recuar trinta segundos, quando o nosso relacionamento ainda fazia sentido. Porque não era assim que isto deveria funcionar.

Preciso de toda a minha força para chegar à borda da cama, com tanta violência que quase caio. Não é real. É puramente química, o seu cérebro convence-o de que sente algo pela pessoa com quem está a dormir. Devia haver um aviso nestes medicamentos: não misture com oxitocina.

Apesar de já nos termos visto nus algumas vezes, as suas palavras permanecem, envolvendo o meu coração e criando raízes lá, onde podem transformar-se em algo ainda mais invasivo. Há uma doçura assustadora nelas, uma inocência que nem sempre existe quando as portas dos nossos quartos de hotel estão fechadas.

Talvez também agora.

– Não posso, idiota. – Ele parece ter outra explosão de energia, sentando-se na cama. – És simplesmente... tão inteligente. Tão fixe. E usas meias quando não devias e levas-me a *sex shops* e lêes livros sobre pessoas que se matam com doces envenenados. – Ele olha para mim com uma vulnerabilidade feroz, que faz o meu coração inchar no peito. – E és linda,

adorável e gira, e acho que me repeti, mas mantenho isso. Tenho uma paixoneta monstruosa por ti, e aí estás tu. – Ele abre os braços, pontuando tudo com um sorriso largo e tortuoso.

Depois boceja, cai de volta na almofada e adormece imediatamente.

Bem... foda-se.

capítulo

16

miami, flórida

O rosto de Maddy DeMarco sorri para mim de uma mesa de recomendações na livraria do aeroporto, provocando-me. *Bestseller* do *New York Times*! – declara o novo autocolante dourado na capa.

– Chandler? – chama Finn.

Com um suspiro, deixo Maddy para trás e corro para apanhar o nosso voo.

A *comic con* de Miami é enorme, mas tenho de admitir que começam a confundir-se um pouco. Mais autógrafos, outro painel, outra fila de fãs à espera para conhecer o seu licenciado em Biologia ficcional favorito, inequivocamente dedicado à sua namorada lobisomem.

Sempre que não estou a rabiscar o nosso rascunho, estou a atualizar freneticamente o registo de voos da Alaska Airlines. Porque, ontem à noite, enviei um SOS a Noemie antes mesmo de voltar para o meu quarto, com a confissão de Finn a fazer acrobacias no meu peito.

– Eu sei que é um voo de seis horas e tens um milhão de coisas para fazer e...

– Chandler – disse ela calmamente; um contraste bem-vindo com o caos no meu cérebro. – Não importa. Eu vou. Já amanhã de manhã. – Esta é a Noemie das relações públicas, a resolver problemas, e talvez seja essa a versão dela de que preciso.

Durante toda a manhã, tentei arranjar uma explicação para isso. Era a medicação que estava a mexer com ele ou talvez ele o quisesse dizer de uma forma diferente – tipo, estás a arrasar! Ou estava apenas a ser educado. Toda a gente sabe que se diz a alguém que se tem um fraquinho por essa pessoa quando ela cuida de ti enquanto estamos doentes. É apenas etiqueta.

Uma pequena bênção é que Finn não parece recordar muito do que conversámos depois do meu discurso sobre romances policiais ou lembra-se e está a fazer um trabalho incrível a escondê-lo. Eu, por outro lado, estou uma desgraça absoluta, ainda mais porque a nossa próxima paragem é Reno, onde conhecerei a sua mãe e o seu melhor amigo de infância.

Nada sobre a noite passada fazia sentido. Na verdade, hoje eu deveria achá-lo *menos* atraente, mas infelizmente não é assim. Eu não devia ter corado esta manhã quando ele bateu à porta do meu quarto de hotel com uma chávena de café como agradecimento por ter cuidado dele.

Porque o facto de um de nós sentir algo pelo outro seria desastroso.

As paixonetas desvanecem, lembro a mim mesma, enquanto Finn posa para fotos, a sorrir e a ser encantador como o diabo. As paixonetas desvanecem e já consolidamos isto como um relacionamento casual. Se isto se tornasse algo mais e terminasse mal, poderia prejudicar também a nossa relação de trabalho, e eu nunca me perdoaria por comprometer um trabalho como este.

De qualquer forma, seguiremos caminhos separados quando o livro estiver pronto. Sem apegos. Sem sentimentos.

– Pode ser para Noemie? É N-o-e...

– Nome! – O som que sai da minha boca só pode ser comparado ao grito de um pterodáctilo. Pulo da cadeira, com as suas pernas a rangerem no chão de linóleo. Lá está ela, a última pessoa na fila de autógrafos, a sorrir-me. – Conseguiste!

Quase derrubei uma pilha de fotos de Finnegan Walsh na tentativa de abraçá-la. Sem surpresa, ela está extremamente bem arranjada, mesmo depois de um voo de seis horas, com o cabelo escuro preso num rabo-de-cavalo baixo e sem um único vinco nas calças de linho.

– Obrigada, obrigada, obrigada. Eu amo-te. – Quando a solto, ela está a olhar para Finn com o que poderiam muito bem ser olhos em forma de coração.

– Esta é a famosa Noemie – diz Finn, e a minha prima parece que vai desmaiar.

– Falaste-lhe sobre mim? – sussurra ela.

– Apenas as coisas embaraçosas. – E mencionei que ela tinha vindo hoje de avião, mentindo, claro, que ela tinha algum tempo de folga e queria apanhar um pouco de sol.

Finn estende a mão.

– Prazer em conhecer-te. Ouvi falar muito de ti.

– Eu-não-posso-acreditar-que-és-real – diz ela de uma só vez. – Eu estava a tentar parecer calma quando estava na fila agora, mas... Oh, meu Deus. Tu és *ele*. Quero dizer, ele és tu. E és cem vezes mais giro em pessoa. Não que não sejas giro na televisão. Quero dizer... – Ela inspira, tentando recompor-se, com um rubor a tingir as suas faces. – Uau. É por isto que eu não devia sair de casa.

Finn ri.

– Obrigado. Na verdade, estou muito feliz que tenhas saído de casa.

– Há anos que tento fazer com que a Chandler veja *The Nocturnals* – continua Noemie, endireitando a sua postura até ficar totalmente ereta. – Quando ela me disse que te ia conhecer, quase morri. Sempre achei que Hollywood nunca te reconheceu devidamente. Devias conseguir melhores papéis. Papéis mais desafiantes e mais interessantes.

Finn lança um olhar penetrante na minha direção.

– É tão bom finalmente estar perto de alguém que aprecia o meu talento. – É uma prova do seu talento o facto de ser capaz de dizer isto com uma cara séria.

– Oh, por favor – digo, revirando os olhos, acenando com o braço ao redor da sala. – O que achas que é tudo isto?

Finn reprime um sorriso antes de voltar a sua atenção para a minha prima, que derrete lentamente.

– A Chandler disse-me que gostas muito de caixas de subscrição – diz ele, e Noemie acena com a cabeça. Ele pega no telemóvel e passa algumas fotos. – Subscribi uma de *cocktails* há alguns anos. Essa é a única razão pela qual tenho um bar minimamente decente.

– Já tive essa! É ótima.

Os dois começam a comparar as suas caixas mensais, conversando. Isto tudo é surreal, a minha melhor amiga e o meu... seja lá o que Finn for. *Colaborador* não soa bem, mas nada mais soa. Com tudo o que Noemie não sabe sobre nós os dois...

Porque este SOS também significa que preciso de contar a Noemie o que realmente está a acontecer nesta viagem.

– Vão fazer uma projeção privada do episódio final amanhã, as duas partes seguidas, com comentários meus e do Cooper – diz Finn. – Se ainda estiveres na cidade, tenho bilhetes VIP...

Noemie olha para ele, boquiaberta.

– Estás a falar a sério? Isso seria incrível. Mais do que incrível. Obrigada!

Isto não deveria surpreender-me – Finn é uma pessoa gentil. Generosa. E, ainda assim, esta oferta provoca um estranho puxão no meu peito.

Algo que me deixa ainda mais grata por ela estar aqui.

* * *

Noemie e eu passamos o final da tarde na praia, a olhar para o Sol e a beber *cocktails* aguados. Estar longe de Finn ajuda-me a respirar um pouco mais facilmente, mas não me traz mais clareza.

– Não acredito que conseguiste tirar uma folga – digo enquanto coloco o chapéu que comprei por cinco dólares junto à praia. Em Seattle, eu estaria a

usar pelo menos cinco camadas de roupa. – A menos que... – Paro com um suspiro. – Isto significa que finalmente te demitiste?

Ela finge estar muito interessada em ajustar a sua espreguiçadeira.

– Não exatamente – diz ela. – Eu, hum, consegui dois novos clientes...

– *Noemie*.

O seu sorriso triste faz-me lembrar a sua cara quando me disse que já não ia estudar jornalismo. Que relações públicas eram mais adequadas para ela e que o mercado de trabalho do jornalismo a aterrorizava.

– Eu sei. Eu vou fazer isso. Depois deste projeto. Juro. – Ela bebe um gole da sua margarita. – Então. Desembucha. Eu sei que não me pediste para voar até aqui só porque sentes a minha falta.

Espero um momento, mexendo na ponta desgastada da minha toalha antes de deixá-la cair na areia abaixo de nós. A praia esvaziou um pouco, as famílias reuniram os seus filhos queimados pelo sol e os jovens de vinte e poucos anos vão trocar o oceano pela vida noturna de Miami.

– É complicado. – Durante todo o dia, este segredo pareceu muito pesado e, de repente, sinto que poderia desmaiar com o peso dele. Algumas respirações profundas e purificadoras, do tipo que aprendemos a fazer quando Noemie me arrastou para o ioga aéreo no ano passado. – Lembras-te do tipo com quem me enrolei em setembro? Pouco antes de conhecer o Finn e aceitar este emprego?

– O pior sexo da tua vida.

– Certo. E lembras-te de como, no início, eu não fazia ideia de quem era o Finn... – paro, esperando que ela ligue os pontos para que eu não tenha de dizê-lo em voz alta.

Os seus olhos arregalam-se enquanto se vira na cadeira.

– Não. *Não*. Isso não é... Diz-me que eles não são a mesma pessoa, Chandler.

Ponho a toalha na cabeça.

– Ele deu-me um nome falso. Nenhum de nós sabia quem era o outro até àquele almoço em Seattle.

– Dormiste com o Oliver Huxley – diz ela lentamente. – Santíssima. Trindade!

– Não houve nada de *santíssimo* nisso – digo, com a voz meio abafada pela toalha.

Ela aproxima-se, pegando na toalha e abanando a cabeça, incrédula.

– Desculpa, o meu cérebro está a reescrever tudo o que presumiu sobre o Finn Walsh, o *nerd* fofinho dos meus sonhos. Isto é absolutamente devastador.

– Isto está a matar-me... não contar a ninguém.

– E mesmo assim quisesse trabalhar neste livro? Está tudo bem? Porque por mais que eu tenha sentido a tua falta, estou muito, muito feliz por estares a fazer isto.

Mordo a minha palhinha, perguntando-me o que isso significa especificamente.

– Concordámos que não íamos falar sobre isso, que estava firmemente no passado. Mas, depois, acabei por lhe contar como foi aquela noite para mim, e isso evoluiu para uma piada que talvez nem fosse uma piada, sobre eu ajudá-lo a melhorar a sua técnica na cama. E bem...

– *Estás a dar dicas de sexo ao Finnegan Walsh?* – Noemie quase cai da espreguiçadeira. – Nunca estive mais feliz ou mais chocada por ser tua familiar.

– E eu nunca me senti tão carente em toda a minha vida. É como se quanto mais estamos juntos, mais quero estar com ele. É um paradoxo terrível e excitante. Esta é a coisa mais estúpida que já fiz?

– Além da ética questionável de vocês os dois trabalharem juntos... Não sei. Nunca te julgo, exceto quando passaste pela fase das calças de ganga JNCO.

– E eu mereci isso.

A sua voz torna-se suave, sem aquela energia frenética de há alguns minutos.

– Tens usado proteção, certo? – pergunta, e eu aceno. – Desculpa, nunca vou recuperar disto.

– Vais ter de fazer isso, porque preciso de conselhos. – Dou um toque, com a palhinha, nos restos da minha *piña colada*, reunindo toda a coragem novamente. Não tinha percebido quão desesperadamente precisava disto. – Há algumas noites, ele disse-me que tinha uma paixoneta por mim. Enquanto estava sob o efeito de medicamentos para a gripe. E parece não se lembrar de ter dito isso, portanto não sei se significa que eu deveria esquecer isso também. Porque pareço fisiologicamente incapaz de fazê-lo.

Noemie fica calada por alguns momentos.

– *Sentes* alguma coisa por ele? – Não há julgamento na sua voz, apenas uma curiosidade gentil.

Penso naquela primeira noite em Seattle. Como nunca tive esse tipo de faísca imediata com ninguém..., nunca.

– Isso quase não importa – digo calmamente –, porque isto não pode ir a lado nenhum a longo prazo. Ele não namora fora do setor e o livro tem de ser a nossa prioridade.

Além disso, a dor da rejeição de Wyatt ainda é demasiado recente. Mesmo que seja um alívio não pensar nele há algum tempo – pelo menos não no sentido de ficar acordada durante a noite –, não sei se o meu coração está pronto para passar por isso novamente.

– Vou dizer uma coisa e não quero que fiques zangada com isso. – Ela examina uma queimadura solar a aparecer no seu antebraço. – Tenho a certeza de que poderia dizer a mesma coisa sobre mim, mas acho que, às vezes, tu evitas correr riscos.

Eu esperava que ela me desse algum tipo de encorajamento, como *mas tu estás meio na indústria*, ou me pressionasse por não ter respondido à sua pergunta, por isso levo alguns momentos a pensar numa resposta.

– Isso é válido. É parte da razão pela qual aceitei este projeto. Os meus pais estavam preocupados com esta viagem. Tu estavas preocupada com esta viagem. E, sim, talvez eu tenha vivido no mesmo lugar a vida toda, com as mesmas pessoas. Talvez eu tenha tentado ter um relacionamento com um dos meus melhores amigos e o tiro saiu pela culatra. Mas nunca estive tanto tempo longe de casa, praticamente sozinha, e estou *feliz*, Nome. Sem ataques de ansiedade, sem solidão existencial. Até faço a minha rotina completa de cuidados com a pele na maioria dos dias. – Pestanejo e coloco as mãos sob o queixo, mostrando o meu rosto quase sem manchas. – Estou funcional. A *prosperar*, pode dizer-se.

– Tudo isso é ótimo – diz ela. – Mas não foi exatamente isso que eu quis dizer. Desde o teu despedimento, as coisas têm sido difíceis. Eu percebo. A tua carreira é escrever com o nome de outras pessoas, em vez do teu. Tenho a certeza de que algumas pessoas adoram ser *ghostwriters*, mas *sei* que *tu* não estás feliz. Quando foi a última vez que te dedicaste ao teu livro?

Eu sei que não era a sua intenção, mas a pergunta atinge um nervo. Aquele que foi desgastado e desgastado ao longo dos anos.

– Abro bastante o documento.

Ela levanta as sobrancelhas.

– Então, quando foi a última vez que trabalhaste nele?

Fico calada, com os olhos fixos na faixa azul-escura do horizonte.

– Quando éramos pequenas, só me lembro de seres o mais feliz que já foste – continua ela, e tenho um vislumbre de memória. Noemie sempre foi a minha primeira leitora e eu adorava imprimir um capítulo e atravessar a rua a correr para lhe mostrar. Ela nunca me corrigia, nunca me criticava... ela apenas me dizia que queria *mais*. – Adoro ver-te aqui e sei que vais escrever um livro fantástico. Só me pergunto se, por vezes, não te absténs de coisas que sabes que queres. É só isso.

Não sei por que todos na minha vida tentam trazer à tona o meu passado. Eu superei isso – Noemie deveria ser capaz de fazer o mesmo. Talvez *ghostwriting* não seja o emprego dos meus sonhos, mas é muito menos assustador do que tentar mudar para algo em que não faço ideia se posso ter sucesso.

Mesmo assim, permito-me imaginar como seria essa carreira para uma versão minha diferente. Apenas por um momento. Horas passadas a pensar em enredos e a construir personagens. A perder-me no meu próprio mistério. Uma capa. Uma sessão de autógrafos.

Segurar aquelas páginas nas minhas mãos e, finalmente, sentir-me *orgulhosa* de algo que criei.

Quão difícil seria simplesmente correr esse risco, fechar os olhos e saltar.

– Eu percebo – digo, mesmo que o faça com os dentes ligeiramente cerrados. – Estou feliz por estares aqui. Amo-te.

Ela lança o braço em volta dos meus ombros.

– Amo-te ainda mais agora que conheço o teu grande segredo.

Enquanto arrumamos os nossos sacos e voltamos para o hotel, não consigo parar de pensar em como Noemie está certa: a minha colaboração com Finn tem prazo de validade, e a dolorosa verdade é que não faço absolutamente nenhuma ideia do que fazer quando chegar lá. Este projeto deveria ajudar-me a descobrir isso.

Se isso for verdade, então não sei porque é que me sinto mais longe de uma resposta do que nunca.

ARQUIVOS *THE CATCH*, 2017

5 ROMANCES POLICIAIS PARA LER ESTA TEMPORADA

por Chandler Cohen

Adoro um bom romance policial. Uma pessoa normal consegue resolver um crime, ser o herói e talvez apaixonar-se no final. A melhor parte é que podes sentir que estás a desvendar o mistério a par com o personagem principal, o que leva a um final extremamente satisfatório para os dois. Quer sejas novo no género ou um leitor experiente, aqui estão cinco dos meus favoritos – perfeitos para te aconchegares neste inverno!

***Pezinhos de Lã*, por C. B. Marquez**

O primeiro mistério da série «Briar Beach Knitting Club» revela que um dos clientes mais valiosos da loja foi estrangulado com um novelo de lã.

***Morte, Morte, Queijo, Queijo*, por Rose Rubin**

Numa pequena cidade de Nova Inglaterra, um cozinheiro é envenenado quando alguém mexe no seu mundialmente famoso queijo-creme. Abundam trocadilhos com queijo.

***Vida Requisitada*, por Toya Legrand**

Uma bibliotecária encontra um cadáver na cave da sua biblioteca; um livro aberto ali perto contém pistas sobre o assassinato, que ela resolve com a ajuda de um patrono encantador.

***Mortangos*, por Natalie Chang**

Uma pasteleira investiga um homicídio no festival anual de morangos da sua pequena cidade. Inclui receitas bônus de compota.

***Crime, Disse Ela*, protagonizado pela inigualável Angela Lansbury**

Estou a fazer um pouco de batota, porque se trata de uma série televisiva, mas sabem que mais, há uma coleção de livros inspirados nesta série, onde a protagonista é uma escritora de mistérios, por isso acho que conta. Jessica Fletcher é um ícone e não ouvirei quaisquer argumentos contra ela.

capítulo

17

reno, nevada

Achei que estaria mais calor.

– Um equívoco comum sobre Reno – diz Finn enquanto saímos do carro em frente à casa da sua mãe. Puxo o meu casaco com mais força. – Não é Vegas. Estamos no deserto, bem perto da Serra Nevada. Os verões são escaldantes e os invernos são frios e com neve. – Ele espreita para os meus pés. – Meias de catos hoje?

– Eu queria enquadrar-me no tema.

Noemie ficou mais alguns dias, a trabalhar remotamente, tendo assistido à exibição VIP e a outro painel. Ontem à tarde, despedi-me dela antes de voarmos para o Nevada e o Finn fez-lhe a vontade tirando nada menos do que mil *selfies* e, depois, fê-la mais feliz do que alguma vez a vi ao dar-lhe um bilhete para a gravação do reencontro de dezembro.

– A Noemie é realmente fantástica – disse ele, esta manhã, no avião. – Consigo perceber por que vocês são próximas.

– Ela estava mais entusiasmada por te ver a ti do que a mim. Mas eu perdoo-te.

Uma pausa e depois ele perguntou:

– Contaste-lhe, não foi? – O modo como o olho deve comunicar o meu choque. – Não estou zangado – esclareceu, levantando a mão. – Já imaginava que farias isso.

– Ela não dirá uma palavra. Eu juro por Deus.

– Confio em ti – respondeu e, por algum motivo, essas três palavras provocaram um estranho arrepio na minha coluna. Não estamos intimamente juntos desde Memphis, e já não sei se tenho saudades ou se estou grata pela distância. Provavelmente ambos.

Depois da conversa com Noemie, decidi esforçar-me para esquecer a confissão drogada de Finn. É simplesmente mais seguro para todos.

Vejo primeiro os chihuahuas, uma matilha inteira na varanda da frente, quando uma mulher de meia-idade, com cabelo escuro pela altura do queixo, se aproxima do carro.

– Finnegan! – exclama ela, com os cães a apressarem-se atrás, e as caudas enlouquecidas, num tornado de preto, branco e castanho.

Finn pega num dos cães enquanto dá um abraço e um beijo na face da mãe.

– Olá, mãe. Quantos adotaste desde a última vez que te vi?

Ela faz um beicinho exagerado.

– Apenas um – diz ela, antes de me sussurrar: – Dois.

Um branco está nos meus calcanhares e baixo-me para lhe dar um pouco de mimo.

– São, hum, muitos cães – digo estupidamente.

– São todos resgatados – explica a mãe de Finn. – Comecei com uma, e então pensei que seria bom se ela tivesse com quem brincar e, bem, a partir daí foi uma espiral. Agora não consigo imaginar a vida sem eles. – Ela pega em dois deles. – Não é verdade? Manipularam-me com os vossos narizes minúsculos e patinhas perfeitas. – Depois, ela estende-me a mão. – Sondra. Prazer em conhecê-la.

– Chandler. Muito obrigada por nos receber.

Finn está a coçar o queixo do cão, dando beijos na sua cabeça.

– Pronto. Desta vez, recuso-me a regressar a Los Angeles.

– Diz-me isso outra vez quando eles te acordarem às seis da manhã para o pequeno-almoço. – Sondra toca-lhe no cabelo por um momento. – Pagaste a alguém para fazer com que ficasse assim?

– Sim. E provavelmente demasiado – diz ele, e depois para mim: – Ela fez-me cortes de tigela em casa durante dois anos, por isso não posso confiar completamente na opinião dela.

– E todas as velhinhas da sinagoga te elogiaram – diz ela, dando uma palmadinha na bochecha dele.

– Por favor, diz-me que tens fotos – digo. E Sondra garante que sim.

Depois de a sua mãe apresentar os cães, *Freddie*, *Waffles*, *Moose*, *Galileo* e *Duchess*, entramos em casa. É um rancho de um só andar, com cortinas estampadas brilhantes e móveis aconchegantes e luxuosos. A mãe dele está na cozinha, a pegar em copos de água e a pôr um prato de biscoitos em cima da mesa. Mas não são biscoitos normais – são uma monstruosidade absoluta de massa, pedaços de chocolate, *M&M*, nozes e *marshmallows*. Eu tento captar mentalmente cada detalhe, querendo fazer justiça a este lugar nos nossos capítulos sobre a infância de Finn.

Os seus olhos iluminam-se.

– Lembraste-te.

– Claro. Sempre – diz ela, parecendo satisfeita. Sinto que há algum tipo

de piada privada aqui.

– Fazíamos sempre estes biscoitos quando eu era miúdo – explica Finn.
– Até hoje, eles são os meus biscoitos favoritos. Sobremesa favorita, ponto final. – Ele pega num guardanapo e usa-o para pegar no biscoito. A mãe nem sequer pestaneja perante isto.

Para seu mérito, os biscoitos são excelentes.

– Isto é uma batata frita? – pergunto entre trincas.

– Para dar maior crocância – diz Sondra. – O que estão a planear fazer no resto do dia?

– Eu esperava mostrar a zona à Chandler. Os meus lugares favoritos, e tudo isso. Para o livro – esclarece Finn. – E não podemos perder o teu serviço do *shabat* no sábado de manhã.

– Perfeito. Tentarei comportar-me da melhor maneira possível. Como vai o livro?

Finn e eu trocamos olhares.

– A Chandler está a fazer-me parecer muito mais fascinante do que realmente sou.

– És bastante fascinante – insisto, sem saber por que motivo o seu olhar sobre mim neste momento, nesta casa, está a encalorar-me as bochechas. Viro-me para Sondra, o que parece ser muito mais seguro e, embora tenha uma centena de perguntas para ela sobre o homem com quem passei o último mês na estrada, de repente não sei por onde começar. – Ficou surpreendida quando ele decidiu que queria ser ator?

Depois de pegar noutro biscoito, Sondra encosta-se à bancada da cozinha.

– Um pouco, principalmente porque me preocupava com quão instável poderia ser. Mas ele sempre teve talento para a representação. Mesmo antes de estudar teatro, às vezes ele representava cenas dos seus livros favoritos durante o jantar.

Finn passa a mão pelo rosto, a gemer.

– Eu tinha esquecido isso por completo.

– Então, também deves ter esquecido que filmei algumas delas.

Um gemido ainda maior.

– Isso é fantástico – digo. – Usaste os saleiros e pimenteiros como adereços? Ou talvez tenhas dado voz aos teus talheres?

– Agora estás apenas a ser cruel. E, sim. Sim, eu fiz isso. – Em seguida, ele volta-se para a mãe, que está a sorrir com a conversa, de uma forma que me faz querer garantir que nada está a acontecer entre o seu filho e eu. Nada que não seja casual, pelo menos. – Serás a primeira a ler, prometo. Depois da nossa editora.

Sondra coloca o braço no seu ombro.

– Sabes que podes escrever o que quiseses sobre mim. Eu só... bem, preocupo-me. Assim que estiver lá fora, está lá fora. Deves garantir que estás confortável com o que estás a dizer às pessoas... não podes voltar atrás.

Finn engole um pedaço de biscoito.

– Eu sei – diz ele, baixinho, com os olhos a encontrar os meus por um breve momento. – Isso é o que estou a descobrir.

Ele mostra-me a casa e detenho-me nas fotos de família. O seu pai está notoriamente ausente; em vez disso, há fotos de Finn em bebé, criança e adolescente. Existe o prometido corte à tigela, que é, de alguma forma, mais adorável do que deveria. Aquelas velhinhas judias estavam certas. Vejo-o com aparelho nos dentes e sem ele, a suportar más escolhas de moda e a posar com os seus colegas de elenco. Depois, há fotos da mãe dele com as amigas, com os cães – todos com cama própria e nome bordado.

Depois, ele faz uma pausa do lado de fora do seu quarto.

– Antes de entrarmos – diz ele, com a voz séria –, preciso que saibas que, em criança, eu era profundamente obcecado por *O Senhor dos Anéis*.

– Eu já sei disso. Na verdade, foi uma das primeiras coisas que me contaste.

– Sim, mas *saber* e *ver* são duas coisas muito diferentes. – O seu rosto fica sombrio. – Estás no sopé do Monte da Condenação. Não é demasiado tarde para voltar atrás.

Gentilmente, empurro o seu peito.

– Está a ser melodramático. Tenho a certeza de que não é assim tão mau. Com um encolher de ombros derrotado, ele alcança a maçaneta.

– Lembra-te, tu pediste isto.

A minha boca abre-se.

– Por favor, diz-me o que está a passar pela tua cabeça neste exato momento – pede Finn atrás de mim. – Não tenho a certeza se consigo lidar com o silêncio.

– Bem, para começar, acho que teremos de reescrever o livro inteiro. Descartar tudo o que temos.

Ele baixa a cabeça, falsamente sombrio.

– Eu temia isso.

É um verdadeiro santuário da Terra Média. Cartazes de filmes cobrem as paredes, juntamente com rolos de papel escritos à mão com traduções em élfico. Uma prateleira de figuras de ação, um exército de Orcs em miniatura. Percorro o quarto, caminhando em direção à sua estante recheada de livros de Tolkien. Por mais que esteja a provocá-lo com isto, eu também adoro. Esta paixão, a que ele tem, a que eu tenho andado a perseguir. Há algo tão significativo em ser capaz de ver alguém no seu elemento. Imagino um jovem Finn a aprender falas, a sonhar viver entre Elfos e, mais tarde, em Hollywood.

Escondendo-se do seu pai.

Planeando a sua fuga.

Então, vejo um par de chinelos castanhos felpudos a espreitarem no armário.

– Oh, meu Deus. Isto é um disfarce de Hobbit?

– Eeeeeee nós estamos de saída – diz ele, fazendo o possível para me

empurrar em direção ao corredor.

– Ainda te servem? Podes experimentar? Prometo que nunca mais te pedirei nada...

Ainda estou a rir quando ele fecha a porta atrás de nós.

* * *

O passeio oficial de Finnegan Walsh por Reno leva-nos pelas suas escolas do ensino básico e secundário, e pelo centro repleto de casinos, com uma paragem no que ele declara ser o bom Taco Bell.

– Aos fins de semana costumava andar por aqui quase sempre – diz ele quando estacionamos num centro comercial. Ele aponta para uma livraria Barnes & Noble. Ao lado dela há uma loja de jogos com uma placa de venda de produtos em liquidação pendurada nas janelas. – Ali também. Típico puto suburbano do final dos anos noventa/início dos anos 2000.

– Não é uma maneira terrível de crescer. – Dou uma trinca no meu burrito de feijão, abro um pacote de molho picante e despejo mais um pouco.

– Não foi – concorda ele. – Toda a gente foi suficientemente simpática e nunca senti realmente uma atração por Las Vegas. Além disso, estamos a menos de uma hora do Lago Tahoe.

– Vens aqui com frequência?

– Não com frequência suficiente – diz ele. – A cada poucos meses. E participo sempre na *comic con* de Reno; é a primeira a que fui enquanto fã. – Ele olha para o estacionamento. – Há boas lembranças aqui, mas algumas não tão boas também. Não consigo apagar o meu pai por completo.

– Lamento. Merecias muito mais do que isso.

Se fôssemos pessoas diferentes, eu estenderia a mão para colocá-la sobre a dele. Tranquilizá-lo mais do que posso apenas na qualidade de *ghostwriter*.

Porque isto é tudo o que sou. Desembrulho outro burrito.

Quando voltamos para casa da mãe de Finn, são quase nove horas e o meu corpo está preso noutro fuso horário. Sondra está à mesa da cozinha, a aperfeiçoar o discurso para a cerimónia do *shabat* de sábado, com *Galileu* no colo e os outros empoleirados em cobertores e camas de cão na sala de estar adjacente. Amanhã será um dia de escrita, e depois o sábado será preenchido: serviços religiosos, *comic con*, encontro com os amigos de Finn.

Os meus olhos estão pesados, mas não quero partir do princípio que vou dormir aqui só porque Finn vai, por isso deixei a minha mala no corredor.

– Desculpem, podem arranjar-me a morada, para chamar um Uber? – pergunto.

Finn faz uma pausa no lava-loiça da cozinha, onde inspeciona um copo de água antes de enchê-lo.

– Para que precisas de um Uber?

– Oh, um hotel?

– Não sejas tonta – diz Sondra. – Vais ficar aqui connosco. Já temos um quarto de hóspedes preparado.

– Não quero atrapalhar.

Sondra olha-me com o seu melhor olhar de mãe.

– Querida. Não atrapalhas. Além disso, isto não é melhor do que um hotel frio e sem alma?

– Fica – pede Finn, e depois acrescenta «por favor», com um sorriso comovente, que todos os seus realizadores devem ter adorado.

É estranho como a palavra *fica* soa doce na sua voz. A forma como faz com que aquelas raízes se aprofundem no meu peito.

Tão rapidamente como o pensamento me ocorreu, eu ignoro-o. Hux deve ter dito isso numa das suas cenas, e é por isso que está a fazer-me reagir desta forma – tenho a certeza disso.

* * *

Tenho menos certeza no sábado de manhã, depois de um dia inteiro a escrever durante o qual terminámos o rascunho de dois capítulos, quando Finn coloca um quipá na entrada da sinagoga e isso é injustamente atraente. Tenho de reprimir um sorriso, em parte porque não estou habituada a vê-lo com um e, em parte, porque não acho que um quipá deva inspirar este tipo de sentimento.

Sondra disse-me ontem que a congregação costuma ter gente mais velha e que o templo é muito simples, sem muitos fundos, mas que tem um encanto. Quando era miúda, ia com os meus pais ao templo apenas para as festas de fim de ano, uma tradição que eu e a Noemie tentámos manter em adultas. Mas há alguns anos que não vou aos serviços religiosos, sobretudo porque os meus prazos sempre me pareceram mais importantes. Agora já não me lembro porque é que achava que não podia deixar de lado o meu trabalho por apenas algumas horas todas as semanas.

Não há nada como sentir-me em casa dentro de uma sinagoga, este sentimento imediato de pertença. Tal como o rabino Zlotnick, Sondra tem um magnetismo natural na maneira como fala. Descobri que não importa há quanto tempo estou longe do templo, as orações vêm-me à memória quase sem esforço, como se estivessem gravadas em mim há muito tempo.

O que mais me impressiona, porém, é quando olho para o meu lado e vejo os lábios de Finn a moverem-se – porque, claro que estão. Ele cresceu com isto, tal como eu.

Fomos criados com estas mesmas músicas, falávamos a mesma língua. É como descobrir que temos o mesmo livro preferido, e não só isso, mas que gostamos de todas as mesmas partes – que destacámos e sublinhámos e dobrámos as páginas quando provavelmente devíamos estar a usar marcadores.

Quando nos retiramos para a antecâmara para lanchar, Finn apresenta-

me aos presentes.

– É o Finnegan? – pergunta uma senhora idosa com um vestido floral lilás.

Ele mostra-lhe um sorriso genuíno.

– Olá, senhora Haberman. *Shabat shalom*.

– *Shabat shalom* – diz ela, dando-lhe um abraço. – Estávamos todos a sussurrar antes do culto, perguntando-nos quem seria a tua adorável companhia.

– Esta é a minha amiga Chandler Cohen. Chandler, esta é a Ruth Haberman.

– Tua amiga – diz a Sra. Haberman, com um brilho nos olhos enquanto aperto a sua mão.

A versão disto repete-se mais algumas vezes, com o Sr. Barr, o Sr. Lowenstein e a Sra. Frankel, uma mulher que me disse ter gravado todos os episódios de *The Nocturnals* no seu antigo aparelho de VHS.

– Um dia vai valer muito dinheiro – diz ela, e ele apenas balança a cabeça, dando-me a impressão de que fazem esta piada há anos.

– Toda a gente aqui te adora – digo assim que temos alguns momentos a sós. Entretanto, enchemos pequenos pratos de papel com cenouras e húmus, chalá e geleia.

– Não pareças tão surpreendida. Eu sou muito adorável.

Reviro os olhos.

– Sabes o que eu quero dizer. Tens aqui toda esta comunidade.

Ele fura uma uva com um garfo de plástico.

– Tenho sorte – diz simplesmente. – Cresci aqui e, quando a minha mãe decidiu ir para a escola rabínica, esta era a única congregação que ela queria liderar. Mesmo que não seja tão chique como o novo templo do outro lado da cidade. Por isso, eu conheço todas estas pessoas desde sempre.

– Não fazia ideia – digo, dando uma trinca no chalá. – Não há muita coisa *online* sobre a tua religião.

– Ah. É estranho, ter um nome que não é visto como judeu.

– Walsh é o nome do teu pai?

E ele lança-me um olhar, como se não acreditasse que ainda não me explicou isso.

– Não, é um nome artístico. Finn sempre foi real, mas mudei legalmente o meu apelido aos vinte e poucos anos. O apelido do meu pai, com o qual cresci, era Callahan, e o meu primeiro agente disse-me que Finnegan Callahan era difícil de pronunciar. Demasiadas consoantes. – Uma careta. – Mas eu não sou Finn Callahan há anos. Tenho quase zero apego a isso. Na verdade, tenho estado à espera de ser Finn Walsh há mais tempo do que fui Finn Callahan, e está a chegar. Mais alguns anos. Uma ligação a menos com o meu pai.

– Fico feliz.

– Quando decidi mudar o meu nome, passei muito tempo a pensar se queria um que fosse visivelmente judeu ou não. E, de vez em quando,

pergunto-me se fiz a escolha certa – diz ele. – Tenho estado bastante protegido do antissemitismo, mas agora... não sei.

Sem o meu gravador de voz, tento memorizar as suas palavras. O seu judaísmo é importante para ele: a comunidade, as tradições, a história. O capítulo que começa com uma imagem daquela menorá no fundo de *Ms. Mistletoe* vai ser um arraso absoluto – não me contentarei com nada menos que isso.

– Falando como alguém com um nome que é imediatamente reconhecível como judeu, diria que é um misto. Adoro aquela conexão imediata que posso ter com alguém por causa disso, mas, por outro lado... – Lembro-me de uma lista que escrevi no *The Catch*, «Oito Filmes Inesperadamente Judaicos para Ver neste Hanukkah»; na verdade, algo que deveria ser inocente, os comentários tiveram de ser desativados quando se tornavam antissemitas, o que geralmente não demora muito quando és visivelmente judeu *online*. Imagens horríveis começaram a aparecer nas minhas mensagens diretas e tive de bloquear as minhas contas nas redes sociais durante semanas. Conto-lhe isso e ele abana a cabeça, desagradoado.

– Horrível, foda-se – murmura. – Lamento que tenhas passado por isso.

Tento ignorar isso, porque o aceitei há muito como um efeito colateral de existir no mundo com o meu sobrenome. Mas, depois, contenho-me.

– Sim – digo. Firmemente. Solidamente. – Foi uma merda.

Um senhor mais velho passa na nossa mesa e pergunta se pode tirar uma foto para a neta.

Antes de nos levantarmos, Finn coloca a mão no meu pulso novamente, um segundo de contacto antes de deixar cair o braço de novo para o lado.

– Chandler? Caso eu não tenha dito isto ultimamente, estou muito feliz que sejas tu quem está a escrever este livro.

capítulo

18

reno, nevada

A *comic con* daquela tarde passa num borrão de capas e tinta de caneta. Depois, acabamos num bar de *karaoke* onde o segurança examina a minha identidade com data de nascimento a 29 de fevereiro por mais alguns instantes, algo com que me habituei há anos e que Finn acha hilário. É um espaço com letreiros de néon e colunas barulhentas e, o mais importante, com a companhia do melhor amigo do secundário de Finn. Krishanu é alto, indiano-americano, com cabelos escuros e ondulados sob um boné dos Reno Aces. É professor de Inglês no secundário e o seu namorado, Derek, um tipo branco com uma camisola da faculdade e um sorriso fácil, treina as equipas de futebol americano, natação e basebol da escola.

– Cortes no orçamento – explica, encolhendo os ombros.

Finn parece relaxar no instante em que entramos numa cabina de vinil em frente a eles, com os seus ombros a suavizarem. Nunca o vi tão leve, tão aliviado.

– Já faz muito tempo – diz Krishanu, enquanto um empregado entrega um jarro espumoso de cerveja.

– O quê, três meses? – diz Finn. – Sentiste assim tanto a minha falta?

– Não, só estava a ser simpático. Eu mal penso em ti.

Descobri que Krishanu também era um grande fã de *O Senhor dos Anéis* em criança, uma das coisas que o uniu a Finn desde o início, e o módulo mais popular da sua aula é uma unidade sobre a Terra Média.

– Ele já está a fazer-te arrepender de teres aceitado este trabalho? – pergunta Krishanu.

Finn cruza os braços sobre o peito com um desafio ensaiado.

– Para que saibas, é um prazer trabalhar comigo.

Quando solto uma risada, Finn leva a mão ao coração.

– Não, não, és ótimo. Obviamente. É o melhor trabalho que já tive.

– Sarcasmo. Isso dói.

– Estou a morrer de vontade de ler esse livro – diz Derek, bebendo um gole de cerveja. – Quando o Krish me disse que não apenas te conhecia, mas que tinham sobrevivido à puberdade juntos, eu disse a mim mesmo que não podia estragar as coisas entre nós ou nunca te iria conhecer.

Inclino a cabeça em direção a Finn.

– Tenho a certeza de que o Krishanu poderia escrever um livro muito mais fascinante e escandaloso.

– Eu teria de recorrer à proteção de testemunhas se ele fizesse isso.

– Tens de me contar como ele era enquanto adolescente estranho – digo a Krishanu. – Não deixes de fora uma única espinha.

– Infelizmente para ti, sempre fui abençoado com uma pele perfeita.

– Ele provavelmente não te contou sobre a primeira peça em que atuou, não é? Oitavo ano? – Quando abano a cabeça, o sorriso de Krishanu fica perverso. – A nossa escola estava a apresentar *A Bela e o Monstro*, e ele era o Cogsworth.

– Não importa o facto de eu não saber cantar – acrescenta Finn e presumo que ele esteja apenas a ser modesto.

– De qualquer forma, não tínhamos um grande orçamento, por isso a roupa dele era essencialmente apenas um pedaço grande e frágil de papelão pintado como o relógio que ele era. E, durante a última atuação, bem no meio de *P’ra Jantar*, um guardanapo dançante tropeçou nele e rasgou-o.

– Oh, não – digo. – Por favor, diz-me que ele usava algo por baixo.

– Apenas uns *boxers* com elfos.

– Isso definitivamente não precisa de constar no livro – diz Finn com um resmungo, deixando cair a cabeça sobre a mesa.

– Ah, já está praticamente lá. É o capítulo um.

Krishanu encontra o olhar de Finn com uma sobrelha arqueada. Finn balança a cabeça levemente, mas com firmeza, e tenho a sensação de que sei exatamente que conversa acabei de testemunhar. *Vocês são...?* E Finn imediatamente negou.

Não sei porque é que isso provoca um buraco no meu estômago. Não somos um casal. Somos colegas que também dormem juntos, o que é um pouco mais difícil de comunicar com movimentos das sobrelhas.

– Chega de falar sobre mim – diz Finn. – Vocês acabaram de fechar a compra de uma casa?

Derek assente.

– Precisa de algumas obras, mas estamos entusiasmados com isso.

– Veremos se ainda nos sentimos assim depois de remodelarmos o sótão para adicionar um segundo quarto – diz Krishanu.

Quando o seu nome é chamado no *karaoke*, Krishanu levanta-se para cantar *Werewolves of London*, para horror de Finn, dando-lhe forte nos uivos.

Derek e eu imitamos alguns, com Finn a enterrar a cabeça entre as mãos e a jurar que nunca mais falará com nenhum de nós. Segue-se Derek com uma versão sólida de *Don't Speak*, dos No Doubt. Depois, Finn olha para mim, com um desafio nos olhos.

– Eu vou se tu fores – diz ele.

Olho para o palco. Não tenho álcool suficiente para considerar a proposta confortável.

– Isso não é justo, estás... confiante. Fazes isto profissionalmente.

– Cantar? Absolutamente não.

– E com razão – acrescenta Krishanu.

O olhar de Finn ainda está fixo no meu. Insistente.

– Tudo bem – eu cedo. – Mas tu vais primeiro.

Krishanu coloca as mãos atrás da cabeça enquanto Finn se levanta e segue em direção ao palco.

– Isto vai ser bom.

Com isto, espero que Finn tenha a voz de um anjo, ou pelo menos de Art Garfunkel. Mas, quando ele se aproxima do microfone, nos dá uma piscadela e começa a cantar *Come On Eileen*, tenho de apertar os lábios para não rir, embora Krishanu e Derek nem tentem esconder. Porque Krishanu estava certo: Finnegan Walsh é um péssimo cantor, e ele sabe disso.

E não parece importar-se.

Ele embala o microfone como se fosse uma coisa preciosa e delicada, antes de tirá-lo do suporte e desfilor pelo palco. Está envolvido na música, com o público a cantar com ele.

Inclino-me sobre a mesa para Krishanu, pensando no que a mãe de Finn disse sobre as suas atuações à mesa de jantar.

– Ele sempre foi assim?

Ele abana a cabeça.

– De maneira nenhuma. Individualmente, claro, ele poderia ser bastante animado. Mas, na maior parte do tempo, quando éramos crianças, era mil vezes mais provável que ele estivesse com a cabeça enfiada num livro do que no palco. Foi uma viagem e tanto vê-lo tornar-se uma pessoa completamente diferente. – Depois, ele pensa por um momento e bebe um gole de cerveja. – Mas sempre que ele volta aqui, é como se nunca tivesse saído. Por isso, talvez ele não tenha mudado muito, pelo menos não da maneira que importa.

– Como assim?

– Ele não é alguém que se abre facilmente – explica Krishanu. – Sempre manteve a sua vida pessoal muito privada. Por isso, o facto de ele estar a fazer isto contigo, deixando-te ver este lado dele...

– É para o livro. – Estou quase surpreendida com quão defensivas as palavras soam, especialmente depois daquela piscadela peculiar que Krishanu deu a Finn. Aquela que Finn foi tão rápido a cortar.

Krishanu e Derek trocam um olhar estranho, do tipo aperfeiçoado por casais que estão juntos há tempo suficiente para comunicarem sem uma única

palavra.

– Certo.

Agora, Finn está a arrastar o suporte do microfone pelo palco, atirando o cabelo para trás e cantando o refrão. O público canta com ele.

Ele faz contacto visual comigo. *My thoughts, I confess, verge on dirty. Come on, Eileen*^[9].

Um arrepio percorre o meu corpo.

Eu gosto deste lado dele.

Talvez goste demais.

O público enlouquece e Finn cai dramaticamente de volta no seu lugar, como se a atuação simplesmente lhe sugasse toda a energia. O cabelo dele está revoltado, o corpo quente. Estou desesperada e curiosa por saber o que aconteceria se me aproximasse.

Não, não, não, lembro a mim mesma, tentando esquecer a confissão induzida pelo medicamento. Além disso, mesmo que ele tivesse uma paixoneta, é bem possível que já tenha desaparecido. Só porque passei anos a desmaiar por Wyatt não significa que os sentimentos de Finn não sejam inconstantes.

E *paixoneta* é uma palavra tão inocente, não é? Não tem de significar que ele passa todo o seu tempo livre a pensar em mim. Poderia simplesmente significar que me acha atraente, o que já sei pelo tempo que passámos na cama.

Por isso, na verdade, talvez não tenha sido uma revelação.

– Lembra-te, tu pediste isto – digo a Finn enquanto vou em direção ao palco, segurando o microfone com as mãos trémulas.

A última coisa que espero quando começam os acordes de *Bohemian Like You*, dos Dandy Warhols – eles são de Portland, vario um pouco – é que a minha mesa solte um grito. Isso encoraja-me, faz com que a minha voz saia um pouco menos trémula do que esperava.

Não é uma música difícil, é fácil o suficiente para o meu alcance vocal limitado, além do que percebo ser um número absurdo de *uuu-uuh-uuh*s, que a minha voz falha no início. Aperto o microfone com força, observando Finn e os amigos. Os seus olhos mal deixam os meus, exceto quando se inclina sobre a mesa para dizer algo a Krishanu e Derek. Quando acerto no segundo refrão, a sua boca curva-se para cima e isso dá-me ainda mais confiança.

Quando volto para a mesa e ele me abraça, não sei por que motivo o meu coração está a bater mais rápido do que quando eu estava no palco.

Bebo alguns goles de cerveja enquanto as notas de uma música de Frank Sinatra começam e, quando o homem mais velho no palco abre a boca, todo o bar fica em silêncio.

– Porra – diz Krishanu, porque o tipo é *bom*. – Envergonhou-nos a todos.

Finn estende a mão e levo mais um segundo para perceber que a estende para mim.

– Parece o tipo de música que não podemos deixar de dançar.

Ao nosso redor, é isso que as pessoas estão a fazer, incluindo Krishanu e Derek. Por isso, dou a minha mão a Finn e deixo que ele me leve até à pista de dança.

– Isto está a ser excelente – digo-lhe enquanto a sua outra mão encontra a parte inferior das minhas costas e descanso a palma no seu ombro. Há um espaço saudável entre os nossos peitos, como se estivéssemos preocupados com o que poderia significar se ficássemos muito próximos. – Conhecer a tua mãe. Os teus amigos. Não me interessa se é coisa do momento... acho que estou apaixonada por esta cidade.

Finn sorri-me.

– Essa pode ser a coisa mais fixe que alguém já disse sobre Reno. E tenho quase a certeza de que todas as velhinhas da sinagoga estão prontas para te adotar.

– Os meus pais podem discordar disso, mas eu não me importaria.

O tipo mais velho canta um refrão. E outro verso.

– Por falar nisso... Como estão? Os teus pais?

Eu ergo as sobrancelhas.

– A minha mãe começa a ficar chateada com o meu pai por causa da quantidade de livros sobre pássaros que ele encomendou, mas estão bem.

– Ótimo. Só para saber. E agora estou curioso sobre quantos livros relativos a observação de pássaros são demais. – A sua palma está quente enquanto balançamos para a frente e para trás, e, quando ele me gira, o meu rosto pouco faz para esconder o choque. Ele baixa a voz, com a sua boca bem contra a minha orelha. – Posso não ser bom na cama – diz ele –, mas na pista de dança...

– O teu desempenho na cama está a melhorar.

Outra volta.

– Qual é o próximo plano de aula?

Penso nisso, embora tenha memorizado o plano na noite em que o fiz.

– É mais opcional do que uma estrutura definida, mas pensei que podíamos trabalhar na tua conversa porca.

– A minha é péssima, não é? – diz ele com um gemido suave. – Deita cá para fora. Eu aguento.

– É só que... – Atrapalho-me com as palavras certas. – Não parece pessoal. Parte disso é o que dizes, e a outra é como dizes. A maioria não parecia que estava a ser dita diretamente a *mim*, se é que isso faz sentido. Ficavas a dizer: *Oooh, aí está. Oooh, aí está*. E tinha o mesmo ritmo que...

A sua boca cai.

– Aquela música dos anos oitenta? *Whoomp! (There It Is)*? – Quando eu fico calada, ele acrescenta: – O teu rosto diz tudo.

– Houve também aquela parte em que te referiste à minha vagina como uma entidade separada – digo, tentando manter a voz baixa. – E isso não significa que outra pessoa não pudesse gostar desse tipo de conversa porca...

com a pessoa certa, após o período de tempo adequado.

– Então ensina-me – diz ele. – Ensina-me a falar porco.

Eu olho-o, incrédula.

– Aqui?

– Consigo ser discreto se tu conseguires. – Um trejeito na sua sobrancelha. Um desafio.

A música termina, mas antes que o tipo saia do palco, o público implora para ele cantar outra. Nenhum de nós se mexe.

Krishanu e Derek aparecem ao nosso lado, com casacos e cachecóis postos.

– Vamos embora – diz Krishanu, dando um toque no namorado. – Este aqui tem treino da equipa de natação amanhã cedo.

– Adorei conhecer-te. A sério. – Todos trocamos abraços e Finn promete que estará de volta à cidade assim que puder. No Dia de Ação de Graças, espera, se tiver uma folga suficiente do circuito.

Tudo isso entorpece a minha libido, mas apenas ligeiramente. Não reconheço a música quando começamos a dançar novamente, com Finn a conduzir-nos para mais longe do palco, para um lugar onde o bar está menos lotado. Pode ser outro Sinatra ou pode ser Harry Styles... estou distraída a este ponto.

– Bem – começo, ciente de como ele está a segurar-me um pouco mais perto do que antes, com o seu aperto na parte inferior das minhas costas um pouco mais firme. – Como estabelecemos, o mais importante é a comunicação. Se a tua parceira não está a gostar, provavelmente quererás mudar as coisas. Ou talvez ela não seja fã disso, e tudo bem também. Teriam de falar sobre isso.

– Certo.

– Um bom começo é criar expectativa. Dizer-lhe o que sentes por ela, o que queres fazer com ela. – Isto está a correr perfeitamente bem. Clínico, até. Completamente seguro. – E podes referir partes reais do corpo. Sê específico. E, em caso de dúvida, há sempre algumas palavras que nunca falham.

– Que seriam...

– Duro. Apertada. Fundo. Molhada. – Ironicamente, a minha garganta fica seca e o meu rosto aquece. – E assim por diante. Uma boa «foda» ou «foder» também nunca é demais.

Ele acena com a cabeça, absorvendo tudo em silêncio.

– Tipo... – O seu polegar roça a minha coluna enquanto ele baixa a voz. – Estou tão duro para ti? Algo assim tão básico?

– Básico, mas eficaz. – E se é realmente tão básico, não sei porque é que isso me deixa instantaneamente zozza; o bar à nossa volta desfoca-se enquanto Finn permanece nítido.

– Vou deixar-te tão molhada?

Sim. Sim, vais.

– Isso... isso funciona.

Parece ilícito falar sobre isto em público, mesmo que ninguém nos possa ouvir. Até agora, mantivemos as nossas aulas exclusivamente no quarto, e não sei o que significa o facto de elas estarem a espalhar-se para a vida real.

– O que dirias a isto? – pergunta ele, e depois tem a lata de me girar novamente. Quando me traz de volta contra o seu peito, o seu aperto é ainda mais forte, respirando mais superficialmente.

Tudo o que sinto tem de ser puramente científico, nada mais. A atração é a simples química das nossas células, combinada com o facto de que nos vemos sem roupa quase tão frequentemente como com elas.

Tento recuperar o controlo, balançando as minhas ancas contra as dele, saboreando este poder que tenho. Cravando as minhas unhas nos seus ombros.

– Que as minhas cuecas estão húmidas e os meus mamilos estão a doer e preciso sentir-te dentro de mim. – Arrasto cada frase, falando o mais devagar que consigo. Ele está duro contra o meu estômago, por isso eu pressiono ainda mais. – Que esperei por isto o dia todo, a morrer de vontade de cuidar de mim, mas sabendo que tu saberias ainda melhor. Mas temo que me possa vir rápido demais quando finalmente me tocares, por isso vais ter de me provocar.

Ele engole um grunhido.

– Vou querer que vás fundo – continuo, sem reconhecer totalmente o som da minha voz – porque é assim que gosto de ser fodida. Mas não podes começar por aí. Terás de ser gentil comigo, mesmo que eu te implore. Achas que consegues lidar com isso?

– *Chandler.*

– Depois, poderias dizer-lhe como a sentes. – Tenho a certeza de que ele consegue ouvir o meu coração a bater contra o dele. – Qual é o sabor dela...

– Humm. – Ele parece recompor-se, com o seu rosto a milímetros do meu e a sua respiração na minha pele. – Aposto que tens um sabor tão doce – diz ele, com a boca a roçar a minha orelha. O seu perfume, aquela mistura de terra e especiarias, atrapalha totalmente os meus sentidos. – Desde Seattle que estou a morrer de vontade de te lambe outra vez.

O espaço inclina-se. Todo o meu corpo fica em suspenso. Se ele não estivesse a segurar-me, não sei se confiaria nas minhas pernas.

De repente, o público começa a aplaudir e levo alguns segundos para perceber que a música terminou.

Olho de volta para Finn.

– Saímos daqui? – pergunto. E a ferocidade no seu olhar diz-me exatamente como se está a sentir.

Ele agarra a minha mão, guiando-me pelo labirinto de pessoas na pista de dança. Assim que paga as nossas bebidas, deixando uma gorjeta considerável, saímos noite adentro, para o beco estreito ao lado do bar. Antes que eu possa perguntar se quer encontrar um hotel algures, ele prende-me contra a parede, peito contra peito, ancas contra ancas. Perto o suficiente para beijar.

Mas não faz isso. Ainda não.

– Achei que ia detonar ali – diz ele contra o meu pescoço, com a boca a queimar ao longo do meu queixo.

Envolvo os meus braços nos seus ombros, segurando-o mais perto. Tenho um vislumbre da nossa primeira noite em Seattle, no exterior da livraria. Só que, desta vez, não quero sair deste lugar.

– Então estávamos a fazer tudo bem. – Raspo os meus dedos ao longo da sua nuca, subindo até ao seu cabelo. – Diz-me o que mais queres fazer comigo. – Tenho de ter a certeza de que ele entendeu... pelo bem da sua formação.

Ele lança-me um olhar que me deixa totalmente líquida.

– Tudo o que disseres, professora.

Arrasto a sua boca até à minha, aquela boca porca e perfeita, girando a minha língua com a dele. Já faz algum tempo desde que nos beijámos, ainda mais desde que pareceu tão desesperante.

– Quero fazer-te vir com tanta força que me implores para repetir – diz ele, beijando o meu pescoço. A minha garganta. – Estou sempre a pensar nisso.

Foooooda-se.

– Vais foder-me com os dedos? Com a boca?

– Com ambos – diz contra a minha pele. – Repetidamente. E frequentemente.

Ele desliza um joelho entre as minhas pernas, com as suas mãos a caírem nas minhas ancas. Um «ah» sai da minha boca enquanto ele me guia contra as suas calças de ganga, com a costura das minhas a criar um tipo requintado de fricção. Torturante e decadente ao mesmo tempo.

Um sorriso malicioso.

– Uh. Não posso dizer que imaginei este cenário exato.

Eu rio, apesar de tudo isto parecer frenético. Então, todo o humor me abandona quando a sensação começa a crescer. Movo-me contra ele mais rápido, enganchando a minha perna nas suas ancas enquanto ele agarra a minha coxa, pressionando-se mais em mim.

A protuberância nas suas calças de ganga só me deixa mais carente. Aperto ainda mais a sua nuca, agarrando o seu cabelo, húmido pelo esforço. A sua pele quente. O seu perfume. Ele inclina-me contra ele, com os dedos cravados no meu traseiro enquanto mantemos este ritmo implacável. A determinação está estampada no seu rosto, como se nem mesmo um apocalipse pudesse quebrar a sua concentração.

Ele deve notar a minha respiração a ficar mais rápida porque me levanta mais alto na sua coxa.

– É isso – diz ele. – *Céus*, senti a tua falta.

Na verdade, ele não quer dizer que sentiu a minha falta, apenas que sentiu falta disto. Eu corrigia-o, só que já não consigo formar palavras. Esqueço que estamos em público.

Esqueço que trabalho para ele e que tudo isto começa a ficar um pouco

confuso. Esqueço tudo, exceto a onda de prazer entre as minhas pernas e a adrenalina a correr nas minhas veias.

Então, estou a desmoronar, tudo em mim se contrai e depois explode com uma súbita onda de calor. Viro o meu rosto para o lado, ofegando na noite enquanto ele me puxa para a frente novamente, com a boca a trabalhar para capturar o meu gemido.

Uma porta abre-se com um rangido alto e Finn prende o meu corpo ao dele, como se tivéssemos sido apanhados a fazer algo que não devíamos. Sinto-me tremer de tanto rir, grata por ele estar a segurar-me.

– Chiu – diz, imediatamente antes de se dissolver nas suas próprias gargalhadas.

Ouve-se um baque quando alguém atira um saco para um caixote do lixo do outro lado do beco, e assim que a porta do bar se fecha, Finn pega na minha mão, ambos ofegantes, a rir, e corremos em direção ao carro o mais rápido que conseguimos.

Preocupa-me que o caminho de volta para casa da mãe dele seja repleto de um silêncio constrangedor. Mas assim que entramos no carro alugado, Finn pousa a mão na minha coxa, sorrindo, como se estivesse tão orgulhoso de si mesmo que simplesmente não consegue conter-se.

– Moras aqui – sussurro, enquanto seguimos em bicos de pés do carro até à porta da frente. – Ou *moraste* aqui. Não precisas de entrar furtivamente.

– Os cães – explica. – São melhores do que qualquer sistema de segurança.

Assim que entramos, preparo-me para uma sinfonia de latidos. Mas é apenas *Duquesa*, uma chihuahua amorosa com três patas castanhas e uma branca, que saltita até nós, se permite receber miminhos e depois desaparecer no corredor.

Finn lança-me um olhar malicioso e brincalhão.

– Boa noite – diz ele, docemente.

Eu apenas abano a cabeça, reprimindo um sorriso.

– Boa noite – ecoo, antes de nos separarmos no final do corredor.

^[9] Tradução livre: Os meus pensamentos, confesso, são quase indecentes. Vá lá, Eileen.
(N. T.)

DAD IN TRAINING

Temporada 1, episódio 3: «Pai, o Babysitter»

INT. SALA DE ESTAR DA FAMÍLIA WILKINS - DIA

CHERYL WILKINS chega a casa depois de um fim de semana fora. BOB WILKINS está a dormir no sofá, com BEBÉ WILL no colo. ANDY WILKINS anda de trotineta pela sala desarrumada enquanto JENNA WILKINS aplica maquilhagem no rosto do seu pai adormecido.

CHERYL

Querido? Crianças? O que é tudo isto?

BOB

Ele acorda assustado, olhando para o caos.

O que diabo... oh! Ora, Cheryl, não faço ideia do que queres dizer. E posso dizer que estás absolutamente radiante?

Pausa para risos.

ANDY

Com uma voz mecânica.

O pai fez um ótimo trabalho a tomar conta de nós. Serviu-nos refeições perfeitamente saudáveis e, todas as noites, meteu-nos na cama às nove horas.

CHERYL

E quanto é que ele te pagou para dizeres isso?

ANDY

Vinte dólares.

CHERYL

Ela pega no bebé, que começa a chorar.

Querido, está tudo bem, a mamã está aqui.
Espera. Onde está a Laurie? Devias ter ido
buscá-la à aula de dança!

*BOB olha para a câmara com um encolher de ombros
exageradamente culpado.*

TODOS

Paaaaai!

capítulo

19

columbus, ohio

— *Lobo Devorador: Culinária Vegetariana com Finnegan Walsh.*

Finn abana a cabeça.

– Absolutamente não.

– *Lobo Mau? A História do Homem Menos Vilão da TV.*

– Acho que estás a esquecer-te de que não interpretei um dos lobisomens.

– Mas assim é muito mais fácil inventar um trocadilho. – Bato os dedos no assento da frente. – Já sei. *Rir até Uivar: 101 Piadas de Nerd Aprovadas por Finn Walsh.*

– Estás banida. Proibida de fazer piadas nas próximas vinte e quatro horas. Pelo menos.

Viro-me no meu assento à janela para dar uma vista de olhos ao corredor, em direção à frente do avião.

– É estranho que ainda não tenhamos levantado voo?

Como se eu o tivesse invocado, soa um anúncio no altifalante.

– Boa tarde, aqui é o vosso capitão. Estamos a enfrentar algum atraso motivado pelas condições atmosféricas, mas devemos descolar assim que recebermos autorização da torre de controlo.

Abro a minha bolsa e tiro um pacote de puré de maçã. Eu não aguentava mais comida gordurosa do aeroporto, e isto parecia ser a menos suscetível de fazer o meu estômago revoltar-se.

– Acho que isso é para crianças – diz Finn. – Mas parece que é apropriado, já que tens apenas sete anos. Foi isso que compraste no Starbucks quando eu estava na casa de banho?

– Este é o meu puré de maçã de apoio emocional – digo. – Em nenhum

lugar do saquinho está escrito que é para crianças.

– Tem o desenho de uma *criança*!

– Ohhhhh, não, não, na verdade é apenas um adulto muito pequeno. Mas consigo perceber que tenhas ficado confuso. – Inclino-me no seu rosto e sorvo com força o pacote de purê de maçã até ele se desfazer a rir.

Ele tira da bagagem de mão um livro grosso, uma biografia de Tolkien.

– Grita se precisares de mim.

Eu também podia muito bem aproveitar o atraso, por isso agarro no meu portátil. Desde que saímos de Reno, na segunda-feira, a semana tem sido de trabalho ininterrupto. Finn fez uma viagem noturna a Los Angeles para a imprensa sobre o reencontro de *The Nocturnals*, enquanto eu estava em Columbus, a transformar rascunhos em capítulos. Sempre que eu sentia dificuldade em captar a voz dele, reproduzia as minhas gravações ou mandava-lhe uma mensagem com uma pergunta. Ele voltou para a Comic Expo Ohio e agora estamos a caminho de Pittsburgh.

Muito lentamente, está a tornar-se um livro. Sempre adorei esta parte: ver uma enxurrada de notas e frases isoladas transformarem-se em frases, parágrafos. Parece um pouco mágico expandir as suas histórias, dando-lhes uma estrutura narrativa.

A nossa editora pediu os primeiros cinco capítulos, a entregar amanhã, e embora eu tenha três quase completos, talvez tenhamos de fazer uma direta para acabar o resto.

Uma hora depois, começou a nevar e ainda estamos na pista.

– Estimados passageiros, lamentamos, mas há uma tempestade a vir de oeste e não parece que vai passar tão cedo – diz o piloto pelo sistema de intercom usado para comunicar com os passageiros.. – Todos os aviões vão ficar em terra esta noite. – Uma onda de conversas frustradas percorre o corredor enquanto falam sobre remarcação de voos para amanhã.

– Merda. – Carrego o saco do portátil ao ombro, raspando o verniz preto das unhas enquanto esperamos para sair do avião. Começo a sentir-me mal com as lascas de verniz que deixei pelo país, um pequeno rasto colorido de confetes de ansiedade. – Temos de terminar isto esta noite, e amanhã temos o jantar de boas-vindas na convenção... talvez, se sairmos amanhã de manhã, conseguimos chegar a tempo?

Finn leva alguns momentos para pensar.

– Vamos alugar um carro. Fica a apenas três horas. A tempestade está a soprar na direção oposta ao sítio para onde vamos. – Ele inclina o telemóvel na minha direção, mostrando a previsão do tempo.

– Com este tempo?

– Eu sou das montanhas – diz ele, acenando enquanto nos dirigimos para o tapete rolante das bagagens, para recolher a nossa. – Aprendemos a conduzir antes de aprendermos o abecedário. Além disso, eles são sempre excessivamente cautelosos com este tipo de coisa. – Oferece-me um sorriso largo e indiferente. – Tenho a certeza de que não é tão mau como dizem.

A tempestade é, na verdade, pior.

– O que foi que disseste? – pergunto, enquanto o carro para ruidosamente numa estrada gelada de duas vias a uma hora de Columbus. Carros parados pontilham as ruas, motoristas muito mais espertos do que nós que já desistiram. – Aprendeste a conduzir com este tempo quando tinhas quantos anos?

Finn luta com o volante e dá-lhe gás. Sem sorte.

– Acho que... é perfeitamente possível que já não conduza com um tempo assim há algum tempo.

A neve bate no para-brisas. Isto foi obviamente uma má ideia e, mesmo que conseguíssemos pôr o carro a trabalhar, não sei se conseguiríamos regressar à cidade. O pânico do fim do prazo apodera-se de mim, forçando-me a apertar a bolsa. Tudo o que quero são as minhas mãos no teclado e talvez um aquecedor.

– Não podemos simplesmente ficar aqui – digo. – Vamos congelar até à morte.

Finn já está a verificar o seu telemóvel, praguejando quando não consegue obter sinal.

– Havia um sinal para alojamento a cerca de um quilómetro atrás.

Teoricamente, um quilómetro não parece uma caminhada muito longa. Um quilómetro na neve, quando não consegues sentir as tuas mãos e as rodas da mala da tua mãe escorregam no gelo: menos do que ideal. Finn faz o possível para ajudar, arrastando a minha mala e a dele enquanto agarro na sua mochila, prometendo que *estamos quase lá, quase lá*, enquanto bate os dentes.

Quando chegamos à pousada, um edifício charmoso e coberto de neve, cercado por carvalhos, quase todos os autocolantes da mala da minha mãe foram arrancados e estimo que estou a poucos minutos de sucumbir à hipotermia. estalagem casa de bonecas está escrito num letreiro à frente, em letras trabalhadas.

– Ora viva! – exclama a mulher atrás da receção, pequena e de meia-idade, com cabelo cinza e gola alta de tricô. – Está frio lá fora, não está?

– Pode dizer-se que sim. – Finn sacode a neve do casaco com a mão trémula enquanto eu me esforço para recuperar o fôlego. – Não temos reserva, mas por acaso tem um quarto disponível esta noite?

– Hum, vamos ver. Geralmente reservamos com bastante antecedência...

– Ela abre um genuíno livro de reservas e é então que percebo duas coisas.

Uma: não há computadores no *lobby*.

Duas: o lugar está *repleto* de bonecas.

Bonecas antigas nas prateleiras, bonecas em mesinhas a tomar chá imaginário, bonecas vestidas com camisolas de Natal e bonecas a carregarem bonecos mais pequenos. Cada uma delas a olhar diretamente para mim com

olhos vidrados e mortos.

Acho que o nome da pousada era literal.

– Parece que só nos resta um! É o Quarto Vitoriano... sorte a vossa. É o meu favorito.

– Nós aceitamos – digo, tentando evitar o olhar de uma boneca particularmente assombrada, enquanto ela nos passa uma chave antiga que parece mais provável que abra uma casa de campo do século xvii do que uma estalagem moderna. – Muito obrigada. Esta talvez seja uma pergunta disparatada, mas tem wi-fi?

Uma risada.

– Claro que temos! – diz ela. Sinto os meus ombros relaxarem. – Mas acabou de ir abaixo. Peço desculpa por isso. Amanhã virá alguém para resolver o problema..., se puderem vir.

Carregamos as nossas malas por um lance de escadas e eu engulo um suspiro quando abro a porta do nosso quarto. É lindo, com uma lareira a lenha de verdade e um luxuoso papel de parede de veludo. Há apenas uma boneca aqui, a usar um avental com xadrez azul e branco e um laço no cabelo. Falta-lhe um olho. Tomo a decisão prática de escondê-la numa gaveta e Finn levanta-me um polegar.

Em seguida, examino o resto do quarto, algo que provavelmente deveria ter feito imediatamente. Porque bem no meio há uma cama *queen-size* estofada de cor esmeralda.

Apenas uma.

– Oh – digo, deixando cair a minha mochila no chão. – Posso dormir no cadeirão, ou no chão, ou...

– Não sejas ridícula – responde Finn. – *Eu* durmo no cadeirão.

Vou até à cama, como se ela precisasse de ser inspecionada. Como se de perto, de alguma forma, fossem duas camas.

– Há muito espaço para ambos.

Isto não deveria parecer estranho. Fizemos sexo, mas não dormimos juntos, mas a ideia de dormir ao lado dele é estranhamente íntima – poder vê-lo no momento em que acorda, ainda sonolento, com o cabelo despenteado e os olhos semicerrados e se ele dorme com uma *T-shirt* ou apenas de *boxers* ou...

Afasto isso do pensamento por enquanto. Temos coisas maiores com que nos preocupar.

Desempacotamos algumas coisas e consigo configurar o meu telemóvel como *hotspot*.

– Eu sabia que gostavas de meias, mas quantos pares tens nessa mala? – questiona Finn.

– Não importa! – respondo com muita severidade, mas não por causa das meias. Os capítulos têm de ser concluídos. Troco as meias húmidas e sento-me com o meu portátil numa das duas poltronas ao lado da lareira, e a ansiedade a manter-me mais quente do que as chamas. Tento dizer a mim

mesma que vai ficar tudo bem. São apenas cinco horas, não temos mais nada para fazer e não há bonecas que possam, ou não, estar possuídas por espíritos malignos a observar-me.

Finn deve perceber que estou nervosa, porque, depois de vestir uma camisola que parece dolorosamente macia, ele ajoelha-se junto à minha poltrona e coloca a sua mão sobre a minha.

– Ei – diz ele, e eu retiro o que disse: a sua voz é a mais calorosa de todas. – Vai ficar tudo bem. Nós vamos conseguir.

Mas o meu corpo recusa-se a acreditar nele. Não é apenas o atraso do voo ou os capítulos – é tudo de uma vez. Os meus pulmões estão tensos, a garganta arranha, a boca está seca e os membros pesados...

Não. Não agora. Aqui não.

Tento acenar com a cabeça, mas isso também não parece funcionar. O pânico está profundamente enraizado nos meus músculos, a correr nas minhas veias e a prender-me no lugar.

– Chandler? – diz. Mal consigo ouvi-lo por causa das minhas inspirações difíceis e expirações apressadas. *Foda-se.* Não consigo controlar os sons que saem de mim.

Há muito tempo que isto não acontece, e a última coisa que quero é desabar à frente dele, com o nosso prazo tão próximo...

– Está... está tudo a correr mal – digo entre respirações guturais. A minha frase termina com um soluço e Finn pega no meu portátil antes que ele caia ao chão.

As suas sobranceiras juntam-se em preocupação enquanto ele, gentilmente, coloca o portátil no tapete ao lado dele.

– Eu sei que foi um dia estranho. Um dia difícil. Mas vamos resolver as coisas. Não tens de fazer isto sozinha, querida. Estou aqui.

Querida.

A imprevisibilidade dessa palavra apenas acelera a minha pulsação para um ritmo mais frenético. Ele nem parece perceber o que disse.

Sacudo vigorosamente a cabeça.

– Eu não quero estragar-te isto. É importante. E eu só... eu quero fazer-lhe justiça.

– Não estás a estragar nada. – A sua voz é firme, mas gentil, e agora ele acaricia os meus braços, num movimento calmante que me ajuda a ancorar no quarto. *Subo* e posso sentir a cadeira debaixo de mim. *Desço* e posso ouvir o tremeluzir da lareira. – Ouve-me. Não há ninguém em quem eu confie mais para lhe fazer justiça do que tu. Já te devo ter dito isto uma dúzia de vezes, por isso estou um pouco preocupado que te esteja a sobrecarregar.

Uma risada escapa.

– Há algo que eu possa fazer por ti agora? Qualquer coisa de que precisas?

As suas perguntas são muito sérias. Porque o que não tenho a certeza se posso dizer-lhe é que não é só agora, este prazo. São todas as coisas que ainda

não posso dizer, as perguntas que enfiar na mala ao lado das minhas calças de ganga favoritas e da escova de dentes elétrica. Estou a correr há tanto tempo que já não tenho a certeza de onde fica a linha da meta ou se ela sequer existe. E, às vezes, isso apavora-me.

Durante toda a minha vida, esforcei-me ao máximo, perseguindo algo que estava sempre fora do meu alcance.

– Só isto – digo, com a minha voz a sair um pouco áspera. Mas a minha respiração fica mais lenta e os meus ombros começam a relaxar.

O seu polegar roça os meus dedos antes de ele baixar as mãos, e eu olho para o espaço que ele tocou por mais tempo do que provavelmente deveria. À luz do fogo, o seu cabelo é do mais rico dourado, com fios grisalhos a ficarem prateados. Os belos ângulos do seu rosto estão meio envoltos em sombras. Ele nunca duvidou de mim, nem mesmo durante aquela primeira reunião com o seu agente.

– Okay. Eu... eu acho que estou bem. Vamos fazer isto. – Faço um movimento para pegar no meu portátil. – E... obrigada.

O olhar de Finn não deixa o meu por mais alguns segundos. Com o fogo a crepitar ao nosso lado e a tempestade forte lá fora, há algo quase... *romântico* neste momento, um adjetivo do qual me arrependo assim que me vem à mente.

Se fôssemos outras duas pessoas, seria muito fácil abandonar o meu portátil, subir para o colo dele e transformar isto numa fuga idílica de inverno.

Mas somos Chandler e Finn e estamos aqui para trabalhar.

É como se Finn pestanejasse ao mesmo tempo que eu. Forço os meus olhos a voltarem para o ecrã do meu portátil enquanto ele se senta na outra cadeira, aclarando a garganta e esticando as pernas.

Trabalhamos durante a noite o mais rápido que conseguimos, com Finn a ler as partes assim que termino o rascunho, oferecendo notas e correções.

Por volta das sete e meia, Maude, da receção, bate à porta com uma bandeja de comida.

– Jantar – diz ela, docemente. – Pensei que precisariam de uma refeição quente.

Agradecemos-lhe profusamente.

– Que tal isto? – pergunto, virando o portátil para ele, uma hora depois e com o estômago cheio de risoto de cogumelos. É uma parte sobre o primeiro dia de filmagens de *Dad in Training*. A série parece ter sido feita apenas para impor papéis de género, com enredos que giram em torno de questões como: como é que este pai de família vai tomar conta dos filhos durante um fim de semana inteiro enquanto a mulher está fora? Será que ele consegue fazer *brownies* para a venda de bolos da filha enquanto ajuda o filho no projeto da feira de ciências? Já para não falar do bebé... e todos sabemos que ele mal consegue mudar uma fralda! Ah! Ah! Ah!

Finn lê o que eu escrevi, sobre como ele estava tão nervoso que leu as indicações cénicas, não apenas as suas falas, e como o seu personagem, que

inicialmente deveria andar de *skate* dentro e fora do *set*, para grande aborrecimento dos seus pais na TV, não conseguia manter-se em pé, por isso eles mudaram para uma trotineta.

– Isto é perfeito. Consegues captar perfeitamente o que era a série sem insultar ninguém. Embora eu não tenha a certeza se me importaria... o Bob Gaffney era um idiota.

– Vi alguns episódios e fiquei francamente chocada, para ser sincera. Uma careta.

– Sim, se eu fosse mais inteligente, nunca teria feito aquilo. Mas uma parte de mim ansiava por aquela família nuclear que eu não tinha. E acho que isso levou a *The Nocturnals*, por isso... – Ele continua a ler, apontando para um parágrafo. – Não acho que usaria a palavra «ostentação», mas, fora isso, adoro. E soas exatamente como eu. – Os seus olhos saltam para os meus. – É um tanto injusto que não tenhas o teu nome no livro, depois de tudo isto.

Encolho os ombros, trocando a *ostentação* por *extravagância*, forçando-me a não me demorar no elogio.

– É o trabalho. É por isso que contrataste um *ghostwriter*.

– Eu sei – diz ele, suavemente. – Eu só queria... – Então ele para, abanando a cabeça, e enterro-me de volta no capítulo.

É quase uma da manhã quando a nossa amostra está polida a ponto de ambos nos sentirmos bem com ela. Também é nessa altura que o meu *hotspot* desiste.

– Temos de ter rede algures por aqui – digo, abanando o telemóvel.

Finn está do outro lado do quarto, a fazer o mesmo.

– Não estou a conseguir nada.

Subo para uma cadeira e depois para a mesa, seguro o telemóvel o mais alto que consigo, clico em enviar...

– Passou! – grito, com a mesa a ranger debaixo de mim.

Finn aproxima-se para batermos as mãos em comemoração. Só que eu perco o equilíbrio, tropeçando nos meus pés e caindo nos braços dele.

E acontece este momento em que ele está a abraçar-me, os nossos olhos estão presos e a sua expressão é calorosa, aberta, vitoriosa, e em que tenho quase a certeza de que é real. Juro que paro de respirar quando ele desliza os dedos no meu cabelo curto. Só recomeço a levantar-me para o inalar, aquele cheiro reconfortante e inebriante que há semanas me anda a remexer o cérebro.

Então, ele desliza-me pelo seu corpo, sólido e firme, tão lentamente que tenho de me perguntar se é deliberado, antes de me pousar gentilmente no chão, ajudando a alisar as minhas roupas.

Não é só o abraço. Gostei genuinamente desta colaboração, e entregar estes capítulos lembra-me de que, em algum momento, num futuro não muito distante, tudo isto acabará.

Embora a realidade seja que, às vezes, tenho a sensação de que poderia escrever uma trilogia inteira sobre Finn Walsh e ainda sobraria muito para

contar.

– Devíamos preparar-nos para dormir – digo rapidamente, pegando nas minhas coisas e correndo para a casa de banho. Ele já desempacotou cuidadosamente o seu *kit* de higiene, lâmina e creme de barbear para viagem ao lado do lavatório. Um frasco laranja de medicamentos está ali pousado sem vergonha, exatamente como deveria.

Trocamos para que ele possa fazer o mesmo, e depois ambos nos sentamos em lados opostos da cama. Na maioria das vezes, eu durmo com uma *T-shirt* grande demais, mas esta noite uso o meu único pijama, um conjunto listrado. Ele está de calções xadrezados e uma *T-shirt* branca fina, e parece-me que, embora o tenha visto sem roupa, nunca o vi tão casual. As roupas suavizam-no imediatamente, sobretudo quando noto um buraco na manga esquerda.

Dou por mim a querer aproximar-me ainda mais. Para lhe contar coisas que não partilho com ninguém há muito tempo. Ele já sabe muito sobre mim, mas sinto que nunca poderei estar realmente perto de alguém até que saiba sobre o meu aborto.

Não consigo pensar no que significa querer contar-lhe.

– Cansada? – pergunta, e a cama poderia muito bem ter uma cabeceira em formato de coração e pétalas de rosa espalhadas por ela. Se aquele abraço me impactou tanto, só estou levemente preocupada em como me sentirei com o seu corpo adormecido a poucos centímetros do meu.

Abano a cabeça.

– Deve ser da adrenalina.

Eu deveria estar exausta. A viagem tem sido um choque: num dia, estamos no meio de um deserto e, no outro, no meio de um nevão. Experienciámos as quatro estações do ano no espaço de um mês e meio.

– Estás bem? – pergunta Finn quando me apanha a mexer as mãos e os pulsos para a frente e para trás.

– Sim, eles ficam um pouco tensos depois de digitar por tanto tempo. Um pouco doloridos. – Flexiono os dedos.

– Vem cá – diz ele, dando uma palmadinha na cama ao lado dele, e aproximo-me. Ele estende as mãos e eu nem paro para pensar nisso antes de lhe entregar as minhas.

– Não acredito que estamos aqui – diz ele, começando a massajar uma mão com as duas. – Não apenas numa estalagem no meio de Ohio com bonecas que por certo ganharão vida a meio da noite, embora isso também, mas... juntos. – Ele estremece com isso. – Não *juntos*, tu sabes o que quero dizer. Acho que me habituei tanto a fazer estas coisas sozinho que me esqueci como era viajar com outra pessoa. Não é a pior coisa ter companhia.

– Não consigo imaginar fazer tudo isto sozinha.

Os meus olhos fecham-se. A forma como ele me toca, as pontas dos dedos a moverem-se em círculos, não é muito diferente da maneira como o ensinei a tocar-me.

E nós simplesmente... não vamos abordar a parte do *querida*?

– Sabes, és uma espécie de enigma – diz ele, passando para a minha outra mão. – Ou, pelo menos, eras no início. Estás mais perto de descobrir o que queres fazer com o resto da tua vida, Chandler Cohen?

– Eu gostaria de ir para o túmulo sem nunca ter aprendido o que é um NFT.

– E não gostaríamos todos?! – Finn bate nos nós dos meus dedos. – Estou a falar a sério.

– Com o resto da minha vida – repito. – Isso é muita pressão. Será que alguém pode realmente dizer, de forma definitiva, o que quer fazer para o resto da sua vida aos vinte ou trinta anos? – Ele avança para os meus pulsos, com os polegares a mergulhar na minha pele. – Eu gosto disto. Trabalhar no livro contigo, sentir que estamos realmente a colaborar. É diferente dos outros.

Um sorriso.

– Estás a dizer que sou o teu favorito?

– Só se prometeres não ficar com um complexo por causa disso. – Mudo o meu peso debaixo de mim, em parte à espera que esta massagem termine logo, ao mesmo tempo que desejo que ela nunca pare. – Mesmo quando eu gostava do trabalho, não era gratificante, não da maneira que pensei que seria quando comecei no jornalismo. Mesmo quando estava no *The Catch*, não sei se me sentia realizada todos os dias. Se calhar, construí isso na minha cabeça porque o despedimento me afundou a saúde mental, mas em termos criativos, profissionais, preencher o espaço vazio... não queria escrever artigos para o resto da minha vida. Quero amar o que estou a fazer com todo o meu coração. Ou será que isso é apenas uma mentira que a sociedade vendeu aos *millennials* quando éramos jovens, e nenhum de nós ama realmente o seu trabalho?

– Alguns de nós sim – diz ele. – Mas entendo o que estás a dizer. Isso lembra-me aqueles cartazes que todos os professores tinham nas salas de aula. *Aponta para a Lua...*

– ... e mesmo que erres, aterrorarás entre as estrelas – termino por ele. Essa parvoíce resume a experiência dos *millennials*. Porque a questão é que algumas estrelas estão estupidamente longe da Lua. E talvez não queiras uma daquelas estrelas distantes. Talvez nunca tenhas desejado a Lua, nem saibas se queres ir para o espaço, mas tens de tomar uma decisão. E é melhor que seja algo que possas imaginar-te a fazer *pelo resto da tua vida*.

Simplesmente não há espaço para incertezas, o lugar onde pareço morar atualmente.

– Antes desta viagem, sentia-me completamente presa – continuo. – Disseram que poderíamos ter tudo, mas isso não é verdade. Poderíamos fazer algo criativo, mas também algo estável. Algo gratificante, mas que não te transforma num viciado no trabalho. Algo bom para o planeta, mas que também dá dinheiro. Cresci com todos a dizerem-me quanto eu era especial, o

que foi ampliado por ter nascido a vinte e nove de fevereiro. Sempre foi: «Tu vais fazer algo fantástico!» e «Tu podes fazer o que quiseres!», e nunca «Não faz mal se não descobrires isso imediatamente.». Mas começo a perguntar-me se nada disso é verdade.

– Talvez ser um *ghostwriter* não seja muito diferente de atuar. – Finn deixa cair as minhas mãos, e talvez pior do que a massagem seja o modo como o seu rosto está a centímetros do meu, com os seus olhos sinceros. – Estás a assumir a voz e a identidade de alguém por algum tempo, prometendo cuidar bem dele. – Ele esfrega a nuca. – Eu também me sinto assim – diz ele. – Encurralado. Às vezes, pelo meu cérebro, quando desejo poder parar os pensamentos obsessivos, mas estou demasiado envolvido numa espiral. Ou quando penso na perceção geral de o TOC estar ligada à limpeza, o que é verdade para algumas pessoas, mas não para todas. E depois começo a preocupar-me por cair nesse estereótipo, mesmo que não se trate de que as coisas estejam limpas e organizadas para mim. É que, se esta comida estiver estragada, vai envenenar-me a mim ou a alguém que amo. Tenho síndrome do impostor por causa do meu TOC. Não é ridículo?

– Não – digo. – Tenho síndrome do impostor em quase todas as facetas da minha identidade.

– Os nossos cérebros são órgãos bem cruéis.

Ficamos em silêncio por alguns momentos enquanto rajadas de neve pintam o céu noturno e o fogo lentamente se transforma em cinzas. O nosso relacionamento tem sido uma jornada estranha, as peças físicas e emocionais a unirem-se em momentos diferentes. Há muito tempo que não fico tão vulnerável com alguém e isso é libertador. Confortável. Seguro.

– Há algo que eu queria contar-te – começo. – Sobre o meu passado. Se não houver problema?

A testa de Finn franze.

– Claro. Podes contar-me qualquer coisa.

Certo. Eu já sabia disso, de verdade, mas ouvi-lo torna as palavras ainda mais fáceis. Se quiser ser verdadeiramente franca com ele, não posso voltar atrás... e talvez não queira.

Talvez eu sempre tenha sido capaz de confiar nele assim.

– Eu fiz um aborto – digo. Sem desviar o olhar. Não evitando o contacto visual. – No meu segundo ano de faculdade.

Finn acena a cabeça lentamente, deixando-me decidir quanto quero partilhar.

– Estava a sair com um rapaz há alguns meses. O David. Nem sempre fui a melhor a tomar a pílula, e presumimos que, como usávamos preservativos, estávamos seguros. Mas falhei uma menstruação e comecei a sentir náuseas constantes, por isso fiz um teste. E deu positivo. – David era um querido; ficava igualmente feliz por ir a uma festa fora do campus ou por ver um filme no sofá gasto da casa que partilhava com outros oito colegas. Conhecemo-nos sentados um ao lado do outro numa aula de Física que ambos

frequentávamos para obter créditos em Ciências. – Ele disse-me que a decisão era minha, que apoiaria tudo o que eu quisesse fazer. Conseguia ver toda a minha carreira à minha frente, ou pelo menos a minha visão do que eu queria que fosse e, quando vi aquelas duas linhas no bastão do teste, simplesmente... tudo mudou por completo.

– Eu não tinha dinheiro para criar um filho – continuo, passando a ponta do dedo pelo edredão floral. – Eu não *queria* criar um filho, não quando tinha tantos outros planos para o meu futuro. Então acho que soube, no momento em que pensei que poderia estar grávida, o que iria fazer. Não é um segredo profundo e obscuro, mas queria contar-te porque faz parte de mim. Parte da minha história.

Finn leva mais alguns momentos para se recompor, como sempre faz quando não tem a certeza do que dizer. Ele olha para mim com uma intensidade cuidadosa, que deixa todas as células ansiosas do meu corpo à vontade.

– Fico feliz que possas ter feito essa escolha. E não te estou a julgar. De maneira nenhuma – diz ele, com a voz sempre firme. – Nunca ninguém me disse isso antes. Talvez pudesses dizer-me se estou a estragar esta reação?

– Não – digo. O alívio é instantâneo. – Não estás.

– Podes dizer-me o que quiseses sobre isso. Ou nada. Tudo o que te sentires confortável em dizer.

Quando penso naquele dia, o que mais me lembro é a forma como a minha mãe segurou a minha mão na sala de espera, dizendo-me que estava lá para tudo que eu precisasse. Quão rápido e relativamente indolor foi o procedimento em si, um pouco de desconforto e algumas cólicas depois. Nunca soube bem se queria ter filhos um dia... foi sempre algo que pensei que iria descobrir quando fosse mais velha. E talvez queira, um dia, mas ainda não tenho a certeza. Só soube que não queria ter filhos quando tinha dezanove anos.

Acontece que não há nada sobre isso que me sinta desconfortável em contar-lhe.

– Tive sorte porque no estado de Washington não foi muito difícil encontrar uma clínica, e eu estava com dez semanas, ainda no primeiro trimestre. Havia manifestantes do lado de fora, apenas alguns, mas, quando entrei, todos foram muito gentis. A minha mãe foi comigo e foi só... um procedimento médico. Foi apenas uma coisa que aconteceu e foi a escolha certa para mim – digo. – Eu sei que foi muito mais fácil para mim do que para muitas pessoas... por causa de quão cedo era, como os meus pais me apoiaram, porque eu tinha dinheiro para isso. E sou grata por tudo isso. – Respiro fundo, no que parece ser a minha sétima respiração profunda nos últimos minutos. – Não me arrependo do meu aborto. Nem sequer penso nisso muitas vezes, para ser sincera.

A expressão no seu rosto – não consigo descrevê-la de outra forma senão como genuinamente afetado.

– Obrigado – diz ele, com voz sólida e verdadeira. – Por me contares. Por confiares em mim.

– Se alguém vai fazer parte da minha vida, preciso que saiba isto sobre mim. E eu preciso que aceite isso. Caso contrário... não seremos próximos, acho, ou não estaremos na vida um do outro por muito tempo.

Tarde demais, percebo que indiquei alguma proximidade entre nós que vai além desta viagem, além deste livro. Mas Finn nem sequer recua.

– Eu gostaria de estar na tua vida por um tempo – diz ele. – Se me deixares.

Ele levanta um braço, olhando para mim, com os olhos a fazerem uma pergunta silenciosa. Quando aceno, ele coloca-o sobre os meus ombros. Esfrega as minhas costas. Deixo cair o meu queixo no seu ombro, deixando-me exalar junto a ele.

É demasiado agradável, ser abraçada assim.

Tento não pensar se esta gentileza tem prazo de validade, se ainda conversaremos quando ele voltar para Hollywood e eu regressar para Seattle. Se a extensão da nossa amizade naquele momento for eu a vê-lo no ecrã da televisão, e ele a não responder às minhas mensagens porque está cercado de pessoas mais interessantes.

– Jesus, são quase três da manhã – digo, quando reparo no relógio na mesa de cabeceira. – Devíamos dormir um pouco.

Ele parece ligeiramente abalado pela maneira como me afasto de repente, mas não discute.

– Só não me toques com as tuas meias estranhas.

Claro, não posso resistir a fazer exatamente isso.

– Pelo menos estarei quentinha.

capítulo

20

algures na região centro-sul de ohio

Acordo com o cheiro de xarope de ácer.

– Espero que não te importes que eu tenha feito um prato para ti – diz Finn do outro lado do quarto. – Acordei cedo, mas as coisas estavam a desaparecer rápido. Não queria que as perdesse.

– Oh, obrigada. – Passo a palma da mão pelo rosto, afastando o resto do sono. É a primeira vez que ele me vê pela manhã, e tenho de lutar contra a vontade de correr para a casa de banho para ficar apresentável, passando a mão pelo cabelo e esfregando os dentes com o dedo indicador.

O prato acima mencionado espera por mim na mesa em frente à lareira, e *prato* é um termo muito suave. Um banquete de *brunch* épico, repleto de panquecas e *waffles*, batatas, ovos mexidos, *bacon* estaladiço e pelo menos cinco tipos de queijo.

– Eu também não tinha a certeza do que poderias querer, por isso trouxe um pouco de tudo.

– Está perfeito. – O meu estômago a roncar responde na mesma moeda.

– Eles realmente não economizam na parte do «pequeno-almoço», hã?

A tempestade não passou e, depois do pequeno-almoço, quando chamamos um reboque para ir buscar o carro alugado, somos informados de que provavelmente só conseguirão desenterrá-lo amanhã. Sempre adorei a neve e não a temos em quantidade suficiente em Seattle, e agora que já não estamos presos a conduzir por ela, aproveito a oportunidade para dar um passeio. O Finn tem uma consulta de terapia virtual e alguns e-mails para pôr em dia e promete encontrar-se comigo mais tarde.

Provavelmente é melhor assim. Isto dar-me-á a possibilidade de clarear a cabeça, desenredar alguns desses sentimentos. Porque mesmo que Finn e eu

não estejamos juntos vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, não me sinto realmente sozinha há algum tempo. Se não estivermos na mesma divisão, geralmente estou a trabalhar no livro dele. Esteja ele ao meu lado ou não, está sempre na minha cabeça.

Essa deve ser a explicação para este estranho apego que estou a sentir por ele. Simplesmente não falo com outro tipo solteiro há semanas.

Quando ele não se junta a mim e não envia nenhuma mensagem, volto para trás, pego em duas canecas de chocolate quente no átrio antes de subir para o nosso quarto. Bato uma vez, só para ter a certeza de que ele sabe que estou a entrar.

E nada no mundo poderia preparar-me para o que vejo a seguir.

Finn está sentado numa das poltronas, a sorrir para a câmara do portátil e a fazer um sinal de paz.

– Então, Mason, sou o Finn Walsh, e só queria dizer que vais *arrasar* no teu exame de Espanhol na próxima semana, tal como o Caleb, a Meg, a Alice e eu arrasámos aquela horda de *banshees* que...

– O que estás a fazer?

Nunca vi um homem adulto parecer tão assustado. Ele salta literalmente meio metro antes de espalmar o portátil com mais força do que a necessária.

– Oh, Deus – diz ele, enterrando a cabeça nas mãos. – Não era suposto veres isto.

Os meus olhos passam entre ele e o portátil fechado. Tentando conter uma gargalhada, pergunto:

– Estás a filmar um Cameo^[10]?

Finn assente miseravelmente.

– É embaraçoso. Não recebo muitos pedidos, mas tento fazer um trabalho decente com os que chegam.

– Tenho a certeza que são ótimos.

– Estás a esforçar-te muito para não rir, não estás?

– Profundamente!

Quando ele abre o portátil novamente, percebo que está a usar calças de fato de treino cinzentas. Não sei o que elas têm, mas podem levar, instantaneamente, um tipo de um seis para um dez e Finn já estava muito além do seis.

– Vem para a neve comigo – digo. – Podemos pelo menos tirar algumas fotos giras tuas, a carregar lenha, para o teu Instagram *bombar*.

Vestimos os casacos mais quentes que trouxemos, com o cabelo ruivo de Finn a aparecer por baixo de um gorro de lã.

– Esta é neve de *verdade*. – Há uma certa admiração na minha voz enquanto caminhamos por ela. A estalagem está cercada por uma floresta, com neve ainda praticamente intocada. É lindo demais para me importar com o frio.

– Ao contrário de...?

– Não temos isto no Noroeste – explico. – Um ano fui para Whistler com

um ex e passei imenso tempo a planear os *looks* de inverno perfeitos. Depois, chegámos lá e... nada. Estava, tipo, uma mínima de 10 °C. Fiquei devastada.

– Um ex. – Finn parece intrigado. – Conta-me mais sobre o historial de namoro de Chandler Cohen.

– Como sabes, define-se sobretudo pela espera. – Abraço o meu casaco com mais força. – Tive o meu primeiro namorado no secundário; terminámos porque íamos para faculdades diferentes. Depois, na faculdade, houve o David, que te mencionei ontem à noite. Um tipo com quem namorei no último ano e depois da licenciatura, mas o desemprego imediato foi um choque muito grande para durarmos – digo. – Alguns outros, mas não há ninguém sério há alguns anos. – Porque coloquei a minha carreira em primeiro lugar. Porque achei que tudo se encaixaria com Wyatt. – Eu sei que namoraste com a Hallie durante algum tempo, mas não sei muito sobre os teus outros relacionamentos, além de... o que não acontecia no quarto e que todos foram com pessoas de Hollywood. Todas atrizes? – Claro que não estou a perguntar sobre isso porque estou a pensar se ele vai dizer de repente: *Sabes que mais? Está na altura de mudar... estou farto dos namoros de Hollywood. Muito obrigado por me fazeres perceber isso, Chandler!*

É claro, ele não faz isso.

– Maioritariamente. Namorei uma figurinista em *Just My Type*, mas ficámos juntos apenas por alguns meses. A Hallie foi a mais séria. E terminámos... há seis anos? Céus, sinto-me velho.

– O que aconteceu? – pergunto. – Porque é que acabou?

Ele esfrega o queixo.

– Acho que simplesmente nos distanciámos, embora talvez o sexo tenha feito parte disso. Ambos tivemos períodos em que tínhamos dificuldade em arranjar trabalho, e eu ainda estava há pouco tempo na terapia, por isso era muita coisa de uma vez.

– Mas ela está naquela série de médicos agora.

– *Boise Med.* E está incrível no papel – diz ele. – Falei a sério, nós ainda somos muito bons amigos. E funcionamos muito melhor assim. É difícil encontrar pessoas que entendam exatamente o que passámos na série e, mesmo que eu veja os outros de vez em quando, nunca fomos tão próximos.

Concordo com a cabeça, porque mesmo que não consiga identificar-me, compreendo.

– Por favor, não me leves a mal, porque estou a falar a sério. É lamentável que estejas solteira. Um dia destes, o Wyatt vai perceber o seu erro e não será capaz de se perdoar.

Não consigo evitar, solto uma risada.

– Acho que estou bem. Ultimamente, tenho estado muito ocupada num relacionamento físico casual com um dos príncipes da *comic con*.

Ele para de andar, com a boca a curvar-se para cima.

– Ai tens?

A culpa é do canto de sereia das calças de fato de treino cinzentas, mas

aproximo-me, alcançando a franja do seu cachecol.

Tenho a certeza de que ele vai beijar-me, mas, em vez disso, diz:

– Li os teus livros.

Eu recuo; esta revelação é um choque para o meu sistema.

– Eu queria ter-te contado mais cedo – continua ele –, mas achei que seria muito stressante se soubesses que eu os estava a ler durante o voo.

– Queres dizer que leste os livros da Maddy e da Amber?

– Claro – responde –, os nomes delas estão nas capas, é certo. Talvez seja porque estava à tua procura, mas consegui ouvir-te, mesmo nas vozes delas.

Abro a boca para argumentar, mas não sei nada. O facto de eu estar tão visível naqueles livros, o suficiente para que esta pessoa que me conhece há apenas sete semanas me veja lá...

– Então, fiz mal o meu trabalho – digo simplesmente.

Ele aproxima-se, não parecendo importar-se com o facto de os seus ténis estarem molhados.

– Não vejo dessa forma. Talvez estivesses a tentar esconder-te nas histórias delas, mas ainda estavas *lá*. Isso mostra quão talentosa és. A tua escrita é vibrante; não consegues livrar-te completamente dela, mesmo que tentes. – Engulo em seco, sem saber como processar tudo isto. – Sei que seria um risco e sei que não seria fácil. Mas poderias escrever por ti, se quisesse. O que disseste naquela noite em que quase não sobrevivi a uma doença debilitante... – Isto rendeu-lhe um soco nas costelas. – Sobre não gostares de escrever há algum tempo... isso deixou-me muito triste. Porque mesmo nesses livros que escreveste apenas por um salário, consegui sentir quanto adoraste.

– Lembras-te disso? – pergunto, questionando-me sobre quanto ele se lembra. Apenas a conversa franca sobre a minha escrita ou também a confissão da paixoneta.

Quando ele cora, isso acende algo dentro de mim que passei tanto tempo a tentar ignorar.

– De tudo.

Tudo o que ele está a dizer, os elogios e o subtexto, é muito opressor. O meu casaco está muito apertado e o vento é muito violento, e as minhas meias estão encharcadas. Todo este momento é uma sinfonia demasiado forte. Se eu me permitir pensar que posso ter sucesso como escritora, sozinha, isso significa abrir-me à possibilidade do fracasso. Significa deixar para trás a segurança de nomes que significam muito mais do que o meu.

Então, aninho-me, apanho um pouco de neve e atiro-lhe uma bola, porque é mais fácil do que pensar.

Ele leva a mão ao peito onde está salpicado de branco.

– Oh, agora estás metida em problemas – diz ele, tentando fazer uma bola enquanto eu corro para a floresta nevada.

Por fim, quando já não conseguimos sentir os dedos das mãos ou dos pés, trememos no caminho de volta para a estalagem. As nossas roupas estão encharcadas da guerra de bolas de neve, por isso, tiramo-las e colocamo-las a secar perto da lareira enquanto arrastamos almofadas e cobertores para o chão, perto das chamas.

– Mais Cameos para filmar? – pergunto, brincando com a ponta de um cobertor.

Ele lança-me um olhar malicioso.

– Não. Estou completamente livre o resto do dia. – Depois, ele baixa a voz, embora sejamos as únicas pessoas no quarto. – Não consigo parar de pensar no que aconteceu em Reno. Fora do bar. Quase me matou, o quão silenciosa tiveste de ser.

A memória arranca um gemido da minha garganta. Preciso dele em cima de mim, o seu peso a pressionar-me de volta no tapete. Ainda há dois tópicos principais que não abordámos no plano de aula, e tenho a certeza de que, se não colocar a boca dele entre as minhas pernas esta noite, posso morrer. Tenho de lembrar-me de que isto é apenas físico.

– A próxima lição – digo, com uma respiração ofegante e a minha boca a poucos centímetros da dele. – Lembras-te...

Os seus olhos escurecem.

– Como se eu não tivesse memorizado tudo na noite em que me enviaste. Sim, lembro. – Ele roça os meus lábios com os dele. – Pensei que te tinha dito quanto queria lambe-te.

Fecho os olhos com força, os meus músculos já estão tensos. À espera. Com *desejo*. Nas últimas vezes em que estivemos juntos, fui a única que se veio. Quero ouvi-lo desmoronar e saber que fui eu quem o descoseu. De repente, desejo isso.

Beijamo-nos em cima do cobertor, em frente à lareira, e desta vez não há como ir devagar. Deslizo de debaixo dele para poder ficar por cima, esfregando a sua ereção com a palma da mão, depois desço pelo seu corpo para poder beijá-lo através dos seus *boxers*. Ele põe a mão no meu cabelo e pragueja baixinho. Adoro-o assim: completamente entregue ao seu próprio prazer. Sem vergonha. Não me canso de vê-lo assim.

Mas, quando pego no cós dos *boxers*, ele abana a cabeça.

– Tu primeiro – diz ele, e como não sei como argumentar contra isso, colo as omoplatas ao cobertor.

– Diz-me o que disste em Reno. – Porque não havia romance ali, apenas pura urgência física.

Ele solta um suspiro quando se inclina sobre mim e enfia a mão dentro das minhas cuecas.

– Sobre quão molhada eu queria deixar-te? – Um riso divertido. – Acho

que já estás lá.

Praticamente rasgo as minhas cuecas na pressa de tirá-las das pernas.

– Mais.

Um murmúrio contra a minha boca quando ele me separa com os dedos.

– Quero que faças barulho – diz ele, sincronizando as suas palavras com os seus golpes. Ele desenha um círculo. Um quadrado. Uma forma que os matemáticos ainda não descobriram. – Quero sentir o teu corpo tremer, até que não consigas mais segurá-lo, e depois quero que gozes na minha língua.

Estou ofegante agora, a segurar os seus ombros. O seu dedo não é suficiente. Eu preciso de mais.

Ele baixa a cabeça até ao meu peito, beijando-me o ventre, as coxas. Os lábios. Então, quando estou a contorcer-me e a tremer, e mais do que pronta para ele, dá-me uma lambida longa e lenta. Solto um gemido com o contacto, com a sensação quente e escorregadia da sua boca em mim.

– Céus, sabes tão bem. – Ele continua a provocar, alternando golpes rápidos com outros mais longos e torturantes. Só quando estou desesperada é que finalmente leva a língua ao meu clitóris, aprendendo rapidamente que os pequenos movimentos mais suaves são suficientes para me deixar louca.

– Finn – murmuro enquanto ele entra num ritmo constante. – *Finn*.

Ele faz uma pausa por um momento. Olha para mim.

– O que foi? – pergunto.

– Acho que é a primeira vez que dizes o meu nome. Quando estamos assim.

Ele tem razão; sempre evitei. Agora digo-o outra vez, o que o faz suspirar e pressionar a boca contra mim com mais força.

Por um momento, quase consigo esquecer que ele é Finnegan Walsh e eu sou a pessoa anónima que está a escrever o seu livro. Por um momento, somos apenas duas pessoas com uma atração desesperada a aquecerem-se num dia de neve.

Exceto, claro, que isto não é real. Ele não está a fazer nenhuma destas coisas porque está perdidamente apaixonado por mim – ele está a tentar aprender.

Para que possa eventualmente agradar a alguém que não eu.

A minha mão para no seu cabelo.

– Espera. – Ele para imediatamente, olhando para mim. – Desculpa, eu... eu preciso de fazer chichi.

Levanto-me do chão, desembaraçando-me dos cobertores, vestindo uma *T-shirt* – não paro para verificar se é a dele ou a minha – a caminho da casa de banho.

Claro que é a dele. É claro que me fica como a *T-shirt* de um namorado deveria ficar, folgada, *sexy* e perfeita.

Controla-te, digo ao meu reflexo depois de me trancar lá dentro. O meu rosto está vermelho, o meu cabelo desganhado. *Não sentes nada por ele*.

Dois meses e já parece que estou mais próxima do que alguma vez estive

com Wyatt. Não faz sentido. Os meus sentimentos por Wyatt cresceram ao longo de dez anos de amizade, aulas e festas e noites a conversar sobre o nosso futuro. Cuidei daquela paixoneta como se fosse uma succulenta exigente, dando-lhe todo o sol de que precisava para se tornar uma espécie totalmente invasora.

Com Finn, o que sinto é algo feroz e estranho.

E isso é tremendamente assustador.

Obrigo-me a pensar em quando ele ficou doente e ficou soterrado nos lençóis com uma pirâmide de lenços de papel. Nada sobre isso devia ser atraente, e ainda assim...

Provavelmente, muito em breve, ele será incrível na cama. Com a próxima mulher, e a seguinte.

Não tens de fazer isto sozinha, querida.

Sim, eu penso. Sim, tenho.

Uma última vista de olhos no meu rosto no espelho, apagando qualquer evidência de que estava a ter uma crise, e depois posso sair.

Finn está sentado numa das poltronas, com os botões da camisa desabotoados e o cabelo despenteado. Quando me vê, a sua expressão muda instantaneamente.

– Ei – diz ele, tocando no meu braço. – Estás bem?

Concordo com a cabeça, sem saber por que razão, de repente, parece que estou prestes a chorar.

– É algo sobre o qual queres conversar?

– A minha mente está noutro lugar, acho. Desculpa.

– Não tens nada por que te desculpar. – A preocupação no seu rosto é quase demais, considerando o que a sua boca estava a fazer comigo há dez minutos. – O nosso relacionamento é mais do que estas lições. Achei que isso já era óbvio.

Eu quero acreditar em ti, acho. Exceto que, quando esta *tournee* terminar, quando eu voltar para Seattle e acabar o livro, que relacionamento restará?

Digo-lhe que vou dormir cedo. Dessa forma, não preciso de deslizar para debaixo dos cobertores ao lado dele, ver o seu cabelo espalhado pela almofada, ouvir a sua respiração suave e constante enquanto adormecemos.

Porque, então, eu teria de pensar em como quero desesperadamente acordar na mesma cama, de verdade.

^[10] Serviço pelo qual celebridades são pagas para gravar vídeos personalizados para os fãs. (N. T.)

SESSÃO DE FOTOS PARA A CAPA DA *ENTERTAINMENT WEEKLY*

VÍDEO DOS BASTIDORES

Finn Walsh: Eles deviam estar... não tem mal eles estarem...

fora de câmara: Não, não, deixa-os correr por aí. Estaremos sempre a filmar.

Finn Walsh, para os cães: Oláááá. És perfeito, não és? Sim, és. Oh! E tu também és perfeito.

fora de câmara: Se pudesses pegar num dos cães e sorrir para nós, seria ótimo. Isso é ótimo. Continua a fazer o que estás a fazer.

Finn Walsh: Olá. Olá. Adoro-te. Ahhhh, estás a morder os meus sapatos, mas tudo bem. Podes morder o que quiseres. Porque eu adoro-te.

fora de câmara: Alguém tem um saco para cocó?

Finn Walsh: Olha como és pequeno. Como consegues ser tão pequeno?

Finn tenta segurar o máximo possível de cachorrinhos nos braços.

Finn Walsh: Posso levar todos para casa comigo?

capítulo

21

nova iorque

Quando chegarmos à Big Apple Con, em meados de novembro, uma semana depois de ficarmos presos em Ohio, é impossível não notar o entusiasmo pelo reencontro dos *Nocturnals*. Quase todos os dias, Finn dá uma entrevista, conversa com um produtor ou publica material promocional nas redes sociais. *The Nocturnals*: o Reencontro, grita um enorme *outdoor* no meio da Times Square, com uma foto antiga do elenco a transformar-se numa que eles tiraram quando Finn foi a Los Angeles no mês passado. Ele foi parado por nada menos do que meia dúzia de pessoas no nosso trajeto para o Javits Center, posando bem-humorado para fotos, jurando que não poderia contar-lhes nenhum segredo sobre o reencontro e que eles teriam de ver por si mesmos. Depois, ele entrou no modo anônimo e colocou um par de óculos escuros.

Os ensaios começam na próxima semana em Los Angeles, coincidindo com o Dia de Ação de Graças, o que me dá a oportunidade de voar para casa para ver a minha família antes de voltar para Los Angeles no início de dezembro. Reencontro, conclusão do livro de Finn e regresso à vida normal. É assim que serão os próximos meses e, apesar de sentir falta da minha família (Noemie enviou uma foto dela a preparar o jantar com os meus pais ontem à noite), ainda não consigo aceitar que esta viagem está a chegar ao fim. Que não tenho na agenda mais nenhuma *comic con* depois desta.

Uma coisa excelente sobre Nova Iorque é que ela é tão instantaneamente opressora, tão apertada e lotada que é fácil desaparecer. Uma vez estive aqui para uma conferência de jornalismo da faculdade, mas mal devo ter visto apenas uma pequena parte da cidade, porque tudo parece novo em folha. Nova Iorque significa que não preciso de pensar em Ohio. Significa que posso

colocar alguma distância entre mim e Finn para manter o meu coração no caminho certo.

Mas também significa que não estou pronta para lhe contar o que fiz no avião. Quando finalmente conseguimos voltar para Columbus e apanhar um voo para Pittsburgh, bem a tempo de Finn fazer o seu último painel na *comic con*, fiz algo que não fazia desde antes de deixar Seattle: abri o meu antigo manuscrito de romance policial. Só por alguns minutos. Só para ler alguns detalhes do cenário, tendo em conta que agora já estive na Flórida – por uma razão que já não consigo recordar, tinha decidido que se passaria numa pequena cidade de praia no extremo sul do estado – e que poderia fazer com que parecesse um pouco mais autêntico.

No livro, uma cliente morre no dia da inauguração da papelaria do meu personagem principal – coincidentemente chamada A Caneta Envenenada, uma escolha da qual ela se arrepende quando está implicada no crime. Mas algo ainda não parecia bem e os pormenores do cenário não pareciam resolver o problema.

Depois, mudei para o livro de memórias e comecei a trabalhar num capítulo sobre a busca de Finn por um terapeuta e como ele adora a terapia mais do que jamais imaginou ser possível.

A Big Apple Con também é quando encontro Hallie Hendricks pela primeira vez. Fiquei preocupada que isso pudesse ser estranho, em parte porque passei a maior parte do meu tempo livre a vê-la apaixonar-se por Oliver Huxley há uma década, e porque ando a dormir com o ex dela – embora, claro, ela não saiba disso, mas ela oferece-me um sorriso genuíno quando Finn nos apresenta numa das *green rooms* da *comic con*.

– É tão fantástico finalmente conhecer-te! – diz ela, estendendo a mão para a apertar e depois retirando-a, puxando-me para um abraço. – O Finn falou-me muito de ti.

– Falou? – Olho para ele. Finn encolhe os ombros, envergonhado.

– Só coisas boas. Mal posso *esperar* por ler o livro.

Hallie é ainda mais cativante pessoalmente, tendo trocado o seu longo cabelo de Meg Lawson por um corte curto que emoldura perfeitamente o seu rosto. Ela usa óculos ovais de aros finos sobre impressionantes olhos azuis, um macacão estampado e uma bolsa *Chanel* de cetim. O dinheiro de *Boise Med* deve ser muito bom, porque tudo nela brilha, desde o cabelo até às fivelas das botas de salto alto.

– Tenho a certeza de que já ouviste isto mil vezes – digo-lhe –, mas estou a ver *The Nocturnals* há... bem, pela primeira vez, e realmente adoro. Na verdade, és o meu personagem favorito.

Tenho a certeza de que Hallie vai ignorar isso, um elogio a algo que ela fez há dez anos.

– Obrigada. A Meg também sempre foi a minha favorita. Não importa quantos guiões eu leia, nunca consigo tirá-la completamente da cabeça.

– Posso imaginar – digo, gostando dela instantaneamente. – É como

dizem que a música que ouvimos quando somos adolescentes continua a mexer mais connosco, mesmo quando adultos, porque a ouvimos quando os nossos cérebros ainda estavam em desenvolvimento, ou algo assim.

– Ah, é por isso que ainda fico emocionada com a Avril Lavigne?

Sorrio-lhe em resposta.

– Não julgo.

Finn parece satisfeito por estarmos a dar-nos bem. Não consigo deixar de imaginar os dois juntos; o relacionamento que terminou há seis anos.

Seis anos e nada sério desde então.

Achei que os painéis poderiam parecer repetitivos, mas Finn está completamente no seu elemento aqui com o resto do elenco, e é impossível não admirar a forma como ele interage com os fãs, todos a partilhar esse amor puro por uma série pela qual começo também a apaixonar-me. Agora, consigo entender por que motivo não desistiu de tudo isto, porque o seu primeiro instinto foi resistir mesmo quando estava doente. Ele trata cada fã como se fosse a primeira pessoa a fazer determinada pergunta ou a elogiá-lo. Ele faz cada pessoa sentir-se especial e isso é um talento incrível. Ele fá-las acreditar que se preocupa com cada um delas – porque acho que realmente se preocupa.

Algures entre Tennessee e Ohio, também comecei a ver o apelo de Finnegan Walsh.

* * *

Depois de uma sessão fotográfica com Hallie e antes de nos encontrarmos com o restante elenco para jantar, Finn faz um desvio por algumas ruas secundárias.

– Onde vamos?

– Vais ver – responde, guiando-me por um labirinto de lojas e restaurantes modestos. Quando, finalmente, para em frente a uma loja de malas, lanço-lhe um olhar interrogativo.

– Eu perguntei por aí – diz ele –, e descobri que é costume dar um presente ao nosso *ghostwriter* quando se termina o trabalho juntos. Na verdade, é bastante inegociável. Está escrito no nosso contrato em letras minúsculas.

Ergo as minhas sobrancelhas, reprimindo um sorriso.

– Sei que ainda não acabámos, e teria adorado fazer-te uma surpresa, mas acho que é muito importante que sejas tu a escolher. – Ele abre a porta, gesticulando para todas as pilhas e mais pilhas de malas e malas lá dentro. – Já viajaste mais nos últimos meses do que jamais imaginaste. Por isso... escolhe uma mala. Considera isto um investimento no teu futuro e em todas as viagens que ainda não fizeste.

Por alguns momentos, apenas fico a olhar para ele, impotente, incapaz de compreender a generosidade de tal gesto.

– Eu não poderia. É muito caro.

– Eu disse-te, está no contrato. Parágrafo 12, cláusula B, subsecção 7C. É por isso que se deve ler sempre as letras miudinhas. – Ele bate na minha anca com a dele. – Tenho a sensação de que não queres continuar a pedir emprestada a mala dos teus pais pelo resto da vida.

Ele não está errado. A mala da minha mãe, com os seus resíduos de cola e autocolantes imundos que agora declaram sem entusiasmo tra na ond, não vai durar muito mais tempo. E algumas destas são realmente lindas. Já estou a gravitar em direção a uma lilás elegante.

– Então acho que já não tenho desculpas.

* * *

O restaurante é moderno, pouco iluminado e totalmente fora da minha margem. Tapas sofisticadas, o tipo de lugar onde se paga dezoito dólares por prato para partilhar cenouras assadas com molho balsâmico e algumas fatias de pão artesanal e sair com fome. E talvez sejam as melhores cenouras que já provaste na vida, mas recusas-te, por princípio, a gastar tanto.

Quando deixámos a mala no hotel, disse a Finn que talvez eu não devesse ir ao jantar – lembrei-me do que Ethan disse há algum tempo sobre não confiar na imprensa.

– Se for apenas o elenco – disse eu –, provavelmente eu não deveria ir.

Finn apenas olhou para mim de uma maneira que não consegui interpretar.

– Eu quero-te lá. – Depois, endireitou a coluna e recompôs-se. – Se quiseres ir, claro.

Depois de evitar alguns *paparazzi* que esperavam ver celebridades pós-convenção, acomodámo-nos numa mesa com Hallie, Ethan Underwood, Bree Espinoza, Juliana Guo e Cooper Jones. Estou um pouco impressionada, depois de ver *The Nocturnals* na maior parte do meu tempo livre nos últimos dois meses. Finn apresenta-me como alguém da sua equipa e ninguém faz mais perguntas sobre isso.

– Já há muito tempo que não fazemos algo assim – diz Cooper, pegando numa fatia de pão. Com quarenta anos, ele é o mais velho do grupo, que se afastou da representação para se concentrar na quinta que gere com a mulher no norte da Califórnia. Uma vida muito mais tranquila.

– Porque o Ethan geralmente está muito ocupado a saltar de um avião só para poder dizer que faz as suas próprias acrobacias. – Juliana oferece-lhe um sorriso tenso que me faz pensar que fingir que estava apaixonada por ele durante quatro temporadas exigiu uma atuação de alto nível. Ela é um pouco mordaz, não muito diferente de Alice, e está vestida com um macacão de bombazina e uma camisola floral. Os macacões nunca foram tão fixes. – Onde estavas no mês passado? Não consigo acompanhar.

– Fiji – responde Ethan. – Mas isso foi apenas em férias. Depois do reencontro, retomo as filmagens do *reboot* de *Indiana Jones*, em Maiorca.

– Vida difícil – comenta Finn.

Ethan levanta o copo de *bourbon* e mostra os dentes brancos e brilhantes.

– É por isso que eles desembolsam muito dinheiro.

Tenho de me esforçar para não revirar os olhos. Ao meu lado, Finn inspeciona o seu copo de água e, quando o empregado passa com outra bandeja de aperitivos, ele calmamente e educadamente pede um novo. E não me escapa a forma como Ethan observa toda a interação.

– O que odeiam mais? – pergunta Bree. – «Isto é mais um comentário do que uma pergunta» ou «Tenho uma pergunta em duas partes»?

Cooper passa a mão pela barba grisalha.

– Acho que não faço isto o suficiente para ficar muito incomodado com nenhuma delas.

– *Mais um comentário*, definitivamente. – Juliana bebe um gole de vinho e limpa o batom vermelho com um guardanapo. – Neste caso, querem sempre referir algum pormenor superespecífico, só para parecer que conhecem a série melhor do que ninguém.

Ethan abana a cabeça.

– Não, não, não. As *duas partes* são piores.

– Eu não me importo com elas – acrescenta Finn.

– Bem, claro que *tu* não te importas – diz Ethan. – Praticamente vives destas coisas. Quando foi a última vez que estiveste num canal que não é assistido exclusivamente por avós?

Com exceção de Hallie, todos riem e, mesmo na penumbra, vejo as faces de Finn ficarem rosadas.

A conversa passa para os projetos atuais de todos.

– Estou a trabalhar num filme independente agora – diz Hallie do outro lado da mesa. – Estava a morrer de vontade de fazer algo com o A24 e tem sido um verdadeiro sonho.

– É sobre o quê? – pergunto.

– É sobre... bem, uma mulher que se sente meio sem rumo no trabalho e na vida amorosa. – Hallie franze a testa por um momento. – Acho que não há muita ênfase no enredo. São sobretudo *vibes*.

Bree ri.

– Oh, meu Deus, a Hallie detesta enredos.

– É verdade. Prefiro sempre personagens interessantes a explosões – diz ela. – *Boise Med* dá um ótimo salário, mas não é arte sofisticada, de todo.

Finn lança-me um olhar de desculpas; acho que por toda a conversa girar em torno da indústria. E depois, debaixo da mesa, a sua mão pousa na minha perna.

Tudo em mim se contrai.

Espero que ele a mova após alguns segundos, que seja uma palmadinha

gentil, um gesto de «olá, estou a ver-te». Mas ele não faz isso. E vejo-me a avançar lentamente com a perna em direção a ele, no momento em que o seu polegar começa a traçar um círculo lento por cima do tecido de bombazina.

– Já experimentaste as cenouras? – pergunta Hallie, passando-me o prato. Decido não lhe contar que calculei o preço por cenoura e que é exorbitante. Em vez disso, sorrio e tiro uma, e, na verdade, é a coisa mais deliciosa que já provei.

Depois de outra rodada de bebidas, Ethan levanta um dedo e aponta-o para mim.

– Acabei de perceber onde já te vi antes. Numa das *comic con*.

– Twin Cities – acrescento. – Supercon.

– Certo, certo – diz ele, olhando-me com curiosidade. – O que fazes para o Finn, exatamente?

– Estou a trabalhar num livro de memórias – diz Finn. – A Chandler está a escrever.

Ao ouvir isso, Ethan começa a rir, silenciando todas as conversas paralelas à mesa.

– Tens uma *ghostwriter*? O quê, não consegues arranjar tempo para escrever o teu próprio livro com a tua agenda lotada?

E agora todos estão a ouvir-nos.

– Estás a trabalhar com uma *ghostwriter*? – pergunta Cooper. – Num... num livro?

– Muitas pessoas usam *ghostwriters* – digo. – Não há vergonha nisso.

– Oh, concordo plenamente contigo – diz Ethan, acenando com a cabeça de uma forma terrivelmente condescendente. – Só me pergunto o que fizeste que vale a pena colocar num livro. Toda a pesquisa de personagem que fizeste para *The Nocturnals*? Brilhante.

Todos na mesa parecem ficar desconfortáveis, com a maioria a olhar para a comida ou a beber. Ethan parece-se com Caleb na primeira temporada. Na minha perna, o aperto de Finn aumenta, não de forma dolorosa, mas o suficiente para eu perceber.

Hallie lança-lhe um olhar furioso.

– Não sejas idiota, Ethan. Quando foi a última vez que fizeste pesquisa para algum dos teus filmes sobre carros grandes e explosivos?

– Para o último que foi número um de bilheteira no fim de semana de estreia? Ou, hum, vejamos, o anterior a esse... sabes, acho que esse também foi número um. – Ethan faz um gesto para que um empregado lhe volte a encher o copo.

– Não se trata apenas de dinheiro – digo, com mais acutilância do que pretendo.

– Não, imagino que não. – Os olhos de Ethan voltam para Finn. – Suponho que alguns de nós fazem isto apenas por amor à representação, certo? Deve ser o teu caso.

Bree tosse alto para o seu cotovelo.

– Então, hum, alguém tem planos para o Dia de Ação de Graças?

Não posso deixar de reparar que Finn fica calado durante o resto do jantar.

– Devíamos mesmo fazer isto com mais frequência – diz Juliana no final, enquanto as mangas são enfiadas de novo nos casacos e os cachecóis são enrolados à volta do pescoço. – Não acredito que já passou tanto tempo.

Finn enfia as mãos nos bolsos.

– Sem dúvida – diz ele. – Vemo-nos em dezembro.

capítulo

22

nova iorque

Finn permanece calado no metro de volta ao hotel e o trio de raparigas de vinte e poucos anos que o reconhecem deve ser capaz de perceber que ele está mergulhado em pensamentos, porque tudo o que elas fazem é sussurrar e apontar para ele da maneira mais subtil que conseguem. Ele está demasiado ocupado a olhar para os atacadores para perceber.

Quando chegamos ao nosso andar, depois de ele ignorar a minha sugestão de bebidas ou sobremesas tardias, sigo-o até ao seu quarto. Sem questionar, entramos no quarto, e há algo tão natural nesse gesto que me congela no lugar. Por uma fração de segundo, tenho um vislumbre de um tipo diferente de vida. Um universo alternativo.

Somos um casal a voltar para casa depois do jantar e algo aconteceu que deixou o meu namorado chateado. Tudo o que quero é servir uns copos de vinho e que nos aconcheguemos juntos no sofá, deixando que ele me diga o que se passa para que possamos resolver isto juntos. Ficaríamos acordados até tarde a conversar, e ele surpreender-se-ia a rir, e perceberíamos como resolver o problema. Poderíamos ligar a Netflix ou beber mais vinho, ou desabotoar as nossas roupas com sonolência e deixar os nossos corpos unirem-se. Ou talvez dormir ali mesmo no sofá, eu com as minhas pernas no colo dele e a cabeça dele sobre a minha.

A visão assusta-me, sobretudo porque parece tão *real*.

Esse universo alternativo não se importa com lógica. Ainda que Finn sentisse o mesmo, ele já o disse mais que uma vez: só namora nos círculos de Hollywood. Existe uma incompatibilidade intrínseca nas nossas vidas. Ele mora na estrada; eu moro na casa de Noemie. Estamos em níveis de rendimento muito diferentes. Não faço ideia do que farei daqui a alguns

meses, enquanto ele começará a promover o seu livro e a sua organização sem fins lucrativos.

O tipo de quem sou amiga há anos só queria dormir comigo e seguir em frente. Finn conhece-me há apenas alguns meses – não faço ideia se isso é tempo suficiente para considerar alguém digno de um relacionamento ou como posso esperar chegar lá com outra pessoa. Wyatt estragou todos os meus cronogramas, cortou os limites da minha confiança.

Embora eu adorasse pensar que Finn e eu continuaremos amigos depois disto, não consigo imaginá-lo a ligar-me só para conversar. Comer algo na próxima vez que estiver em Seattle. Eu sei que há mais entre nós do que o livro e as lições, mas sem essas coisas para ancorar o nosso relacionamento, não posso aceitar aquela visão de aconchego no sofá como algo que não seja o que é: uma fantasia.

Fecho a porta do quarto dele, afastando tudo da cabeça.

Ele tira um sapato sem entusiasmo antes de se sentar na cama, equilibrando os cotovelos nos joelhos. Quando finalmente olha para mim, com os olhos pesados, não estou à espera do que ele diz.

– Desculpa.

Desabotoo o meu casaco e sento-me ao lado dele.

– Não tens pelo que te desculpar.

Ele passa a mão pelo rosto, e talvez seja a iluminação de merda do quarto de hotel, mas os primeiros sinais de idade estão mais aparentes do que habitualmente. As rugas ao redor da boca, entre as sobranceiras. Na testa, quando o cabelo está penteado menos artisticamente. Luto contra a vontade de as traçar, porque, se comesse, tenho a sensação de que não conseguiria parar. Teria de passar as pontas dos dedos por todas as marcas, linhas e sardas do corpo dele e, mesmo assim, não ficaria satisfeita.

– Por ter sido um idiota deprimido durante a última hora? Sim, fui. E aquele jantar... não foi o que nenhum de nós esperava – diz ele. – É constrangedor descobrir que não alcancei o suficiente para publicar um livro de memórias.

– Bem, isso é simplesmente falso. – Bato no seu joelho com o meu. – E o Ethan é um cretino.

– Odeio nunca ter sido capaz de enfrentá-lo. Obrigado... pelo que disseste. A sério.

– Eu não disse nada que não seja verdade.

– Ainda assim. Significou muito para mim. – Mais ânimo surge na sua voz. – Nem todos são maus. Alguns são boas pessoas. Bons amigos.

– Bons amigos que não te defenderam.

O peso da sua pausa permite-me saber exatamente quanto doeu.

– É difícil nesta indústria. Somos colocados uns contra os outros desde o início. Todo o processo de audição é uma competição. Todos querem sempre algo que não têm e, quando conseguem, ficam felizes com isso talvez por um segundo antes de se concentrarem noutra coisa. Algo mais elevado. Às vezes,

os amigos de Hollywood parecem... falta permanência ali. Nunca se sabe o que pensam realmente de nós. Ou talvez se separem e nunca mais se voltem a ver.

Essa parece ser a verdade sobre Hollywood em geral, essa falta de permanência. Muitas pessoas apegam-se à relevância, sem saber quando os seus fãs seguirão em frente. As *comic con* parecem salvaguardar as coisas que amamos, preservá-las em âmbar para que possamos sempre encontrar quem partilha esse amor.

– Serias sincera comigo se pensasses que sou um falhado por completo? – questiona. – Se eu fosse um idiota sem talento que está apenas a enganar-se, dizendo que tem algum tipo de futuro nesta indústria.

Nunca o vi assim. Nos últimos meses, deu-me acesso à sua versão que mais ninguém vê e, de repente, parece um privilégio tão grande que não tenho a certeza de como lidar com isso. A sua vulnerabilidade abre o meu coração e coloca-o a seus pés, reluzente e ainda a bater. Isso leva-me a fazer coisas que de outra forma não faria.

– Finn. – Agarro as suas mãos e fico aliviada quando ele me deixa pegar nelas, quando não olha para a minha confusão abstrata de verniz. Penso na mão dele debaixo da mesa, a esfregar círculos ao longo da minha coxa. Talvez houvesse uma sensualidade naquele gesto, mas mais do que isso, tocar-lhe faz-me sentir calma. Não posso deixar de me perguntar se ele também sente isso. – Estou no final da segunda temporada e se Hux e Meg não se beijarem em breve, *vou* enlouquecer. E também vi os teus outros filmes, os mais recentes. – É verdade, até os filmes de Natal. Espero que ele saiba que isto é genuíno, não um afago de ego. – Eu sei que não tiveram o mesmo impacto que *The Nocturnals*, mas foste *fantástico* neles. Em todos. E não são apenas os teus desempenhos. És uma pessoa decente e que realmente se preocupa com o seu trabalho. É impossível não admirar.

Finn parece profundamente impressionado com isto, pestanejando algumas vezes antes de se orientar.

– Como consegues, sempre, fazer-me sentir que cada coisa insignificante sobre mim é importante?

– Porque é esse o meu trabalho. – *Tudo importa. Muito.* – Foi por isso que me contrataste, não foi?

Ele balança a cabeça.

– Em parte, talvez. Mas é mais do que isso.

– Tu fazes o mesmo. – A minha voz é baixa, mas firme. O medo ainda está lá, mas é menor do que há algum tempo. – Há muito que não levo a minha própria escrita a sério. Mas... ontem, no avião, abri o documento e organizei-o um pouco. Ainda não tenho a certeza se o que fiz foi na direção certa, e não foi muito, mas foi alguma coisa.

– Mal posso esperar por ler.

– Não vamos precipitar-nos.

Ele vira-se em direção à mesa, pegando num saco de papel.

– Tenho uma coisa para te mostrar. Para te dar, na verdade – diz ele. – Por favor, não recuses por causa da mala. É que encontrei isto hoje num *stand* da *comic con* e não consegui resistir.

Erguendo as sobancelhas para ele, abro o saco, com o coração a saltar na garganta.

– Compraste-me meias?

– Os teus pés estão sempre frios e disseste que nunca tens meias suficientes. E elas lembraram-me de ti. – Ele age como se as meias fossem um presente perfeitamente normal para alguém com quem estás a dormir educacionalmente. Um pacote de três meias adoráveis com tema de detetive: uma estampada com pequenas adagas, outra com lupas, a terceira com uma caveira e ossos cruzados.

Então, eu faço outra coisa que não esperava até àquele momento: inclino-me e beijo-o. Não porque ache que possamos fazer disto uma lição – porque eu quero. Ele parece chocado no início, embora já tenhamos feito isto demasiadas vezes para contar, mas uma fração de segundo depois, retribui o beijo, com as mãos emaranhadas no meu cabelo enquanto deixo cair as meias na cama.

É gentil durante talvez meio minuto. Depois fica desesperado, esfomeado. Coloco tudo sobre esta noite neste beijo, tudo que retive nos últimos dias ou semanas ou desde que começámos esta viagem. Deixo sair tudo e ele devolve imediatamente. Puxo-o para perto, com as mãos sob a sua camisa; o polegar a roçar aquela verruga nas suas costas. Cada detalhe dele tornou-se incrivelmente adorável para mim, e há muitos que ainda não memorizei.

Estarei a voar para casa, em Seattle, amanhã, mas esta noite não vou conter-me. Não há como me esconder na casa de banho se não conseguir controlar as minhas emoções.

Foi nisto que as nossas «algumas dicas» se tornaram: um desejo ardente e doloroso pela única pessoa que não posso ter. Construímos dois lados separados de um relacionamento e traçámos uma linha entre eles, e pensei que tínhamos usado tinta permanente. Agora, essa linha está confusa, mais ténue do que nunca. Eu quero isto, *ele*, e agora é a única coisa que importa. Talvez o meu coração sofra por isto mais tarde, mas é um risco que terei de correr.

Se esta é a única maneira de alguém me querer, que assim seja.

Ele colocou-me no seu colo, com uma mão apoiada na parte inferior das minhas costas enquanto a outra segura o meu queixo.

– Tão linda – diz ele, e é criminoso como apenas estas duas palavras conseguem arrancar-me um gemido. A sua voz torna-se baixa. Áspera. – Sabes no que estou a pensar? – pergunta, e eu abano a cabeça. – Estou a pensar em como a tua linda vulva está rosada agora. – Um nó dos dedos chega ao meu rosto, traçando o meu rubor. – Mais rosada do que as tuas faces?

– Ficaste bom nisto.

Isso rende-me um sorriso surpreendentemente *sexy*.

– Se eu te fodesse com a mão – continua ele –, pergunto-me quão molhada ficarias. Será que o meu dedo simplesmente... deslizaria para dentro? – Ele levanta a mão, com o dedo médio a girar lentamente e preguiçosamente no ar. – Sim – diz. – Sim, acho que sim. Quente, escorregadia e perfeita.

Um gemido escapa-me.

– Gostas disto?

Eu concordo.

– Devo continuar?

Não.

– Sim.

Ele inclina-se, com a boca encostada ao meu pescoço.

– Eu iria devagar, porque quero saborear-te. Continuará a provocar-te, exatamente da forma que gostas. Poderia querer abrir-te e esfregar o teu clitóris imediatamente, mas obrigar-me-ia a esperar por isso. Fazia-te esperar por isso.

Agarro-me a ele, tentando arrastar a sua boca de volta para a minha.

Mas, então, ele faz uma pausa. Afasta-se, arqueando uma sobrancelha.

– Tens de me dar alguma coisa – diz ele. – Sinto-me como se estivesse a fazer todo o trabalho pesado.

De alguma forma, consigo encontrar as palavras.

– Eu... eu fico sempre tão molhada para ti – digo, e isso faz com que ele me abrace com mais força. – Não apenas quando estamos assim. Podia estar sentada ao teu lado num evento a pensar no que fizemos na noite anterior. Ou o que gostaria de fazer na noite seguinte. Fico tão excitada que mal consigo aguentar, mas não posso fazer nada quanto a isso.

A sua cabeça rola para trás e ele solta um gemido fantástico.

– Isso não é apenas parte de tudo isto? É a sério?

– Sim – exalo, perguntando-me se estou a assinar a minha própria sentença de morte. Se assim for, será uma morte maravilhosa. – Às vezes, eu também tinha de me masturbar antes de nos encontrarmos para trabalhar, só para desanuviar a cabeça.

– E em que pensavas?

– Na maneira como a tua respiração falha quando me tocas pela primeira vez. – É isto. Sem inibições. – Tu, a falar comigo exatamente assim. Se queres que te monte, ou se queres foder-me por trás, ou contra uma parede.

Os seus olhos fecham-se, um som baixo escapa da sua boca.

– Tudo isso. – A ponta de um dedo desliza pela minha coluna. – Não sei dizer quantas vezes fiz o mesmo. Imaginei a tua mão ou a tua boca em vez do meu punho. – A minha própria mão desce até à frente das suas calças de ganga. Já passou muito tempo desde que o vi desmoronar. Quero vê-lo carente, desesperado. A implorar. – Estávamos juntos uma noite e, no dia seguinte, tudo que eu queria era tocar em ti novamente. Senti-me tão depravado, como se nunca fosse capaz de me cansar de ti.

Parece tão real que preciso de ouvi-lo dizê-lo de novo.

– Mesmo?

Ele franze as sobancelhas.

– Não achas que és irresistível? – pergunta. – Sempre me senti atraído por ti. Desde que nos conhecemos naquele bar da livraria. Quando foste uma ladra.

Golpeio o seu peito com a mão livre.

– Para que saibas, paguei o livro e senti-me tão mal que comprei mais dois.

Ele agarra a minha mão, levando-a à boca. Pressiona beijos nos nós dos meus dedos.

– Uma pessoa muito íntegra. Uma boa samaritana. – Um pequeno rosnado. – Como é que cada parte tua tem um sabor tão bom? – diz ele. – As mãos de ninguém deviam saber tão bem.

Ele coloca-me na cama, sem pressa enquanto beija o meu corpo. Ajudando-me a tirar o sutiã, sugando um mamilo na sua boca enquanto acaricia o outro, fazendo-me arquear para fora da cama. Ele não se detém, mergulhando a língua no meu umbigo e depois dando beijos ao longo da minha cintura, antes de ir para as minhas ancas e baixar a boca até aos meus joelhos. E a barriga das minhas pernas. Ele levanta um pé no ar, dando um beijo no meu tornozelo, antes de colocá-lo na cama e repetir com o outro.

Quando se aproxima do meu corpo novamente, há uma fome sombria e gananciosa nos seus olhos.

– Aqui – diz ele. – Aqui é onde sabes melhor. Tão *doce*. – Ele beija-me através das minhas cuecas, com uma inspiração profunda e um movimento lento da sua língua. O som que ele faz é absolutamente irreal. Inclino as minhas ancas, pedindo-lhe que se aproxime. – Quero enterrar a minha língua dentro de ti pelo resto da noite. Mas não apenas para dentro. O teu clitóris também. Porque agora sei onde fica.

Eu engasgo-me com uma gargalhada, mesmo quando o prazer se instala na base da minha coluna.

– Por favor. – É a única coisa que sou capaz de dizer quando a sua linda boca porca está tão perto de onde preciso dela. – *Por favor*.

Não tenho de continuar a implorar. Num instante, as minhas cuecas são tiradas e ele levanta-me até ao seu rosto, até que estou aberta contra a sua boca. Arqueio as costas e agarro a cabeceira da cama para me equilibrar.

Sinto tudo: os redemoinhos da sua língua, o ritmo da sua respiração. Até um sorriso. As minhas coxas apertam em torno da sua cabeça enquanto o monto, esfregando-me contra a sua boca enquanto ele me dá golpes tanto suaves e rápidos como mais amplos, que me fazem agarrar os fios sedosos do seu cabelo, com a minha outra mão a apertar a cabeceira da cama. Já não me sinto mais no controlo, como nas aulas anteriores, quando lhe dizia o que fazer. Agora, ele sabe o que eu quero e como me dar isso.

Ele passa os braços em volta das minhas coxas, abrindo-me ainda mais.

– Finn – consigo dizer, lembrando o quanto ele gostou quando eu disse o seu nome.

Ele move a língua mais rápido, roçando o local onde mais o quero, até eu pensar que posso gritar se ele não me lambe ali. E, então, ele faz uma varredura com a língua antes de chupar o meu clitóris por apenas um instante.

– Oh, meu Deus. Faz isso outra vez.

Posso senti-lo a rir enquanto obedece, chupando-me por mais tempo desta vez, antes de me soltar. As minhas coxas começam a tremer, e ele mantém um ritmo implacável, lambendo e chupando e ancorando-me no seu rosto com as mãos a apertarem o meu traseiro, até que eu atiro um braço sobre os meus olhos, com o meu corpo finalmente a contrair-se com força – e então deixo tudo ir.

Incinero.

Depois disto, ficamos calados, a respirar em sincronia enquanto o teto acima continua a girar.

Deito-me outra vez na cama e ele aperta-me contra ele, com as pontas dos dedos a deslizarem no meu cabelo.

– Adoro o teu cabelo.

– A sério? – Nunca fizemos isto, ser tão generosos com elogios.

Ele concorda.

– Primeiro, é adorável – diz ele e, apesar do que aconteceu com a sua boca entre as minhas pernas, sinto o meu rosto aquecer. – E segundo... – O resto da frase desaparece enquanto ele parece refletir sobre o que quer dizer a seguir. – Consigo ver todo o teu rosto. E seja o que for que estejas a sentir, bem, não és a melhor a esconder isso. Está tudo aí. – Ele inclina o meu rosto em direção a ele, tocando no meu *piercing* no nariz, por um momento, antes de passar a ponta do dedo ao longo das minhas sobrancelhas, descansando bem no meio. – Quando estás furiosa, ficas com um pequeno sulco bem aqui. Quando estás com tesão, ficas vermelha... aqui. O dedo pousa na minha clavícula. Mergulha mais abaixo. – E aqui. E aqui.

Afasto a sua mão e, enquanto ele ri, eu não poderia estar mais longe disso. Tudo o que ele está a dizer faz o meu coração apertar-se da forma que tenho tentado evitar desde a noite em que nos conhecemos.

Este sentimento, do qual tenho fugido, finalmente alcançou-me.

– E quando estou feliz? – Não posso deixar de perguntar.

Um sorriso fácil.

– Essa é a melhor. Um dos teus olhos fica semicerrado. Apenas um.

– Parece encantador.

– E é – insiste, avançando para dar um beijo em cada pálpebra enquanto eu solto um suspiro.

Provavelmente, é bom que amanhã eu vá embora e não o veja durante alguns dias. Em Ohio, eu queria afastá-lo para proteger o meu coração, mas talvez o meu corpo seja mais forte do que a minha mente.

Neste momento, ele é meu e vou mostrar-lhe quanto estou orgulhosa do

seu progresso.

Chamo-o para mais perto. Também quero contar-lhe tudo o que gosto no seu rosto: as suas sardas e o ângulo das suas maçãs do rosto e, acima de tudo, o adorável calor nos seus olhos quando falamos assim. Como o tom do cabelo dele rapidamente se tornou a minha cor favorita.

– Anda cá – é o que me sai em vez disso.

– Insaciável – diz ele, e é verdade, porque já estou ávida por outro orgasmo: o dele.

– Tens os preservativos? – pergunto.

– Achas que estou pronto para isso?

– Desde que não uses os dentes para abri-lo.

Ele ergue as sobrancelhas para mim, em desafio.

– Olha, tenho a certeza de que com um pouco de prática, posso acertar. –

Ele sai da cama e volta com os preservativos e o lubrificante que comprámos em Memphis. Pego num, descendo pelo seu corpo, envolvendo a mão no seu comprimento duro. Ele não precisa disso, ele está pronto desde que tirámos as nossas roupas, mas eu acaricio de qualquer maneira. Senti falta do que isto lhe faz. A maneira como os seus olhos se fecham, com um punho a apertar o meu ombro. Um pouco de lubrificante e o preservativo desliza facilmente. – Dito isto... Céus, Chandler. Adoro a forma como fazes isso.

A maneira como ele diz o meu nome ecoa algures próximo ao meu coração.

– Agora só tenho de esperar não ter medo do palco – diz ele com uma risada autodepreciativa.

Monto nele, com os joelhos pressionados no colchão.

– Tu sabes o que fazer.

Ambos sabemos.

E então, num movimento ágil, baixo as minhas ancas, saboreando a sensação dele a preencher-me. Lentamente, lentamente, centímetro por centímetro, enquanto me segura contra ele com uma mão na minha cintura. Tenho de recuperar o fôlego no momento em que ele se instala dentro de mim.

– Tudo bem? – pergunta, quando solto um suspiro agudo. As suas mãos sobem para agarrar as minhas ancas, mas ele ainda não começa a mover-se.

Concordo com a cabeça, mordendo com força o lábio inferior.

– Eu só... gosto mesmo da forma que te sinto.

Como que encorajado pelas minhas palavras, ele empurra para cima em movimentos lentos e deliciosos. Levanto as minhas ancas para acompanhar o seu ritmo antes de ganhar velocidade, incentivando-o a ir um pouco mais rápido. Os meus olhos fecham-se, a sensação já a exacerbar. É bom demais. Queria-o assim há semanas e, de alguma forma, é ainda melhor do que eu imaginava – a maneira como os seus dedos cavam no meu traseiro, o seu pau a pulsar dentro de mim. Os sons ásperos e desesperados que saem da sua boca.

– *Cristo*. – Uma expiração trémula enquanto ele atira a cabeça para trás.
– Não apreciei isto o suficiente na nossa primeira vez.

Em pouco tempo, estamos ambos ofegantes, e tenho a certeza de que nenhum de nós vai aguentar muito, sobretudo quando o seu polegar pousa onde os nossos corpos estão unidos. Tudo em mim se aperta enquanto ele acaricia, esfrega e depois lambe os próprios dedos antes de deslizá-los de volta ao meu clitóris. *Jesus*. Agora que sabe do que eu gosto, ele é quase poderoso demais. Com um ranger de dentes, monto-o com mais força, com a outra mão dele ancorada na minha cintura.

– Viras sempre o rosto quando te vens – diz ele. – Posso ver-te?

– Oh... viro? – Assim que digo isso, percebo que ele está certo. Que talvez, depois de toda a minha bravata, ainda existam algumas coisas que mantive por perto.

– Quero ver tudo – diz ele, com os seus dedos a circular e circular.

Então deixo-o, porque acho que também comecei a aprender com estas lições. Não seguro nada, os meus gemidos e a forma como o meu corpo treme, e quando é o suficiente para também o impulsionar para o clímax, envolvo os meus braços no seu pescoço para nos aproximar.

Não é como a nossa primeira vez. Não é como nada que já tive antes, e seja porque ambos passámos semanas a sofrer por isto ou por algo totalmente diferente, não tenho a certeza se quero saber.

É só *treino*, digo a mim mesma quando acordamos a meio da noite e nos abraçamos novamente. *Casual*, lembro a mim mesma quando ele sussurra palavras melosas na minha pele. *Sem emoções*, penso enquanto os seus dedos se curvam entre as minhas pernas e grito contra a sua garganta, repetindo o seu nome como se fosse algo sagrado.

Eu sou uma grande mentirosa.

MS. MISTLETOE

EXT. QUINTA DE ÁRVORES DE NATAL - NOITE

O concurso de Ms. Mistletoe acabou de terminar. DYLAN emerge por um trecho de árvores e encontra HOLLY, sentada sozinha no toco de uma árvore.

DYLAN

Holly? Eu esperava encontrar-te aqui.

HOLLY

Limpando rapidamente as lágrimas dos olhos.

Oh, olá. Não te preocupes comigo. Só estou com pena de mim mesma.

Ela solta uma gargalhada vazia.

Foi parvoíce pensar que tinha uma oportunidade de ganhar a *Ms. Mistletoe*, mas a minha mãe ganhou, e a minha avó... e acho que só queria deixá-las orgulhosas. Mas é óbvio que não tenho sentido a alegria do Natal tanto como normalmente sentia.

DYLAN

Bem, isso simplesmente não é verdade.

Ele aproxima-se dela no toco da árvore.

Animas-me sempre. Ninguém me faz rir tanto como tu. Sempre que entras na minha loja de chocolate quente, pões um sorriso no meu rosto. E o meu filho adora-te.

HOLLY

Adora, não é?

DYLAN

Ele disse que és muito melhor com histórias para adormecer do que eu, e nem fiquei

ofendido. Talvez não estejas a sentir a
alegria do Natal... mas eu sinto. Por ti.

capítulo

23

seattle, washington

A minha prima encara-me com os olhos semicerrados.

– Alguma coisa está diferente em ti – acusa-me ela.

– Agora tenho uma mala minha? Talvez seja isso.

Noemie abana a cabeça.

– Não, não. Não é isso. Embora seja uma mala muito bonita.

Continuo a desfazer as malas, com Noemie encostada no batente da porta do meu quarto. Voltar para Seattle depois de dois meses fora é um pouco surreal. Tudo é familiar, claro, mas a casa tem um cheiro novo, e não tenho a certeza se sempre foi assim e eu simplesmente me habituei ou se Noemie trocou de fragrância ou de produto de limpeza.

Felizmente, consigo evitar o interrogatório durante o resto do dia e, na manhã seguinte, temos de começar a preparar-nos para o jantar de Ação de Graças na casa dos meus pais, no norte de Seattle. Embora tenhamos crescido na mesma rua – embora as mães de Noemie tenham comprado uma casa em Bellevue há alguns anos –, os nossos pais sempre priorizaram o tempo com a família durante estas férias, uma tradição que foi levada até à vida adulta. Além disso, a mãe de Noemie, Sarah, irmã do meu pai, faz o puré de batata mais divinal que alguém já provou.

Enquanto Noemie e eu preparamos o molho caseiro de arando na cozinha dos meus pais, fingindo inocência quando a minha mãe pergunta quanto provamos, faço o possível para tirar Finn da cabeça. O que aconteceu na noite anterior à minha partida não foi como nenhuma das nossas lições anteriores, e não vou permitir-me pensar se ele também sentiu o mesmo.

Não vou perguntar-me o que ele está a fazer agora. Decididamente, não vou ver o vídeo dos cachorrinhos.

Infelizmente, os meus pais e tias estão ansiosos por saber como é Oliver Huxley na vida real, embora eu os tenha mantido atualizados durante toda a viagem.

– Houve *paparazzi* a seguir-vos por lá? – pergunta o meu pai quando nos sentamos para jantar, e tenho de destruir as suas ilusões e dizer que não, não houve.

– Conheceste outras pessoas famosas? – pergunta a tia Vivi, enquanto põe o molho no prato.

A tia Sarah revira os olhos.

– O que ela realmente está a perguntar é se conheceste a Dakota Johnson.

– E depois?! Ela é uma atriz muito talentosa!

Todos ao redor da mesa riem, plenamente conscientes da paixoneta de longa data da tia Vivi.

Conto-lhes sobre o resto do elenco de *The Nocturnals*, os outros atores que vi de passagem nas convenções. Mas odeio que a minha voz pareça tensa e os meus sorrisos forçados. Porque durante todo o tempo, o meu cérebro idiota não consegue deixar de imaginar Finn aqui connosco, a encantar os meus pais e a fazer com que todos se apaixonem um pouco por ele.

Quando chega a hora de tirar a mesa, corro para intercetar o meu pai antes que ele pegue na travessa pesada com a comida que sobrou.

– Eu trato disso – digo-lhe, e ele encara-me com um olhar severo. – Eu consigo, Chandler. – Há um leve toque de aborrecimento na sua voz, o suficiente para me deixar na defensiva.

– Está bem, está bem. – Levanto os braços e ponho a travessa de volta na mesa. – Desculpa.

* * *

Depois do jantar, retiro-me para o meu quarto de infância. Não moro nesta casa há mais de uma década, mas este espaço ainda parece um museu perfeitamente preservado da minha adolescência. Os mistérios enfiados na estante, a coleção de Agatha Christie que eu caçava em todas as livrarias Half Price Books, em Seattle. O conjunto de edredões Bed Bath & Beyond com uma mancha de gelado num canto. As paredes, com colagens de fotos minhas e de Noemie nos nossos quintais, no centro comercial, encostadas nas paragens de autocarro a tentar parecer fixes.

Quando imaginei voltar para casa já adulta, pensei que seria diferente. Tenho quase vergonha de admitir que pensei em ter um livro meu para acrescentar a esta estante, um livro que exibiria virado para fora e obrigaria os meus pais a fazerem o mesmo na nossa sala de estar.

O meu telemóvel vibra no bolso das minhas calças de ganga. Duas mensagens, uma após a outra.

Reno sente a tua falta.

Os cães também.

Isto é acompanhado por uma foto dos chihuahuas da mãe de Finn, dois deles a descansar juntos no sofá e três a esperar ansiosamente pelas sobras da mesa.

Esses chihuahuas são uns anjinhos, mas acredito plenamente que comeriam um dos seus se isso significasse garantir a sua sobrevivência.

Provavelmente, responde Finn. *Como está a correr o teu Dia de Ação de Graças?*

A maneira como o meu corpo relaxa ao ter notícias dele assim... é o mais belo alívio. Deslizo para trás na minha cama, acomodando-me nas almofadas estampadas de margaridas. Como se estivesse no secundário e mandasse uma mensagem para um rapaz por quem tenho uma paixoneta.

Bem. As minhas tias estão desapontadas por eu não ter conhecido ninguém famoso.

Elas não sabem que ME conheceste????

Não consigo evitar, rio alto.

Como está o teu peru-tofu? – pergunto, supondo com razão que é isso que Finn comeu esta noite. Ele manda de volta uma foto da mesa de jantar da sua mãe: recheio salpicado de arandos, legumes salteados, pãezinhos polvilhados com farinha e o que parece ser um pão de lentilha regado com molho de cogumelos.

Demasiadas sobras, no entanto. Estou de coração partido por não conseguir terminar tudo antes de voltar para Los Angeles.

E lá estou eu a analisar demais novamente. Será que o facto de ele falar sobre muitas sobras significa que gostaria que eu estivesse lá para ajudar a reduzir o desperdício? Ou está simplesmente a dizer-me que fizeram comida em demasia?

Quando Noemie bate à porta, percebo que, por mais que eu tenha tentado afastar o assunto, tenho de conversar sobre isto com a minha melhor amiga.

– Tenho um pequeno problema – digo e, quando tento rir, a risada sai

estrangulada e estridente. – É sobre o Finn e a minha súbita incapacidade de parar de pensar nele. E como dormimos juntos antes de eu partir e foi diferente de todas as outras vezes e acho que estou realmente, profundamente fodida.

Solto tudo isto de uma só vez, com o peito a arfar quando termino.

– *Okay*. Desacelera. – Ela junta-se a mim na cama, dobrando as pernas debaixo de si. Estou surpreendida que ela tenha sobrevivido ao jantar com a sua camisola de lã cinza ilesa. Passei dez minutos na casa de banho a esfregar uma mancha de arando nas minhas calças de ganga. – Tens uma paixoneta.

– Receio que seja mais do que isso. – Abraço uma das almofadas de margaridas contra o peito. – E não é apenas físico. Gosto de passar tempo com ele. Gosto de conversar com ele. Ele é doce, engraçado e simplesmente... muito *bom*. – Penso na maneira como ele ficou comigo durante o meu ataque de pânico. A maneira como massajou as minhas mãos, garantiu que encontravam a mala da minha mãe e me defendeu quando eu participei naquele painel numa convenção que agora parece ter acontecido há muito tempo. – Nome... eu contei-lhe sobre o meu aborto.

Os seus olhos arregalam-se.

– *Oh*. – E com essa única palavra, ela entende exatamente o que seria necessário para eu me abrir assim com alguém. Ela põe a mão no meu joelho. – Gostas realmente dele.

Dou-lhe um aceno miserável.

– Esta coisa toda foi uma ideia terrível. Eu devia saber isso... eu *sabia*, mas acho que gostei da ideia de ser alguém que poderia fazer algo assim casualmente. E depois seguir em frente emocionalmente ilesa.

– Já consideraste que talvez nada disso seja casual para ele também?

Claro que sim. O pensamento tem circulado constantemente na minha mente desde Nova Iorque, desde que ele mapeou tudo o que adorava no meu rosto e me segurou contra ele até que ambos adormecemos. Não consigo sequer pensar nisso sem que uma ternura terrível invada o meu coração.

– Talvez não seja – digo. – Mas isso não muda o facto de que vivemos em mundos completamente diferentes.

Ela fica calada por um momento, absorvendo tudo.

– Mesmo depois de conhecê-lo, é difícil não o associar a de *The Nocturnals* – diz ela –, mas, sinceramente, ele parece um tipo maravilhoso. – Isso é o pior. No papel, ele é exatamente o tipo de pessoa com quem eu gostaria de estar. – Não consigo sequer acreditar que estou a dizer isto, mas há alguma razão para que um relacionamento real entre ti e o Finnegan Walsh, estrela da comédia romântica *Just My Type*, não funcionasse? – Ela tenta ser leve, e eu esboço um sorriso para acalmá-la. – Além do facto de que ainda estás a trabalhar com ele, mas já estás quase a terminar, certo?

Mesmo que ela não tenha essa intenção, isso torce uma faca logo abaixo do meu coração. *Quase a terminar*. E depois ele passará para novos projetos. Novas pessoas.

– Não moramos no mesmo lugar – atiro estupidamente.

Um movimento das suas unhas contra o meu joelho.

– Porque nenhum relacionamento à distância teve sucesso antes. Próxima.

– As nossas vidas são incompatíveis. Ele está sempre na estrada e tenho a certeza de que também estará em *tournee* assim que o livro de memórias for lançado, e eu... – Procuro a palavra certa, mas não encontro nenhuma. – E ele é obviamente muito mais estável financeiramente do que eu.

– Preocupa-te que ele não ache que és suficientemente boa? Suficientemente bem-sucedida?

Escondo a minha cabeça na almofada. *Não sei, não sei, não sei.*

– Talvez seja essa a razão pela qual o Wyatt não me quis – digo calmamente. – Ele tem uma carreira próspera como jornalista, e eu tenho... não sei, poucas inibições na cama?

A expressão de Noemie fica sombria.

– Acho que o Wyatt realmente mexeu contigo. – Ela aproxima-se para passar a mão ao longo do meu antebraço, apertando-o. – Porque tu és *brilhante*, atenciosa, divertida e estranha! Digo isso como um elogio. E és um milhão de vezes mais do que a tua sexualidade. – Os seus olhos prendem-se aos meus, sem pestanejar. – Sobretudo pelo que tens feito com o Finn, preciso que saibas que isso não é tudo que tens para oferecer a alguém. Nem por sombras.

Quero acreditar nela. Continuo a tentar ligar os pontos, mas poderia muito bem estar a usar tinta invisível.

– Acho que vou descobrir na próxima semana em Los Angeles. Não tenho a certeza de quanto tempo poderei continuar a esconder isto. – Ou talvez ele já saiba e esteja a usar este tempo para descobrir como me dececionar sem me magoar. – Estiveste bem, entretanto? Enquanto eu estive fora?

A sua testa franze.

– Porque é que não estaria?

– Tudo o que conversámos antes de eu partir. Sobre como este era o período mais longo que ficaríamos separadas.

– Claro – diz ela. – Mas tenho tentado algumas receitas novas, feito algumas aulas novas... tens de experimentar o *hula hoop* moderno comigo. Senti a tua falta, claro, mas não me importei de ficar sozinha. Não tanto quanto pensei que importaria, pelo menos.

– Isso é ótimo. Fico feliz. – Não sei bem o que é que esperava... que ela se fosse abaixo, a implorar-me para nunca mais a deixar?

Talvez seja um sinal de que as coisas realmente estão a mudar.

– Tenho de ajudar as minhas mães com a limpeza da casa delas – diz ela. – A cozinha está uma zona de guerra. Vejo-te em casa?

Ela sai depois de um abraço, deixando-me sozinha no meu quarto de infância, com muitos recortes de revistas de pessoas cujos nomes não consigo

lembrar e um turbilhão de pensamentos ansiosos.

Mas em vez de deixá-los ficarem muito barulhentos, abro a minha bolsa e vou até à minha secretária. Posiciono o meu portátil ali, exatamente da mesma forma que o meu antigo computador de secretária do ensino básico, até ter recebido um portátil no primeiro ano do secundário, que parecia tão elegante e moderno.

A cadeira da secretária não é algo que eu escolheria hoje em dia; é rosa-claro e está coberta com alguns autocolantes *hippies* extra da minha mãe. Mas, quando me sento, lembro-me de todas as horas que passei aqui, a fazer os trabalhos de casa e a digitar histórias. Como fiquei feliz antes de decidir que não era uma carreira realista.

Não posso simplesmente continuar a abrir e reler o meu livro. Tenho de fazer algum progresso.

Então, mesmo com medo, vou até ao final do documento e destaco uma secção que sei que não funcionará na nova orientação que decidi. Então, digito uma frase. Não é uma boa frase, nada profundo, apenas uma transição para levar a trama adiante.

Pronto.

Mas algo não está bem. Franzo a testa, reorganizo-a até gostar um pouco mais, até soar melhor ao meu ouvido. Ela transforma-se num parágrafo. E depois outro. Mudo o cenário para Seattle, porque é o lugar que conheço melhor, e quando os meus pais avisam que vão dormir, deajo-lhes boa noite e continuo a escrever.

Talvez *romance policial* já não seja o género certo, porque quero que este livro também seja *sexy*. Torno o interesse amoroso da minha protagonista, uma *designer* gráfica cujo trabalho vende na sua papelaria, ainda mais irresistível, e crio mais tensão entre eles. Dou-lhe um cabelo um pouco desganhado. Manchas de tinta nas palmas das mãos e nos pulsos, um detalhe em que ela nunca deixa de reparar.

É aconchegante para *mim* e é isso que mais importa.

O jornalismo fez-me esquecer que um dia sonhei com isto e, quanto mais me afundava, menos importava. Passei anos sem escrever ficção, sem escrever nada para mim, e convenci-me de que não sentia falta. Até ao despedimento, que pode ter sido a melhor coisa que já me aconteceu. Até que abri um documento em branco e percebi... isso sempre me pareceu certo. Não é necessariamente fácil, ou pelo menos nem sempre, mas é correto, como se as palavras estivessem apenas à espera do seu tempo para se derramarem e se espalharem pela página.

capítulo

24

los angeles, califórnia

Quando Finn se encontra comigo no aeroporto com uma placa que diz chandler leigh cohen, a primeira coisa que me ocorre é que já vi a letra dele uma centena de vezes, rabiscada em autógrafos por todo o país. Mas, por alguma razão, ver a maneira como ele escreveu o meu nome parece-me uma coisa pessoal e íntima. Não há duas letras do mesmo tamanho, pois a sua caneta inclinou ligeiramente para cima. Consigo notar que dedicou tempo a isto, não é um *prefiro ser invulgar* apressado numa fotografia antes do próximo fã na fila.

O seu cabelo está um pouco mais longo e provavelmente precisa de um corte, os olhos brilham quando me vê, tirando os óculos escuros por um breve momento antes de colocá-los de novo. Não o culpo: um aeroporto parece ser o pior lugar para ser reconhecido. Pergunto-me se ele terá de continuar a fazer isto depois de o reencontro ir para o ar. Ele veste uma camisa axadrezada azul que eu já vi antes, e algo nessa familiaridade faz-me forçar os joelhos a permanecerem firmes enquanto caminho até ele, junto ao tapete de bagagens.

– Não precisavas de me vir esperar aqui. Eu sei que este lugar é um inferno.

– Exatamente. Não parecia certo passares por isto sozinha. – Depois, chega o momento em que não temos a certeza de como nos cumprimentar. Vejo isso no seu rosto: abraço ou aperto de mão? Estendo a minha mão e ele desliza a palma na minha. – É bom ver-te outra vez – diz ele.

E, então, começo a rir.

– Isto foi estranho, não foi? O aperto de mão?

Finn parece visivelmente aliviado.

– Extremamente. Senti a tua falta – diz ele, um pouco tímido. – Eu sei

que só se passaram alguns dias, mas... senti a tua falta. Provavelmente também é estranho dizer isto, hã?

– Provavelmente só sentiste falta de ter alguém para provocar sobre dormir de meias – digo, tentando não pensar em como *senti a tua falta* me afeta. Porque, *meu Deus*, é uma coisa tão adorável, quase dolorosa, terem saudades nossas.

Depois do Dia de Ação de Graças, tomei uma decisão. Preciso de saber se isto é real, o que significa dizer-lhe que os meus sentimentos já não são estritamente profissionais. E a ideia de fazer isso, o medo da rejeição, dá-me vontade de vomitar diretamente no tapete de bagagens.

Infelizmente, as coisas não ficam menos estranhas no caminho até casa dele, sobretudo porque quero estender a mão por cima da consola e cravar os dentes no seu braço. Arrastar a minha boca ao longo do seu pescoço e para baixo no seu peito. Tenho um quarto de hotel em Los Angeles, mas queria conhecer a casa dele, reservar um tempo para conversar sobre a próxima secção do livro. Os últimos capítulos.

Finn começa a falar poeticamente sobre o seu *Prius* enquanto estamos presos no trânsito e eu aceno com a cabeça e respondo com *hum-hum*.

– Tu, hum, não ligas mesmo a carros, não é? – diz após algum tempo, e eu dou-lhe um sorriso culpado. – Eu também não. Nem sei por que motivo me senti compelido a dizer tudo isto.

Quando chegamos à casa dele em Los Feliz, não consigo evitar – fico boquiaberta.

– Desculpa... – exclamo, quando a casa se torna visível: uma elegante Craftsman^[1] pintada de verde-claro, com um relvado bem cuidado, emoldurado por roseiras. – Acho que te esqueceste de mencionar, quando estavas a filmar Cameos para ganhar algum dinheiro extra, que moras numa *mansão*?

Finn passa a mão envergonhada pelo rosto, até à barba ruiva.

– Eu tenho-a desde a terceira temporada... foi o auge para nós. O meu agente ofereceu-me um ótimo negócio e eu tive sorte e comprei na hora certa.

– Ao resto de nós daria jeito usar um pouco dessa sorte, por favor.

Ele ri.

– Eu sei que poderia vender e ter lucro, mas não me vejo a livrar-me dela nos próximos tempos. E acho que apenas pensei... – Ele para, batendo com os dedos no volante enquanto entra na garagem. – Que um dia poderia criar uma família aqui.

A maneira como isto puxa o meu coração.

A maneira como, por uma fração de segundo, o meu cérebro horrível evoca imagens de mim como parte dessa família.

– Tenho de admitir, estou um pouco em choque – digo.

– A cultura de Hollywood não é para mim, mas adoro esta casa. Eu queria um lugar que parecesse um pequeno oásis longe disso, sem ser demasiado desconectado.

Puxo a minha mala nova para dentro, maravilhada com o teto abobadado e as vigas expostas. É pornografia completa da *Architetural Digest*; tem até uma tigela de limões e belas estantes embutidas. O gosto é mais maduro do que o do seu quarto de infância, mas porque de outra forma não seria de Finn: na sala, uma *espada* verdadeira está exposta na parede, numa caixa de vidro.

– Temos de conversar sobre isto – digo, depois de tirar os sapatos, preocupada em não deixar lixo no chão de cerejeira.

– Então, tens de ter em mente que eu tinha vinte e poucos anos quando estávamos a filmar *The Nocturnals*. E, além deste lugar, eu não tinha uma forte noção do valor do dinheiro. – Ele tira uma partícula de pó imaginária do vidro. – É a espada de Gandalf dos filmes. Esta foi usada em *O Regresso do Rei*. Ganhei-a num leilão com alguns dos meus primeiros ordenados.

– Ganhaste uma *espada*.

– Glamdring – diz ele, mordendo o lábio para conter um sorriso. – É o nome dela.

E porque é que isso me faz cair ainda mais?

Depois, há outro momento estranho. Um silêncio. Não sei o que se passa, o que fazer com as mãos agora que já não estou a segurar as minhas malas. Se fôssemos um casal de verdade, eu arrastava-o pelo corredor até ao quarto.

Finn aclara a garganta.

– Posso trazer alguma coisa para comeres ou beberes?

Digo-lhe que um pouco de água com gás seria ótimo e seguimos para a cozinha. Uma prateleira suspensa com panelas de ferro penduradas; um trio de suculentas empoleira-se nas bancadas de mármore. Quando ele me entrega uma lata de *LaCroix* e avisto a sua despensa, o meu coração bate fundo no peito.

Uma caixa grande com aqueles pacotinhos de puré de maçã. Não... duas.

– Eu, hum, não sabia quanto tempo ficarias aqui, ou se terias fome – diz ele, seguindo o meu olhar. – Podem ser daqueles, certo? Gostas daquele sabor?

Lentamente, concordo com a cabeça; com todas as palavras a saírem do meu vocabulário.

Não. Eu não farei isto. Não vou permitir-me chorar por causa de puré de maçã.

Durante todo o voo, ensaiei o que ia dizer. Explicaria que comecei a gostar dele e que, de facto, esta situação é um pouco complicada, mas quero saber se podemos ser alguma coisa. Exporia tudo, de forma calma e racional, e ficaria à espera de ouvir o que ele tinha para dizer.

Em vez disso, quando abro a boca, depois de um silêncio agonizante, o que sai é:

– Acho que devemos parar com as aulas.

Merda.

A frase sai tão abruptamente que assusta Finn, que quase se engasga com um gole de água com gás de toranja.

– Oh... *Okay?* – Depois, ele estabiliza-se, como se recordasse o que decidimos no início. Que qualquer um de nós poderia terminar quando quisesse. – Sim. Claro. Nós podemos fazer isso. Posso apenas... Posso perguntar porquê?

Não consigo olhar para ele. *Porque gosto muito de ti e porque dormir contigo só está a piorar as coisas e porque tiveste de me trazer aquela porra de puré de maçã.*

– Acho que te ensinei tudo o que posso. – Farei com que a minha voz não trema. – Por isso, não vejo sentido em continuar. Podes sair e divertir-te com quem quiseses.

– Não tenho saído com mais ninguém – diz ele, ainda parecendo confuso. – Se é com isso que estás preocupada.

– Mas acabarás por sair.

Ele aproxima-se mais. Mesmo com alguns centímetros de espaço entre nós, posso sentir o calor do seu corpo.

Tento reunir toda a minha coragem. Vou dizê-lo o mais depressa possível, vou para o meu hotel, conduzo o resto desta relação com dois ecrãs entre nós como amortecedor.

– Sinto que há algo mais – diz ele. – Algo que não me estás a contar.

Viro-me, encontrando os seus olhos, cada vez mais frustrada com quão casual ele parece. Se ele sabe que tenho sentimentos por ele, aparentemente vai pedir-me que os explique.

– Queres saber o que não estou a contar? *Okay.* Odeio pensar em ti com outra pessoa, mesmo que esse seja o objetivo... para que possas ser bom com a próxima. E eu só... – *Quero tanto ser a próxima pessoa.* – Esquece. É estúpido.

Ele está apenas a olhar para mim, com feições inescrutáveis.

– Concordo. Devíamos parar as aulas.

Não esperava que ele concordasse tão rapidamente. Cortar assim esta conexão entre nós. O choque é uma rajada instantânea de ar frio, um aperto doloroso no meu coração.

Mas, depois, ele aproxima-se, com a sua anca pressionada contra a minha.

– Porque essas lições implicam que o que está a acontecer entre nós não é real. Que é apenas treino. E isso não é verdade. – Um sorriso suave. A sua expressão muda para uma que vi na TV, mas nunca dirigida a mim. – Já há algum tempo que me parece real.

– Parece?

Os seus olhos enrugam nas bordas.

– Chandler. Não estavas lá quando eu fiz poesia sobre todas as diferentes expressões que o teu rosto faz? Não percebeste que eu quero tocar-te... praticamente o tempo todo? Tentei centenas de vezes dar-te centenas de dicas

diferentes.

E tentou, não foi? Fiquei demasiado presa na minha cabeça para vê-las como são.

– Mas não namoras fora de Hollywood – digo estupidamente, como se isso fosse negar tudo o que confessou até agora.

– Sim. Até agora. – Um movimento lento de cabeça. – Não parei de pensar em ti desde que saímos de Nova Iorque. És uma das pessoas mais interessantes que já conheci e não tenho a certeza se percebes isso. És motivada, leal e compassiva, e céus... és tão linda que às vezes o meu coração dói só de olhar para ti. – Ele faz uma pausa, engole em seco e, embora não seja eu quem está a falar, luto para recuperar o fôlego. Quero tanto estender a mão e tocar no seu rosto, para ver se as suas bochechas avermelhadas estariam quentes contra as pontas dos meus dedos. – Poderíamos ter passado toda a viagem na cama e não teria sido suficiente. Poderíamos ter apenas conversado, vinte e quatro horas por dia, e eu ainda gostaria de ouvir a tua voz – diz ele. – Sinto-me assim há algum tempo. Pelo menos desde Memphis. – Um riso escapa quando ele bate o punho na bancada. – Caramba, eu *disse-te* que tinha uma paixoneta por ti!

– Enquanto estavas dopado com DayQuil! – digo. E, depois, mais suavemente: – Lembras-te disso?

Ele aproxima-se, com um sussurro de espaço entre nós.

– Lembro-me de tudo – diz ele, com os seus ricos olhos cor de avelã sem deixarem os meus. Ele está tão aberto, tão vulnerável, e isso está a fazer-me cair ainda mais. – Achei que ia passar. A princípio, esperava que sim. Mas passar tanto tempo contigo só cavou mais fundo dentro de mim. Todas as noites que estávamos juntos, eu só te queria mais. Mas mesmo que não tivéssemos partilhado momentos físicos, acho que teria igualmente desenvolvido sentimentos por ti. Sinceramente, eu poderia não voltar a tocar-te e, vamos ser sinceros, eu ficaria arrasado, e obviamente espero que não chegue a esse ponto, e continuaria apanhado por ti.

Não há palavras na língua inglesa mais bonitas do que estas.

Finn Walsh. Está totalmente apanhado. Por *mim*.

– Preocupava-me poder estar a ser demasiado óbvio – continua – e, com isso, assustar-te.

Fico apenas a olhar para ele, incapaz de processar que podemos querer exatamente a mesma coisa. *Mesmo que não tivéssemos partilhado momentos físicos*. Não tenho a certeza se sabia quanto precisava de ouvir isso.

– Não estou assustada. – A minha voz é uma coisa pequena e frágil. – Com medo, talvez. Mas não assustada. Finn... – Preciso de mais alguns momentos para me recompor, querendo que saiam as palavras exatamente certas. – Eu sei que só se passaram alguns meses, mas tornaste-te muito importante para mim. Sempre que não estamos juntos, sinto a tua falta; e sempre que estamos, sinto que tenho de me agarrar com força para o fazer durar o máximo de tempo possível. Tenho estado tão indecisa sobre tudo na

minha vida, mas a maneira como te quero é nítida. – Coloco a mão no lado direito do seu peito, com o polegar a acariciar para cima e depois para baixo. Como se eu pudesse segurar os batimentos cardíacos dele na palma da mão... e talvez consiga. – Porque quero. Desesperadamente.

Todo o seu rosto muda, suaviza de uma forma que nunca vi antes.

– Anda cá – diz, levantando a mão para apertar a minha. – Anda cá, querida.

Isto é tudo o que preciso para derreter contra ele, para que toda a minha determinação desmorone. Uma única palavra, a mesma que ele pronunciou naquela noite de neve e que agora sei que quis dizer com seriedade. De todo o coração.

Envolvo-o com os meus braços enquanto ele circunda a minha cintura, puxando-me para perto, com o meu rosto pressionado contra a sua camisa de flanela. Não quero pensar no que vem a seguir ou no que faremos quando eu voltar a Seattle e ele estiver em Los Angeles. Só quero inalá-lo.

As pontas dos dedos passam pelo meu cabelo. Um beijo no topo da minha cabeça.

– Isto é real? – sussurro. – Porque também estou bastante apanhada por ti.

Ele acena com a cabeça, inclinando o meu queixo para cima para me beijar.

– Quero estar contigo – diz, juntando a sua testa à minha. – Seja como for. Como tu me deixares.

Quando nos afastamos, mudo de ideias. Este rosto não é o que vi em *The Nocturnals* ou em qualquer outro programa ou filme dele. Nunca vi esta expressão antes, os seus traços pintados com o pincel mais delicado, olhos iluminados pelo pôr do sol – porque acho que este é só para mim.

* * *

O resto da noite é tão normal como o normal pode ser. Finn anuncia que vai preparar o jantar e eu tento ajudá-lo, apesar de não saber onde estão as coisas. Acabámos por ficar tão distraídos a beijar-nos na bancada da cozinha que queimámos o tofu e disparámos o alarme de incêndio. Por isso, optámos por encomendar burritos com pequenas embalagens de molho. E, no meio de tudo isso, aproveito um instante sozinha e mando uma mensagem a Noemie, que parece ter deixado cair o telemóvel devido ao grande número de *emojis* com que responde. Finn faz o mesmo com Krishanu, rindo ao mostrar-me a sua resposta: FINALMENTE!!!

– Em Reno, ele percebeu que eu gostava de ti – explica. – Eu desabei e contei-lhe tudo quando chegámos a Ohio, quando estavas fora da sala.

– Ele deu-te algum conselho?

– Só para não estragar tudo, o que me preocupou pois quase o fiz

algumas vezes. Ele disse que já não me via tão feliz há algum tempo. – Finn aproxima-se. – E tinha razão.

Levamos copos de vinho para o jardim traseiro, tropeçando nas pedras porque não conseguimos parar de nos tocar. Realmente isto parece um oásis, pacífico e isolado, com as sebes altas a proporcionarem uma considerável privacidade. Os únicos sons são os dos pássaros e o borbulhar da piscina. Ao anoitecer de dezembro ainda estão quinze graus cá fora.

– Escrevi no Dia de Ação de Graças – digo-lhe, sentando-me numa espreguiçadeira ao lado da dele, sob uma lâmpada de aquecimento. *Tão bom.*

– Traíste o nosso livro? – diz, fingindo-se ofendido.

Bebo um gole de vinho.

– Só um pouco. E... foi ótimo. Como se eu não flexionasse aqueles músculos há muito tempo, mas fosse tão natural finalmente esticá-los.

– Não fazes ideia de como estou feliz por saber que isso te deixou feliz. Mesmo!

Beijamo-nos lentamente enquanto a Lua brilha sobre nós. Esta noite não há prazos.

– Tu também és mesmo bonito – digo-lhe, com todos os elogios que guardei a começarem a soltar-se. Eu não queria que ele interpretasse nada da maneira errada. – Os teus olhos, as tuas sardas, o grisalho no teu cabelo. É quase pecado ver como o teu rosto é lindo.

A sua boca fica gananciosa contra a minha; cada roçar dos seus lábios é um pequeno agradecimento.

– Pensei em ti o dia todo – diz ao meu ouvido, puxando-me para a sua cadeira.

Deixo escapar um riso nervoso.

– Parece que estamos prestes a fazer sexo pela primeira vez.

– Estamos a fazer isso há alguns meses. Com bastante sucesso, devo acrescentar.

– Mas isto vai ser diferente.

E ele acena com a cabeça, porque sei que entende. Porque desta vez é *real*.

Não há instruções, e há algo novo, estranho e emocionante nisso. Mesmo que ambos tenhamos sentido que era real há já algum tempo, desta vez não há dúvida. Não pela maneira como ele puxa o meu cabelo ou passa o polegar pelo meu rosto, ou pela forma como agarro o tecido da sua camisa porque não consigo aproximá-lo o suficiente.

– Tens sido tão generosa – diz, quando ainda estamos a beijar-nos preguiçosamente, com o meu corpo espreado em cima do dele. – Eu quero fazer algo por ti. – Ele afasta-se por um momento e encontra o meu olhar. – Tens alguma fantasia? Algo que sempre quiseste na cama, mas nunca contaste a ninguém?

– Não precisamos...

– Eu sei que não precisamos. Eu quero. – Um sorriso malicioso. – E eu

esperava poder cumpri-lo para ti, agora que me formei na Academia de Sexo Chandler Cohen.

– Melhor aluno da turma, nada menos. – Deixei isso pairar entre nós por alguns longos segundos, com o meu coração disparado. Porque sim, eu tenho fantasias, algumas que vocalizei em relacionamentos passados e outras que mantive, como se as guardasse para algum futuro tipo perfeito ou talvez apenas as prendesse na minha imaginação para sempre. Com Finn, eu poderia deixá-las sair... sinto-me confortável com ele a esse ponto.

Decido começar com apenas uma.

– Podias... podias bater-me?

No momento em que digo isto, temo que ele vá rir. Retirar a oferta. Que isto torne a noite instantaneamente estranha.

Em vez disso, o seu sorriso torna-se tortuoso, os olhos escuros.

– Não há nada no mundo que eu queira mais.

Ele ajuda-me a tirar as calças de ganga antes de perguntar como quero posicionar-me, e eu aceno timidamente para os seus joelhos. Quero estar no colo dele, o mais próximo possível dele. Antes de começarmos, ele corre para dentro para ir buscar uma almofada, e há algo nesse gesto doce, contrastando com o que estamos prestes a fazer, que me deixa em chamas. E o facto de estarmos no exterior, cercados por sebes altas, claro, mas mesmo assim onde nos podem ouvir.

Talvez eu não me importe.

Baixo-me até ao seu colo, descansando a parte superior do corpo na almofada enquanto ele aperta as minhas cuecas. No início, ele apenas brinca, passando a palma da mão pela parte inferior das minhas costas antes de descer. A minha pulsação está na garganta, com as minhas veias cheias de antecipação imprudente.

– Quão molhadas estão as tuas cuecas? – pergunta, com um dedo a percorrer o tecido. – Porque acho que deves ter ficado ainda mais molhada assim que me pediste para ser espancada. – Quando a sua mão se acomoda entre as minhas coxas, ele geme, deslizando lentamente pelas minhas cuecas. – Céus, o teu rabo. É perfeito. – Ele baixa-se, dando beijos em cada nádega. Alguns círculos com a palma da mão. – Vais dizer-me o que queres? Se eu não estiver a fazer da forma que imaginaste?

Solto um suspiro profundo, achando difícil acreditar que isto pudesse ser algo menos do que eu imaginava.

– Sabes que vou.

Ele começa devagar, acariciando-me em círculos agonizantes. Depois, puxa a mão para trás, parando por um momento ofegante antes de bater com tanta força que sinto em cada célula do meu corpo.

Um gemido escapa dos meus lábios enquanto agarro a almofada debaixo de mim.

– Gostas disto?

– *Sim.*

Na seguinte, ele geme comigo. E, céus, é ainda melhor, saber que ele também está a adorar.

– Mais forte? Mais suave?

– Mais forte – imploro e, na próxima vez que me bate, eu suspiro, com as minhas pernas a ficarem húmidas e o prazer a ondular quente e baixo dentro de mim. Tenho a certeza de que o sexo nunca foi tão libertador.

Entre as palmadas, ele faz círculos nas minhas nádegas enquanto palavras obscenas saem da sua boca.

– Levanta-te. Quero ver essa cona linda.

Inclino-me para a frente, apoiando-me nos cotovelos e levantando as ancas.

– Céus, que visão.

Ele desliza um dedo por baixo de mim, passando-o pela minha humidade. Dá algumas palmadas onde sou mais sensível. Já não tenho a certeza se estou a respirar. Depois, reposiciona as minhas ancas, com a brisa noturna a soprar contra as minhas partes mais húmidas enquanto ele bate suavemente na minha cona.

– Foda-se – digo com os dentes cerrados. – Vou morrer.

Ele alterna entre a minha cona e o meu cu, com cada palmada a roubar mais ar aos meus pulmões.

– Deixa sair, querida – diz, quando estou prestes a implodir, com os seus dedos implacáveis, gananciosos e perfeitos. – Geme alto.

O orgasmo invade-me; um terramoto que me deixa sem peso. Tenho o seu nome na minha língua enquanto me envolve com os seus braços e a sua boca pressionada na minha nuca.

Assim que recupero, mudo de posição para poder ver o seu rosto, o calor no seu olhar.

– Isto foi... estupidamente incrível – consigo dizer.

O seu pau está tenso contra os seus *boxers* e preciso vê-lo perder o controlo, preciso ser a razão pela qual ele grita noite dentro.

– O que queres? – pergunto.

– A tua boca. Por favor. – A urgência na sua voz é deliciosa e decadente.

Baixo os seus *boxers*, dominada pelo desejo de prová-lo. Ele já está duro como uma rocha, como um veludo quente enquanto envolvo os meus lábios em torno dele, segurando-o firmemente com o meu punho, girando a minha língua na ponta. Ele sussurra o meu nome como uma maldição. Como uma promessa. As pontas dos dedos dele são macias, mas desesperadas no meu cabelo, e eu chupo-o mais profundamente enquanto ele arrasta a mão para baixo para agarrar a minha mama, com o polegar a esfregar o meu mamilo.

– Eu quero vir-me nas tuas mamas – diz com um grunhido. – Se isso for...

– Por favor. Sim.

Retiro a minha boca no momento em que ele começa a tremer, e ele dá mais uma estocada contra as minhas mamas antes de desmoronar e o seu calor

escorrer em mim. Ele enfia a mão por baixo da cadeira para pegar numa toalha antes de me puxar de volta para cima dele, e estou mole, exausta e indescritivelmente feliz.

Vários minutos se passam antes que ele role para agarrar no telemóvel. Quando a abertura familiar da música *Whoomp! (There It Is)* começa, não consigo deixar de rir.

– Desculpa – diz ele, rindo comigo enquanto alisa o meu cabelo. – Teve de ser.

– Podemos ficar aqui para sempre? – murmuro contra o seu peito. Porque, apesar de fazermos sexo no nosso relacionamento real pela primeira vez, ainda parece que estamos a viver neste mundo de sonho e irreabilidade. Um lugar onde o exterior não pode afetar-nos.

– Espero que sim. – Uma pausa, como ele sempre faz quando escolhe cuidadosamente as palavras. – Porque, Chandler... tenho a certeza de que estou a apaixonar-me por ti.

E, mesmo que eu esteja preocupada com o futuro, com quanto me agarrei à minha carreira no passado, quando ela está igualmente nebulosa agora...

– Eu também – digo, e o medo vale a pena pela maneira como ele me abraça com mais força.

Se alguma coisa me assusta, é como isto parece novo, frágil e precioso. Quanto eu quero que isto dure além do reencontro do elenco, além do livro. Esta noite parece tão normal que acho que posso viver estes momentos para sempre.

– Então é assim que é a vida com Finnegan Walsh? – pergunto.

Ele abana a cabeça e aperta a minha cintura com mais força.

– Não. Isto é melhor.

[11] O estilo American Craftsman é uma vertente de arquitetura, *design* de interiores, paisagismo e artes decorativas inspirada no movimento *Arts and Crafts*, que começou no fim do século xix. (N. T.)

capítulo

25

los angeles, califórnia

—Ethan, Finn, Cooper... vocês os três ali. Meninas, Juliana, Hallie, Bree, podem ficar no outro sofá?

Bree ergue uma sobancelha perfeitamente desenhada, tal como Sofia era conhecida por fazer na série, sobretudo quando estava chateada com Caleb.

– Vais mesmo pôr os rapazes de um lado e as raparigas do outro?

O realizador considera isso.

– Novo plano – diz ele, exasperado. – Todos se sentam onde quiserem.

Mas isso não funciona, pois ele quer Juliana e Bree próximas uma da outra, já que boa parte do reencontro será focada na rivalidade das suas personagens. Mas Ethan e Juliana têm de estar próximos um do outro, como o casal central da série, e como o Wesley, interpretado por Cooper, eventualmente acaba com a Sofia, interpretada por Bree, eles provavelmente também deviam estar próximos. Cooper está ali parado a sorrir com tudo isto, refletindo o caráter cómico e relaxado da sua personagem. Continua assim por mais vinte minutos, apenas a tentarem configurar os lugares adequados. Sofás gémeos de couro preto estão colocados no palco, com uma faixa da Universidade de Oakhurst nas cores da escola, prata e azul-escuro, pendurada atrás deles. Ao entrar para o estúdio, posso ter ficado um pouco boquiaberta com as placas a indicarem onde vários programas conhecidos estão a ser filmados, mas Finn simplesmente entrou com um café na mão, como se isto fosse algo que faz todos os dias. E acho que costumava ser.

– Espero que não seja muito aborrecido para ti – disse ele esta manhã.

– Ir ao ensaio do programa do meu namorado? De maneira nenhuma.

E ele sorriu com isso, *namorado*. Achei que poderia ser estranho entrar neste momento doméstico com ele, mas o mais estranho é que parecia tão

incrivelmente natural: o nosso pequeno-almoço preguiçoso, tomar banho juntos, voltar para o seu *Prius* e rir de como ele estava tão nervoso ontem, que pensou que o seu carro era o melhor tema de conversa.

Garanti-lhe que não poderia ficar entediada com nada relacionado com *The Nocturnals*, mas agora que estou aqui, sentada onde o público ao vivo do estúdio estará no dia da gravação, começo a reconsiderar essa afirmação.

Embora, na verdade, eu hoje o tivesse seguido para qualquer lugar.

Hallie e Bree cumprimentaram-me com abraços, embora Juliana ainda esteja um pouco afastada. Lembro-me do que Finn disse sobre a sua reabilitação e entendo perfeitamente porque desconfiava da imprensa.

Ethan, porém... Ethan está um pouco menos presente do que os outros. Desde a primeira vez que o vi na Supercon, vestido como um fã antes de se revelar no painel, achei que ele era alguém que adorava os holofotes e que faria qualquer coisa para evitar que brilhassem sobre outra pessoa por muito tempo. Ethan estava plenamente consciente de que *The Nocturnals* foi projetado para girar em torno dele, mesmo que, eventualmente, se tenha transformado num programa coletivo.

E acho que ele não gostou disso.

Há dois cenários: os sofás para as perguntas e respostas ao vivo, e a biblioteca recriada da Universidade de Oakhurst, onde gravarão com antecedência material para o programa. Depois de acabarem de encenar as perguntas e respostas, todos passamos para o próximo cenário, com estantes de madeira abarrotadas, lustres tremeluzentes e uma longa escada em espiral que agora posso ver que não leva a lugar nenhum. Magia da TV e tudo mais. O elenco caminha pela biblioteca, observando os resquícios do tempo que passaram juntos.

Hallie toca em Finn e aponta para um lugar no chão.

– Até adicionaram aquelas pegadas do primeiro episódio – diz ela.

Finn arrasta a mão pela mesa da biblioteca.

– É exatamente como me lembro.

Adoro vê-lo absorver tudo. De vez em quando, ele olha para a plateia, onde estou sentada com meia dúzia de agentes e publicitários, e alguns outros jornalistas a trabalharem em artigos antes do reencontro. E, sempre que ele faz isso, todo o seu rosto parece mudar, com os olhos a enrugar nos cantos enquanto o seu sorriso de palco se torna real.

Não tenho a certeza de quando isso não parecerá uma novidade.

* * *

As entrevistas gravadas com o elenco duram toda a tarde. Eles falam sobre como a série os mudou, sobre as suas memórias favoritas, momentos interessantes nos bastidores. Ethan está com um humor especialmente obstinado, o que parece ser normal para ele, mas acaba por ter de fazer muito

mais *takes* do que qualquer outra pessoa.

– Algumas coisas nunca mudam – murmura Hallie e decido que ela e eu provavelmente poderíamos ser amigas. Mesmo que as principais coisas que temos em comum sejam malícia e Finnegan Walsh.

Isso atinge-me num lugar estranho. Porque em qualquer relacionamento a partilha de amigos é algo natural e esperado. E ainda assim... os amigos de Finn, além de Krishanu e Derek em Reno, também estão entrincheirados no mundo de Hollywood. Isso pode implicar uma adaptação, mas certamente não é algo que não possamos descobrir.

Tudo isto é esquecido quando o elenco e a equipa fazem uma pausa para um almoço tardio e Finn imediatamente vem na minha direção.

– Choca-me que tenhas aguentado tanto tempo – diz ele.

Pego na minha bolsa.

– Quero que saibas que foi fascinante. O que o Cooper disse sobre adotar um dos cães que fazia papel de lobo? Tão fofo. Ou como a Hallie estava tão convencida de que o Caleb se tornaria o vilão final da série que os argumentistas lhe deram um guião com um final diferente que o faria trair a todos? – Poderia ter sido cruel se não tivesse sido escrito de maneira tão terrível... Ela soube imediatamente que era uma brincadeira, da qual todos ainda continuam a rir.

Quando ponho a minha bolsa ao ombro e o sigo até ao estúdio, reparo na maneira como Ethan caminha alguns passos atrás de nós, como se não quisesse falar com ninguém. Ofereço-lhe um sorriso forçado, espero que pareça autêntico, e coloco os meus óculos escuros.

– Vemo-nos de novo aqui – diz Finn, segurando a porta aberta para ele.

Ethan sorri-lhe facilmente. Uma palmadinha no ombro.

– Claro, *meu*. Se conseguires chegar lá a tempo.

Finn enrijece ao meu lado.

As minhas sobrancelhas unem-se.

– O que foi isto?

– Nada – diz Finn, tentando ignorá-lo. A sua mão aperta a minha parte inferior das costas. – Apenas algo que ele costumava fazer quando estávamos a filmar. Uma piada.

Decido não insistir, mas parece tanto uma piada como Los Angeles parece uma cidade pequena e charmosa.

Almoçamos num café perto do estúdio, sentando-nos num canto com sombra do lado de fora. É relativamente tarde, mas não há muito movimento, e agora que ele já não está sob as luzes do estúdio, posso ver o pó no seu rosto e um delineador de bronze nas pálpebras inferiores. Um toque de cor nas suas faces que é apenas um tom mais frio do que o seu rubor natural.

Tento fazer mais perguntas a Finn sobre como é estar de volta a Oakhurst e, enquanto me dá algumas respostas que talvez eu possa usar no capítulo do reencontro, ele come umas garfadas de salada de quinoa da tigela reciclável, mal saboreando.

– Algo te está a incomodar. – Dou uma pancadinha suave na sua perna com o meu ténis. – Ei. Sabes que podes falar comigo sobre isso, certo? Se quiseres.

Ouçou um suspiro longo e lento quando ele estende a mão em direção à minha, entrelaçando os nossos dedos.

– Eu sei. Obrigado. Simplesmente não é a coisa mais fácil de fazer. – Solta uma risada áspera. – Acho que isso foi o ponto de partida de todo este livro de memórias.

Sorrio levemente, mas permaneço calada, dando-lhe o espaço de que precisa para elaborar.

Ele aproveita esse tempo, esfregando as pontas dos dedos nos nós dos meus dedos e depois olhando em redor para ter a certeza de que estamos sozinhos o suficiente para ter este tipo de conversa.

O olhar ao redor: pergunto-me se é algo que alguma vez deixa de fazer. Se é algo que começarei a fazer quando estivermos em público, também.

– O Ethan e eu... nem sempre nos demos bem – começa ele. – Eu nunca soube porquê, exatamente. Talvez se tenha sentido ameaçado porque era suposto ser o personagem principal, e os fãs de Mexley estavam mais entusiasmados do que os de Calice. Não sei. Talvez ele seja apenas um idiota.

– É definitivamente – concordo, apunhalando a minha própria salada.

Respiro fundo enquanto Finn olha para a sua salada.

– Ele costumava provocar-me durante as filmagens. Pequenas coisas... Bebia um copo com água e depois passava-o para mim, perguntava se eu queria. Ria quando eu dizia não. Ou ia à área da alimentação e tocava em todas as sandes quando eu estava a olhar. Uma merda muito nojenta e imatura. Ele adorava tentar irritar-me entre as gravações, só para ver até onde podia levar-me, e se alguma das minhas compulsões me atrasasse um pouquinho, ele fazia com que os superiores soubessem que eu não tinha chegado a tempo. E os maus hábitos são difíceis de combater, acho, porque ele é um homem de trinta e cinco anos que sente alegria ao tentar desencadear o TOC de alguém.

– Que porra! Isso é doentio. – O meu estômago revira, imaginando um Finn de vinte anos, incapaz de controlar o seu TOC sozinho e a lidar com um *bully* que achava que tudo aquilo era uma piada.

– Acho que não lhe basta ter uma ótima carreira no cinema. Ele tem de fazer com que todos nos sintamos como formigas. – Um riso áspero. – É quase engraçado... ele foi tão horrível com o Hux na primeira temporada e é igualmente mau na vida real. Que atuação.

– O livro ainda não está pronto – digo. – Podíamos colocar isso no livro de memórias. Na verdade, acho que devíamos. Esses são exatamente o tipo de microagressões sobre as quais as pessoas deviam saber. Queres que o livro esclareça a doença mental, tens de combater o estigma... é assim que mostramos como *não* agir. – Não quero apenas derrubar Ethan, embora isso fosse profundamente satisfatório. Sei o suficiente sobre ele para crer que,

simplesmente, ele não é uma boa pessoa, e quero que qualquer outro Ethan que pegar no livro de Finn saiba que aquilo é mau.

A expressão de Finn muda, com os olhos a voltarem para os meus.

– Pois... Prefiro não o fazer.

– Tens a certeza? Porque acredito que não és o único que lidou com algo assim.

– Olha... é o meu nome. – Ele diz isso gentilmente, mas atinge-me bem no peito. – É o meu livro.

– Certo. – Como poderia esquecer? Por mais que pareça uma parceria, nos termos contratuais mais básicos, não é. – Claro que é o teu livro. Sou apenas aquela que está a ser paga para escrevê-lo.

Finn suaviza.

– Merda, Chandler. Desculpa. Eu não queria que soasse assim. – Ele estende-me a mão, passando-a pelo meu antebraço. Eu deixo. – Só não quero sentir que tenho de derrubar alguém para eu ficar melhor na fotografia, mesmo que ele mereça. Especialmente se for alguém maior do que eu. Eu odiaria que alguém pensasse que estou a citar nomes para incrementar as vendas.

– Eu entendo. – Forço um sorriso e perfuro, sem entusiasmo, um pedaço de alface romana. Esta salada custa catorze dólares e não sabe a absolutamente nada. Tivemos conversas muito mais desconfortáveis nos últimos meses, por isso não sei porque é que esta me dói tanto. Tento colocar-me no lugar dele e compreendo, mesmo discordando.

Mas como ele disse: o nome dele, o livro dele.

Sou apenas aquele zé-ninguém que o segue, um cachorrinho perdido. A pessoa cuja carreira não pode competir com a dele. A namorada fantasma.

– Vamos esquecer isto – diz ele. – Tenho de estar de volta ao *set* em vinte minutos e prefiro falar sobre ti.

Ainda assim, esta sensação recusa-se a sair da minha mente pelo resto do dia.

A loja estava uma confusão.

As canetas estavam destapadas e as folhas espalhadas por todo o lado, com manchas de tinta a escorrer para os tapetes novos. E a secção dos agendas e diários, que Penelope tinha arrumado com amor e cuidado no dia anterior... parecia que alguém tinha passado aquelas bonitas encadernações por um triturador. Confetes de janeiro, fevereiro e março.

Claro, tudo isso não era nada se levasse em conta o corpo no meio da divisão, logo abaixo da faixa que dizia: pague um, leve dois.

capítulo

26

los angeles, califórnia

É assim que os livros devem ser escritos: num café numa rua arborizada, *chai latte* e *scones* de amora e limão na mesa à minha frente. A luz do sol a banhar todo o lugar com tons dourados.

Quando eu era criança, a imaginar vir a ser uma romancista, isto era *quase* o que eu imaginava – embora chovesse muito mais. E as pessoas usassem roupa bem mais quente.

Ontem à noite, quando chegámos a casa, Finn estava tão exausto que aterrámos na cama. Tantas viagens devem estar a afetar-me, porque dormi muito mais tarde do que o normal. Um beijo na minha testa, «Não, não, não te levantes» – e ele foi-se.

Por isso, enquanto ele foi para o *set*, estou descontraída neste café, com o meu casaco de ganga pendurado nas costas da cadeira, com a intenção de polir os capítulos intermédios do livro de memórias e, se tiver tempo, esboçar o texto sobre o reencontro. Este será o último capítulo que escreverei antes de entregar o manuscrito.

Depois disso... talvez abra novamente *A Caneta Envenenada*.

Estou a ajustar um capítulo sobre o bar *mitzvah* de Finn quando o meu telemóvel toca. Foi a primeira vez que sentiu uma das suas compulsões, embora não tivesse palavras para isso na época – ele recusou-se a comer porque muitas pessoas tinham tocado no chálá, e o seu pai gritou com ele por ser um pirralho arrogante. Escrever isso com a voz de Finn parte o meu coração novamente.

– Não vês o teu e-mail? – diz Stella quando atendo o telemóvel. – Além disso, olá. Como está Los Angeles, como vai o livro, como *estás*?

Cliquei em *salvar* e naveguei até ao meu e-mail.

– Desculpa, eu estava em transe a escrever. Tinha o wi-fi desligado. Estou bem, o livro está bem... Está tudo a correr bem.

– Ah. Achei que estarias ansiosa por começar, depois de veres... – Ela para, dando-me tempo para ler o e-mail que está no topo da minha caixa de entrada.

É uma nova oferta – outro trabalho de *ghostwriting*. Outro ator, Michael Thiessen, um tipo de cinquenta e poucos anos que, nos últimos vinte anos, tem estado numa das versões do *CSI*. Tenho quase a certeza de que o meu pai é um grande fã.

O dinheiro é o dobro do que estou a ganhar com o livro de Finn.

– Não me parece que estejas a pular de alegria.

– Estou em público – digo, forçando um risinho. Odeio ter de reagir espontaneamente a isto. Idealmente, teria tido um momento para primeiro processar sozinha.

E o processamento seria algo assim:

Nunca me ofereceram um trabalho como este antes. Sempre houve uma chamada ou entrevista prévia, fosse com o próprio autor ou com a sua equipa. Mesmo com Finn, tenho a certeza de que não me teriam oferecido o livro se eu tivesse estragado valentemente aquele almoço. Este é um sinal claro de sucesso na minha área, mas não consigo afastar a sensação de que, se aceitar, nunca escreverei algo só meu, quer esse projeto dure dois ou vinte meses. Terei sempre uma desculpa.

Adoro o que estamos a fazer com o livro de Finn, mas não sei se conseguirei continuar a desaparecer no trabalho desta maneira. Não sei quanto de mim restará no final.

Mesmo que ele tenha dito que conseguia ouvir-me naqueles livros, não sei se consigo.

– Parece... ótimo – digo, sentindo as palavras como giz na minha garganta.

– O momento não poderia ser melhor. O livro do Finnegan será lançado em breve e poderás começar um novo projeto. É exatamente o que queríamos para ti.

Exatamente o que queríamos.

O que é que *eu* quero?

– Podemos pôr-te ao telefone com o pessoal do Michael, se quiseres. Ele é um tipo maravilhoso e realmente encantador. Tem *muita* informação interna de Hollywood; está no ramo há muito tempo. E, embora eu adore a oferta inicial, acho que podíamos fazer com que subissem ainda mais.

– Ótimo. – Sou capaz de apenas um adjetivo. Uma habilidade digna de um escritor. – A minha mente ainda está bastante envolvida no livro do Finn, por isso... Eles precisam de uma resposta imediatamente?

Uma pausa.

– Este tipo de oferta não espera, Chandler. – Ela diz isso gentilmente. E eu sei que não está errada. Stella tem sido muito eficiente para a minha

carreira e eu confio nela.

– No reencontro de *The Nocturnals*. Prometo.

– Excelente. Vou avisá-los.

Quando desligamos, fico ali sentada por alguns momentos, a olhar para o café. Eu devia estar inundada de alívio porque tenho outro trabalho à minha espera. O dinheiro do livro de Finn funcionaria como uma almofada, evitando que eu precisasse de apressar-me para o próximo projeto. Agora, eu poderia até sair da casa de Noemie. Arranjar um espaço meu.

E ainda assim... tudo o que sinto é um *peso*, como se houvesse algo físico a puxar-me em direção à mesa. A acorrentar-me ao meu portátil. A dizer-me como esse projeto me parece um tédio, como foi o de Maddy e o de Bronson, o *personal trainer*. Porque mesmo que Michael Thiessen tenha alguma profundidade oculta fascinante, não tenho a certeza se quero ser a pessoa que irá desenterrá-la.

Abro o Instagram e vou ao perfil de Maddy DeMarco, tentando lembrar se senti algo além de agonia quando estava a trabalhar no seu livro. Deslizo, deslizo, para a época em que estava a escrever o livro. Há uma foto dela numa cabana de luxo, com uma caneca de café ao seu lado sobre a mesa, onde ela está sentada com o seu portátil, ao lado de uma janela com uma deslumbrante paisagem montanhosa.

A trabalhar arduamente na edição! Aqui consigo até ouvir-me a pensar, diz a legenda.

Não tenho a certeza de quanto tempo mais conseguirei ficar invisível.

* * *

Finn tem uma divulgação à comunicação social no final da tarde, meia dúzia de entrevistas para *podcasts* e para o YouTube, e só chega a casa após o jantar, depois de uma dúzia de mensagens de desculpas e uma dúzia de respostas, garantindo-lhe que está tudo bem, que consigo safar-me sozinha.

E *está* tudo bem, mas deu-me igualmente muito em que pensar.

Sobre o trabalho.

Sobre o futuro.

Sobre *nós*.

Porque esse é um efeito secundário divertido da chamada de Stella: agora que estamos oficialmente juntos, tenho de me perguntar o que nos acontecerá quando o livro estiver pronto, quando eu regressar a Seattle e ele se preparar para a próxima ronda de convenções.

Guardo um pouco de comida tailandesa vegetariana para ele, sirvo um pouco de vinho e consigo descobrir o seu sistema de som, apenas para perceber que está configurado para uma *playlist* de *jazz*. Finn gosta de *jazz* – algo que eu não sabia sobre ele até agora. Eu não deveria ter uma reação forte a isso, já que mal conversámos sobre música, mas, ainda assim, isso faz-me

perceber que só o conheci há alguns meses. Ainda há tanta coisa que não sei.

Quando ele atira o seu saco para o escritório e vê o vinho e a comida na mesa da sala de jantar, o sorriso no seu rosto é suficiente para reduzir essas preocupações de um nível onze para um nível quatro. Há um aconchego aqui, uma sensação doméstica que é quase confortável demais. Eu poderia simplesmente entrar na vida dele, como estou a fazer agora, e talvez a minha carreira importasse um pouco menos.

E a ansiedade voltou. As minhas cutículas são uma zona de guerra.

– Então... recebi uma oferta de emprego interessante hoje – digo, depois de ele me contar sobre os ensaios e sobre a entrevista para o YouTube que o fez responder às perguntas mais populares na pesquisa do Google sobre si mesmo.

– Oh, sim? – pergunta entre colheradas de sopa *tom yum*.

Explico-lhe, expondo todos os detalhes que Stella me deu.

– E, aparentemente, ele é um tipo porreiro! O que é uma vantagem.

– Hum. – Mais sopa. Mais silêncio.

– Eu disse à minha agente que pensaria no assunto – digo, porque algo no silêncio dele soa como decepção, e não quero que fique desapontado comigo. – Mas... é um dinheiro muito bom.

– Mas estarias a fazer *ghostwriting* outra vez.

– Bem, sim. Esse é o meu trabalho.

Outro período de silêncio. No início, eu adorava como Finn demorava a responder às perguntas, mas agora tudo que quero é abaná-lo até que as palavras saiam. Finalmente, ele fala:

– Achei que não quisesses continuar a fazer isso. Achei que era por isso que estavas a trabalhar no teu mistério.

– Isso não é uma certeza. Mesmo que venda o livro, é provável que precise de outro emprego em *part-time*. Agora tenho algumas poupanças, mas não posso viver delas para sempre.

– E o quanto adoraste ter voltado a escrever? *A tua* escrita. – O seu olhar é duro sobre o meu. – E como sempre quiseste tornar-te uma romancista.

– Eu ainda posso fazer isso. – A minha voz é fina. Até as minhas cordas vocais sabem que estou a mentir. – Eu teria tempo livre.

– Tretas. Ambos sabemos que o outro livro viria primeiro. E estavas exausta antes mesmo de aceites o meu livro. – Ele move a tigela em direção ao centro da mesa e concentra-se totalmente em mim. – Chandler. Quantas vezes já me disseste que não é isso que queres fazer da tua vida? Tens usado o nome de outra pessoa para garantir um certo nível de sucesso; e tudo bem. É exatamente para isso que foste contratada. Mas é só isso: aquilo para que foste contratada em vez de estares por tua conta. Podes esconder-te atrás da fama de outra pessoa sem arriscares nada. *Ghostwriting* é a tua muleta, uma maneira de evitares sair da tua zona de conforto.

Mesmo que isso seja verdade, ele não esteve comigo durante toda esta viagem? Não me viu sair da minha zona de conforto, uma e outra e outra vez?

– Isso não é justo. – É muito difícil ter esta conversa sentada tão perto dele. Ele mesmo disse: ele consegue ler-me, e não quero que o meu rosto revele nada para o qual não encontrei as palavras certas. Levanto-me, caminhando até à sala de estar, até à sua espada de *O Regresso do Rei*. – Não achas que o jornalismo em si é um risco? Os jornais começaram a vergar antes mesmo de eu concluir o meu curso. A minha carreira sempre foi um risco. E esquece qualquer seguro de saúde... abandonei esse sonho há muito tempo.

– Sei que não há garantia de que a tua ficção levasse a uma carreira estável, mesmo que eu ache que deveria. Eu sei que é uma aposta tão grande como Hollywood. Mas, se não *tentares*, vais perguntar-te sempre: *e se?* E se eu arriscasse? – Ele levanta-se, aproximando-se. – Da mesma forma que fizeste comigo.

A maneira como me está a pressionar, agora que é meu namorado, é apenas algo que tenho de aceitar?

– Não é a mesma coisa – protesto, embora cada palavra dele deslize entre as minhas costelas e permaneça lá. – Se eu fizesse isso, quase certamente ganharia menos dinheiro. Provavelmente teria de aceitar outro emprego em *part-time* para pagar as minhas contas. É fácil para ti dizer-me para fazer aquilo por que sou apaixonada; fizeste isso e conseguiste. Querias ser ator e és.

– Certo, tive sorte no início. Mas esqueceste que eu também não tinha uma rede de apoio. A minha mãe estava de volta à escola e o meu pai tinha ido embora. Eu também corri um risco enorme – diz ele. – E não conseguirias escrever em tempo integral? Não é isso que estás a fazer agora?

Deixo escapar um suspiro.

– Asseguro-te que ganharia muito menos pelos meus livros originais do que pelo que estou a fazer para ti. – Depois, percebendo como aquilo soa, tento dar um passo atrás. – Quero dizer, não apenas tu. Todos vocês, todos os livros que escrevi até agora.

Ele apoia um ombro contra a parede, com a boca a formar uma linha tensa.

– Fico feliz por saber que estou no mesmo saco que todos os outros.

– Sabes que és diferente – digo. – De um milhão de maneiras. Mas, no nível mais básico, ainda estou a fazer a mesma coisa. Estou a escrever para outra pessoa; não para mim. E mesmo que tirasse tudo isso da equação... – Então, pergunto em voz baixa: – E se eu falhar?

– E se não falhares? – rebate ele.

Ficamos calados por um momento, respirando com dificuldade.

– Então é isso que eu devia fazer: escrever o meu livro, e depois? Continuar a seguir-te de convenção em convenção, de cidade em cidade? Ou apenas visitar-te quando voltar para casa? Isso seria suficiente?

Mesmo enquanto o digo, sei que não seria. A ideia de estar tanto tempo longe dele depois desta viagem já me faz sentir a sua falta. O *jazz* era completamente novo para mim. O que mais é que eu ia perder?

– Posso reduzir as convenções. Eu não precisaria de viajar constantemente.

– Eu não quero que faças isso só por mim.

Ele lança-me um olhar persistente, com um polegar a roçar o meu pulso.

– Chandler – diz, de maneira gentil e comedida –, foste a única coisa que tornou tudo suportável desta vez.

É quase impossível ignorar o que essas palavras fazem ao meu coração. Mesmo no meio de uma conversa sobre coisas que não quero ouvir, continuo a apaixonar-me por ele. Outra e outra e outra vez.

Eu só queria que isso pudesse apagar todas as minhas dúvidas.

– O que achaste que iria acontecer quando o livro estivesse pronto? – pergunto. – Sê sincero comigo.

Respirou fundo, passando as mãos pelo cabelo.

– Esperava que a minha vida deixasse de ser um circuito de convenções, mas, sim, haverá algumas viagens. É inevitável, especialmente quando começar a promoção do livro e a organização sem fins lucrativos for lançada. Mas não sei por que não podemos tentar um relacionamento à distância – diz ele, parecendo mais esperançoso. – Não é assim tão longe. Estaríamos sempre a ver-nos.

– Estes voos ficam caros.

Ele franze a testa, como se isso nunca lhe tivesse ocorrido.

– Eu podia pagá-los. – Antes que eu possa protestar, ele acrescenta: – Ou mudo-me para Seattle e viajava para Los Angeles em trabalho. Porque eu fá-lo-ia, se é isso que queres. Ou podes vir viver comigo aqui.

– Eu... espera lá.

A minha cabeça está a girar e tenho de me sentar novamente, caindo no sofá com um baque suave. *Ele mudar-se para Seattle. Morar com ele em Los Angeles.* É tudo muito, muito rápido. Eu só morei em Seattle e a ideia de levantar âncora, repentinamente, a toda a minha vida, é assustadora.

Há duas noites, ele dissera que queria ficar comigo – fosse como fosse.

Porque é que essa imagem de repente é tão irreal?

– Não sei se estou pronta para isso – digo sinceramente. – Morarmos juntos.

– Estou apenas a lançar ideias. – Ele levanta as sobrancelhas para o sofá, como se pedisse a minha permissão para se juntar a mim. Quando aceno com a cabeça, ele senta-se, segurando o meu ombro com a palma da mão. – Já há algum tempo que não me sinto tão próximo de ninguém. Por isso não sei se estou a fazer isto bem, mas gosto muito de ti. Não consegues confiar em mim quando digo que vamos resolver isto?

– Eu quero. Eu confio.

– Então porque é que parece que isto é algo de que estás a tentar convencer-te?

– Porque é muito *difícil, okay?* – Lágrimas ardem nos cantos dos meus olhos, espontaneamente, e eu limpo-as o mais rápido que consigo. Não

esperava que a conversa fosse assim, mas também não tinha percebido quantas perguntas sem resposta há entre nós. – Não sei como correr dois grandes riscos ao mesmo tempo. A minha carreira, seja ela qual for, e esta relação...

– Achas que a nossa relação é um risco?

– Eu só... ainda estou a tentar descobrir quem sou. – Agora, estou a entrar no espaço mais vulnerável, deixando-o ver o que, às vezes, me recuso a mostrar. – E tu já descobriste isso sobre ti há muito tempo.

– O que as outras pessoas pensam de mim, talvez. Mas não quem eu realmente sou. – À medida que o seu rosto suaviza, ele abre um sorriso. – Na verdade, acho que escrevemos um livro inteiro sobre isso.

Eu não rio.

– É essa a questão.

Porque ele é alguém digno de um livro de memórias e, nos meus momentos mais difíceis, às vezes sinto-me como uma página em branco.

Não quero espremer-me nos cantos e recantos da vida de outra pessoa. Estive tão envolvida na fantasia dele que esqueci quão difícil será esta relação? Nos últimos dias estivemos apenas a brincar às casinhas. A fingir que esta é a nossa vida real, da mesma forma que fingimos durante toda a viagem. Porque agora, quando imagino a minha relação com Finn, consigo ver-me a viajar para Los Angeles todos os fins de semana, sentindo-me culpada se ele pagou a viagem e a fazer contas se não pagou; nós a discutir sobre o que ver nessa noite ou que novo restaurante vegetariano experimentar. Consigo vê-lo em festas e eventos para a sua organização sem fins lucrativos, a entrar ocasionalmente num filme de Natal com uma menorá escondida no fundo. Eu serei a pessoa sem nome no braço dele em estreias e eventos. A namorada que o apoia.

Posso encaixar-me na vida dele, claro. Eu posso estar nesta relação.

Mas e ele encaixar-se na minha?

– Admiro-te muito – sussurro, pegando na sua mão e apertando-a. – Eu só queria sentir o mesmo por mim mesma. – Lentamente, levanto-me e agarro na minha bolsa no corredor. – E acho que preciso de um pouco de tempo para descobrir isso.

Finn levanta-se, parecendo dividido entre ir atrás de mim e dar-me espaço.

– Podes ficar – diz. Desta vez, ele não se parece nada com o personagem que implorou a Meg Lawson que não o deixasse. O seu queixo está a balançar, os olhos estão arregalados e vidrados. – Podemos continuar a conversar sobre isto. Por favor, Chandler. Podemos encontrar uma solução juntos.

Se ele realmente pudesse categorizar cada expressão do meu rosto, então saberia que estou a falar a sério. Aterrorizada com o que pode acontecer se sair desta casa, mas mesmo assim determinada.

Abano a cabeça, inflexível.

– Desculpa. Acho que tenho de fazer isto sozinha.
E com passos trémulos, sigo em direção à porta.

capítulo

27

los angeles

No banco de trás de um Uber, tento ao máximo agir como se não tivesse tomado a decisão mais estúpida da minha vida. Isso revela-se numa conversa fiada, verdadeiramente terrível.

– Algum trânsito, hã? – pergunto à motorista, que apenas revira os olhos.

Acabo no hotel que a editora reservou originalmente para mim, já que obviamente não planeavam que eu ficasse com Finn. Fica no centro de Los Angeles, uma parte arenosa da cidade sem nenhum do charme de Los Feliz. E então, porque é o meu mecanismo de sobrevivência, ligo a Noemie.

Ela escuta enquanto eu explico tudo, contando partes da minha discussão com Finn quase palavra por palavra. E quando termino, esparramada na cama muito firme com almofadas muito macias, ela diz-me exatamente o que não quero ouvir.

– Odeio dizer-te isto – começa ela. – Mas estou do lado do Finn.

Engasgo-me com um riso.

– Eu... não tenho a certeza de como reagir a isso.

Ouçoo o seu suspiro através do telemóvel.

– Não priorizas a tua escrita há muito tempo. Tens a certeza de que ainda queres isso?

– Sim. Claro que tenho. – *Mais do que quase tudo.* Nem sequer para ser publicado, mas para ter a satisfação de terminar o meu livro, escrever FIM e dar às minhas personagens a resolução que merecem. Tudo o que acontecesse depois seria a cereja no topo do bolo.

Não é que eu discorde dela – não necessariamente. Eu só esperava que houvesse uma solução mais fácil, que não terminasse com alguém de coração partido e com a minha carreira deixada ao acaso. Coloco a mão no peito,

subindo e descendo com a aceleração da minha respiração. A ansiedade aperta os meus pulmões e sobe pela minha garganta.

Não sei como explicar que é possível querer algo sem tentar ativamente consegui-lo. Embora talvez ela entenda – afinal, fiz isso com Wyatt por tantos anos. Mesmo assim, convenci-me de que estava feliz com o que éramos, porque qualquer outra coisa teria exigido uma mudança do *statu quo*. Teria sido necessário correr um risco, algo que evitei durante tanto, tanto tempo.

– Se aceitares esse trabalho – continua Noemie –, então nada muda. Sabes como acaba essa história. E tu costumavas ficar um pouco agarrada ao teu trabalho.

– Olha quem fala.

Um suspiro.

– Eu sei, eu sei. Mas, se pensares bem, por mais stressante que o teu trabalho tenha sido às vezes, ele tem sido confortável. Não é cem por cento o que queres, mas é menos assustador do que começar do zero e tentar algo novo.

– E se for isso? E se... e se eu estiver estupidamente assustada? – digo, muito alto, percebendo que há lágrimas nos meus olhos. – E se eu tentar e não correr bem?

– Então tens um lugar macio onde desabar. – A sua voz é gentil. – Tens a tua família, eu... E, bem, terei muito tempo para conversar durante as próximas semanas porque... – Ela respira fundo. – Tenho um novo emprego. Começo em janeiro.

Sento-me, cruzo as pernas e recosto-me na cabeceira da cama.

– E só me contas agora?

– Estavas em modo de pânico. Estava à espera do momento certo – diz ela. – Vou ser publicitária interna de uma empresa de subscrição de *snacks* biológicos do mês. Não te queria dizer até ter o contrato porque não queria azarar... e só o recebi hoje.

E, apesar de tudo, solto uma gargalhada, porque se este não é o emprego perfeito para ela, nada é. Consigo perceber o entusiasmo na sua voz.

– Nome. Estou tão, tão feliz por ti. De verdade.

– Obrigada. E espero que saibas... tens o quarto da minha casa pelo tempo que precisares – diz ela. – Mas, Chandler? Espero que decidas que não precisas dele. Não agora... não vou expulsar-te nem nada. Mas quando estiveres pronta.

Desligamos com a promessa de nos vermos em breve. Eu já devia estar habituada a quartos de hotel, porque, de certa forma, todos parecem iguais. As mesmas camas desconfortáveis. A mesma decoração sem alma. Tudo o que falta é o meu plano de aula e um rosto familiar do outro lado do corredor.

Durante toda esta viagem, andei a enganar-me. Achei que isto iria mudar-me, que no final eu saberia exatamente qual seria o meu próximo passo.

Se aceitar o trabalho, sei o que está por vir neste caminho. Já fiz isso

antes.

Mas confiar na minha escrita, deixar a minha carreira ao acaso...
O meu telemóvel pisca com uma nova mensagem.

Onde quer que estejas, chegaste bem?

Respondo com um polegar levantado, o que de alguma forma parece um pouco positivo demais para a situação. *No hotel. Só preciso de um tempo para pensar*, respondo de seguida.

Se voltar para a casa dele, vou ceder. Ele estará lá com os seus lindos olhos e os seus braços que se ajustam perfeitamente a mim, e seria muito fácil não dar prioridade à minha carreira.

Durante mais de dez anos, a minha vida foi definida por prazos e tenho orgulho de nunca ter falhado nenhum.

Por isso, dou-me um prazo. Assim que terminar o livro de memórias, tomarei a minha decisão sobre o trabalho.

E sobre Finn.

Demora o tempo que precisares, responde ele de volta.

É melhor para ambos se eu voltar para Seattle agora, colocar algum espaço entre nós antes da gravação do reencontro na próxima semana.

Tento convencer-me disso durante todo o voo para casa.

capítulo

28

seattle, washington

O *Seattle Times* está aberto na mesa da cozinha de casa dos meus pais, fatias de pão esperam na torradeira e uma frigideira de ovos mexidos no fogão. Foi para aqui que vim quando o meu avião aterrou ontem à noite, arrastando a minha mala escada acima até ao meu quarto de infância, e a seguir mandando uma mensagem a Noemie dizendo que a veria depois, antes de desabar na cama.

Folheio o jornal, notando assinaturas familiares, como tenho feito desde que decidi estudar jornalismo. Não há ciúme, no entanto. Nem melancolia. Não gostaria de ter escrito aquela história sobre um novo festival de música ou sobre a nova estação de metro, como fiz na faculdade ou nos anos seguintes, quando ainda tentava orientar-me.

O meu pai entra com a sua bengala, manta xadrez amarrada à cintura e barba por fazer branco-acinzentada a cobrir o seu rosto.

– Bom-dia! Se tocaste nas palavras cruzadas, vais enfrentar um inferno.

– Bom-dia. – Entrego-lhe o jornal. – É todo teu.

Ele enche o prato enquanto a minha mãe desce, com o cabelo comprido preso atrás com um elástico de arco-íris. Ela cantarola uma velha canção de Jefferson Airplane enquanto rega uma fileira de plantas frondosas na janela da cozinha.

– Nunca me incentivaram a estudar jornalismo porque era mais prático do que escrever romances – digo quando estamos todos sentados –, pois não?

A minha mãe faz uma pausa enquanto passa manteiga numa fatia de pão de forma.

– Não me parece que o tenhamos feito – responde ela. – Talvez estivéssemos preocupados com o dinheiro, mas acho que foste tu quem nos

informou que o jornalismo faria mais sentido.

Eu faço uma careta. É mesmo algo que eu diria.

– Sinto falta daqueles mistérios assustadores que escrevias. – O meu pai bebe um gole de café. – Tenho de admitir, gostei mais deles do que daquele livro sobre água. – Demoro um momento para perceber que ele se refere ao livro de Maddy DeMarco. – Por que motivo perguntas isso?

– Crise de um quarto de vida? – sugiro, e o meu pai abre um sorriso.

– Não, és muito jovem. Quando tiveres a nossa idade, a expectativa de vida provavelmente será de cento e cinquenta, no mínimo.

– Não gostaste de trabalhar no livro do Finnegan? – pergunta a minha mãe, com as sobranceiras franzeiras de preocupação.

Gostei um pouco demais. Dirijo o olhar para o prato, esperando que o meu rosto não me denuncie.

– Não, foi bom. Ótimo. Está quase terminado. De qualquer forma – digo ao meu pai, desesperada por mudar de assunto –, tens uma densitometria óssea na próxima semana, certo? Posso levar-te. E talvez possas adicionar-me ao teu portal do paciente, só para que eu possa verificar os resultados assim que chegarem?

O meu pai tosse e a minha mãe aperta os lábios, olhando fixamente para o teto. *Oh.* Talvez eu tenha cruzado algum tipo de limite que não conhecia? Eles são bastante decentes com tecnologia, tendo em conta a idade, mas certamente não faria mal nenhum eu envolver-me mais. Sobretudo agora que estou de volta.

– Queríamos conversar contigo sobre isso – diz o meu pai. – A tua mãe e eu... bem, sabemos que não somos jovens.

A minha mãe sacode o cabelo.

– Fala por ti – comenta ela. – O que queremos dizer é que não precisamos que te esforces para nos ajudar. Safámo-nos bem nos últimos dois meses, enquanto estavas fora da cidade.

Engulo em seco. Não estava preparada para ouvir isto... que eles não precisam de mim.

– Mas eu preocupo-me.

– Sabemos que te preocupas connosco – diz o meu pai. – Mas é demais. Sabemos que pediste à Noemie para nos vir ver algumas vezes e, a certa altura, foi como ter uma ama-seca.

Eu estremeço. Não era isso que eu queria.

– Lamento. Acho que não sabia exatamente o que fazer.

– Sei que chegará um momento em que vamos querer a tua ajuda – diz o meu pai. – Quando precisarmos. Pode ser amanhã, mas também pode ser daqui a alguns anos.

A minha mãe dá uma palmadinha no meu joelho.

– Mas ainda não estamos prontos para te deixar ser nossa tutora.

Ao terminarmos o pequeno-almoço, algo me atinge com uma clareza impressionante. Pergunto-me se não tenho usado o *ghostwriting* apenas como

muleta, como Finn disse. A quantos empregos eu nunca me candidatei porque significariam deixar Seattle? Quantas oportunidades perdi porque estava tão decidida a ficar? Preocupei-me tanto com o facto de as pessoas já não precisarem de mim que me amarrei a elas com tanta força que mal conseguia desatar os nós.

Pensei que este lugar e estas pessoas eram o meu mundo inteiro e, embora não os ame menos do que antes de aceitar este trabalho, a verdade é que o meu mundo é maior do que isso. Repetidamente, apaixonei-me por novas cidades e novas experiências – e, acima de tudo, pela versão de mim mesma que podia sair da sua zona de conforto.

Porque a Chandler de setembro não seria capaz de ler uma mensagem de Wyatt, depois de semanas e semanas de silêncio, a convidar-me para uma festa de fim de ano que vai dar no final deste mês, e simplesmente escrever: *Desculpa, não vou poder ir!* antes de apagar toda a conversa.

* * *

Estou a evitar o livro. O prazo é de três dias e estou a evitá-lo.

Acabei de ver *The Nocturnals* porque foi mais fácil do que abrir o livro de memórias, do que enfrentar o fim deste trabalho e o início de algo a que ainda não dei um nome. Ontem, até fui a uma aula de corrida reversa com Noemie, esperando que correr para trás em passadeiras fizesse a criatividade fluir... mas nada.

Contudo, sendo realista, não é a criatividade. É o medo. É sempre, sempre o medo. Porque, apesar de ainda termos de passar por um processo de edição, terminar o livro parece o fim de uma era.

A verdade é que a ideia de escrever outro livro baseado numa conexão superficial é suficiente para me fazer querer inscrever-me no campo de treino de corrida reversa de que o instrutor falou. Assim que desligo a chamada com Stella, sei que não posso aceitar aquele emprego. Talvez sempre tenha sabido o que queria, mas não fui capaz de confiar em mim mesma e demorei um pouco para que o meu cérebro alcançasse o meu coração.

A minha mala nova está do outro lado do meu quarto, lembrando-me de que isto não tem de ser um fim.

Respiro fundo e abro o livro de Finn novamente.

A princípio, dou uma vista de olhos a tudo o que escrevi até agora. E, à medida que prossigo, algo me impressiona – há uma estranha corrente de emoção a percorrer todo o livro, desde a sua atuação até ao seu judaísmo, e até mesmo *O Senhor dos Anéis*.

É algo como *amor*.

Não tenho a certeza de como perdi isto antes, quando está tão emaranhado em cada capítulo. A sua infância em Reno e as leituras dramáticas que encenou para a mãe. A sua malfadada interpretação de

Cogsworth. Quão meticulosamente pesquisou o conhecimento científico de Hux para *The Nocturnals* e a sua compreensão gradual do seu TOC e como geri-lo.

Finnegan Walsh é sincero e bom e vale cada risco. E talvez pudéssemos ter resolvido isto juntos, como ele queria, mas agora sei que primeiro tive de fazer isto sozinha. Eu precisava deste espaço dele para realmente enxergar.

Trabalho horas sem parar, sem verificar o relógio ou a contagem de palavras. Talvez não seja um café ensolarado em Silver Lake, mas é onde escrevi todos os meus outros livros, e algo nisso traz-me um conforto de que eu precisava desesperadamente desde que cheguei a Seattle.

Eu sou uma escritora. Sempre fui uma escritora, mas em algum momento, talvez para me proteger da possibilidade do fracasso, parei de escrever para mim. Parei de escrever por puro amor e deixei a minha voz desaparecer na voz de outra pessoa.

Agora já não.

Este livro terá o nome de Finn na capa – eu sei disso desde o começo.

E o próximo, estou determinada, terá o meu.

THE NOCTURNALS

Temporada 4, episódio 22: «Graduação, Parte 2»

EXT. OAKHURST - NOITE

CALEB RHODES, ALICE CHEN, OLIVER HUXLEY, MEG LAWSON, SOFIA PEREZ e WESLEY SINCLAIR formam um círculo, observando o céu. Os Raiders aparecerão a qualquer momento. Caleb e Alice estão de mãos dadas, Hux e Meg estão a abraçar-se e Sofia está a segurar o Talismã Escarlata. Até Wesley parece sério pelo que pode ser a primeira vez na sua vida.

CALEB

Então... é aqui que tudo termina. Nós contra eles. Engraçado, tudo que pensei que faria hoje era agarrar num pedaço de papel a dizer que consegui sobreviver aos últimos quatro anos.

WESLEY

Não tentes o destino. Pode ser que não consigas.

MEG

Tenho medo.

HUX

Ele segura-a mais perto e beija o topo da sua cabeça.

Eu sei... eu também. Mas acho que é menos assustador ficarmos com medo juntos, não é?

capítulo

29

los angeles, califórnia

O estúdio está lotado, enxames de fãs vestidos da cabeça aos pés com peles falsas, bigodes pintados nas bochechas. Estão a brandir cartazes caseiros e a sorrir com presas de plástico, e a abraçar-se com força, gritando e derramando algumas lágrimas porque finalmente, *finalmente*, está a acontecer. Os seus personagens favoritos juntos novamente por uma noite.

Mesmo depois de todas as *comic con*, ainda é um espetáculo digno de ser visto: todas estas pessoas reunidas aqui por causa daquilo que adoram tão profundamente.

Não me disfarcei de lobisomem, mas pelo menos o meu casal favorito é óbvio. Encontrei uma *T-shirt* a dizer prefiro ser invulgar no Etsy, que combinei com as meias com padrão de adagas, oferecidas por Finn, para dar um pouco mais de força. Embora não consiga contar o número de aviões em que estive desde setembro, apertei os braços do assento durante todo o voo, com Noemie ao meu lado a sussurrar-me frases tranquilizadoras. De que eu não tinha estragado tudo. Que Finn não terá mudado de ideias.

Entendo se não puderes vir – mandou-me uma mensagem ontem à noite. *Mas espero mesmo que venhas.*

Eu disse-lhe que era óbvio que iria. Como poderia perder isto depois de tudo por que passámos?

Com a sua blusa a condizer, Noemie agarra o meu pulso quando chegamos aos nossos assentos reservados na primeira fila.

– Os nossos nomes estão aqui – diz ela, atordoada. – Que vida é esta?

Talvez no final do dia eu tenha uma resposta para ela.

O reencontro abre com algumas imagens da série, uma montagem dos seus momentos mais memoráveis, pontuados por risos e aplausos do público.

Há a primeira transformação de Caleb, a cena em que é forçado a escolher entre Alice e Sofia, o primeiro beijo de Hux e Meg. Algumas piadas oportunas de Wesley. Há o soro que Hux desenvolve no final da série que ajuda Meg a controlar um pouco mais o seu lado lobisomem, permitindo que finalmente tenham um relacionamento real e que ela siga, destemidamente, a sua paixão por História da Arte. Em seguida, a cena final da série: todos os seis personagens parados nos escombros do que fora a Universidade de Oakhurst no dia da formatura, depois de lutarem contra os vilões pela última vez. Eles estão a sangrar, a mancar e cobertos de terra, mas são vitoriosos. E enquanto levam alguns momentos para avaliar os seus ferimentos, certificando-se de que todos estão bem, o espectador também sabe disso – que seja o que for que esteja por vir, seja o que for que os mundos real e sobrenatural atirem para o seu caminho, eles serão capazes de lidar com isso.

Após os aplausos, as luzes acendem, revelando os seis protagonistas no palco. O público levanta-se numa estrondosa ovação e, quando me sento, as minhas mãos ardem. Juliana e Cooper parecem um pouco tímidos, Hallie e Bree sorriem e acenam, Ethan sorri de forma convencida.

E Finn.

Ele está lindo, claro, porque está sempre, vestido com uma camisa verde-escura, gravata cinza e um colete que o guarda-roupa debateu por meia hora durante os ensaios. Ele é a versão retocada de si mesmo, aquela que me habituei a ver nas convenções e no ecrã do meu portátil, mas há algo diferente nele. Um cansaço, talvez, que eu nunca vi antes, a menos que esteja a imaginar só por sentir tanta falta dele.

Porque se havia alguma dúvida sobre isso antes de embarcar naquele voo, já não existe; o meu coração dói com a esperança de que ele ainda me queira, mesmo depois de eu ter fugido para Seattle.

O reencontro é, numa palavra, encantador. O elenco partilha os seus momentos favoritos, segredos dos bastidores e responde a perguntas e o público saboreia cada minuto.

Também encantador: o facto de Ethan fazer papel de idiota no palco. Parece estar sempre distraído, a esfregar o cotovelo ou a enfiar a mão no bolso, como se quisesse verificar o telemóvel, mas soubesse que não pode.

– Eu teria ficado feliz se ficasse com as duas – diz ele com um sorriso malicioso quando Zach Brayer, o criador da série, lhe pede para resolver o debate de uma vez por todas: Alice ou Sofia. – Mas, por alguma razão, o Zach não gostou muito disso.

Perto do final, quando chega a hora das perguntas do público, alguém pergunta sobre rumores de um *reboot* ou *spin-off* a circular na internet. Eu também vi os rumores – todos parecem resultar do facto de Zach ter dito, no mês passado, que adoraria escrever outra coisa no universo de *The Nocturnals*, talvez até com algumas das mesmas personagens.

– Um *reboot*? Acho que não – diz Ethan com uma risada. – Sem ofensa, mas seria um passo atrás. Acho que, agora, estou num estágio diferente da

minha carreira.

Uma onda de murmúrios de mexericos percorre a plateia.

– Então ele está determinado a ser o pior, hã – murmura Noemie.

– Quero dizer... – diz Ethan, atrapalhado, claramente vendo que os fãs estão irritados com ele, mas Hallie já está a falar por cima dele.

– Para aqueles de nós que não estão acima do programa que impulsionou todas as nossas carreiras, eu adoraria fazer um *reboot*. Ou um *spin-off* – diz ela. – A Meg aos trinta anos, a tentar conciliar ser lobisomem com o seu trabalho como curadora de museu? Eu alinhava. – Isto recebe alguns aplausos.

Mas a melhor parte é quando Finn cruza o seu olhar com o meu e se detém em mim durante um longo e encantador momento.

Nesse simples olhar, posso ver que há esperança.

* * *

Depois, Noemie sai para beber alguma coisa com alguns fãs que conheceu há anos num fórum, enquanto eu vou aos bastidores em busca do camarim de Finn. A equipa reconheceu-me dos ensaios e acenou-me. Os corredores são estreitos, e sinto os pés instáveis. Quando encontro a porta com *Finn Walsh* rabiscado num letreiro em forma de lua, o meu coração está na garganta.

Aliso um vinco na minha *T-shirt*, ajusto a pesada bolsa que estou a carregar e bato.

– Só um minuto – diz Finn. Quando abre a porta, com o queixo caído, fica claro que não me esperava. O seu rosto está um pouco rosado, como se tivesse acabado de tirar a maquilhagem, e os seus dedos congelam a meio do afrouxamento da gravata. Tenho de lutar contra a vontade de agarrá-lo e puxá-lo para mais perto, porque, de repente, isso é tudo o que quero fazer.

– Estiveste incrível – digo em vez disso.

– Obrigado. Hum... – Ele olha para trás e passa a mão pelo cabelo. – Queres entrar? Isto aqui não é nada de especial, mas...

– Sim, claro. Claro. – Este constrangimento entre nós é novo. Ele abre mais a porta, revelando um toucador, um suporte de fatos e meia dúzia de arranjos de flores a abarrotar uma mesa minúscula. O espaço é tão pequeno que me pergunto se ele consegue ouvir a minha pulsação.

Este é o Finn, lembro a mim mesma. O homem que nunca me deu um motivo para me sentir nada além de confiante. *Eu consigo fazer isto*.

Ele recosta-se no toucador enquanto tiro o manuscrito com encadernação em espiral da minha bolsa.

– Eu sei que já ninguém usa cópias impressas, mas sempre que imaginava chegar até ti assim, eu segurava uma pilha enorme de folhas. Para o efeito dramático e tudo mais. Ah, e pode haver uma mancha de café nas páginas oitenta e cinco e oitenta e seis... desculpa por isso. – Entrego-o com as mãos trémulas. – Então aqui está. O teu livro.

A respiração fica presa na sua garganta. Ele abre-o como se fosse algo delicado e não algo que eu imprimi por quarenta dólares na Office Depot, com os seus olhos a demorar-se mais em alguns parágrafos do que noutros. Espero que ele possa ver quanto amor pelo seu trabalho existe ali. Quanto amor por *ele*, mesmo quando tentei deixar a minha própria voz de fora. Porque é exatamente como ele disse: não consigo esconder-me completamente e Finn é a última pessoa de quem quero esconder-me.

Quando ele fala novamente, a sua voz é grossa. Emotiva.

– Não – diz, dando uma palmadinha na capa branca e lisa. – O *nosso* livro. – Pela primeira vez, não o contrario nisso. – Adoro. Uma parte de mim sente que não mereço um livro tão bom, mas não vou protestar. Adoro-o, e tu és fenomenal.

– Obrigada – digo, falando a sério. – E de nada.

Ele coloca o livro no toucador, bem ao lado de um cartão que diz és o meu (r)uivo, favorito – beijinhos, bree.

– Tenho pensado muito – diz ele, enfiando as mãos nos bolsos e tocando no meu sapato com o dele. – E sei que posso ter soado um pouco duro naquele dia em minha casa. Talvez te tenha pressionado demais. Faça o que fizeres, seja a escrever para ti ou para outras pessoas, serás incrível nisso. O que fizeste por mim com este livro... não tenho a certeza se um «obrigado» será suficiente. Tudo isto fez-me pensar que não sou apenas um fracasso. Ajudaste-me a perceber isso.

– Também me ajudaste. – Mexo no verniz das minhas unhas. – Acho que nunca me senti mais confiante na minha escrita do que quando és tu quem está a ler. E... eu vou terminar o meu livro – digo, com mais determinação na voz. – Depois disso, verei como corre.

Ele concorda com a cabeça.

– Gosto dessa ideia. E, aliás, também gosto da tua *T-shirt*.

– Obrigada, mas... este não é o meu casal favorito.

– Não? – A sua boca faz um trejeito enquanto se aproxima.

– Na verdade, prefiro o Hux com outra pessoa.

– Blasfémia.

Engulo em seco. Porque por mais que eu adorasse beijá-lo, há algumas coisas que preciso de contar-lhe primeiro. É agora ou nunca, mesmo que ele diga que posso levar todo o tempo que precisar. Eu sei como me sinto há semanas, talvez meses, e é hora de verbalizá-lo. Sem linguagem floreada, sem metáforas ou sentido oculto. Apenas palavras – as palavras certas.

– Ao longo dos últimos meses – começo –, ficámos realmente a conhecer-nos. Muito melhor, na verdade, do que conheço a maioria das pessoas na minha vida. Era suposto ser eu a entrevistar-te, escrever a história da tua vida... mas, de alguma forma, começámos a entrevistar-nos mutuamente. Ambos nos abrimos, partilhámos coisas que não tenho a certeza se já partilhámos com mais alguém.

Mesmo que tenhamos começado desequilibrados, Finn está investido

nesta relação há mais tempo do que eu. Nunca vacilou. E, claro, ele provavelmente é mais famoso do que eu jamais serei, mesmo que não seja um superestrela, mas nunca me fez sentir que a minha carreira, por mais nebulosa que seja, não importa.

– Para mim, nunca foi exclusivamente profissional – continuo –, nem mesmo no início. Talvez isso signifique que eu devia ter sido despedida. Talvez eu nunca devesse ter aceitado o trabalho, mas isso significaria que nunca nos teríamos aproximado tanto como fizemos. E... e eu nunca me teria apaixonado por ti. – Dou um passo e aproximo-me dele. – Nunca nos teríamos esforçado um pelo outro e percebido que, apesar de podermos fazer grandes coisas sozinhos... acho que também podemos ser muito bons juntos.

A expressão no seu rosto poderia despedaçar-me e recompor-me. Forço-me a não desviar o olhar, a encarar o olhar dele com a minha própria vulnerabilidade.

– Estou profundamente apaixonada por ti, e seja qual for a minha vida depois deste livro, quero-te nela.

Antes que eu possa respirar novamente, os seus braços envolvem-me: calor, conforto e *alívio*.

– Amo-te tanto, querida – diz no meu cabelo, com a sua mão a segurar a minha nuca e o polegar a roçar a minha orelha. – Adoro-te. A quantidade de maquilhagem que tiveram de me pôr para esconder as minhas olheiras... Fiquei tão infeliz depois de ires embora. Entendo por que tiveste de fazê-lo, mas tudo em que conseguia pensar era se voltarias.

Levo a ponta do dedo até ao espaço abaixo dos seus olhos, roçando a sua pele.

– A mim, pareces-me muito bem.

Quando nos beijamos, parece a primeira respiração profunda que tenho em toda a semana. Digo repetidamente que o amo, porque, de repente, não consigo parar de dizê-lo.

– Então... à distância? – pergunta. – Porque acho que seríamos realmente fantásticos em *sexting*.

Não posso deixar de rir; ele provavelmente está certo.

– Vamos descobrir – digo-lhe, porque a incerteza já não me assusta. – Mas ainda não estou pronta para morarmos juntos.

– Okay, mas irei ter contigo com frequência. Na tua cama. E talvez na cozinha, sem camisa, a fazer panquecas e *bacon* vegetariano aos fins de semana.

– Não me oponho a nada disso.

Ele abraça-me com mais força, deixando-me afundar no seu peito.

– Estou tão feliz por teres arriscado – sussurra ao meu ouvido.

– A questão é mesmo essa – digo ao seu coração. Suave, firme e verdadeiro. – Contigo, não parece um risco. É como se estivesse em *casa*.

DO ECRÃ PARA A PÁGINA, FINN WALSH MOSTRA OUTRO LADO

Vulture

Finn Walsh tem muitos motivos para sorrir, atualmente. O livro de memórias da ex-estrela de *The Nocturnals* estreou-se em quarto lugar na lista dos mais vendidos do *New York Times* no mês passado, com os lucros a reverter para a sua nova organização sem fins lucrativos Mentes Saudáveis, que foi projetada para tornar a terapia acessível a criativos com barreiras financeiras. Ele também foi visto por todo o país com a sua namorada desde há um ano, a escritora Chandler Cohen, embora os dois sejam reservados sobre como se conheceram.

Acabado de sair de uma campanha de duas semanas de divulgação do livro, Walsh já está de regresso ao trabalho. «Há anos que não estou tão ocupado», disse ele, a partir da sua casa em Los Angeles. «Sinto-me muito sortudo por amar o que faço.»

O livro de memórias de Walsh, *Sem Óculos*, narra a sua experiência com o Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), os seus primeiros anos em Hollywood e a sua vida desde que *The Nocturnals* saiu do ar, tudo isto através de uma série de pequenas histórias interessantes. É uma leitura obrigatória para os fãs do drama paranormal adolescente, mas tem um apelo amplo e significativo além desse público. Escrito de maneira gentil e irreverente, o livro parece falar diretamente com o leitor como um amigo próximo.

«O processo de escrita foi uma montanha-russa de emoções», disse ele, incapaz de esconder a alegria na sua voz. «E foi a coisa mais divertida que já fiz na vida.»

epílogo

seattle, washington

Mesmo do outro lado da livraria consigo ver *Sem Óculos*, e apenas parcialmente porque a minha pessoa favorita está na capa. Finn está numa biblioteca, com um fundo azul-escuro, a partir um par de óculos e a olhar para algo fora da imagem. O livro de memórias está em destaque numa secção dos mais recentes *bestsellers*, ficção literária, livros de receitas coloridos e histórias de celebridades – escritos por outras pessoas, tenho a certeza.

Voltei a esta loja algumas vezes desde *O Grande Roubo da Livraria*, que mergulhou a minha vida num belo caos, mas esta noite... esta noite é diferente. Esta noite forço-me a não raspar as minhas unhas pintadas de roxo-escuro para combinar com a capa, desejando que os nervos não tomem conta de mim. Por isso, vou em direção ao bar que encerra o tipo de memória que guardo em segurança perto do meu coração.

– Coragem líquida? – alguém pergunta atrás de mim.

Eu viro-me, abanando a cabeça.

– Não. Apenas a contemplar a natureza do destino, as complexidades do universo e como chegámos aqui.

– Então, nada muito profundo. – Finn bate na minha anca enquanto se senta ao meu lado. Tem agora mais cabelos grisalhos, algo por que adoro provocá-lo e que ele não se importa minimamente.

– Não esperava que houvesse tantas pessoas. Porque é que há tantas pessoas? Será que se enganaram na noite e pensam que estão aqui para ver a Tana French? É tarde demais para trazê-la?

Finn passa um braço sobre o meu ombro e puxa-me para perto.

– Tu consegues fazer isto – diz e, porque acredito nele, dou-lhe um beijo rápido. – Vais ser fantástica.

Aproximamo-nos do palco, com os nossos amigos e familiares já à espera na plateia. Noemie e os meus pais e as minhas tias, a mãe de Finn,

Krishanu e Derek. Então, com um aperto final na minha mão, Finn senta-se na primeira fila enquanto eu caminho sozinha para o pódio, extraindo o máximo de confiança que posso do meu novo blazer de veludo preto e do meu novo corte de cabelo.

– Muito obrigada a todos por estarem aqui – digo, depois de o livreiro me apresentar. – Parece um pouco surreal dizer isto, mas falo a sério: eu não fazia ideia se algum dia chegaria a este lugar e não tomo nada disto como garantido. – Seguro o livro, um livro de capa mole, macia e mate, que ainda não consigo acreditar que tem o meu nome. – *A Caneta Envenenada* não é bem um romance policial, embora eu ache que encerra um mistério aconchegante. Há certamente romance suficiente para manter o leitor quente. O lugar ideal para lê-lo, como qualquer livro, é ao lado de uma lareira com uma caneca de chocolate quente. – Com isso, os olhos de Finn brilham com reconhecimento. – Comecei a escrever este livro há muito tempo – continuo –, mas ele só se consolidou para mim quando comecei a trabalhar em algo completamente diferente.

Apenas meia dúzia de pessoas aqui sabe o que era esse *algo diferente*. Um ano após a publicação, dois anos desde que começámos a trabalhar nele, o livro de memórias de Finn ainda aparece com destaque na maioria das livrarias. Avançou para segunda edição antes mesmo de ser lançado, e ambos já recebemos *royalties* dele. Conversámos sobre se queríamos tornar público o facto de que eu o escrevi, decidindo, em última análise, mantê-lo em segredo. Finn disse que dependia inteiramente de mim, e eu gostei que pertencesse apenas a nós. Uma peça adorável e crucial da nossa história.

– Espero que gostem... ou, se não gostarem, por favor, não me digam. – Ouvem-se alguns risos. – Mas, acima de tudo, se o lerem, espero que vos permita escapar do mundo real por algum tempo.

Depois, há bolo e champanhe e uma fila de autógrafos mais longa do que aquilo a que eu deveria ter direito. Claro, algumas pessoas provavelmente estão aqui à espera de ver Oliver Huxley, mas, na maior parte do tempo, Finn e eu conseguimos viver uma vida tranquila. Fiel à sua palavra, ele reduziu o circuito de convenções e adotou uma cadela de resgate chamada *Bonnie*, que fica sempre mais feliz quando me vê do que quando o vê – ao que ele argumenta: «Ela vê-me todos os dias. Claro que ela *parece* mais entusiasmada em ver-te quando estás cá.» Dividimos o nosso tempo entre Seattle e Los Angeles antes de decidirmos alugar a casa de Finn em Los Feliz e morarmos juntos este ano, numa pitoresca casa de dois quartos a apenas dez minutos de carro de Noemie.

Stella vendeu *A Caneta Envenenada*, num contrato para dois livros, assim que o terminei, em grande parte graças às ligações que construí através do *ghostwriting*. A sequência será lançada no próximo ano, por isso estou imersa na escrita e a trabalhar, num emprego em *part-time*, numa livraria perto do nosso apartamento. Finn está a terminar a produção de uma comédia romântica passada no Hanukkah, a primeira para uma rede de televisão

conhecida principalmente por filmes de Natal. Além disso, viaja frequentemente para reuniões com as partes interessadas da sua organização sem fins lucrativos, a Mentes Saudáveis, que já tem uma dúzia de terapeutas na equipa. As nossas vidas estão mais ocupadas do que nunca e não consigo imaginá-las de outra forma.

Os meus pais divertem-se muito com tudo isto, inclusive com o facto de a sua filha namorar com alguém que eles viam na TV. O meu pai chamou-lhe Hux durante três meses inteiros depois de eu o apresentar, e ainda comete alguns deslizes ocasionais.

– Não consigo acreditar que ainda não nos deixaste lê-lo – diz a minha mãe depois de me envolver num abraço. – Nós lemos todos os outros!

– Sim, mas este é diferente. Só por segurança, acho que deviam saltar os capítulos três, onze, catorze, as últimas páginas do dezoito e metade do vinte. – Faço esta reflexão enquanto assino o exemplar deles. – E, definitivamente, o vinte e dois e o vinte e quatro. Na verdade, talvez eu devesse apenas ficar com ele e cortar algumas dessas partes.

– Essas são todas as partes boas – sussurra Noemie, e eu finjo bater-lhe com o livro.

Precisamente quando penso que assinei tudo e todos os meus amigos e familiares transferiram a festa para o bar, uma última pessoa aproxima-se da minha mesa.

– A quem devo dedicar? – pergunto, com estas palavras ainda a soarem estranhas, mas começando a parecer mais familiares.

– Ao teu noivo – diz Finn, enquanto desliza o livro para a frente.

Outra palavra à qual não me habituei, mas adoro o modo como soa na voz dele. Olho para o anel no meu dedo, o calor floresce no meu peito. O noivado: um momento tranquilo e perfeito entre nós há alguns meses, antes de alugarmos a casa dele. Taças de vinho, *jazz* suave a tocar, a *Bonnie* a dormitar no meu colo. «Não ser casado contigo parece uma completa perda de tempo», disse ele, brincando com uma madeixa do meu cabelo. «Acho que devíamos consertar isso.»

Agora, ele observa-me a passar a caneta pela página de rosto, nada além da mais pura admiração nos seus olhos.

– A minha assinatura está uma desgraça – declaro. Os dois C não são uniformes e parece que estou a praticar letra cursiva naquelas linhas paralelas para alunos do primeiro ciclo. – Após algum tempo, comecei a pensar que parecia que estava a assinar «Charlie Chaplin», e fiquei tão impressionada que poderei ter assinado alguns como Charlie Chaplin.

Finn olha para ela.

– A mim parece-me excelente – declara ele. – Mas se quiseres... tenho bastante experiência com este tipo de coisa. – O seu olhar desliza de volta para o meu, com a boca a curvar-se no meu tipo favorito de sorriso. – Talvez possa dar-te algumas dicas?

agradecimentos

À minha editora, Kristine Swartz: obrigada por me ajudares a encontrar a essência deste livro. Como sempre, estou profundamente grata pela tua visão, sobretudo quando se trata de tópicos sobre os quais ambas temos uma opinião tão forte. Trabalhar contigo é um sonho absoluto.

Na Berkley, um enorme agradecimento a Mary Baker, Jessica Plummer, Yazmine Hassan, Kristin Cipolla, Daniel Brount e Megha Jain. Vi-An Nguyen, por outra capa deslumbrante. Do outro lado do oceano, estou tão emocionada que os meus livros tenham encontrado um lar no Reino Unido com Madeleine Woodfield e a equipa de Michael Joseph! Obrigada a Tawanna Sullivan por fazer isto acontecer. Laura Bradford, por responder aos meus e-mails neuróticos e saber sempre o que preciso de ouvir. E devo muita gratidão a Taryn Fagerness por colocar os meus livros em editoras de todo o mundo. Não consigo expressar adequadamente quão surreal é vê-los nas lojas. Obrigada também a Hannah Vaughn e Alice Lawson, da The Gersh Agency, por serem defensoras fantásticas dos meus livros.

Boa parte deste livro foi escrita na companhia de duas pessoas que admiro muito: Vicki Campbell e Riv Begun; aquela semana na Escócia foi além da perfeição. Um agradecimento a Duncan por nos deixar voltar ao Airbnb quando nos trancámos do lado de fora e por não ficar furioso com isso. Sarah Suk, Marisa Kanter, Carlyn Greenwald e Kelsey Rodkey: adoro-vos. Obrigada pelas primeiras leituras, conselhos e apoio. E muito obrigada a Christina Lauren, Alicia Thompson e Elissa Sussman pelo seu tempo e palavras gentis!

Há muitos livros excelentes que exploram os tópicos pelos quais Chandler é apaixonada, e os dois que mais me ajudaram durante o processo de escrita foram *Come As You Are: The Surprising New Science that Will Transform Your Sex Life*, de Emily Nagoski, e *The Turnaway Study: Ten Years, a Thousand Women, and the Consequences of Having – or Being Denied – an Abortion*, de Diana Greene Foster.

A Ivan, por tudo, e pelas canções temáticas. Mesmo/especialmente as más. Amo-te.

TRABALHO
OU
PRAZER

rachel lynn solomon

GUIA DO LEITOR

questões para discussão

1.

Chandler começa o livro em estado de desespero em relação à sua vida profissional e pessoal. Como é que isso permite que ela aceite o trabalho com Finn, além de concordar com o esquema deles?

2.

Quando Chandler sugere dar alguns conselhos a Finn no quarto, ela tem a certeza de que é uma brincadeira. Acha que ela entrou naquela cena na expectativa de uma segunda rodada, ou foi realmente algo que surgiu organicamente?

3.

O sexo é retratado de maneiras muito diferentes na cultura *pop*, desde filmes para adultos a romances. Chandler e Finn passam algum tempo a discutir como as redes sociais moldaram as suas próprias opiniões sobre sexo e intimidade. Em que medida este tipo de influência teve impacto sobre si ao longo dos anos?

4.

O Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) é outro tópico explorado no livro que é associado a muitas ideias erradas. Finn comenta, inclusive, que tem «síndrome do impostor» por causa da sua própria doença mental. Onde mais viu o TOC retratado? Pareceu-lhe autêntico? O que é que distingue uma representação positiva de uma doença mental de uma que pode ser prejudicial, e como é que classificaria a representação deste livro?

5.

Como *ghostwriter*, Chandler é hábil a captar as vozes dos seus autores. Quais são os seus sentimentos em relação a livros redigidos por *ghostwriters*? Se sabe que um livro foi escrito por um

ghostwriter, como é que isso afeta a sua leitura, se é que afeta?

6.

Apesar de não ser uma superestrela, Finn afirma ao longo do livro que está satisfeito com a sua carreira e nível de fama. Que tipo de desafios isso cria para o seu relacionamento com Chandler?

7.

Em que momento acha que Finn começa a apaixonar-se por Chandler e vice-versa? Quem acha que se apaixona primeiro?

8.

As aulas na cama de Chandler e Finn conseguem permanecer em segredo durante todo o livro. O que poderia ter acontecido se isso tivesse vazado para a imprensa?

9.

Se pudesse ler este livro do ponto de vista de Finn, qual acha que seria a evolução da personagem? Em que é que seria diferente da de Chandler?

10.

O que acha que o futuro reserva para Chandler e Finn?

Contents

1. elogios a faça chuva ou faça sol
2. elogios a fala com o ex
3. Ficha Técnica
4. capítulo 1
5. capítulo 2
6. capítulo 3
7. capítulo 4
8. capítulo 5
9. capítulo 6
10. capítulo 7
11. capítulo 8
12. capítulo 9
13. capítulo 10
14. capítulo 11
15. capítulo 12
16. capítulo 13
17. capítulo 14
18. capítulo 15
19. capítulo 16
20. capítulo 17
21. capítulo 18
22. capítulo 19
23. capítulo 20
24. capítulo 21
25. capítulo 22
26. capítulo 23
27. capítulo 24
28. capítulo 25
29. capítulo 26
30. capítulo 27
31. capítulo 28
32. capítulo 29
33. epílogo
34. agradecimentos
35. TRABALHO OU PRAZER
 1. questões para discussão

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)
4. [Acknowledgments](#)